

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULA – LIV

Djiby Mané

OS CRIoulos PORTUGUESES DO GOLFO DA GUINÉ:
QUATRO LÍNGUAS DIFERENTES OU DIALETOS DE UMA MESMA LÍNGUA?

Brasília, Fevereiro de 2007

Djiby Mané

OS CRIoulos PORTUGUESES DO GOLFO DA GUINÉ:

QUATRO LÍNGUAS DIFERENTES OU DIALETOS DE UMA MESMA LÍNGUA?

Tese submetida ao Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília - UnB, para satisfação parcial dos requisitos para obtenção do título de DOUTOR EM LINGÜÍSTICA pela UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

Orientador: Prof. Dr. Hildo Honório do Couto – PhD. pela Universidade Colônia (Alemanha, 1978)

Brasília, Fevereiro de 2007

Djiby Mané

OS CRIoulos PORTUGUESES DO GOLFO DA GUINÉ:

QUATRO LÍNGUAS DIFERENTES OU DIALETOS DE UMA MESMA LÍNGUA?

Tese submetida ao Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília - UnB, para satisfação parcial dos requisitos para obtenção do título de DOUTOR EM LINGÜÍSTICA pela UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

Aprovado em 13 de fevereiro de 2007

BANCA EXAMINADORA

1. Prof. Dr. Hildo Honório do Couto (UnB)
Orientador da Tese e Presidente da Banca

2. Prof^a. Dr.^a. Magarida Taddoni Petter (USP)
Membro da Banca

3. Prof. Dr. José Olímpio Magalhães (UFMG)
Membro da Banca

4. Prof^a. Dr.^a. Maria Marta Pereira Scherre (UnB)

Membro da Banca

5. Prof^a. Dr^a. Danièle Marcelle Grannier (UnB)

Membro da Banca

6. Prof^a. Dr^a Enilde Faulstich (UnB)

Suplente da Banca

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese:
aos meus falecidos pais, Bacary e Awa Mané;
Aos meus irmãos;
À minha família, Laudimira Vieira M. Viana,
Mummy Awa Luiza Helena Mané e
Ahmed Gabriel Tamsir Vieira Mané

AGRADECIMENTOS

Foram muitos os que me ajudaram a concluir este trabalho.

Meus agradecimentos a todos os que me foram solidários durante o desenvolvimento deste trabalho, assim minha vida acadêmica:

À Allah Soub-hâna wa taalâh (Deus todo Poderoso), pois, sem a sua ajuda, nada teria sido possível;

Ao Prof. Dr Hildo Honório do Couto, pela confiança que tem em mim e pela orientação deste trabalho e de outros que desenvolvemos desde o meu ingresso na UnB em 1994;

À Prof.a Dra. Danielle Grannier, que me ajudou nas questões importantes deste trabalho;

Aos meus irmãos que me mandaram estudar no Brasil e sempre me apoiaram;

À Universidade de Brasília, Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula, por todo o apoio dado a esta pesquisa;

À Prof.a Dra. Maria Marta Pereira Scherre, que está sempre disposta a discutir comigo sobre questões de crioulização do Português Popular Brasileiro;

A todos os outros professores do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula da UnB;

Aos meus informantes Camila Da Costa Sousa Pintes, Ilísia D'Apresentação Delgado, Jéssica Da Mata dos Santos Monteiro, Julwaity Quaresma Cardoso Pimental Neto, Leovegildo Martins Rodrigues e Miguel dos Prazeres e aos outros são-tomenses que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho;

Aos colegas do curso de Doutorado em Lingüística da UnB, que foram não somente colegas mas também amigos;

Aos meus conterrâneos e amigos Alé Sow Fall e família, David Coly e família, Malamine S. Sadio e família, Paulo Baptista Gomes e família, meu amigo Philippe e Deisse Tshimanga, Kassoum Diémé, Silvanu, Papy Sengan Diaw, Fodé Kéba Dramé (Papis), Mactar Diallo, Seydina Abacar Mané, Mansour, Jo'se Gualberto da Silva;

Aos funcionários do Departamento de Lingüística: Jacinta, Diego, Chico, que sempre tiveram a paciência de me atender.

EPÍGRAFE

“The appropriate methodology [...] requires examination
of a contact situation as a forest rather as
a collection of isolated trees
Thomasson e Kaufman (1988: 61).

“Como as árvores de uma floresta, as línguas do mundo estabelecem, ente si, relações de
proximidade ou de afastamento. Independentemente das diferenças genéticas e tipológicas que
apresentam, cada árvore partilha certas características com todas as outras árvores e cada floresta,
com todas as outras florestas”.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 33
MAPA 2 34
MAPA 3 38

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	65
FIGURA 2	66
FIGURA 3	67
FIGURA 4	70
FIGURA 5	73
FIGURA 6	76
FIGURA 7	86
FIGURA 8	94
FIGURA 9	99
FIGURA 10	101
FIGURA 11	112
FIGURA 12	127
FIGURA 13	137
FIGURA 14	143
FIGURA 15	143
FIGURA 16	146
FIGURA 17	170
FIGURA 18	170
FIGURA 19	175
FIGURA 20	176
FIGURA 21	193
FIGURA 22	193
FIGURA 23	199
FIGURA 24	199
FIGURA 25	201
FIGURA 26	219
FIGURA 27	219
FIGURA 28	220
FIGURA 29	224

FIGURA 30	225
FIGURA 31	227
FIGURA 32	235
FIGURA 33	235
FIGURA 34	236
FIGURA 35	236
FIGURA 36	245

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	39
TABELA 2	62
TABELA 3	74
TABELA 4.....	77
TABELA 5	117
TABELA 6	128
TABELA 7	129
TABELA 8	133
TABELA 9	135
TABELA 10	141
TABELA 11	148
TABELA 12	151
TABELA 13	163
TABELA 14	163
TABELA 15	167
TABELA 16	169
TABELA 17.....	174
TABELA 18	178
TABELA 19	186
TABELA 20	187
TABELA 21	191
TABELA 22	192
TABELA 23	198
TABELA 24	203
TABELA 25	213
TABELA 26	213
TABELA 27	217
TABELA 28	218
TABELA 29	223

TABELA 30	225
TABELA 31	229
TABELA 32	229
TABELA 33	229
TABELA 34	229
TABELA 35	230
TABELA 36	230
TABELA 37	230
TABELA 38	230
TABELA 39	232
TABELA 40	233
TABELA 41	233
TABELA 42	234
TABELA 43	237
TABELA 44	238
TABELA 45	239

RESUMO

O são-tomense, o angolar, o principense e o fa d'ambu são variedades crioulas faladas no Golfo da Guiné. Elas são faladas em três ilhas: o são-tomense e o angolar, na ilha de São Tomé, o principense, na ilha de Príncipe e o fa d'ambu, na ilha de Anobom. Os quatro crioulos são todos de base lexical portuguesa e a gramática das línguas de substrato é da família bantu e dos grupos kwa e oeste bantu.

Hoje, afirma-se que essas quatro variedades tiveram uma ligação em tempos passados e foram afastando-se devido a vários fatores, tais como contato de línguas entre portugueses e africanos e surgimento de novas áreas geolingüísticas. Mesmo acreditando-se ter uma história de origem comum, a escravatura, coloca-se a dúvida de saber se trata-se de línguas diferentes ou dialetos de uma única língua.

Na tentativa de averiguar se o são-tomense, o angolar, o principense e o fa d'ambu são quatro línguas diferentes ou quatro dialetos de uma mesma língua, procedemos a uma descrição fonológica de cada uma dessas variedades, estabelecendo, assim, um estudo comparativo entre seus respectivos segmentos e, por fim, as suas respectivas estruturas silábicas. Além do aspecto fonológico, foram tomados em consideração os fatores sócio-históricos e socioculturais. A partir deste conjunto de considerações reunidas, acreditamos que os quatro crioulos são dialetos do são-tomense.

Palavras-chave: ECOLINGÜÍSTICA – CONTATO DE LÍNGUAS – PIDGINIZAÇÃO E CRIOULIZAÇÃO – LÍNGUA E DIALETO – DESCRIÇÃO FONOLÓGICA

ABSTRACT

The São Tomenses, the Angolar, The Pricipense and the Fa d'ambu are varieties of creole spoken in the gulf of Guiné. They are spoken on three islands. The são-tomense and angolar on the island of São Tome, pricipense on the island of Principe and the fa d'ambu on the island of Anobom. The four kriols all have Portuguese as their lexical base and the grammar of these languages is extracted from the bantu family and the kwa and eastern Bantu groups

Today we are assured that these four varieties had a connection in the past and that they separated due to various factors such as contact of languages between the Portuguese and the Africans and the appearance of new geolinguistic areas. Even believing that there is a history of common origin, slavery, we still are in doubt whether we are faced with different languages or dialects of one unique language.

In the quest to verify whether são tomense, angolar, pricipense and the fa d'ambu are four different languages or four dialects of the same language, we proceed with a phonological description of each of these varieties, thus establishing a comparative study between their respective segments and also their respective silabical structures. Apart from the phonological aspect we took into consideration the socio-historic and socio-cultural factors. Based on these considerations we believe that the four kriols are all dialects of São tomense.

Key Words: ECONLIGUISTICS – CONTACT OF LANGUAGES – PIDGINIZATION AND CRIOLLIZATION – LANGUAGE AND DIALECT – PHONOLOGIC DESCRIPTION

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I: A ECOLOGIA LINGÜÍSTICA DO GOLFO DA GUINÉ	24
1.0 Introdução	24
1.1 Considerações sobre a ecolingüística	24
1.2 População	26
1.3 Território	33
1.4 Linguagem e cultura	38
CAPÍTULO II: METODOLOGIA DA PESQUISA	40
2.0. Introdução	45
2.1 Informantes	45
2.2 Coleta de dados	48
CAPÍTULO III: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	51
3.0 Introdução	51
3.1 Considerações sobre o estruturalismo	51
3.1.1 Conceito e aplicação do estruturalismo	51
3.1.2 Considerações preliminares sobre fonética e fonologia	52
3.1.3 Regras para a identificação dos fonemas	54
3.2 Modelos teóricos	59
3.2.1 A Fonologia gerativa	59
3.2.2 A fonologia pós-SPE: modelos lineares	62
3.2.2.1 A fonologia autossegmental	63
3.2.2.2 A fonologia silábica	65
3.2.2.3 A fonologia de geometria de traços	70
3.2.2.4 A fonologia lexical	71
3.2.2.5 A fonologia métrica	75
CAPÍTULO IV: CONCEITUNDO LÍNGUA E DIALETO	78
4.0 Introdução	78
4.1 Conceito de Língua e Dialeto	78

CAPÍTULO V: PIDGINIZAÇÃO E CRIOLIZAÇÃO	93
5.0 Introdução	93
5.1 Contato de línguas	93
5.2 Pidginização	95
5.3 Crioulização	98
5.3.1 Nativização	99
5.3.2 Comunitarização	102
CAPÍTULO VI: GÊNESE E DESENVOLVIMENTO	
DOS CRIoulos PORTUGUESES DO GOLFO DA GUINÉ	109
6.0 Introdução	109
6.1 Formação dos crioulos do Golfo da Guiné	109
CAPÍTULO VII: DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DO SÃO-TOMENSE	116
7.0 Introdução	116
7.1 Análise dos segmentos do são-tomense	116
7.1.1 Identificação de fonemas consonantais	116
7.1.2 Identificação de fonemas vocálicos	128
7.2 Análise da sílaba do são-tomense	133
7.2.1 Padrões silábicos	134
7.2.2 Estruturas silábicas	137
7.2.2.1 O Aclive	138
7.2.2.2 O Núcleo	142
7.2.2.3 A Coda	144
7.3. O acento	147
CAPÍTULO VIII: DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DO ANGOLAR	149
8.0 Introdução	149

8.1 Análise dos segmentos do angolar	150
8.1.1 Identificação de fonemas consonantais	150
8.1.2 Identificação de fonemas vocálicos	163
8.2 Análise da sílaba do angolar	168
8.2.1 Padrões silábicos	168
8.2.2 Estruturas silábicas	170
8.2.2.1 O Aclive	171
8.2.2.2 O Núcleo	174
8.2.2.3 A Coda	175
CAPÍTULO IX: DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DO PRINCIPENSE	177
9.0 Introdução	177
9.1 Análise dos segmentos do principense	177
9.1.1 Identificação de fonemas consonantais	178
9.1.2 Identificação de fonemas vocálicos	186
9.2 Análise da sílaba do principense	191
9.2.1 Padrões silábicos	191
9.2.2 Estruturas silábicas	194
9.2.2.1 O Aclive	194
9.2.2.2 O Núcleo	198
9.2.2.3 A Coda	200
CAPÍTULO X: DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DO FA D'AMBU	202
10.0 Introdução	202
10.1 Análise dos segmentos do fa d'ambu	202
10.1.1 Identificação de fonemas consonantais	203
10.1.2 Identificação de fonemas vocálicos	213
10.2 Análise da sílaba do fa d'ambu	217
10.2.1 Padrões silábicos	218
10.2.2 Estruturas silábicas	220
10.2.2.1 O Aclive	221

10.2.2.2 O Núcleo	224
10.2.2.3 A Coda	226
CAPÍTULO XI: ESTUDO COMPARATIVO	228
11.0 Introdução	228
11.1 Inventário dos fonemas de cada uma das quatro variedades lingüísticas	228
11.2 Estudo comparativo	231
11.2.1 Comparação dos segmentos	231
11.2.2 Comparação das sílabas	233
11.2.2.1 Inventário dos padrões silábicos	234
11.2.2.2 Análise da estrutura silábica	235
11.2.3 Estudo comparativo	238
CONSIDERAÇÕES FINAIS	241
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	247
APÊNDICES	252

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a finalidade de discutir, baseado em uma descrição fonológica e em considerações sócio-históricas, se o são-tomense, o angolar, o principense e o fa d'ambu, falados no Golfo da Guiné, constituem quatro línguas crioulas diferentes ou dialetos de uma mesma língua.

O Golfo da Guiné é uma grande curva situada na costa central oeste da África, estendendo-se por Gana, Nigéria, Camarões, Gabão e Angola. Ele é um arquipélago composto pelas ilhas da Guiné Equatorial e de São Tomé e Príncipe. No Golfo da Guiné, são faladas cinco variedades crioulas, entre as quais uma de base lexical inglesa (fernando pó) e quatro de base lexical portuguesa (o são-tomense, o angolar, o principense e o fa d'ambu). O fernando pó e o fa d'ambu são falados na Guiné Equatorial e o são-tomense, o angolar e o principense são falados em São Tomé e Príncipe.

Esta pesquisa abordará somente as variedades crioulas de base portuguesa: o são-tomense, o angolar, o principense e o fa d'ambu. Elas são faladas em três ilhas: São Tomé, Príncipe e Anobom. Em São Tomé, há dois crioulos, são-tomense e angolar; nas ilhas de Príncipe e Anobom falam-se respectivamente o principense e o anobonês. O português é o superestrato ou língua lexificadora dessas variedades e seus substratos são compostos de línguas africanas (kimbundu, bini, ndingi, ewe, akan, changana, etc) pertencentes aos grupos kwa e oeste-bantu do tronco Níger-Congo. As variedades crioulas faladas no Golfo da Guiné resultaram do contato do português seiscentista com as línguas étnicas da África, principalmente as línguas dos grupos kwa e oeste-bantu.

O estudo dos crioulos portugueses falados na África Ocidental foi muito negligenciado até recentemente, apesar de sua existência no centro do debate que diz respeito à gênese dos crioulos atlânticos que surgiram nos anos 1960 e 1970. Comparados a outros crioulos de léxico europeu, acredita-se que o número de estudos sobre os crioulos de base portuguesa é ainda reduzido. Os crioulos portugueses do Golfo da Guiné são ainda menos estudados do que os crioulos

portugueses falados nas ilhas de Cabo Verde, na Guiné Bissau e na área de Casamansa, na parte sul do Senegal.

Existem muitas divergências entre os estudiosos das línguas crioulas, embora tenham sido publicados trabalhos sobre o são-tomense, o angolar, o principense e o fa d'ambu, a saber: *The creole of São Tomé* de Ferraz (1979); *Das portugiesische Kreolich der Ilha do Principe* de Günther (1973); *The Angolar Creole Portuguese of São Tomé: Its Grammar and Sociolinguistic History* de Lorenzino (1998); *L'Angolar: Un créole Afro-portugais parlé à São Tomé* de Maurer (1995); *Fa d'Ambu* de Post (1995:191 a 204).

Uma revisão da literatura sobre o são-tomense, o angolar, o principense e o fa d'ambu revela a existência de pouco material e até a ausência de estudos com teor comparativista entre os quatro crioulos, exceto os trabalhos de Ferraz (1976, 1983, 1987b), o qual acredita em uma origem comum para todos os crioulos do Golfo da Guiné, entretanto, sem uma avaliação explícita de como isto podia ter acontecido.

A justificação do método histórico-comparativo se torna mais importante por falta de informações históricas nos estágios iniciais dos crioulos aqui examinados. As atuais similaridades e diferenças entre esses quatro crioulos nos levam a acreditar em uma história comum. Embora o objetivo inicial desta pesquisa não seja avaliar a validade das correntes teóricas de pidginização e crioulição, o conhecimento que é acumulado nesse campo, especialmente dos crioulos atlânticos como produtos de uma história dividida de uma expansão europeia, dá, pelo menos, uma estrutura conceitual para analisar a situação lingüística no Golfo da Guiné em relação a algumas das questões tratadas em tal campo.

O interesse em fazer o estudo comparativo do são-tomense, do angolar, do principense e do fa d'ambu se dá pelo fato de que essas variedades lingüísticas crioulas sempre foram consideradas pelos crioulistas como línguas diferentes. A tarefa de descrever e analisar essas variedades lingüísticas se torna necessária porque a língua é instrumento básico de uma cultura e de identificação étnica essencial à cognição e à comunicação. A presente pesquisa será útil para os falantes das modalidades lingüísticas em questão e para pesquisadores e crioulistas que

poderão ter argumentos, baseados em provas, para afirmar se esses crioulos são quatro línguas diferentes ou dialetos de uma mesma língua. E se for uma única língua com certas variações, que língua é essa?

A presente comparação tem uma dupla importância: ela não somente ajudará a alcançar as conclusões desse estudo, mas contribuirá com uma teoria unificada de avaliar a gênese e desenvolvimento de todos os crioulos de base portuguesa falados no Golfo da Guiné, trazendo um esclarecimento sobre a sua origem lingüística.

Além dessas motivações, este projeto se insere em um projeto maior, intitulado Formação de Gramática Crioula, coordenado pelo professor Dr. Hildo Honório do Couto, do Programa de Pós-Graduação em Lingüística, do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula (LIV), da Universidade de Brasília (UnB).

Esta tese é dividida em onze capítulos, que serão descritos a seguir.

No primeiro capítulo, trataremos da ecologia lingüística do Golfo da Guiné, apresentando as informações etnográficas sobre os povos dos crioulos em estudo, bem como alguns aspectos relacionados às suas respectivas culturas. Em outras palavras, será abordada aqui a relação tripartida da ecolingüística: território (localização geográfica), população e linguagem.

No segundo capítulo, descreveremos a metodologia de pesquisa, mostrando como e em que contexto geográfico foram coletados os dados e quais os informantes.

O terceiro capítulo será dedicado à fundamentação teórica que servirá de base para a análise fonológica dos dados coletados.

O capítulo quatro trará uma discussão sobre os conceitos de língua e dialeto. Essa diferença conceitual será de fundamental importância para decidirmos se os quatro crioulos são línguas diferentes ou dialetos de uma mesma língua.

No capítulo cinco, trataremos da pidginização e da criouliização, que são, respectivamente, processos de formação de pidgin e crioulo. As línguas pidgins e crioulas são os principais resultados de contato entre povos diferentes com suas respectivas línguas. Por necessidades comunicativas, vai surgindo uma nova língua (crioulo) na medida em que vai se consolidando uma nova comunidade.

No capítulo seis, serão tratados a gênese e o desenvolvimento dos crioulos do Golfo da Guiné para definir em que contexto histórico, social e geolingüística se deu a formação do são-tomense, do angolar, do principense e do fa d'ambu.

Os capítulos sete, oito, nove e dez serão dedicados à fonologia dos crioulos, apresentando as descrições dos fonemas consonantais e vocálicos dos principais processos fonológicos detectados nas línguas em estudo, em especial os relacionados com a nasalização e a pré-nasalização, e sua estrutura silábica.

No décimo primeiro capítulo, faremos um estudo comparativo das quatro variedades lingüísticas, verificando se estas são dialetos de uma mesma língua ou línguas diferentes.

Nas considerações finais, procuraremos definir, a partir de argumentos baseados em descrições fonológicas e considerações sócio-históricas, se estas quatro variedades são línguas diferentes ou dialetos de mesma língua e, nesse caso, dialetos de qual língua.

Na parte final desta tese estão os anexos, o *corpus* que serviu de base para a descrição fonológica. Esse *corpus* compõe-se de palavras soltas e frases coletadas junto a falantes nativos dessas variedades, residentes em Brasília.

CAPÍTULO I

A ECOLOGIA LINGÜÍSTICA DO GOLFO DA GUINÉ

1.0. Introdução

Este capítulo tem como objetivo discutir a questão ecolingüística do Golfo da Guiné. Assim, ele pretende abordar, além das considerações acerca do ramo da lingüística, “a ecolingüística”, tratará também da população, do território e da linguagem que são os componentes da Ecologia Fundamental da Língua.

1.1. Considerações sobre a ecolingüística

A ecolingüística, tradicionalmente conhecida por ecologia da linguagem, aparece como um novo paradigma no campo da lingüística. Ela surgiu a partir dos anos 70 quando Einar Haugen (Professor Emérito de Estudos Escandinavos) publica “A Ecologia da Linguagem”, na Stanford University Press. Ele define essa nova ciência como sendo o estudo das interações entre uma dada língua e seu meio ambiente¹.

A ecologia, em que a ecologia da linguagem se baseia, tem sido definida como o estudo das interações entre os seres vivos e seu meio ambiente. Etimologicamente, o termo ecologia vem do grego antigo “oikos” (casa, habitat) e “logos” (ciência, conhecimento). Portanto, a ecologia é a ciência do habitat. Ela foi criada em 1866 pelo biólogo alemão Ernst Haeckel.

Uma definição geral admitida e particularmente utilizada em ecologia humana consiste em definir a ecologia como a relação triangular entre os indivíduos de uma espécie, a atividade organizada desta espécie e o meio ambiente desta espécie. O meio ambiente é ao mesmo tempo o produto e a condição desta atividade e, portanto, da sobrevivência da espécie enquanto a atividade pode ser o próprio ato de comunicação que só será possível através da linguagem.

¹ “Language ecology may be defined as the study of interactions between any given languages and its environment” (Haugen 1972: 324).

Em ecologia, esse meio ambiente, mais conhecido como ecossistema, designa o conjunto formado por uma associação ou comunidade de seres (ou *biocenose*) e seu meio ambiente geológico e atmosférico (ou *biótopo*). Os elementos que constituem um ecossistema desenvolvem uma rede de interdependências que permitem manter o desenvolvimento da vida. Neste caso, o “meio ambiente” corresponde a um contexto social e natural em parte psicológico (no que diz respeito à interação da língua materna de cada falante bilíngüe ou multilíngüe com o(s) outro(s) código(s) lingüístico(s) presente(s) na sua mente) e em parte sociológico (no que diz respeito à interação da língua com a sociedade na qual funciona como meio de comunicação)².

A linguagem, por sua vez, não é um fenômeno isolado, mas faz parte de qualquer ser humano e conseqüentemente da sociedade. Ela é o requisito indispensável para o desenvolvimento da pessoa e do grupo social a que pertence. Ela é entendida como um meio de comunicação que permite aos seres humanos expressarem seus sentimentos, seus pensamentos, suas emoções.

Podemos melhor entender a linguagem discutida aqui levando em consideração a dicotomia saussureana de *langue* (língua) e *parole* (fala) segundo a qual a língua é social e coletiva, enquanto a fala, o uso da língua, é individual. Assim, fica claro que a definição de Haugen envolve tanto o lado biológico (linguagem como programação inata) quanto o social (linguagem como meio de comunicação social) da ecologia. Por se tratar de seres humanos organizados em uma sociedade (território), é evidente que os mesmos serão sempre detentores de um meio de comunicação (a língua).

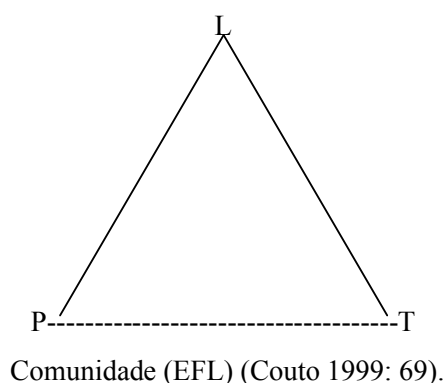
² “The true environment of a language is the society that uses it as one of its codes. Language exists only in the minds of its users, and it only functions in relating these users to one another and to nature, i. e. their social and natural environment. Part of its ecology is therefore psychological: its interaction with other languages in the minds of bi- and multilingual speakers. Another part of its ecology is sociological: its interaction with the society in which it functions as a medium of communication. The ecology of a language is determined primarily by the people who learn it, use it, and transmit it to others”. (Haugen, 1972: 327)”

De acordo com Couto (1999: 67), a comunidade é a entidade maior no seio da qual ocorre a comunicação. Ele mostra a interdependência da linguagem e da comunidade nos seguintes pressupostos:

- Não há comunidade sem linguagem (L)
- Não há linguagem sem comunidade (C).

Para o mesmo autor, comunidade é um ecossistema entendido como um agrupamento de pessoas, população ou povo (P), que tem um meio de comunicação em comum, linguagem (L) e que convivem em um determinado espaço, ou território (T). As inter-relações que ocorrem dentro do ecossistema (comunidade) são conhecidas pelo nome de Ecossistema Fundamental da Língua, também chamado de Ecologia Fundamental da Língua (EFL) como ilustradas na figura 1:

(figura 1)



A partir da Ecologia Fundamental da Língua, trataremos, a seguir, da situação ecolinguística do Golfo da Guiné abordando os seus componentes a seguir: população, território e linguagem.

1.2. População

A população, povo ou grupo de pessoas (P) é o elemento dinâmico da comunidade (C). No que diz respeito à formação da população falante das línguas crioulas em estudo, existe ainda uma polêmica quanto à existência ou não de habitantes nas ilhas antes da chegada dos portugueses. Assim, a população do arquipélago (São Tome e Príncipe e Anobom) terá duas abordagens: uma histórica e a outra sincrônica.

A questão sobre o povoamento das três principais ilhas (São Tomé, Príncipe e Anobom) é muito polêmica. Não há consenso sobre a existência ou não de pessoas nessas ilhas antes da chegada dos portugueses. Mas, acredita-se que as ilhas de São Tomé, Príncipe e Anobom, nas quais surgiram essas línguas crioulas (são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu), eram inabitadas antes da chegada dos europeus e que a primeira dessas ilhas a ser descoberta foi a de São Tomé. As duas outras seriam povoadas a partir dela.

Mesmo por falta de documentos que atestem a data precisa do descobrimento das ilhas que formam o país, aceita-se geralmente, e com alguma probabilidade, que foram os navegadores João de Santarém e Pêro Escobar, ambos cavaleiros da casa do Rei Dom Afonso V de Portugal que, no ano de 1470, foram mandados prosseguir na exploração da Costa Ocidental da África. Teriam provavelmente chegado à Costa Norte de São Tomé em 21 de dezembro e aportado na ilha de Santo Antão, mais tarde do Príncipe em 17 de Janeiro de 1471.

Os portugueses ocuparam as ilhas de Anobom (atuais ilhas Pagalu) e Fernando Pó (atual ilha de Bioko) em 1470. A ilha de Anobom foi descoberta pelo marinheiro português no dia 1º de fevereiro de 1471. Essa data é celebrada todos os anos, simulando na praça do povo a silhueta de um barco com corda de árvore. Nos séculos seguintes, o local serviu de base para espanhóis e ingleses. Em 1856, a Espanha fundou a colônia de Rio Muni, na porção continental da Guiné Equatorial, cuja independência é obtida em 1968 (Ambrósio 1984: 8-9).

Havendo necessidade de atribuir às respectivas ilhas um nome, os portugueses optaram pela lógica da natureza e pelos fenômenos que os rodeavam. Por exemplo, São Tomé tem este nome devido ao fato de o dia 21 de dezembro ser o dia de São Tomé, o Príncipe por ter sido ofertado pelo Rei Dom João II ao seu filho herdeiro (Príncipe), à ilha do Anobom por ter sido descoberto no dia 1º de janeiro como primeiro dia do ano. Os portugueses acharam que o ano seria bom, daí o nome de Anobom.

Porém uma incógnita se coloca. A ilha de São Tomé seria desabitada na altura da chegada dos portugueses?

Mesmo havendo dúvidas sobre a existência de pessoas em São Tomé e Príncipe antes da descoberta, alguns estudiosos dizem que o arquipélago era habitado por “angolares”. Esse povo, que apresentava uma atividade simples de agricultura e pesca, será posteriormente utilizado para a construção da identidade nacional. Sua imagem está ligada ao ataque de engenhos. Segundo uma tese do século XVIII, os angolares seriam os descendentes dos resgatados do naufrágio de um navio negreiro encalhado perto dos ilhéus de Sete Pedras ao largo da costa meridional de São Tomé.

Segundo a concepção tradicional, os angolares seriam escravos que se salvaram do naufrágio de um navio negreiro, na parte sudeste da ilha de São Tomé, rumo ao Brasil.

Quanto à descoberta ou não das ilhas, há argumentos a favor da existência de habitantes antes da chegada dos portugueses:

- A distância entre o ilhéu das Sete Pedras, local do naufrágio, e a costa é grande, o que os obrigaria a ser bons nadadores;

- Possuindo um único idioma e estando organizados, é provável que tivessem saído de uma única tribo. As suas características assemelham-se às de duas tribos – os mussorongos do noroeste de Angola e os quimbundos, das regiões interiores de Luanda. Estas duas tribos pertencem à grande família dos bantus;

- Os angolares seriam uma ramificação dos bantus, fixados na região do Gabão que posteriormente se deslocaram para algumas ilhas do golfo da Guiné;

- O termo aportuguesado de angolar (que subentende uma origem de Angola) teve origem na designação de N’Golá, termo atribuído a si próprios pelos angolares;

- Fernão Pó, a primeira ilha do alinhamento dos Camarões, no Golfo da Guiné a que pertence São Tomé e Príncipe, já era habitada na altura da chegada dos Portugueses, no século XV, pelos bubís, pertencentes à grande família dos bantus, como os angolares;

- No contexto geográfico, os primeiros portugueses fixaram-se em Ana Ambó, deslocando-se posteriormente para a região da atual baía de Ana Chaves, do lado norte da ilha. Os angolares teriam se fixado na região sul. Separados pelo relevo e por uma densa vegetação, é natural que os portugueses desconhecêssem a existência dos angolares;

- Outros autores afirmam que pescadores do Golfo da Guiné já teriam estado em São Tomé e Príncipe sem terem permanecido;

- Seriam os angolares escravos apanhados ou comprados numa mesma tribo de Angola?

- Acredita-se que os angolares, quando da sua aparição em 1574, falavam a mesma língua, apresentavam características raciais uniformes e tinham uma estrutura militar que lhes permitia assaltos organizados semelhantes a guerrilhas. Raciocinando nestes termos, a hipótese de terem saído de tribos diferentes deve ser afastada, visto que, nos seus primeiros contatos com os portugueses, revelaram um modo de vida singular, uma impenetrabilidade em seu estilo cultural, reforçado por um único idioma e uma perfeita organização.

Desta forma, acreditamos que as ilhas, nas quais surgiram os quatro crioulos, eram habitadas na altura da chegada dos portugueses. Portanto, consideramos melhor falar de conquista ou “achamento” e não de descobrimento.

Depois de um enquadramento histórico que remonta a 1471 - 1472 (data da conquista) dando especial destaque ao fato de São Tomé ter sido a primeira ilha a ser povoada e as duas outras terem-no sido a partir daquela, começou a chegada dos povoadores, majoritariamente portugueses, e também o afluxo de escravos africanos a São Tomé. Havia também os chamados escravos de resgate, importados das zonas costeiras do continente africano e geralmente despachados como mercadoria para a feitoria da Mina, situada no atual Gana, junto à foz do Rio

Pra. A posição de São Tomé e Príncipe como entrepostos no tráfico de escravos gradualmente ganhará importância a partir de 1500 e diminuirá ao longo do século XVI, devido ao deslocamento do comércio de escravos em direção ao sul do continente africano.

São Tomé desempenhava o papel de entreposto para o transporte de escravos para outras colônias assim como para o Novo Mundo. Esses escravos serviriam de mão-de-obra em plantações de açúcar, além de desempenharem um papel importante na história de São Tomé e Príncipe e no desenvolvimento de uma língua resultante. São Tomé é o núcleo dessas três ilhas por ser a primeira a ser estabelecida. O primeiro grande contingente de colonos deixou Portugal com destino a São Tomé em 1493, apesar de pequenas quantidades de colonos terem chegado lá em 1485. As populações de Príncipe e de Anobom vieram de São Tomé a partir do início do século XVI.

O povoamento das ilhas de São Tomé e Príncipe (STP) iniciou-se em 1485 com portugueses metropolitanos e madeirenses, judeus, castelhanos, franceses e genoveses. Conforme Rougé (2004: 18), esse povoamento se intensificou somente a partir de 1499 em São Tomé e de 1502 em Príncipe. As primeiras ondas de habitantes compreenderam, de um lado, africanos que, provenientes dos países do Golfo do Benin, Gabão, Angola, falavam línguas kwa, sobretudo o beni (ou edo) e o yoruba, de outro lado renegados portugueses e judeus que teriam sido enviados a São Tomé em 1492. É importante observar, a respeito dos europeus, que o rei tinha ordenado que à sua chegada se doasse a cada colono um escravo ou uma escrava, estimulando assim a mestiçagem desta população. Os descendentes desses mestiços e dos primeiros escravos libertos formariam muito rapidamente um tipo de aristocracia, os *mina tela* (filhos da terra) que tomariam rapidamente o poder real.

Vários grupos humanos uniram-se para formar a população do arquipélago de STP: europeus (em sua maior parte degredados), filhos de judeus e escravos originários da costa africana. No período que vai de 1470 a 1485, o arquipélago era administrado pelo sistema das capitânicas hereditárias. A principal cultura era a de cana-de-açúcar, introduzida em 1501, tendo seu término no ano de 1822; posteriormente, foram introduzidas as culturas de cacau e fumo e o comércio de pimenta e madeira. Indubitavelmente, a ação colonizadora européia rapidamente

ocupa as terras realizando um sistema de latifúndio e monocultura; em São Tomé, os grandes sítios eram conhecidos como “roças”. A sociedade são-tomense era basicamente constituída por grandes proprietários e administradores, pequenos proprietários nativos, trabalhadores rurais e, com o fim da escravidão, serviçais contratados, em sua grande maioria.

No que diz respeito ao afluxo de escravos, os proprietários são-tomenses organizavam um tráfico semi-clandestino e compravam seus escravos não mais no Golfo do Benim, mas no reino do Congo e de Angola. Esses escravos, que eram destinados quer ao trabalho das plantações de cana-de-açúcar quer às expedições para a América, já eram detidos no continente há muitos anos. E se o kicongo ou o kimbundu não eram sua língua materna, eles as utilizavam como línguas veiculares.

Essa chegada maciça de populações falando línguas bantus foi modificando consideravelmente a paisagem lingüística. Nas plantações, onde eles continuavam falando suas línguas veiculares, os novos escravos, pelo intermédio de seus mestres, contramestres e escravos mais antigos, tomaram conhecimento desses embriões de sistemas lingüísticos nascidos dos contatos entre o português e as línguas kwa. Progressivamente, eles se apropriaram delas e as fizeram evoluir. Foi nessas condições de grande promiscuidade entre africanos e europeus que aparecem, resultando de contatos lingüísticos entre as línguas kwa, bantu e portuguesa, as primeiras formas de crioulos de São Tomé e Príncipe (Ferraz 1979: 9).

A população atual do arquipélago, com cerca de 175 mil habitantes, é representativa de uma sociedade africana estruturada ao longo dos anos num processo de miscigenação, tendo absorvido influências ocidentais, sobretudo portuguesas. É uma população bastante jovem (cerca de metade tem menos de 15 anos), cuja esperança de vida é de 64 anos e que apresenta uma taxa de crescimento de 2,2%.

Os primeiros habitantes das ilhas teriam sido portugueses e africanos oriundos de regiões tão diferentes como Benin, Congo, Nigéria, Serra Leoa. A eles, acrescentam-se espanhóis, franceses, italianos e holandeses, que são outros povos ocidentais que influenciaram a cultura são-tomense. Também judeus, indianos e chineses marcaram presença nesse contato heterogêneo

de raças e culturas que São Tomé e Príncipe representou ao longo de mais de 500 anos de história.

Os dois mais importantes centros populacionais são: a cidade de São Tomé, sua capital, situada na ilha do mesmo nome, e a cidade de Santo António, na ilha do Príncipe.

A cidade de São Tomé, situada na costa leste da ilha servindo de fundo à baía de Ana Chaves, foi elevada à categoria de cidade em 24 de Abril de 1525, por Dom João III.

A população é repartida pelos distritos nos seus respectivos departamentos, como São Tomé, departamento da Nossa Senhora da Graça, Conceição, Fátima Trindade Madalena e Santo Amaro. O distrito de Príncipe abrange os departamentos da Conceição e Fátima.

Os distritos d'Água Grande e de Mézoch congregam cerca de dois terços da população.

Não existem tribos, mas é notória a presença de características etno-culturais próprias em pequenos grupos que, por sua vez, tendem a se diluir e se confundir em classes sociais conforme o poder político, econômico ou cultural.

Os são-tomenses são formados por Mestiços, Angolares (filhos de escravos de Angola), Forros (filhos de escravos libertos), Serviçais (antigos trabalhadores contratados provenientes de Angola, Moçambique e do Cabo Verde), Tongas (filhos de serviçais) e Europeus (descendentes de portugueses) aos quais é preciso acrescentar Fangs, uma etnia negra bantu vinda do continente.

Os filhos de escravos negros oriundos do continente devem representar 88% da população total, os Mestiços cerca de 10% e os europeus 2% . Entre eles, deve-se acrescentar um grande número de trabalhadores imigrados provenientes das ilhas do Cabo Verde.

1.3. Território

Com relação ao território (T), ele trata do ecossistema, do aspecto geográfico das principais ilhas nas quais são falados os crioulos em estudo.

Os quatro crioulos portugueses em estudo (o São-tomense, o angolano, o principense e o fãmbu) são falados no Golfo da Guiné que é uma grande curva situada na costa central oeste da África, estendendo-se por Gana, Nigéria, Camarões, Gabão e Angola. O Golfo da Guiné é um arquipélago composto das ilhas da Guiné Equatorial (Bioko e Anobom) e de São Tomé e Príncipe como mostra o mapa 1:

(mapa 1)



O arquipélago de São Tomé e Príncipe é um estado independente da África ocidental, localizado no Golfo da Guiné. É um território composto de duas ilhas principais, que dão nome à

nação, e de duas ilhas menores próximas de três principais ilhotas - Ilhéu das Rolas, perto de Porto de Alegre no sul (onde a linha do Equador cruza o paralelo de Greenwich – centro do mundo), ilhéu das Cabras, perto da cidade de São Tome e Ilhéu Bom-Bom em Príncipe.

São Tomé e Príncipe situam-se no Golfo da Guiné, em plena zona do equador, dispostos num alinhamento orientado na direção nordeste - sudoeste, no qual se encontram ainda os pequenos ilhéus das Rolas das Cabras e das Pedras Tinhosas, além das ilhas de Fernando Pó e Anobom.

(mapa 2)



São Tomé e Príncipe é um arquipélago com 1001 Km², um verdadeiro paraíso equatorial perdido no Golfo da Guiné, a cerca de 300 km da costa Ocidental da África. É composto pelas ilhas de São Tomé e do Príncipe - que estão a 150 km distância uma da outra - e por vários ilhéus adjacentes: Ilhéu Bombom, Boné Jóquei, Pedra da Galé, Tinhosas e Mosteiros, no Príncipe; em São Tomé, Ilhéu das Cabras, Sete Pedras, e mais a sul a Ilha das Rolas, por onde passa a linha do

Equador e onde se instalou o luxuoso Rolas Island Resort, conjunto turístico que privilegia o agroturismo com a recuperação de uma antiga roça de cobra, cacau e café.

Sem esquecer padrões de conforto e segurança, em perfeita sintonia com a natureza, o Ilhéu das Rolas - Resort está posicionado entre o Norte e o Sul, sendo assim uma atração para amantes do esporte, da ecologia e da aventura. São itinerários diferentes e culturalmente enriquecedores, encanto singular que tanto atrai todos os seus visitantes.

As ilhas do arquipélago de São Tomé e Príncipe, de origem vulcânica e relevo acentuado, revestem-se de densa e variada vegetação devido à elevada pluviosidade. Cascatas e rios de correnteza rápida descem as montanhas cheias de declives, em direção ao mar. A orla costeira apresenta-se recortada e acidentada. O arquipélago encontra-se sujeito ao ritmo climático do vale do Equador, registrando-se duas estações distintas durante o ano: a chuvosa, de outubro a maio; e a seca, de junho a setembro, coincidindo as temperaturas mais elevadas com a época das chuvas com uma variação entre 22° C e os 28° C graus na época seca. A vegetação é, conseqüentemente, de tipo equatorial nas regiões mais úmidas, e do tipo herbáceo nos locais mais secos.

A principal linha de elevações de São Tomé está orientada no sentido aproximado de norte a sul, em curva alongada com alguma saliência e reentrância, e é formada pelos montes - ou picos, o Pico de São Tomé é o mais alto com 2024 m de altitude. Assim, erguem-se, ainda, os picos de Cão Grande, Cão Pequeno, Maria Fernandes e na região Autônoma do Príncipe os picos de Príncipe e do Papagaio. Na ilha do Príncipe, o relevo é menos assinalado, mas merece especial referência assim como todas as outras elevações que se situam no golfo da Guiné, embelezadas por uma luxuriante vegetação originada na excepcional abundância de suas águas cristalinas.

As ilhas são divididas administrativamente em sete distritos: Água Grande, que abrange a capital e a periferia; Mé-zochi, que contempla a segunda maior cidade do país (Trindade); Lembá, que tem como capital a cidade industrial de Neves, Cantagalo, Lobata e Caué, bem como a região autônoma do Príncipe.

Na verdade, as duas ilhas possuem uma rede hidrográfica que, atendendo à superfície do território, se pode considerar como extraordinariamente densa. Estas águas, abrigadas pelo caprichoso relevo das ilhas, em especial em São Tomé, formam, por vezes, belíssimas cascatas de pitoresco admirável. Muitos rios e ribeiros que correm nas ilhas são chamados de «águas» pelos habitantes. Tal é o caso de Água Grande, Água-Izé, Água Abade e outras.

Os principais cursos de água que encontrados em São Tomé são: o rio Iô Grande, cuja nascente se localiza, no monte «Calvário», distrito de Caué, indo desaguar na praia Iô Grande a 24 km de distância; o rio Abade também com origem no monte Calvário, em cujo percurso de 22 km se encontra uma cascata que oferece boas possibilidades para a produção de energia elétrica; o rio Manuel Jorge, que nasce na lagoa Amélia e depois de percorrer 21 km vai desaguar na Praia Melão; o rio do Ouro, igualmente originado na lagoa Amélia, que devido aos desníveis que encontra durante seu curso de 19 km cai em várias cascatas entre as quais merece especial menção a da Boa Esperança; Água Grande, que, pelo seu caudal, é dos mais importantes cursos de água do país e que atravessa a cidade de São Tomé formando, alguns quilômetros antes desta, a conhecida e linda cascata Blu-blú localizada na zona de Madre de Deus; e ainda o rio Contador (já aproveitado para a produção de energia elétrica pela EMAE (Empresa de Água e Eletricidade)) que neste momento não está em funcionamento por razões de prejuízo.

Na ilha do Príncipe, embora não tão abundantes, encontram-se ainda vários cursos de água cuja origem se situa, na quase totalidade, no maciço do Sul da ilha formado pelos picos Papagaio, do Príncipe, Cariotes e outros. Os mais importantes rios que têm seu curso no Príncipe são o Papagaio, que nasce perto do pico do mesmo nome e banha a cidade de Santo António, capital da ilha, e cujo percurso não ultrapassa 9 km; a ribeira Izé, o rio das Agulhas ou dos Tubarões e o rio Banzu.

A temperatura média anual é de 27,7 graus, diminuindo com a altitude (20,5 graus a 700 metros de altitude).

O arquipélago oferece características climáticas que favorecem o desenvolvimento de uma flora rica e exuberante além de uma fauna variada.

A vegetação é de tipo equatorial nas regiões mais úmidas e de tipo herbáceo nas zonas mais secas, repleta de uma profusão de cores vibrantes, de flores e árvores frutíferas variadas. Lá tudo cresce com uma fertilidade espantosa: bananas, fruta pão, matabala, canja-manga, abacaxi, abacate, jaca, papaia, safu, cola e o famoso mangustão.

Este paraíso equatorial acolhe ainda cerca de 100 espécies de aves, 27 das quais endêmicas. Ilhas encantadoras com praias de contornos variados, rodeadas de coqueiros que vão até à beira mar; areia de textura e cor diversa: ora dourada e fina, ora preta e grossa; águas repletas de variadas espécies de peixes e mariscos; florestas de vegetação luxuriante, habitat de numerosas espécies.

As Ilhas de S. Tomé e Príncipe fazem parte de um conjunto de aflorantes vulcânicos, que, além daquelas ilhas, inclui também as ilhas de Anobom e Fernão do Pó. Encontram-se no prolongamento da Cordilheira dos Camarões, no continente africano, formando assim um alinhamento de mais de 2.000 km de extensão, desde a ilha de Anobom até a margem sul do Lago Tchad. A este conjunto de ilhas chamou-se por muito tempo arquipélago da Guiné.

Quanto à Guiné Equatorial, trata-se de o único país da África cuja língua oficial é o espanhol. Antigamente, ela era conhecida como Guiné Espanhola. Ela se localiza no centro-oeste do continente africano e é banhada pelo Oceano Atlântico. Situa-se a 200 km da linha do Equador, posição que lhe confere um clima quente e úmido. O país é formado por uma parte continental, denominada Rio Muni, e outra insular, compostas pelas ilhas de Bioko, Corisco, Elobey Grande, Elobey Chico e Pagalu (Anobom). As duas partes apresentam grandes diferenças socioeconômicas.

Apesar de em Anobom também existir um crioulo português, a ilha pertence ao país Guiné Equatorial, de língua oficial espanhola.

(mapa 3)



Como foi acima mencionado, a ilha porta o nome de “Anobom” por ter começado o descobridor com algo que não se esperava e tão alegre para todos os aqueles que passavam a vida no mar buscando terras novas. Anobom é situado no hemisfério sul e a grau e meio do equador, a cerca de 480 quilômetros de Fernando Pó e 320 da parte mais próxima do continente, que é o Cabo Lopez, o atual Port Gentil. A ilha é montanhosa e de inclinação muito pronunciada. Segundo todas as probabilidades, atribui-se à ilha uma origem vulcânica igual à de Fernando Pó. Suas rochas vulcânicas em sua totalidade e sua posição topográfica denunciam uma grande separação do golfo Biafra, Fernando Pó, São Tomé, Príncipe e o monte camaronês, portanto, todos esses pontos trazem uma linha reta sobre o mar, que corta de sul a Nordeste. A aparição de todas essas ilhas obedece a um mesmo fenômeno da natureza

1.4. Linguagem e cultura

A linguagem é aqui entendida como um meio de comunicação entre povos que partilham o mesmo território. Como vimos, no Golfo da Guiné são faladas no total cinco variedades

crioulas entre as quais uma de base lexical inglesa (fernando pó) e quatro de base lexical portuguesa (o são-tomense, o angolar, o principense e o fa d'ambu). O Fernando Pó e o Fa d'Ambu são falados na Guiné Equatorial, o são-tomense e o angolar são falados em São Tomé e o principense em Príncipe.

O universo lingüístico do arquipélago de São Tomé e Príncipe é composto por quatro crioulos de base lexical portuguesa, sendo o quarto falado na ilha de Anobom e por três outras línguas como descrevemos na tabela 1 (Grimes, 1996):

(tabela 1)

QUADRO LINGÜÍSTICO DO ARQUIPÉLAGO				
ETNIA	LÍNGUA MATERNA	AFILIAÇÃO LINGÜÍSTICA	POPULAÇÃO	%
MESTIÇOS DE SÃO TOMÉ	SÃO-TOMENSE	CRIOULO PORTUGUÊS	111 000	81,7%
ANGOLARES	ANGOLAR	CRIOULO PORTUGUÊS	5 000	3,7%
MESTIÇOS DE PRÍNCIPE	PRINCIPENSE	CRIOULO PORTUGUÊS	4 000	2,9%
MESTIÇOS DE ANOBOM	FA D'AMBU	CRIOULO PORTUGUÊS	2.500	1,5%
FANGS	FANG	LÍNGUA BANTU	12 000	9,5%
PORTUGUESES	PORTUGUÊS	LÍNGUA ROMÂNICA	2 580	1,9%

Existem em São Tomé e Príncipe três crioulos: ngola (o angolar), crioulo dos Angolares, povo de pescadores, descendente de escravos naufragados de um navio que os transportava de Angola; o forro (são-tomense), crioulo local de uma população cujos antepassados são africanos a quem foi concedida Carta de Alforria e por isso designados de os Forros (libertos), bem como o lung-ie (principense), crioulo dos Minuies, originários da ilha do Príncipe.

Na ilha de Anobom, os anoboneses falam entre si fa d'ambu mas aprendem o espanhol na escola. A língua da ilha provém dos escravos de São Tomé, que foram transportados para Anobom, quando a ilha estava ainda sob domínio português. Em 1778, durante o tratado de Prado, Portugal cedeu à Espanha as ilhas de Fernando de Pó (atual Bioko) e de Anobom assim como o território de Mumi (atual Mbini) no continente. Em razão da distância entre São Tomé e Guiné Equatorial, o crioulo fa d'ambu se desenvolveu de maneira autônoma, sem muita influência externa. Atualmente, a maioria dos anoboneses é de bilíngües em fa d'ambu-espanhol (Grimes 1996).

O português é a língua oficial de São Tomé e Príncipe. A maioria dos são-tomenses fala o português como segunda língua. Ele é a língua materna de apenas europeus descendentes de portugueses que representam 2,9% população.

Ao lado do português padrão, desenvolveu-se um português são-tomense que se caracteriza por modificações do português padrão e uma estrutura gramatical e morfológica semelhantes às do crioulo.

O fang é uma língua bantu do Gabão, chamada também pamué ou pahoun. Esta língua é falada por cerca de 12 000 pessoas na ilha de São Tomé, mas por pelo menos 35 000 falantes na Guiné Equatorial, 427 000 no Gabão, 67 800 em Camarões e alguns milhares no Congo Brazaville, por aproximadamente 850 000 falantes. Muitos dos fangs são trabalhadores vindos à procura de emprego no arquipélago.

- Política lingüística: o Estado de São Tomé e Príncipe não dispõe de política lingüística a não ser “a não intervenção”, salvo no que diz respeito à língua portuguesa no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Desde a proclamação da independência, os dirigentes políticos de São Tomé e Príncipe privilegiaram a língua que lhes parecia a única imediatamente disponível e operacional: a língua

do colonizador, o português. De qualquer maneira, eles não poderiam fazer outra coisa, visto que nenhuma das outras línguas em uso podia assegurar a substituição.

Enquanto o português é a língua oficial do país, língua do trabalho, da administração e da comunicação internacional, as outras são línguas nacionais usadas como meio comunicação entre grupos ou etnias.

A totalidade da população fala e estuda o português, língua oficial do país. Os contatos assíduos com estrangeiro se traduzem na aprendizagem de outras línguas: francês, inglês, espanhol. A convivência de hábitos, usos e costumes de povos de origem tão diversa e provenientes de espaços socioculturais e territoriais tão longínquos, promoveu durante séculos a riqueza e variedade da cultura são-tomense.

Além dessas considerações lingüísticas, vale acrescentar o aspecto cultural, visto que língua e cultura são intimamente interligadas a ponto de afirmar que “a língua é espelho da cultura”.

- Aspectos culturais: a vida cultural são-tomense é marcada por um passado que mistura as origens portuguesas e africanas. Dessa união nasceu uma cultura colorida e variada, a meio caminho entre a África e a Europa.

Existe uma tradição oral bem enraizada que se caracteriza por fábulas e contos (soia) tendo como principal personagem, a tartaruga. A poesia é oral e está intimamente ligada à música. Ela é expressão poética do aspecto das culturas africanas como podemos perceber no poema “Caminhos” de Tomaz Medeiros abaixo:

“Irei
De tam-tam
 em tam-tam
Irei
Desafiar os mais trágicos destinos,
À campa de Nhana, ressuscitar o meu amor
Irei.”

Mata (1993: 65).

A cultura são-tomense é muito rica. Nas expressões musicais em que os ritmos musicais africanos se misturam com a harmonia melódica da música europeia, principalmente a portuguesa, o que produz um efeito admirável. O socopé é a dança são-tomense mais bela e mais popular.

As festas populares e religiosas e as procissões votadas a diferentes santos projetam uma cultura católica, refletindo a variedade das cores e a vocação festiva das ilhas.

Os populares honram os santos padroeiros e em ocasiões festivas, transportam-nos pelas ruas cantando e dançando. Constituem momentos de veneração, mas também de brincadeiras em que o povo exprime a sua alegria de viver, o apego à sua cultura e o amor aos rituais.

As manifestações religiosas são imensamente complexas. Elas têm origem nos mais variados credos e se considerarmos a gama de indivíduos de várias origens, vindos para São Tomé e Príncipe, facilmente encontraremos a explicação para este fato.

Distinguem-se, contudo, duas tendências religiosas acentuadas: a animista e a católica.

Embora o catolicismo tenha sempre influenciado uma sociedade muito religiosa, a liberdade de culto e de religião contribuiu para maior representatividade de outras igrejas e associações religiosas. O animismo está, no entanto, presente nas ilhas. Assim, o povo respeita os

curandeiros, os ritos e as manifestações por eles promovidos. Os Diambis³ são bastante concorridos por pessoas de todas as camadas sociais.

O bem e o mal são atribuídos ao feitiço. Segundo eles o corpo é feito de barro e se desfaz, e a alma é invisível e aspira à bem-aventurança eterna. Há por isso um sacro respeito pelos mortos.

Embora constituídos por uma amálgama de crenças, são bem característicos os ritos funerários que constituem um verdadeiro culto dos mortos.

Depois do falecimento, os indivíduos que estão em vigília saem do quarto em grande gritaria para não interromper a saída da alma do defunto. Diz-se que sempre que alguém morre seria bom queimar-lhe a cama para que não volte a esse mundo. Algum tempo depois, as pessoas começam a entrar no quarto. Elas vão comendo a cola e bebendo genebra enquanto começa o elogio fúnebre, que consiste em ressaltar as boas qualidades do morto.

O cadáver é lavado e vestido, e na parede é colocado um pano preto sob um crucifixo, perante o qual todos se ajoelham e rezam. Durante o transporte do morto, que é colocado num caixão, sua família se despede beijando-lhe o pé. Após a retirada do caixão do quarto para o quintal, todos se dirigem à igreja, rapidamente e em gritos. Voltam em seguida e formam uma fila ao lado do caixão, que é levado e sepultado, em grande silêncio por vezes cortado por espremidos soluços. Nessa mesma noite começa o nojo (nosada)⁴ que se prolonga por trinta dias. Após o regresso, as pessoas que entram no quarto mortuário, não pronunciam uma única palavra antes de ajoelharem diante do crucifixo e rezarem pela alma do defunto. O sétimo dia do falecimento é conhecido como "funeral", porque nesse dia se celebra uma missa pela alma do falecido. O nojo nesse dia assemelha-se a uma grande festa.

Essa mística religiosa manifesta-se em muitos atos da vida. Assim, segundo a tradição, quando nasce uma criança, empregam-se todos os meios para livrá-la do feiticeiro, que à noite

³ São práticas animistas nas quais as pessoas, ao redor de uma fogueira, bebem, comem e dançam esperando soluções para seus problemas sociais, econômicas e espirituais,

⁴ Nosada, do português nojo, é um ritual fúnebre realizado na noite anterior à missa do sétimo dia.

costuma ir à cama chupar-lhe o sangue. São amarrados ao pescoço da criança pedacinhos de paus e folhas que afugentam os feiticeiros. A criança é passada de colo em colo toda a noite porque se estivesse na cama um momento logo o feitiço entraria nela. Debaixo do leito é colocada uma panela de barro cheia de azeite de palma, para que as bruxas em vez de sangue de criança chupem o azeite.

Quando doentes, as pessoas comumente se dirigem ao curandeiro, que, inspirado pelos deuses, deve salvá-las a todo custo.

O doente tem invariavelmente o corpo cheio de bichos, que o Mèssè (curandeiro) se propõe a tirar através de ritos mágicos muito bem ensaiados. Em caso de doenças graves, o Mèssè recorre ao espelho, enquanto reza estranhas orações que só ele entende. Aos doentes são ministradas raízes e cascas de árvores. Acontece algumas vezes de aqueles conseguirem livrar-se do cemitério. Há ainda o "especialista" em análises de urina que, por meio de orações e outras práticas, detecta o mal de que o doente está afetado e por vezes diagnostica a evolução da doença.

É apreciável o espírito profundamente místico de que estão impregnados todos esses atos. Mas com o aumento da escolarização, ou melhor, da modernidade, a feitiçaria foi perdendo o seu vigor, embora se verifiquem ainda muitos casos de profunda crença nessas práticas.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DA PESQUISA

2.0. Introdução

O presente capítulo pretende mostrar a metodologia usada na coleta de dados que servirão de base para descrever e interpretar a fonologia das quatro variedades lingüísticas em estudo. Ele está dividido em duas partes: a primeira traz as informações acerca dos informantes e a segunda trata da coleta de dados.

2.1. Informantes

Para se levantar o inventário fonético de uma língua, o número ideal de informantes é o máximo que se pode conseguir, pois diferenças de sexo, faixa etária e grau de escolarização, entre outras, permitem o aprendizado de diferentes produções orais (Tarallo, 1989:21-22). Assim, o critério mais importante para a escolha dos informantes é ser falante nativo do são-tomense, do angolano, do principense ou do fa d'ambu, independentemente de sexo. Conforme mencionado na introdução, essas variedades lingüísticas são faladas no Golfo da Guiné.

Os informantes residem na cidade de Brasília. Por se tratar de uma cidade administrativa e política (sede de embaixadas), Brasília se tornou ponto de encontro de várias nacionalidades. O intercâmbio cultural que o Brasil mantém com os diversos países do mundo facilitou muito o nosso trabalho. Assim, estudantes e ex-estudantes da Universidade de Brasília se dispuseram a nos ajudar na realização da pesquisa.

Participaram da pesquisa, ao total, seis pessoas todas de São Tomé e Príncipe. Elas estão repartidas por ilha, portanto, por língua. Todos falam mais de uma língua, sendo um crioulo, a língua da ilha, e o português, a língua oficial do país. Mas, um caso surpreendente é que todo falante do são-tomense é bilíngüe em português e em são-tomense, o do angolano fala português, angolano e são-tomense e o do principense fala português, principense e são-tomense.

Foram três informantes para o crioulo são-tomense:

- *Leovegildo Martins Rodrigues* de 26 anos, nascido na ilha de São Tomé e falante nativo do crioulo são-tomense. Afirmou que fala raramente o são-tomense. Ele acredita que o português é um meio de comunicação entre pessoas que não partilham o mesmo crioulo.

Chegou ao Brasil em março de 2005 e estuda na Universidade de Brasília cursando Relações Internacionais. Mora com três colegas, todos da ilha de São Tomé e falantes do são-tomense. Mesmo tendo uma língua em comum (o são-tomense), eles se comunicam somente em português, língua oficial do país.

- *Camila Da Costa Sousa Pintes*, 25 anos, nasceu em São Tomé no Distrito de Água Grande. Afirmou que gosta muito da língua, mas usa mais o português. Em casa, ela fala mais português com os pais. Eles mudam de português para o são-tomense, quando chega uma visita que tem cinquenta anos para cima. Ela disse que falava mais o são-tomense quando sua avó estava viva. Isso mostra que o crioulo são-tomense é mais falado por pessoas mais velhas.

Camila chegou ao Brasil em agosto de 2005. Ela estuda na Universidade de Brasília, cursando Ciências Econômicas. Mora com três colegas, uma falante do angolar e outra do principense. Elas se comunicam em português e afirmam poder se comunicar sem nenhum problema de compreensão cada uma usando sua variedade crioula.

- *Julwaity Quaresma Cardoso Pimental Neto* tem 23 anos e é falante nativo do são-tomense. Ele disse que o são-tomense é hoje falado principalmente por pessoas mais velhas. Quanto aos mais jovens, eles tendem a usar mais o são-tomense acroletal que está sofrendo muitas influências do português.

Ele chegou ao Brasil em agosto de 2005 e cursa Letras Tradução - Inglês na Universidade de Brasília. Mora com mais três colegas todos da ilha de São Tomé, portanto, falantes do crioulo

são-tomense. Em casa, eles preferem falar português em detrimento do são-tomense, que consideram uma língua de velhos.

- Para a variedade crioula angolara, só participou uma informante: *Ilisia D'Apresentação Delgado*, 25 anos. Ela nasceu na ilha de Príncipe e é falante nativa do angolara. Como qualquer jovem de São Tomé e Príncipe, ela fala mais o português mesmo em casa como seus pais.

Ilisia chegou ao Brasil em março de 2004. Ela estuda na Universidade de Brasília, cursando Relações Internacionais. Mora com colegas, uma de Príncipe e a outra da ilha de São Tomé. Mesmo podendo se comunicar cada uma usando a sua língua, elas preferem falar o português.

Assim como o angolara, participou também da pesquisa uma informante para o principense: *Jéssica Da Mata dos Santos Monteiro* de 25 anos de idade. Ela nasceu na ilha de Príncipe. Afirma falar raramente o principense em casa. Normalmente, ela usa a língua portuguesa, salvo em caso de interação com pessoas mais velhas que têm preferência pelo crioulo.

Jéssica está no Brasil desde março de 2004. Ela estuda na Universidade de Brasília, cursando Agronomia. Mora com três colegas, todas falantes de crioulo, mas que preferem falar português. Disse que lamenta muito o fato de os jovens de São Tomé e Príncipe não se comunicarem em crioulo. Disse também que o governo deveria ter uma política lingüística para uma preservação das línguas crioulas.

Os informantes acima citados são falantes do são-tomense, do angolara e do principense. No que diz respeito à quarta variedade lingüística em estudo, o *fa d'ambu*, tivemos muitas dificuldades em encontrar falantes nativos em Brasília. Desta forma, tivemos que recorrer a uma pesquisa bibliográfica para coletar os dados. Serviram de base para a pesquisa sobre o *fa d'ambu*, trabalhos de Barrena (1957), Post (1995) e Grimes (1996).

2.2. Coleta de dados

Como se viu, a coleta dos dados que serviram de base para a análise fonológica dos crioulos do Golfo da Guiné, teve duas fontes principais: uma bibliográfica e uma pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica baseou-se em trabalhos publicados sobre os crioulos em estudo. São eles: *The creole of São Tomé de Ferraz* (1979), *Das portugiesische Kreolich deer Ilha do Principe de Günther* (1973); *The Angolar Creole portuguese of São Tomé: Its Grammar and Sociolinguistic History* de Lorenzino (1998); *L'Angolar: Un créole Afro-portugais parlé à São Tomé* de Maurer (1995) e *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique* de Rougé (2004). Foram levantados nesses trabalhos, palavras como frases que foram checados juntos aos falantes nativos das respectivas línguas crioulas que se encontram em Brasília.

Para a análise dos dados, utilizamos uma metodologia de cunho estruturalista que consiste, em um estágio inicial, em descrever as variedades lingüísticas em estudo. O estruturalismo é uma corrente lingüística que volta as atenções para inventários de elementos e exame de variantes contextuais. Ele deriva as regras de um conjunto de dados, conhecido entre os lingüistas como corpus, que pode ser uma coleção de diálogos, amostras de orações, que são gravados em fitas magnéticas; uma coleção de cartas, artigos e livros escritos por autores diversos. No caso específico desta pesquisa, a proposta é observar comunidades falantes das variedades dos crioulos do Golfo da Guiné e registrar a realidade fônica dos informantes para, enfim, proceder a uma análise fonológica dos dados.

Para as transcrições dos dados coletados, adotamos a norma do Alfabeto Fonético Intercional IPA (International Phonetic Alphabet) segundo a qual, sempre que possível, deve-se registrar os dados em fitas de áudio e/ou de vídeo, para que o pesquisador tenha um registro fiel e permanente do corpus a ser utilizado na pesquisa, e possa a ele recorrer para estudo e para certificar-se da exatidão das suas transcrições fonéticas e de suas observações. Nesse mesmo

aspecto, Pike (1947: 67) sugere, quanto aos procedimentos preliminares de análise, o registro, da melhor maneira possível, da língua com a qual se está trabalhando, mediante símbolos fonéticos.⁵

A língua é antes de tudo a fala; a escrita é apenas uma representação secundária da fala. Assim, na análise lingüística, os estruturalistas iniciam uma forma mediante a qual se atinge o significado. Sua técnica de investigação consiste em colecionar dados, analisá-los, e em seguida relatar os resultados. Os estruturalistas procuram, assim, produzir uma análise sistemática dos enunciados proferidos por falantes nativos. Desse modo, nas sessões de entrevista que ocorreram entre maio de 2003 e dezembro de 2004, concomitantemente à gravação em áudio dos dados das três variedades, procedemos então à sua transcrição fonética, usando os símbolos do IPA e fomos checando os dados na medida em que a comunidade estudantil crescia.

Todos os encontros foram feitos com hora marcada, pois os informantes são estudantes. A coleta foi realizada separadamente, em função de cada variedade. Nas duas primeiras sessões, limitamo-nos a conversar sobre generalidades, tais como o povo, a cultura e principalmente a questão sobre a polêmica quanto à descoberta ou conquista de São Tomé e Príncipe. Nessa etapa, não gravamos nada, limitamo-nos a fazer apenas anotações. Nos encontros subsequentes, dedicamo-nos somente à coleta de dados. Apresentávamos aos informantes uma lista de palavras em português para que estes dessem os equivalentes nas variedades que falam. Os informantes pesquisados manifestaram interesse em conhecer melhor o trabalho que estava sendo realizado sobre sua cultura. Revelamos-lhes, então, o nosso interesse em estudar as suas variedades. Nesse estágio, o envolvimento dos pesquisados com a pesquisa era visível, demonstrando estarem envaidecidos pela colaboração, por participar do nosso projeto, e mostrando disposição em ser nossos informantes. Eles ficaram também admirados com a nossa iniciativa de descrever línguas que são hoje faladas apenas por pessoas mais velhas.

Por se tratar de jovens, percebemos que muitas palavras ligadas ao mundo sofrem um processo de aporuguesamento como, por exemplo, o “trem” encontrado por Lorenzino na forma de [kumbɔi] é [trẽ] para Ilísia, a informante do angolar. Todos os informantes disseram que o

⁵ Record as best as you can with phonetic symbols the language upon you are working.

crioulo que eles falam é menos puro em relação ao dos mais velhos. Com base nos depoimentos dos informantes, podemos pressupor para posterior confirmação que os crioulos do Golfo da Guiné apresentam duas variedades: a basital e a acroletal. Eles afirmam que a primeira, mais conservadora, é utilizada pelos mais velhos, nas cidades do interior país, enquanto para a segunda, mais próxima ao português, é falada pelos jovens.

Os meses dedicados à coleta de dados culminaram com um número significativo de dados que nos permitiram obter uma amostra valiosa sobre o sistema fonológico das três variedades em estudo. Mesmo após esses meses de coleta, mantivemos o contato com os informantes para tirar algumas dúvidas sobre a nossa análise como, por exemplo, a questão das consoantes pré-nasalizadas que podem ocorrer tanto no início como no final de palavra. Muitas dessas dúvidas foram resolvidas junto aos informantes.

Os módulos dessa tese consistem em vocábulos de diferentes áreas. Assim, o corpus final é formado principalmente de palavras isoladas e de algumas frases e textos como narrativas. Ele está disponível no final do trabalho como anexo e servirá de base para a análise fonológica dos crioulos do Golfo da Guiné.

Finalmente, proceder-se-á a uma análise dos dados por meio dos postulados da metodologia descritiva do estruturalismo norte-americano baseada em Pike (1947) e Troubetzkoy (1972) (para a análise fonêmica), e Clements & Keyser (1985) (para a análise da sílaba).

CAPÍTULO III

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

3.0. Introdução

Neste capítulo, pretendemos expor as teorias lingüísticas que servirão de base à análise dos dados dos crioulos são-tomense, angolares, principense e fa d'ambu. Tomamos por base teórica o estruturalismo descritivo norte-americano para a análise dos segmentos fonêmicos das variedades lingüísticas em questão, tendo como pano de fundo os procedimentos metodológicos sugeridos por Pike (1947) que se encontram também em Couto (1997). Quanto à análise da sílaba, baseamos a nossa argumentação nas teorias fonológicas auto-segmentais de Clements & Keyser (1985) e de Goldsmith (1990). Adotamos o modelo dos constituintes, proposto por Pike (1947) e depois formalizado por Goldsmith (1990), o qual reconhece a existência de uma estrutura interna na sílaba.

3.1. Considerações sobre o estruturalismo

3.1.1. Conceito e aplicação do estruturalismo

O estruturalismo, também conhecido por estruturalismo descritivista é uma corrente lingüística que faz uma descrição de uma língua. O Estruturalismo foi um movimento europeu que permeou as ciências humanas. Ele tem suas raízes no início do século XX quando Ferdinand de Saussure produziu uma verdadeira revolução na lingüística teórica com a publicação de sua obra póstuma feita por seus alunos, *Curso de lingüística geral*. O objetivo primeiro do estruturalismo é coletar dados e examiná-los, na tentativa de derivar as regras de um conjunto de dados, tendo sempre a fala como ponto de partida.

Para um estruturalista, a linguagem desempenha uma função central. E foi o suíço Ferdinand de Saussure o primeiro a estabelecer que a linguagem humana é composta de dois aspectos fundamentais: a língua e a fala. De acordo com ele, a língua é social e coletiva, enquanto a fala (o uso da língua) é individual, representando uma realização concreta da língua em um

momento e lugar determinados. Em outras palavras, a linguagem é composta por duas partes: uma essencial, que tem por objeto a língua, social em sua essência e independente do indivíduo; outra, secundária, que tem por objeto a parte individual da linguagem. Língua e fala são dois termos interdependentes. A língua é ao mesmo tempo o instrumento e o produto da fala. Esses dois termos constituem a linguagem humana: a língua representa o código comum de comunicação entre todos os membros de uma comunidade; a fala, por sua vez, é a materialização da língua usada por cada indivíduo dessa comunidade. Essa dicotomia saussureana é o ponto de partida para tratar de fonética e fonologia.

3.1.2. Considerações preliminares sobre fonética e fonologia

A principal preocupação dos lingüistas era estender à parte sonora da linguagem as idéias de Saussure, mantendo a dicotomia *langue/parole* e estabelecendo o fonema como uma unidade mínima operacional e suas variações fonéticas.

No processo de comunicação, emitimos uma série de sons, porém esses não são realizados de uma mesma maneira por todos os membros de uma comunidade lingüística. Do mesmo modo, os sons são produzidos no aparelho fonador em diferentes pontos do trato bucal, além de poderem estar condicionados por determinados contextos que os rodeiam.

Dentro de uma perspectiva de contextualização histórica, foi proposta, durante o Primeiro Congresso Internacional de Lingüistas em 1928, a criação de dois estudos distintos: a fonética, como ciência natural, e a fonologia, como uma parte lingüística que trata da função dos traços fonéticos em uma língua.

A fonética e a fonologia como disciplinas diferentes operam com seus próprios métodos. No entanto, elas se inter-relacionam em seu valor e desenvolvimento. A fonética é a ciência do aspecto material dos sons da linguagem humana, estuda os aspectos físicos da fala, ou seja, as bases acústicas relacionadas com a percepção dos sons, e as bases fisiológicas relacionadas com a produção dos mesmos. A fonética estuda os sons da fala independentemente da função que eles possam desempenhar numa determinada língua. A fonologia, por sua vez, estuda as diferenças

fônicas correlacionadas com as diferenças de significado como, por exemplo, o par de palavras do são-tomense [[p]ali] “parir”, [[b]ali] “varrer”). Ela estuda os sons segundo sua função na significação e a sua inter-relação significativa para formar sílabas, morfemas e palavras. A fonologia relaciona-se também com a parte da teoria geral da linguagem humana concernente às propriedades universais do sistema fônico das línguas naturais, ou seja, referente aos sons que podem ocorrer nas línguas. Há uma total interdependência entre a fonética e a fonologia. Não se pode descrever a fonologia de uma língua sem tratar da fonética e vice-versa. Assim, descrever a fonologia de uma língua implica necessariamente passar pela fonética. Um dos objetivos da fonologia relaciona-se ao desenvolvimento de ortografias, isto é, ao uso de um alfabeto para representar a escrita de uma língua. A relação íntima entre a estrutura fonológica de uma língua e o sistema de escrita encontra-se no livro de Pike (1947), intitulado *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Neste livro, encontra-se uma proposta elementar de análise fonêmica de línguas. O objetivo fundamental dessa publicação é capacitar o pesquisador de lingüística nas técnicas de análise fonológica, para que ele possa descobrir os fonemas de uma determinada língua e posteriormente propor uma escrita.

Nos estudos de fonética e fonologia, o estruturalismo é uma corrente lingüística inseparável da constituição da fonologia, que continua sendo para ele um domínio privilegiado, uma vez que nele as unidades parecem ter exclusivamente uma função distintiva. Foi Nicolas Sergueievitch Troubetzkoy, em *Principes de phonologie* 1939, quem lançou as bases da fonologia, considerada uma ciência lingüística, ao contrário da fonética que estuda os sons na sua substância material, enquanto objetos físicos. Esta fonologia assume como objeto os *fonemas* ou sons que possuem um valor distintivo numa determinada língua. Os estruturalistas, por sua vez, têm definido o fonema como um feixe de traços distintivos e cada traço compõe o feixe operando em oposição a um outro traço componente de outro fonema.

Como se sabe, o conceito mais aceito de fonema está vinculado ao princípio da oposição, que surgiu da lingüística estruturalista. Com efeito, o fonema só é entendido como entidade autônoma significativa porque se distingue de outro dentro do mesmo sistema fonológico. Assim, em *fa d’ambu*, o /v/ da palavra [veiu] “velho” é um fonema sonoro porque ele se opõe ao correspondente surdo /f/ em [feiu] “feio”.

Para melhor entender os níveis de representação fonética e fonológica, apresentamos a seguir as regras básicas para a identificação dos fonemas de uma língua.

3.1.3. Regras para a identificação dos fonemas

Segundo Couto (1997), uma análise fonêmica deve ter um inventário fonético (que lista todos os sons vocálicos e consonantais de uma língua) e um inventário fonológico (que lista os fonemas, alofones e informações complementares da língua a ser descrita, como, por exemplo, considerações sobre a estrutura silábica ou supra-segmental). A unidade mínima da análise fonêmica é o fonema, unidade que tem um papel contrastivo e concreto na investigação lingüística. Do ponto de vista metodológico, o status de unidade teórica do fonema permite a segmentação do contínuo da fala. Por exemplo, a palavra “pata” tem quatro fonemas: /ˈpata/. Tais unidades têm status independente na organização da cadeia sonora. Toda língua dispõe de um número determinado de unidades fônicas, cuja função é determinada pelo significado de uma palavra em relação à outra. Por exemplo, as palavras do são-tomense [maʃi] “mais” e [maʒi] “mas” diferenciam-se pelo uso de uma fricativa palatal surda [ʃ] em [maʃi] e de uma palatal sonora [ʒ] em [maʒi]. Esses tipos de unidades como /ʃ/ e /ʒ/, que permitem diferenciar significados, chamam-se fonemas. Deste modo, /ʃ/ e /ʒ/ são dois fonemas distintos da língua são-tomense. O fonema foi comparado ao átomo e, como se sabe, este era considerado indivisível, sendo assim também o fonema. Como o átomo, concluiu-se que o fonema também era divisível. A realização do fonema, seja por regionalismo, seja por posição, resulta no alofone. Pares mínimos caracterizam a oposição entre os fonemas, e os alofones caracterizam a variação expressa pela distribuição complementar.

De acordo com Pike (1947):

Não se pode realizar uma análise fonêmica apenas com dados fonéticos. Ela deve ser feita com dados fonéticos associados a uma série de procedimentos e de premissas fonêmicas. Os procedimentos são: (i) reação observável nos nativos a sons nativos, e (ii) fatos estruturais sobre a natureza fonética dos sons e sua distribuição. Esses procedimentos, pelo menos para fins práticos,

são apropriados para chegar-se a resultados em uma língua desconhecida, de modo que os resultados seriam paralelos⁶.

Uma análise fonológica deve levar em consideração uma relação de contraste ou de complementação entre os sons de uma língua. O contraste entre dois sons se dá quando a diferença fonética corresponde a uma diferença de significado ou estrutura gramatical, como se pode ver no seguinte exemplo do angolar em que os fonemas /t/ e /d/ contrastam em palavras como [teθe] ‘tecer’ e [deθe] ‘descer’. A complementação, por sua vez, descreve o arranjo distributivo de dois ou mais sons que são pronúncias alternantes (ou variantes) de uma só unidade distintiva. Podem ser posicionais, como o caso dos glides [u] e [i] que, na maioria das línguas do mundo, podem ter valor consonantal em posição pré-vocálica como em [kwas] ‘oito’ e [pje] ‘sobre’ da língua manjaca, e valor vocálico como em [mtɔu] ‘leite’ e [nantɔi] do manjaco também; variantes regionais como [s] e [ʃ] que, na coda da sílaba do português, podem se alternar de acordo com o dialeto; ou ambientais como /t/ que, em certas regiões do Brasil, realiza-se como [tʃ] antes da vogal anterior alta /i/ e como [t] nos demais ambientes.

Um dos objetivos da fonologia é estabelecer os sistemas fonológicos das línguas, ou seja, o conjunto de elementos abstratos relacionados entre si que o falante utiliza para discriminar e delimitar as unidades significativas de sua língua. Chega-se a descobrir e fazer explícitos esses sistemas por meio da identificação dos fonemas - que é feita de acordo com uma série de testes. Os fonemas ocorrem em seqüências lineares, combinando-se entre si de acordo com as regras fonológicas de cada língua. No estruturalismo norte-americano, o fonema é uma classe de fones a que só se chega através de procedimentos analíticos. O processo utilizado para definir a relação existente entre sons, isto é, quais são fonemas distintos e quais são alofones complementares ou livres, é baseado nos quatro princípios estabelecidos por Pike (1947) e que se encontram em Couto (1997:29-30). De acordo com este autor, deve-se levar em conta, em todos os momentos da análise, os dois princípios a seguir:

⁶ “Phonemic analysis cannot be made with phonetic data alone: it must be made with phonetic data plus a series of phonemic premises and procedures. The procedures, for practical purposes at least, are best designed to give results, in an unknown language, of type which would parallel (1) observable native reaction to native sounds, and (2) structural facts about the phonetic nature of the sounds and their distributions”.

(a) Todo som representa um fonema independente, a não ser que se consiga provar o contrário;

(b) Nada do que é dado automaticamente pelo contexto tem valor fonológico.

Segundo o princípio (a), só se deve suspeitar se dois sons são alofones (livres ou combinatórios) de um só fonema se forem muito semelhantes do ponto de vista articulatorio e acústico, como afirmam Troubetzkoy e Pike, ou se estão aparentemente em distribuição complementar. O princípio (b) leva a considerar como variante de determinado fonema todo som que resultar da influência de sons vizinhos. Tendo em vista esses dois princípios, vejamos as regras sugeridas por Pike (1947: 57-173) e Troubetzkoy (1970: 47-69) para uma análise fonológica (também chamada de análise fonêmica pelos estruturalistas norte-americanos). Vejamos as quatro regras para a análise fonológica.

Regra 1: Separar fonemicamente segmentos similares que contrastam⁷ em ambientes idênticos. Dados dois sons, se a substituição de um pelo outro resultar numa diferença lexical, então esses sons podem ser considerados como fonemas distintos. Para que esse teste seja operacional, precisamos de pares mínimos, ou seja, de dois itens lexicais idênticos, que se diferenciam apenas num elemento da seqüência.

Exemplos do são-tomense:

[p] e [b] em [kapa] ‘capar’ e [kaba] ‘acabar’

[f] e [v] em [flɛga] ‘esfregar’ e [vlɛga] ‘vergar’

[e] e [ɛ] em [petu] ‘peito’ e [pɛtu] ‘perto’

[m] e [n] em [kama] ‘cama’ e [kana] ‘cana’.

Regra 2: Separar fonemicamente segmentos similares que contrastam em ambientes análogos. Às vezes é impossível encontrar pares mínimos para postular fonemas. Nesses casos, buscam-se pares que contrastem em ambientes análogos. Assim, dois itens lexicais ocorrem em ambientes similares, mas não idênticos, desde que as diferenças entre os sons não sejam atribuídas aos sons vizinhos. Um exemplo para demonstrar o contraste fonêmico em ambiente

⁷ O termo “contrastar”, aqui, significa trocar um som por outro, em ambiente idêntico ou semelhante.

análogo entre [s] e [z] é o par de palavras “sumir/zunir”. Note-se que em “sumir/zunir”, além da diferença segmental de [s] e [z], temos a diferença entre [m] e [n] precedendo a vogal tônica. No entanto, não se pode atribuir a diferença de sonoridade ao ambiente.

Regra 3: Unificar fonemicamente segmentos similares que se encontram em ambientes mutuamente exclusivos. Essa terceira regra diz respeito à regra de distribuição complementar que estabelece que, se dois sons ocorrem em ambientes mutuamente exclusivos, eles podem ser considerados como alofones de um mesmo fonema. Exemplos: [tʃ] e [t] nos vocábulos [tʃidu] ‘tido’ e [tudu] ‘tudo’ e [tabua] ‘tábua’, estão em ambientes complementares.

Regra 4: Unificar fonemicamente segmentos similares que flutuam livremente mas não contrastam. “Flutuar” significa que o falante pode usar um ou outro sem mudar o sentido da palavra. Isto é, quando um falante pode usar dois ou mais alofones no mesmo contexto sem destruir a identidade dos itens lexicais em questão, diz-se que os sons são variantes de um mesmo fonema. Assim, no crioulo angolar, os sons [d] e [r] ocorrem em variação livre como, por exemplo, nas palavras:

- [dema] ~ [rema] ‘pesado’;
- [dana] ~ [rana] ‘dancar’;
- [dɛdu] ~ [rɛru] ‘dedo’.

Além das regras acima referidas, convém tratar aqui da simetria fonológica e do princípio de neutralização e arquifonema que achamos ser de fundamental importância para a análise dos dados.

No que diz respeito à primeira observação, os sistemas fonológicos das línguas tendem a uma simetria. Por exemplo, se no inventário fonético de uma língua houver a ocorrência dos segmentos oclusivos surdos [p, t, k] e seus correspondentes sonoros [b, d, g], e na análise fonológica comprova-se que [p], [b], [t], [d] são fonemas distintos /p/, /b/, /t/ e /d/, então, pelo princípio de simetria, poder-se-ia supor que os sons [k] e [g] também sejam fonemas distintos, mesmo que não tenhamos encontrado pares mínimos.

O conceito de neutralização foi introduzido e desenvolvido na década de 1930 pelos lingüistas do leste europeu ligados à Escola de Praga, especialmente o lingüista russo Nicolai Trubetzkoy. Assim, entende-se por neutralização o desaparecimento de um contraste fonológico numa posição particular. Em português, por exemplo, existem os dois fonemas /s/ e /ʃ/ por distinguirem um certo número de pares mínimos tais como [asa] ‘assa’ e [aʃa] ‘acha’. Contudo, esses dois fonemas não contrastam em posição de coda. Assim, em português, não há como distinguir duas palavras diferentes como [pasta] e [paʃta] ‘pasta’, [kazas] e [kazaʃ] ‘casa’.

Nessa posição, afirmamos, portanto que o contraste entre /s/ e /ʃ/ é neutralizado: já não há contraste aqui; nessa posição /s/ e /ʃ/ já não podem ser usados para distinguir pares de palavras.

Quando, por necessidade de transcrição, refere-se em conjunto a todas as possibilidades de pronúncia decorrentes de uma neutralização fonêmica, opta-se por um símbolo representativo de um arquifonema, assim entendido como uma entidade abstrata resultante da neutralização. Portanto, o arquifonema expressa a perda de contraste fonêmico, ou seja, a neutralização – de um ou mais fonemas em um contexto específico. Diz-se, desta forma, que há neutralização dos fonemas /s/ e /ʃ/ em posição de coda em português. Para representarmos a consoante que ocorre em posição final de sílaba - que corresponde a um dos segmentos /s,ʃ/ utiliza-se o símbolo /S/ o qual representa um arquifonema, como podemos ver nos exemplos abaixo:

“pista” [pista] e [piʃta] = /piStɑ/

“cartas” [kartas] e [kartaʃ] = [kartaS/

A existência da neutralização é uma forte indicação de que a fonologia de uma língua tem a ver com o comportamento dos sons e com seu enquadramento num padrão, e não com seu valor fonético absoluto.

Podemos deduzir então que a alofonia consiste na ocorrência de dois sons distintos em face do mesmo fonema, ao passo que a neutralização resume-se na perda da distinção entre dois fonemas em dado ambiente fonológico. Se dois sons são cambiáveis sem jamais formarem um

par mínimo, estamos perante um caso de alofonia; se os sons normalmente formam par mínimo no sistema, mas em dado ambiente fonológico perdem valor distintivo entre si, então teremos um caso de neutralização.

Até o momento, foi discutido o tipo de relação que pode ocorrer entre dois fones distintos, concluindo que há duas possibilidades: ou eles são realizações do mesmo fonema ou não. Essa conclusão, no entanto, não se refere a todas as relações encontradas entre dois fones distintos nas línguas faladas no mundo. Isso porque uma observação mais atenta nos revela que a possibilidade existente de estabelecer contrastes entre dois fonemas diferentes pode não ser a mesma em todas as posições ou em todos os contextos.

3.2. Modelos fonológicos

Para estabelecer uma relação entre os níveis fonético e fonológico, e descrever e analisar como as línguas do mundo estruturam os sons da fala, surgiram posteriormente diferentes teorias fonológicas, entre as quais foram registradas duas grandes classes na evolução dos estudos sobre a fonologia das línguas: a dos modelos lineares e a dos modelos não-lineares.

Os principais modelos são os da fonologia auto-segmental, os da fonologia métrica, os da fonologia lexical e os da fonologia silábica. Todos esses modelos têm por base os trabalhos de Goldsmith (1990) sobre línguas tonais, principalmente as línguas africanas, que inauguraram os estudos auto-segmentais no contexto da fonologia gerativa, na segunda metade da década de 70.

3.2.1 Fonologia gerativa

Antes de tudo, é importante deixar claro que a fonologia gerativa clássica é linear. Os modelos lineares ou segmentais analisam a fala como uma combinação linear de segmentos ou conjuntos de traços distintivos, com uma relação de um-para-um entre segmentos e matrizes de traços, com limites morfológicos e sintáticos.

Até os anos 50, dominou de forma incontestável o estruturalismo nos estudos lingüísticos. Na virada dos anos 50 para os 60 sobreveio um movimento chamado gerativismo ou Gramática Gerativo-Transformacional (GGT) liderado pelo lingüista norte-americano Noam Avram Chomsky. É uma gramática gerativa porque permite, a partir de um número finito de regras, gerar um número infinito de seqüências que são sentenças, associando-lhes uma descrição. Na GGT, a gramática era composta por três componentes: a sintaxe (o componente central, gerador de cadeias ainda não interpretadas nem fonética nem semanticamente), a semântica (que atribuía um significado às cadeias geradas pela sintaxe) e a fonologia (que atribuía uma pronúncia a essas cadeias (Couto 1997: 33-34)).

Em 1968, foi apresentada por Chomsky e Halle a teoria fonológica gerativa com a publicação do *The Sound Pattern of English* (SPE), aplicando assim, no nível fônico das línguas, os princípios da gramática gerativa. O modelo-padrão da Fonologia-Gerativa (FG), como apresentada em *The Sound Pattern of English* (SPE), rejeita muitos conceitos metodológicos do Estruturalismo Americano e reorganiza o sistema da gramática. Os gerativistas usam ativamente as informações gramaticais na descrição dos fenômenos fonológicos. O componente fonológico é, então, definido como a parte da gramática que atribui uma interpretação fonética à descrição sintática. Esse modelo gerativo se diferenciou do modelo estruturalista principalmente por tornar a relação entre a representação fonológica e a produção fonética muito mais abstrata e por eliminar o “nível fonêmico”, que estabelece um nível separado para a relação entre fonema e suas variantes contextualmente especificadas.

Para o modelo gerativista, o “traço” é a unidade mínima que tem realidade psicológica e valor operacional, não reconhecendo uma entidade como o fonema. E em nenhuma das etapas de uma derivação se encontra ou é necessária uma unidade discreta como o fonema. As propriedades dos traços são definidas com base em duas características exigidas para a configuração do trato vocal na ocasião da produção dos sons da fala: *posição neutra* e *vozeamento espontâneo*. Chomsky e Halle (1968) tentaram juntar as propriedades articulatórias e acústicas quando elaboraram um conjunto de traços com uma feição fonética, representando as capacidades de produção da fala do aparato vocal humano e outra fonológica, identificando os itens lexicais das línguas e as diferenças entre si. Segundo os mesmos autores, pelo fato de a análise fonológica de

uma língua procurar generalizações, os segmentos deveriam ser agrupados em classes naturais, entendidas como aquelas que agrupam os sons por determinados traços que eles partilham. Assim, os segmentos oclusivos surdos do angolar /p/, /t/ e /k/ formam uma classe natural em oposição aos segmentos fricativos /f/, /s/ e /θ/ que formam também uma classe natural. Para agrupar os sons em termos de classes naturais, deve-se procurar pela estrutura interna desses sons, ou seja, pelos seus traços que servem não somente para agrupar os sons em classes naturais, mas também para diferenciar um fonema de outro, para deduzirmos que são traços distintivos (Bisol 1999: 15-16).

Definir os fonemas em termos de *traços* é um dos desenvolvimentos mais importantes da teoria fonológica. Um objetivo da teoria fonológica é identificar o conjunto de traços necessários para descrever os sons de qualquer língua para, assim, compreender melhor as fonologias das línguas faladas no mundo.

Pela teoria dos traços, cada fonema era definido com base em uma oposição binária: presença/ausência de determinado traço. Por sua vez, Chomsky e Halle (1968) propuseram um novo sistema de traços no SPE em que, para eles, os traços se caracterizam também por serem universais e opostos binariamente: presença/ausência de um determinado traço. Porém, os traços de Chomsky e Halle são definidos em termos articulatórios. No caso da propriedade de sonoridade, por exemplo, o segmento /p/ é [-vozeado] enquanto que o /b/ é [+vozeado]. A título de ilustração, apresentamos, a seguir, os segmentos /k/, /g/, /r/ e /u/ que correspondem ao resultado de coexistência dos traços que os caracterizam conforme as seguintes matrizes:

(tabela 2)

/k/	/g/	/m/	/u/
- sonoro	+ sonoro	+ sonoro	+ sonoro
- silábico	- silábico	- silábico	+ silábico
+ consonantal	+ consonantal	+ consonantal	- consonantal
- contínuo	- contínuo	- contínuo	- contínuo
- nasal	- nasal	+ nasal	- nasal
- alto	-alto	- alto	+ alto
- anterior	- anterior	- anterior	- anterior
+ coronal	+ coronal	+ coronal	+ arredondado

Segundo a proposta de Chomsky e Halle (1968), a binariedade ou relação de “um-para-um”, determina que o apagamento de um segmento acarretará o apagamento de toda a matriz que o identifica, uma vez que cada matriz de traços caracteriza exclusivamente aquele segmento. Essa é a principal característica do chamado modelo linear.

3.2.2. A fonologia pós-SPE: modelos lineares

Os modelos que seguiram a fonologia SPE são chamados de fonologia pós-SPE e também conhecidos por modelos não-lineares. Os modelos não-lineares ou pós-SPE, ao contrário dos lineares, vêem a fonologia de uma língua como uma organização em que os traços, dispostos hierarquicamente em diferentes “tiers” (camadas), podem estender-se aquém ou além de um segmento; podem ligar-se a mais de uma unidade. Podem também funcionar isoladamente ou em conjuntos.

Na verdade, as fonologias não-lineares são todas autosegmentais e, de algum modo, todas são silábicas. Todas elas trabalham com auto-segmentos e camadas próprias para explicar os processos fonológicos que ocorrem nas línguas. Em linhas gerais, a fonologia autosegmental é o modelo teórico que opera com auto-segmentos, além de segmentos completos e matrizes inteiras de traços; quer dizer, esse modelo permite a segmentação independente de partes dos sons das línguas.

Nos estudos que se seguiram à aplicação do modelo de Chomsky e Halle, mais conhecidos por fonologia pós-SPE ou modelos não-lineares ou autossegmentais, podemos distinguir as seguintes abordagens:

- Fonologia métrica,
- Geometria de traços,
- Fonologia silábica
- e a Fonologia lexical.

O reconhecimento das insuficiências da fonologia gerativa clássica ao nível de aspectos suprasegmentais (sílabas, acento, tom, duração) presentes nas línguas trouxe à tona a fonologia autossegmental e a geometria de traços.

3.2.2.1 Fonologia autossegmental

A tese de doutoramento de Goldsmith de 1976, publicada em 1979 na obra editada por Dinnsen *Current Approaches to Phonological Theory*, é entendida como a obra que lançou as bases da teoria auto-segmental.

Na fonologia autossegmental considera-se a existência de vários níveis, organizados hierarquicamente, nos quais se situam as unidades fonológicas - os segmentos ou cada um dos traços prosódicos - permitindo assim representar fenômenos fonológicos como a manutenção de um constituinte mesmo quando é suprimido o elemento segmental a que ele estava associado. Também os traços fonológicos que caracterizam o segmento podem ser estruturados em diversos níveis e manter uma certa autonomia, de modo a persistirem, ainda que o segmento a que pertencem seja suprimido. Esta aplicação da teoria autossegmental aos traços fonológicos, denominada geometria de traços, que permitiu uma nova concepção da organização interna dos traços, veio ainda evidenciar a naturalidade do funcionamento conjunto de certos grupos de traços distintivos.

A fonologia autossegmental permite a segmentação independente de partes dos sons da fala. Ela entende que não há uma relação de um-para-um entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza.

- a) os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento;
- b) o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

Goldsmith observou que em muitas línguas tonais, o apagamento de um segmento não implicava o desaparecimento do tom que recaía sobre ele, mas que esse tom podia espalhar-se para outra unidade fonológica.

A fonologia autossegmental passou a defender que o segmento apresenta uma estrutura interna, isto é, que existe uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua.

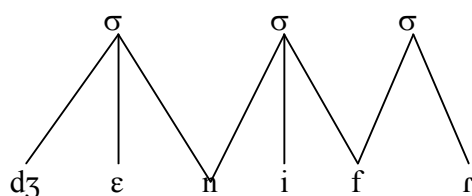
Na fonologia Autossegmental, os segmentos deixaram de ser entendidos como conjuntos desordenados de traços, e passaram a ser hierarquizados. Sendo estes traços dispostos em camadas – tiers – ligados por uma linha de associação. A partir da nova formalização, é possível distinguir três tipos de segmentos (Clements & Hume 1993: 9):

- a) Segmentos simples – quando há apenas um nó de raiz que é caracterizado por, no máximo, um traço de articulação oral. Exemplos: [p] e [k].
- b) Segmentos complexos – quando um nó de raiz é caracterizado por, no mínimo, dois traços diferentes de articulação oral, ou seja, quando o segmento apresenta duas ou mais restrições no trato oral. Exemplos: [kp] e [tp].
- c) Segmentos de contorno – quando existem seqüências de diferentes traços. Exemplos: [mb], [nd], [ŋg] e [dʒ].

3.2.2.2. A fonologia silábica

A noção de sílaba em fonologia já havia sido abordada há muito tempo por alguns autores de tendência estruturalista tais como Pike (1947). Na fonologia gerativa padrão, Kahn (1976) apresentou uma reformulação da sílaba propondo que a noção de representação fonológica, apresentada por Chomsky e Halle (1968), seria suprimida se fosse ampliada por meio da introdução de uma camada silábica, como mostra a representação na figura 1:

(figura 1)

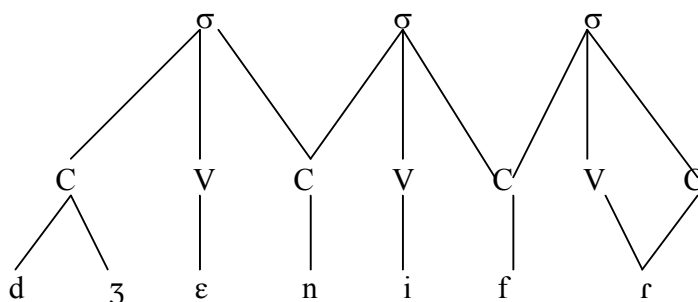


(Clements & Keyser, 1985:3)

Nessa representação, proposta por Kahn (1976), o símbolo σ representa o nó sílaba e é diretamente ligado ao segmento, isto é, à coluna de matrizes de traços, por linhas de associação do tipo proposto na fonologia auto-segmental. Cada seqüência máxima de segmentos dominada por um nó σ constitui uma sílaba.

Em 1983, o modelo dos constituintes foi reformulado por Clements & Keyser. Baseados nos modelos de Kahn (1976), estes autores introduziram uma terceira camada (tier) na representação silábica: uma camada intermediária entre a camada da sílaba e a camada segmental, que eles chamam de CV. Essa camada também foi chamada de esqueleto ou de camada cronemática (timing tier). Clements & Keyser (1985) propuseram um novo modelo para a fonologia silábica, inaugurando-se, assim, a fonologia CV. Para eles, a relação entre a sílaba e os segmentos deve ser medida por um nível CV (CV tier). Nesta proposta, o modelo teórico passou a ter uma representação com três camadas: 1) o tier, que consiste de um só elemento σ ; 2) a camada CV, que consiste de dois elementos – C e V, e; 3) a camada segmental, que consiste em uma coluna de matrizes fonéticas caracterizando consoantes e vogais no modo usual. As ramificações de um elemento para outro se dão através de linhas de associação. Assim, a palavra [dʒɛnifr] poderia ser representada da seguinte maneira:

(figura 2)



(Clements & Keyser, 1985:8)

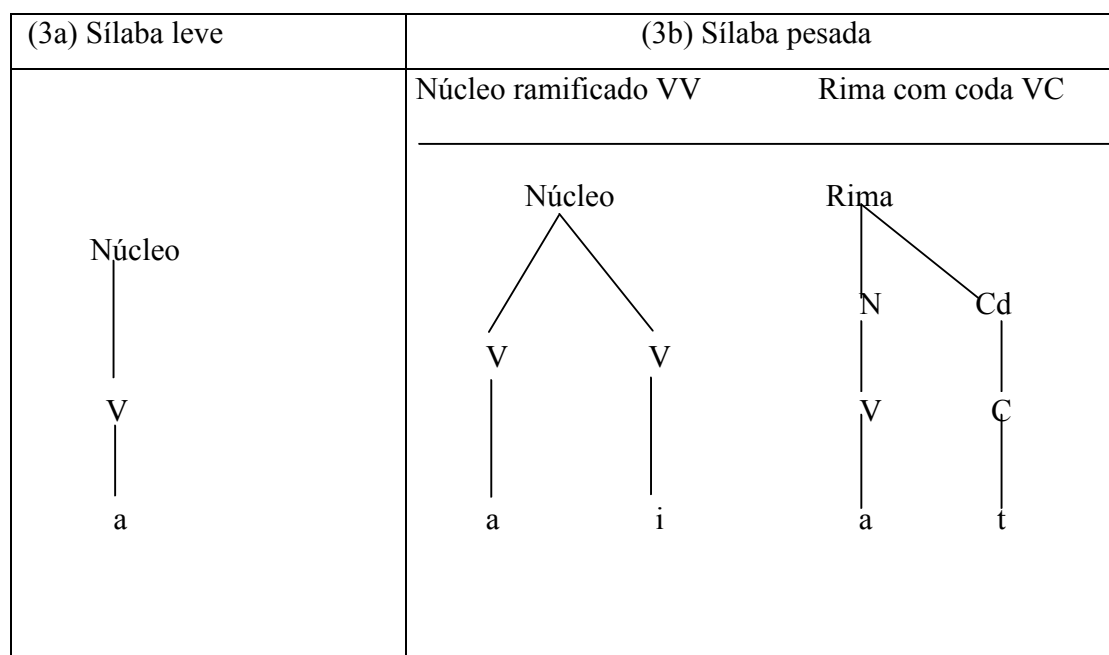
Na representação de Clements & Keyser (1985), é evidente o conceito da não-linearidade surgido principalmente com a tese de Goldsmith (1976) intitulada *Autosegmental Phonology*. Deste modo, a ligação entre auto-segmentos de camadas adjacentes pode ser de um para muitos – como na primeira sílaba – ou de muitos para um – como na última sílaba. Além disso, determinados elementos podem ser ambissilábicos, como /n/ e /f/, por estarem ligados a dois nódulos σ .

Na fonologia CV de Clements & Keyser (1985), ainda não há o reconhecimento de uma estrutura hierárquica dentro da sílaba. Os elementos da camada CV se distinguem entre pico de sílaba e não-pico de sílaba (ou margens de sílaba), ou seja, qualquer segmento dominado por V é interpretado como um pico de sílaba, e qualquer segmento dominado apenas por C é interpretado como não-pico. Assim, na representação acima, os elementos finais [ɛ], [i] e [r] constituem picos de sílaba, enquanto os outros são não-picos.

A noção da camada CV não é nova na fonologia. Nessa teoria, a camada CV é não somente ou primeiramente um constituinte de análise fonológica, mas também serve para distinguir posições dentro da sílaba na representação fonológica. As principais categorias dessa camada são sílaba e núcleo. Há muitas evidências sugerindo que a categoria núcleo desempenha um papel determinante na organização fonológica da sílaba. Essa relevância consiste em estabelecer uma distinção entre termos como sílabas leves e sílabas pesadas. Estas são determinadas pela mora, que é um conceito da fonologia antiga e dedicado à determinação do peso da sílaba. Por definição, mora é qualquer elemento da camada CV dominado pelo nódulo σ

e pela Rima N (núcleo) ou Rima. Hoje, entende-se mora como qualquer elemento dominado pela Rima (R). A distinção entre sílabas leves e sílabas pesadas desempenha um papel importante em muitas línguas. Sílabas leves são aquelas que contêm núcleo simples, ou seja, não ramificado, que é V; enquanto sílabas pesadas são aquelas que contêm um núcleo complexo, ou seja, ramificado, que pode ser VV ou VC (Clements & Keyser, 1985:13), como se pode ver na seguinte figura:

(figura 3)



Conforme Clements & Keyser (1985:27), as estruturas silábicas encontradas na representação superficial serão semelhantes ou idênticas àquelas encontradas na representação subjacente. Eles acrescentam que há dois tipos de evidência a favor dessa visão. Primeiro, há línguas nas quais a postulação da estrutura silábica no léxico torna-se possível para realizar uma simplificação significativa do componente fonológico. A segunda forma de evidência é psicolinguística em caráter e envolve representações lexicais. Já que propriedades supra-segmentais pressupõem silabificação, tal detalhe sugere que palavras são dadas em plena forma silabificada. Assim, os autores propõem que a primeira série de tipos silábicos compreenda a seguinte seqüência em:

- a. CV
- b. V
- c. CVC
- d. VC

(Clements & Keyser, 1985: 28).

No entanto, esses tipos de sílabas não são iguais em status. Primeiramente, observa-se que todas as línguas têm o tipo de sílaba CV, enquanto outros tipos podem faltar. De acordo com Clements & Keyser (1985:28), o tipo de sílaba CV pertence à gramática de todas as línguas. Assim, podem ser vistos a seguir, os parâmetros básicos que determinam as operações de estruturação silábica nas línguas do mundo, a partir da forma canônica CV.

2a. apagar C inicial

2b. inserir C final

(Clemente & Keyser, 1985: 28).

Qualquer língua pode escolher um ou outro, os dois ou até nenhum desses parâmetros acima para aumentar o seu inventário. Assim, baseando-se nesses parâmetros, são apresentados a seguir os possíveis tipos estruturais de língua:

Tipo I: CV

Tipo II: CV,V

Tipo III: CV, CVC

Tipo IV: CV, V, CVC, VC

(Clements & Keyser, 1985: 28).

As línguas do tipo I têm apenas a sílaba canônica CV, e nelas não atuam nem (2 a) nem (2 b), como, por exemplo, o Senufo (língua do Burkina Fasso). As do tipo II envolvem somente a regra (2 a), por exemplo, o maori (Nova Zelândia). O tipo III envolve somente a regra (2 b) (o

Klamath, língua falada na Califórnia). As línguas do tipo IV envolvem tanto (2a) quanto (2b) como o inglês (Clements & Keyser, 1985: 28-29).

Segundo Clements & Keyser (1985:37), os elementos da camada CV são agrupados em tipos de sílabas correspondentes a inventário do núcleo silábico selecionado pela língua em questão. A silabificação para eles se dá com base nos seguintes fatores, que permitem chegar ao molde silábico, ou sílaba máxima de uma língua:

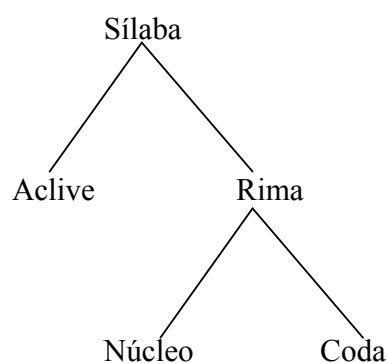
1. Os elementos V são ligados inicialmente à camada silábica;
2. As consoantes anteriores à vogal são maximizadas até onde as condições de estrutura silábica da língua o permitam;
3. Posteriormente, as consoantes finais são maximizadas enquanto a estrutura silábica da língua o permite.

Mesmo gerado o molde silábico de uma determinada língua, nem todas as combinações de segmentos são permitidas para determinar as restrições de seqüências bem formadas. Leva-se em conta, em primeiro lugar, a escala de sonoridade universal que prevê a maior sonoridade no núcleo e sonoridade decrescente à medida em que se distanciam os segmentos do aclave e coda – que são chamadas de condições positivas. Consideram-se também as condições negativas ou filtros, que excluem seqüências não aceitas especificamente na língua em estudo, embora permitidas pelas condições positivas.

De acordo com as duas representações de [dʒɛnifr] em (1) e em (2), verifica-se que nem o modelo de Kahn nem o modelo de Clements & Keyser (1985) reconhece uma estrutura interna na sílaba. Conseqüentemente, começou-se a propor um modelo mais rico que pudesse explicar o porquê de a sílaba ter uma estrutura interna. Entre os autores que defendem essa teoria, podemos citar Goldsmith (1990), para quem o segmento apresenta uma estrutura interna, isto é, existe uma hierarquização entre os traços que compõem determinado segmento da língua. Essa representação deve ser capaz de mostrar quais os traços que podem ser manipulados isoladamente ou em conjunto, facilitando a expressão de classes naturais. De acordo com esse autor, a sílaba (σ) é composta obrigatoriamente de R (rima) em posição nuclear e opcionalmente A (Aclave) em

posição periférica. A rima, por sua vez, é composta necessariamente de um N (núcleo) constituído de uma V (vogal), podendo ainda ser ramificada em N e Cd (coda), formando, assim, a rima. Por esse modelo, a representação da estrutura interna da sílaba é esquematizada como a seguir:

(figura 4)



Goldsmith (1990:108)

Embora reconheça a estrutura interna da sílaba, o modelo de Goldsmith (1990) ainda não admite estrutura interna para cada um de seus constituintes. Gradativamente é que foi sendo admitido o fato de alguns elementos, do ataque e da rima, terem função nuclear, e outros ocuparem uma posição periférica. Daí passou-se a representar o elemento nuclear (head) dominado verticalmente por um nó, sendo os elementos dependentes (*complements*), dominados obliquamente por cada nó. O refinamento da teoria ocorreu de tal maneira que ela possibilitou a explicação de relações internas da sílaba desde as mais comuns, até as mais complexas.

3.2.2.3. A fonologia de geometria de traços

Após as contribuições de Goldsmith com os estudos realizados sobre a fonologia, surgiram novos trabalhos na tentativa de aperfeiçoar a teoria. Entre esses, temos a Teoria de Geometria de Traços. À proposta inicial da geometria de traços está ligado o nome de Clements, sobretudo no trabalho de 1985 “The Geometry of Phonological Features” publicado no *Phonology Yearbook*. De acordo com a geometria de traços fonológicos adotada por Clements (1985), os segmentos não estão mais dispostos apenas em matrizes de traços binários

identificados por relações de ausência (-) ou presença (+) como defendida no SPE de Chomsky e Halle (1968). Agora, como apresentada na versão Clements e Hume (1993), os segmentos são representados com uma organização interna que aponta para a existência de um sistema de hierarquização dos traços que compõem tal segmento. Na nova teoria, os traços podem funcionar em conjunto ou separadamente e não em uma relação bijetiva unicamente.

Na fonologia de geometria de traços, os traços são autossegmentados e ocupam um lugar próprio, chamado camada (do inglês tier). Um traço como [coronal], por exemplo, tem um lugar próprio em relação aos demais traços do sistema, operando de forma própria, assim como os demais traços.

O objetivo da geometria de traços é representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos e o fato de que os traços podem ser tanto manipulados isoladamente como em conjuntos isolados. Nesse caso, os segmentos são representados com uma organização interna que se mostra através de configurações de nós hierarquicamente ordenados, em que os nós terminais são traços fonológicos e os nós intermediários, classes de traços. Assim, a estrutura arbórea passou a ter NÓS, de tal maneira que, além das propriedades distintivas, que passaram a ser o final da linha hierárquica, o sistema incorporou outros aspectos fonéticos nos NÓS como o NÓ de articulação, o NÓ de abertura etc. A linha de tempo, onde se sucedem os segmentos da fala, passou a ser chamada de esqueleto e os segmentos são marcados com X ou com as letras C (Consoante) e V (Vogal). Através de Linhas de Associação, os traços de um segmento podem se ligar a traços de outros revelando os processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, como, por exemplo, a mudança de /s/ em [ʃ] em posição de coda no dialeto carioca do português brasileiro.

3.2.2.4 A fonologia lexical

A seqüência da fala é composta da conexão de vogais e de consoantes. Mas, há dificuldade para se entender a seqüência da fala apenas pelos conhecimentos das unidades fonológicas (isto é, dos fonemas), de tal maneira que são exigidas informações gramaticais que são elementos constituintes mais altos do que os fonemas: ou seja, as informações de fronteiras

(morfológicas e sintáticas). O modelo da fonologia lexical é o único capaz de tratar dessas informações de fronteiras.

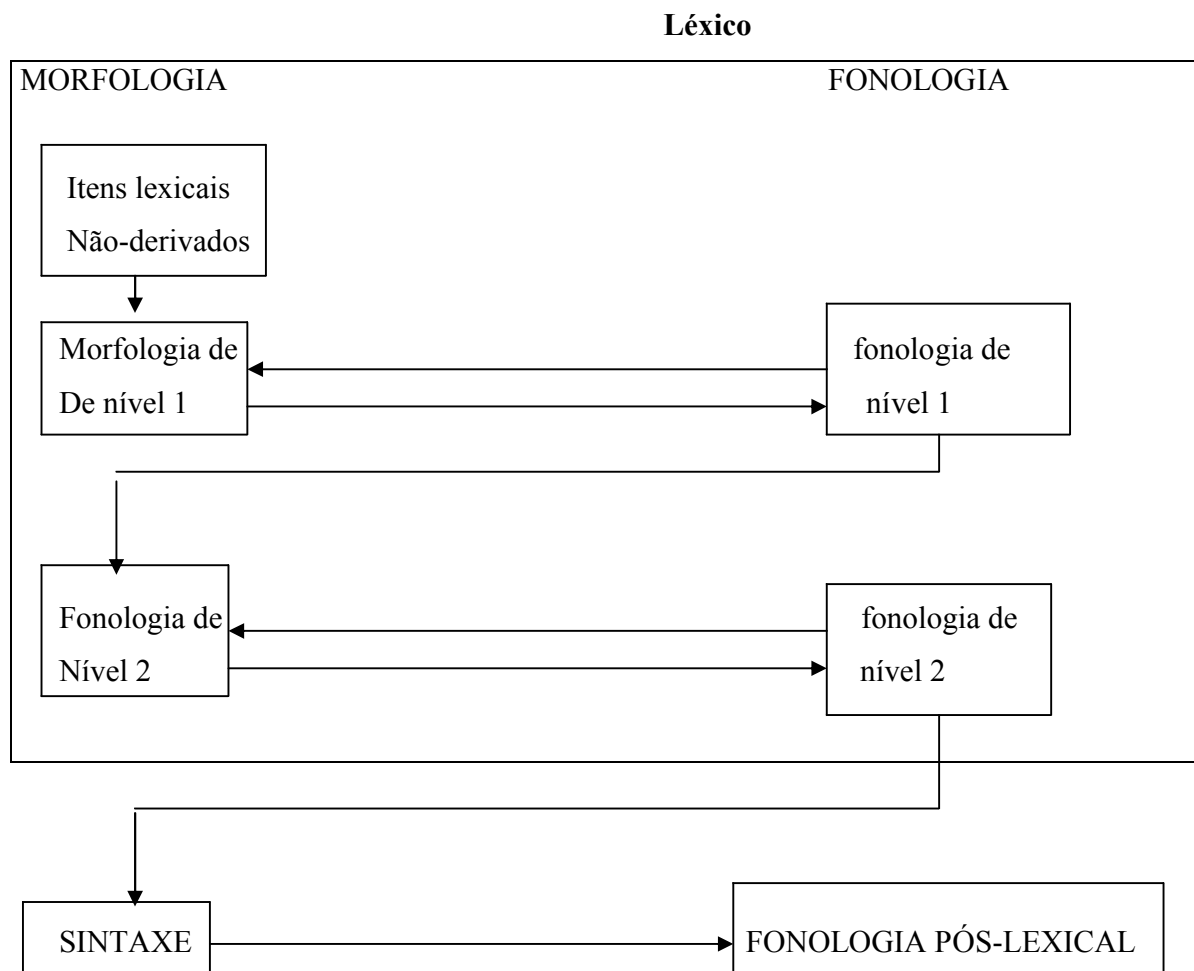
O nome “fonologia lexical” vem do fato de esse modelo teórico postular um conjunto de propriedades distintas para as regras que se aplicam a nível lexical e pós-lexical. Esse modelo teórico tem como objeto de estudo a interação entre a morfologia e a fonologia, isto é, as relações entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que a ela se aplicam. Conforme Couto (1997:35), as idéias básicas para o surgimento da fonologia lexical foram formuladas em trabalhos de Siegel, Pesetsky e Strauss, entre outros. No entanto, quem impulsionou este ramo da fonologia com mais vigor foram Kiparsky (1982, 1985) e Mohanan (1982, 1985). Na fonologia lexical, o léxico passou a ser considerado como um componente fundamental da gramática que contém não somente propriedades idiossincráticas, mas, sobretudo, regras fonológicas e de formação de palavras. A fonologia lexical defende que o léxico de uma língua está organizado em uma série de níveis, também chamados de estratos, os quais são os domínios para regras morfológicas e fonológicas; isso quer dizer que em cada estrato se aplicam, par a par, tanto regras morfológicas como regras fonológicas. A ordenação de estratos reflete a ordenação dos processos de formação de palavras.

Na fonologia lexical, a interação entre os componentes fonológicos e morfológicos se dá por meio da inter-relação das regras de diferentes domínios (fonológicos e morfológicos). As regras fonológicas aplicam-se à saída de toda regra morfológica. No processo de formação de palavras, aplicam-se no léxico as regras fonológicas (que podem ser aplicadas ciclicamente).

Halle e Mohanan (1983) acreditam que o número de estratos pode ser diferente de uma língua para outra, mas todas as línguas apresentam no mínimo dois grandes componentes: o lexical e o pós-lexical. No componente lexical as regras se aplicam somente a palavras, enquanto no componente pós-lexical, as regras se aplicam tanto a palavras como a seqüências maiores, como frases ou enunciados.

Não há consenso entre os autores a respeito do número de níveis no léxico, mas Kiparsky (1985: 04) propõe a seguinte estrutura para o léxico do inglês:

(figura 5)



De acordo com a representação de (2), vê-se que, no centro, estão os itens lexicais não-derivados como, por exemplo, “big”, “boy” em inglês ou “moral” em português. Esses são representações de base e constituem as raízes da língua, potenciais candidatos ao recebimento de afixos, os quais vão sendo adicionados de acordo com a ordenação dos processos morfológicos envolvidos. O nível 1 contém morfemas presos, como “ab-” e “-duct” em “abduct” ou “con-”, “-stitu-” e “-ir” em “constituir”. Nenhum deles pode ocorrer sozinho na frase. O nível 2 consta de regras mais gerais, processos morfológicos mais produtivos. A prefixação com “des-”, o plural regular com “-s”, a derivação de verbos a partir de nomes, com o sufixo “-ar” são todas desse nível, pois são processos regulares. Após a atuação das regras lexicais que se aplicam, sobretudo no interior da palavra, vêm as regras pós-lexicais que, por sua vez, ocorrem principalmente na junção de palavras, ou seja, na sintaxe. Um exemplo típico de regras pós-lexicais em português é

a sonorização de /s/ quando seguido de uma palavra iniciada por vogal como em [uz alunu]. O mesmo processo se dá freqüentemente no francês, em que, apesar de não se pronunciar, na maioria das vezes, as consoantes finais, pela regra de ligação, o /s/ também se sonoriza quando seguido de uma palavra iniciada por vogal ou h mudo, como em [lezãfã] “as crianças”, [lezõm] “os homens”.

Depois da aplicação das regras pós-lexicais, é que a representação fonética é realizada. A oposição entre as regras lexicais e as regras pós-lexicais é estabelecida resumidamente por Pulleyblank (1986:7), como mostra a tabela 3:

(tabela 3):

Regra Lexical	Regra Pós-Lexical
a. pode-se referir à estrutura interna das palavras	a. não se refere à estrutura interna das palavras
b. não pode se aplicar entre palavras	b. pode aplicar-se entre palavras
c. pode ser cíclica	c. não pode ser cíclica
d. se for cíclica, está sujeita à “condição do Ciclo Estrito”	d. é não-cíclica, portanto, não sujeita à “Condição do Ciclo Estrito”
e. submete-se ao “Princípio da Preservação da Estrutura”	e. não é submetida ao “Princípio da Preservação da Estrutura”
f. pode ter exceções lexicais	f. não pode ter exceções lexicais
g. deve preceder todas as aplicações das regras pós-lexicais	g. deve ser precedida de todas as aplicações das regras lexicais

A Fonologia Lexical é uma teoria que tem vínculos com a gramática, cuidando da maneira como a fonologia interage e se envolve com os outros componentes, principalmente com a morfologia.

3.2.2.5. A fonologia métrica

A fonologia métrica é outro ramo dos modelos fonológicos não-lineares. As idéias básicas desse modelo teórico foram lançadas inicialmente por Liberman em sua tese de doutoramento *The intonational system of English* (1975). Dois anos depois, foi publicado o trabalho clássico de Liberman & Prince (1977) intitulado *On stress and linguistic rhythm*. Esse trabalho introduz a semente teórica para a formalização de modelos que tenham por objetivo descrever e formalizar o comportamento do acento e da construção do ritmo da fala.

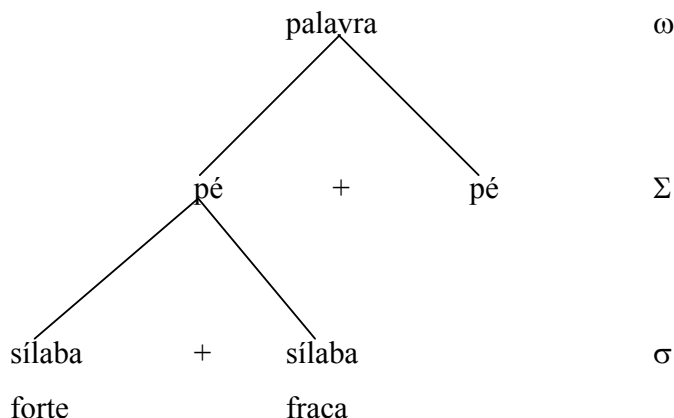
Levando em consideração a concepção de hierarquia das estruturas lingüísticas, a fonologia métrica permitiu uma nova representação da sílaba e uma análise adequada do acento. De acordo com ela, as línguas podem apresentar três tipos básicos de acento:

- 1) acento primário: é o acento mais forte de uma palavra;
- 2) acento secundário: é o acento menos forte em relação ao primário;
- 3) acento principal: é o mais forte de uma seqüência de palavras

Contrariamente ao SPE, em que o acento era tratado como a propriedade de uma vogal, mais precisamente como altura ou ponto de articulação de um segmento, a fonologia métrica considera o acento uma propriedade da sílaba. Esse modelo teórico considera que somente uma sílaba pode ser portadora do acento primário.

Na fonologia métrica, o acento passa a ter caráter relacional: não é mais uma traço, mas uma promeminência que nasce da relação entre os elementos prosódicos: sílaba (σ), pé (Σ), palavra fonológica (ω). Um dos seus objetivos principais é captar a natureza hierárquica da tonicidade atribuindo-lhe uma camada independente (autossegmental) das outras camadas. Uma das representações mais comuns é a árvore métrica que é estabelecida a partir de sílabas que formam pés, sempre binários, rotulados em termos de forte (do inglês strong - “S”) e fraco (do inglês weak – “W”), como podemos ver na figura 6 (Couto 1997: 38):

(figura 6)



O elemento que será rotulado forte é portador do acento primário. Desta forma, para estabelecer o padrão acentual de uma língua, é necessário saber como se dá a organização de suas sílabas em pés métricos e qual a posição do elemento dominante (sílaba forte).

Além dessas considerações sobre os modelos teóricos, e principalmente a fonológica silábica, convém tratar aqui da estatística fonológica que consiste em contar fonemas e seqüências de fonemas. A estatística fonológica tem um duplo objetivo. Por um lado, ela deve mostrar com que freqüência um dado elemento fonológico da língua em questão (fonema, grupo de fonemas, tipos de morfemas ou de palavra) ocorre, e por outro lado, qual a importância do rendimento funcional deste elemento ou de uma dada oposição fonológica (Troubetzkoy 1957: 277)⁸. Suponhamos dez palavras do angolano:

- | | | | |
|------------|----------|--------------|-----------|
| 1. [piɲa] | “pinha” | 6. [roro] | “doido” |
| 2. [θɛni] | “cheme” | 7. [telu] | “inteiro” |
| 3. [vizi] | “virgem” | 8. [alimãðɛ] | “armazém” |
| 4. [blabu] | “brabo” | 9. [fajna] | “farinha” |

⁸ La statistique a en phonologie une double articulation. Elle doit montrer d'une part avec quelle fréquence un élément phonologique déterminé de la langue en question (phonème, groupe de phonème, type de morphème ou de mot) revient dans le langage, et d'autre part quelle est l'importance du rendement fonctionnel de cet élément ou d'une opposition phonologique déterminée.

5. [iðɛ] “aquela” 10. [kɔmɔra] “acomodar”

Podemos perceber, por exemplo, que a estrutura silábica CV é a que mais ocorre nessas palavras como mostra a tabela 4:

(tabela 4):

Tipos de padrões Silábicos	freqüência
CV	19
CCV	2
V	2

CAPÍTULO IV

CONCEITUANDO LÍNGUA E DIALETO

4.0. Introdução

O objetivo desta seção é conceituar os termos língua e dialeto na tentativa de melhor compreender a diferença entre essa dicotomia. Assim, para esta distinção, tomaremos em consideração, além de fatores lingüísticos, fatores históricos, geográficos e sociopolíticos. Este estudo será importante não somente numa perspectiva conceitual, assim como para o posicionamento a respeito dos crioulos portugueses falados no Golfo da Guiné, na tentativa de saber se são línguas diferentes ou dialetos de uma mesma língua.

4.1. Conceito de língua e dialeto

Não há sociedade sem linguagem. Esta, por sua vez, manifesta-se sob a forma de uma multidão de línguas que variam no tempo e no espaço. A maioria das sociedades é plurilíngüe, mas os diversos idiomas que coexistem raramente têm a mesma função.

Afirmar com exatidão o número de línguas faladas no mundo é uma tarefa muito complexa devido à ambigüidade dos termos “língua” e “dialeto”. A dicotomia “língua” e “dialeto” é melhor compreendida dentro da lingüística que, por definição, é a ciência da linguagem. A língua, um dos componentes dessa dicotomia, é o elemento fundamental no estudo dessa ciência. A diversidade de conceituação do termo “língua” nos leva a tentar fazer distinções entre as línguas específicas como o francês, o português e o wolof (falado no Senegal), da língua em geral. Para as línguas específicas, muitos lingüistas acreditam que todas elas tenham importantes propriedades comuns, e para a língua em geral, cada língua particular é uma combinação dessas propriedades universais com um certo número de características, muitas vezes idiossincráticas.

Língua e dialeto são termos que apresentam certa ambigüidade de sentido, o que torna difícil seu entendimento. Não há consenso universal sobre os critérios usados para distingui-los, embora exista um número de paradigmas que se torna, às vezes, resultados contraditórios. Língua e dialeto são duas denominações que se aplicam a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana.

Para os gerativistas, não há relevância na distinção entre língua e dialeto. Eles baseiam seus argumentos na distinção entre língua interna (Língua-I) e língua externa (Língua-E). A Língua-I é basicamente um idioleto, isto é, um sistema individual de uma língua. A Língua-E, por outro lado, tem sido definida como uma série de sentenças produzidas por uma população falando um língua particular. Idioletos e línguas comuns representam diferentes níveis de abstração. Os primeiros são níveis de abstrações da fala, os últimos são extrapolações que podem ser caracterizadas como conjuntos de Línguas-I. Não se pode falar em mudança, que é identificada em nível da população, sem aceitar a existência de um conjunto de língua-I (Mufwene 2001: 2).

A lingüística moderna reconhece que o status de língua e dialeto não é somente determinado por critérios lingüísticos, mas é também o resultado de um desenvolvimento histórico, geográfico e sócio-político, fatores levados em consideração para distinguirmos língua e dialeto.

Língua e dialeto são compreendidos numa perspectiva histórica. Diacronicamente, os termos língua e dialeto são resgatados por Haugen (1966; 96-97) para quem esses termos representam uma complexa dicotomia. Em um estudo realizado sobre o assunto, o termo dialeto, afirma ele, era usado na Grécia antiga para se referir aos dialetos literários. Já o termo língua era concebido em uma posição de prevalência, ou seja, num grau superordenado ao dialeto, que é subordinado. Essa categorização envolve um sentido muito mais ligado às questões sociais e nacionalistas do que propriamente lingüísticas. Ele acrescenta que o termo linguagem apareceu primeiro no francês, tendo como origem a palavra latina *linguaticum*, cujo primeiro registro é encontrado no século XII. O termo *Language* também se encontra documentado, desde 1290, no Oxford English Dictionary (OED). O termo dialeto surgiu como empréstimo do grego erudito. A

primeira referência a seu respeito deu-se na época do Renascimento (em certos dialetos hebreus, 1579), e também está registrado no OED. A Grécia sempre foi muito rica em dialetos que, ao contrário de hoje, não eram apenas variedades faladas, e sim variedades literárias que cumpriam funções específicas na língua. O jônico, por exemplo, era usado para descrever os eventos históricos; o dórico era usado pelo coro lírico, e o ático era usado para a tragédia. Essas variedades literárias, pelos seus diversos usos, transformaram-se em variedades dialetais funcionais. A divergência lingüística existente então na língua grega antiga refletia a existência dos dialetos orais que deram origem aos dialetos escritos. Haugen conta que, no período pós-clássico, entretanto, os dialetos desapareceram na Grécia dando origem a uma forma unificada, a Koiné, que se solidificou, principalmente em Atenas. As diferenças dialetais sucumbiram em favor de uma variedade que predominava no centro político e cultural dos gregos. Esse quadro grego constituiu o modelo para dimensionar os usos que se faz hoje dos termos “língua” e “dialeto”. O mesmo autor considera que, sincronicamente, “língua” pode referir-se tanto às normas lingüísticas, como a um grupo de normas relacionadas; diacronicamente, pode ser “uma língua comum no caminho da dissolução ou uma língua comum no processo de unificação”. O termo língua é uma designação sempre superordenada ao dialeto. Esses processos de unificação/dissolução repetem-se ciclicamente. O fato de um dialeto estar sempre relacionado a uma língua em um status subordinado evidencia as estruturas sociais dentro das quais os termos estão alocados. Isso concede um *status* de menor importância ao termo dialeto.

Como a Grécia, a França apresentava um número de dialetos regionais e literários. Entretanto, eles não eram funcionalmente distintos como os dialetos gregos. Na França, surgiu um terceiro termo, o “patois”, que era aplicado primeiramente à língua falada. O patois é uma forma de fala de crianças e também da área rural francesa. Esta forma diferente se reflete na fonologia, na morfossintaxe e no léxico. Conforme Martinet (1967:154), o patois é uma forma lingüística aprendida em primeiro lugar e é de uso em família. As pessoas começam a se familiarizar com a forma literária, como o parisiense, somente quando chegam à escola. O termo dialeto era definido no dicionário da Academia Francesa, e em outros dicionários, como a variedade regional de uma língua e seu sentido era impregnado de uma cultura literária. Como o termo “patois” não era carregado de uma cultura literária, foi tomado por vezes, em um sentido pejorativo (Haugen, 1972: 240). Explicitamente, o autor enfatiza que um dialeto deve incluir uma

completa cultura literária. André Martinet (1964) aponta que esse uso reflete uma situação especial do francês, que tinha um número de padrões escritos regionais que eram, pois, suplantados pelo padrão escrito parisiense. Littré aponta que, após o século XIV, “Quando os dialetos cessam de ser escritos, eles se tornam “patois”. Brun (1946) escreve sucintamente que “Um patois é um dialeto que se teria degradado”. Um patois, então, é uma forma de língua não usada para finalidades literárias, mas sobretudo limitado a situações informais e de cunho exclusivamente oral. Assim, para Haugen, o provençal pode ser considerado um dialeto do francês, mas suas variedades locais e faladas são todas patois. A distinção introduz uma nova dimensão nessa discussão: as funções sociais de uma língua. Em termos da distinção língua-dialeto, podemos dizer que um patois é uma variedade de dialeto que serve uma população em suas funções de menor prestígio. A definição em Littré (e em outros como ele) sugere claramente uma atitude pejorativa em relação ao patois (Haugen 1966: 98).

Há um uso completamente diferente da palavra dialeto, feito nos Estados Unidos. Ali, o termo designa toda forma local do inglês, sem que haja objetivo de opor os dialetos a uma forma de língua de maior prestígio. Assim, há o dialeto de Boston, o de Chicago, etc. Esta situação lembra o que se passa em Paris e nos centros urbanos da França não meridional, onde existem múltiplas variedades de francês que, na boca das pessoas cultas, parecem ser aceitáveis, e o que as distingue passa, em geral, despercebido. De acordo com Martinet (1967: 158), os dialetos americanos quase correspondem aos franceses locais, e nunca aos patois; ou ainda aos dialetos alemães ou italianos, que são muito diferentes uns dos outros para permitir a intercompreensão de uma extremidade a outra do território nacional. Este uso da palavra corresponde ao que foi feito quando falamos dos dialetos gregos anteriores ao estabelecimento da koiné, isto é, de uma língua fundada sobre o falar de Atenas, que engoliu as outras falas gregas, antes do enfraquecimento. A única exceção é o laconiano, que sobrevive sob o nome de tsakoniano.

Existe ainda um terceiro termo: sotaque, em inglês “accent”. O sentido técnico de sotaque é a maneira de pronúncia. Nesse sentido, acredita-se que cada um fala com um sotaque, pois é impossível pronunciar as palavras da mesma maneira. A noção de sotaque refere-se à maneira pela qual um falante pronuncia, e, portanto, refere-se a uma variedade que é foneticamente e/ou fonologicamente diferente das outras. Por outro lado, “dialeto” refere-se a variedades que são

gramaticalmente (e talvez lexicalmente) assim como fonologicamente diferentes das outras (Lauer, 1994:55).

Como uma norma social, dialeto é uma língua excluída das normas cultas. E, nas palavras de Auguste Brun (1946), dialeto é uma língua que não fez sucesso. Na Itália, por exemplo, o piemontês é uma língua diferente do italiano, por um lado, e do francês, pelo outro, com uma longa tradição de escrita e de estudo gramatical. Entretanto, como o toscano tornou-se a língua-padrão na Itália, o piemontês é só um “dialeto”, perdendo terreno para o italiano a cada geração, e mantido vivo somente pelo orgulho local e pela inércia lingüística (Haugen 2001: 101).

O termo dialeto é usado para descrever uma variedade da língua, e possui uma grande carga de preconceito. Dialeto, muitas vezes, sugere a fala informal, a fala de grupos de classe baixa ou oriundos de área rural, como é o caso de dialeto rural do Brasil. Na América do Norte, por exemplo, o chamado “bad English” é considerado um dialeto da classe baixa. Automaticamente, a linguagem falada pelas classes mais altas é vista como a forma correta de expressão. Nesses termos, o dialeto passa a ser uma linguagem excluída de uma sociedade de hábitos lingüísticos ditos “polidos”.

Do ponto de vista lingüístico, a língua pode ser vista de uma perspectiva unitária, enquanto que os dialetos seriam estruturas parciais superpostas. Quanto ao uso da língua, Haugen (1972: 243) argumenta que ela possui duas dimensões claramente distintas: uma estrutural (formal), que se volta para a descrição da sua forma em si, e outra funcional, que descreve seus usos na comunicação. A dimensão formal vê a língua primeiramente como um fenômeno mental, enquanto a funcional vê a língua como um fenômeno social. É na segunda dimensão que os sociolingüistas estão especialmente interessados.

Para o conceito de língua e dialeto, em muitos casos, a sociolingüística recorre ao termo “variedade”, sem dar uma definição. O fato de que existe um termo objetivo, técnico, livre de toda emotividade, parece ser necessário para designar um “tipo de língua”. Ele mostra já em si, que a expressão “uma língua” comporta um julgamento, manifesta uma emoção ou uma opinião e, ao mesmo tempo, suscita uma emoção ou provoca uma tomada de posição. O termo

“variedade” é o mais neutro que se refere a uma modalidade falada por uma comunidade constituída por pessoas que partilham um código lingüístico comum e normas (regras) que regem as suas diversas variedades de fala. Assim, o termo “variedade”, contrariamente ao “dialeto”, não designa uma posição lingüística particular, mas unicamente algumas diferenças em relação a outras variedades.

O estudo da variação regional compõe o campo da dialetologia (também chamado de geografia lingüística ou geografia dialetal). Diferenças no uso de língua e variação de língua são devidas a padrões complexos de fatores ligados principalmente à história, geografia, etnia, cultura e sociedade. Mas a variação geográfica é mais perceptível. De acordo com Fishman (1971), as variedades de origem geográfica são reconhecidas pelo nome de dialeto, e este termo é associado à área de estudo identificada como dialetologia ou geografia dialetal. Em contrapartida, outros autores consideram o termo dialeto como sinônimo de variedade. Como Mac David Jr. (1972), consideram o dialeto como qualquer variedade habitual, regional ou social de uma língua. O termo “dialeto”, portanto, implica variações de um código comum. Nesse caso, podemos falar, no Brasil, de dialeto carioca, sulista, mineiro, em relação ao português como idioma nacional. Eles são geograficamente separados e apresentam distinções entre si na pronúncia, entoação, no ritmo e até no léxico. Nos componentes morfológicos e sintáticos, as variações são menos salientes geograficamente em relação ao nível diafásico. Neste sentido, dialetos são abstrações de vários idioletos que refletem a mesma experiência regional. No entanto, a experiência regional não é a única fonte de diferenças na variação lingüística. Sexo, idade, função ou qualquer outro fator social podem acarretar diferenças notáveis no comportamento lingüístico. A isso os sociolingüistas têm chamado de socioletos.

Toda língua que se usa numa área relativamente extensa é falada de maneiras diferentes conforme os lugares: são seus dialetos regionais. Além disso, mesmo em uma única comunidade, a língua pode ser falada de maneiras distintas pelos membros dos diversos grupos sociais: essas formas diferentes são dialetos sociais ou socioletos. Por exemplo, há diferenças do português falado em Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais, para não falar do português de Lisboa ou de Maputo. Mesmo dentro de São Paulo, os economistas não falam, entre si, como os mecânicos de automóveis o fazem. É importante entender que cada pessoa fala um idioleto;

não é possível falar uma língua sem usar algum dialeto.

Nem dois falantes da mesma língua falam do mesmo modo, nem um mesmo falante usa sua língua do mesmo modo todo o tempo. Isto implica que toda língua está exposta à variação. Considerando que dois falantes são diferentes em termos de suas variedades idioletais, o mesmo falante se expressa de forma diferente porque usa diferentes códigos ou registros em diferentes ocasiões e para diferentes finalidades comunicativas. Todavia, o modo mais comum de identificar lingüisticamente um falante é por seu dialeto, visto que os falantes de uma língua estão cientes das variedades lingüísticas regionais apresentadas dentro de um mesmo idioma.

O fato de sermos capazes de identificar pessoas conhecidas quando as ouvimos mostra que cada pessoa tem uma maneira característica de falar, diferente das outras. Como referido antes, os idioletos são as características únicas do modo de falar de cada indivíduo. Além destas diferenças individuais, a língua utilizada por diferentes grupos de pessoas pode apresentar variações regulares de grupo. Quando uma língua usada por falantes de regiões geográficas ou grupos sociais diferentes apresenta diferenças sistemáticas, diz-se que esses grupos falam diferentes dialetos da mesma língua. Os dialetos de uma língua podem ser definidos como formas mutuamente inteligíveis dessa língua, diferindo umas das outras de maneira sistemática.

Nem sempre é fácil decidir se as diferenças sistemáticas entre duas comunidades lingüísticas representam dois dialetos ou duas línguas distintas. Podemos recorrer a uma definição simplista: quando dois dialetos se tornam mutuamente ininteligíveis, ou seja, quando os falantes de um já não conseguem compreender os falantes do outro, esses 'dialetos' tornam-se freqüentemente línguas diferentes. Mas definir "inteligibilidade mútua" é já de si uma tarefa difícil. Embora os dinamarqueses falem dinamarquês, os noruegueses norueguês e os suecos sueco, estes povos se entendem nas diversas línguas. No entanto, estas três línguas são consideradas distintas, faladas em países distintos, pertencendo a nações politicamente distintas e apresentando diferenças nas suas gramáticas. O mesmo se passa com o hindi e o urdu que são "línguas" mutuamente inteligíveis, faladas no Paquistão e na Índia, e cujas diferenças entre si não são muito maiores do que, por exemplo, as do inglês falado nos Estados Unidos, na Inglaterra (ou em parte dos territórios ingleses) e na Austrália. Por outro lado, as diversas línguas faladas na

China, como o mandarim ou o cantonês, são denominadas "dialetos" do chinês porque são faladas dentro de um único país e possuem um sistema de escrita comum, embora sejam mutuamente ininteligíveis na sua forma oral (Calvet, 1987: 161-173).

Dialeto é muitas vezes associado a uma forma rural de língua e, geralmente, à classe camponesa, trabalhadora ou a outros grupos sem prestígio. Dialeto é também um termo aplicado às formas de língua, particularmente faladas em partes isoladas do mundo, que não têm forma escrita. E dialetos são, muitas vezes, considerados como algo freqüentemente errôneo, desvio da norma, aberrações de uma forma correta de língua padrão (Trudgill 1980:3). O mesmo autor acredita na complexidade de distinção dos termos língua e dialeto. Para ele, língua é uma coleção de dialetos mutuamente inteligíveis. Essa definição tem o benefício de caracterizar dialeto como subpartes de uma língua. Considerando as línguas escandinavas, por exemplo, observa-se que o norueguês, o sueco e o dinamarquês são consideradas línguas diferentes, embora elas sejam mutuamente inteligíveis. Falantes dessas três línguas podem facilmente se compreender e se comunicar entre si. A questão da mútua inteligibilidade colocada por Trudgill leva, muitas vezes, em consideração uma área geográfica.

Em muitas partes do mundo, se considerarmos dialetos falados por pessoas em áreas rurais, observamos diferenças lingüísticas que distinguem uma aldeia da outra. Essas diferenças variam conforme a distância que separa as duas aldeias, isto é, quanto maior a distância, maiores serão as diferenças lingüísticas e maior a dificuldade de compreensão. Esse tipo de situação é conhecido como um "continuum de dialetos geográficos". Esses dialetos envolvem sempre fronteiras nacionais ou internacionais. Na Europa, por exemplo, as variedades padrão de Francês, Italiano, Catalão, Espanhol e Português realmente não são mutuamente inteligíveis. Além disso, os dialetos rurais dessas línguas que formam parte do continuum de dialeto românico ocidental (da costa de Portugal ao centro da Bélgica) não têm problema de compreensão (Trudgill 1980: 6).

De acordo com o mesmo autor, nos casos em que as fronteiras nacionais não são bem estabelecidas, o "continuum de dialetos geográficos" pode causar dificuldades políticas. O continuum do dialeto do sul da Eslováquia, por exemplo, incorpora as línguas padrão Esloveno, Servo-Croata, Macedônio e Búlgaro. Essas variedades faladas na fronteira Iugoslavo-búlgara são

reivindicadas pela Iugoslávia de ser macedônio e pela Bulgária, búlgaro.

Tem-se considerado, muitas vezes, cada variedade como um dialeto de um antigo meio de comunicação, do qual ele se desenvolve: “continuum de dialetos sociais”. Esse ponto de vista considera, por exemplo, as línguas românicas modernas (espanhol, francês, italiano, português e romeno) como dialetos do latim; o grego moderno como um dialeto do antigo grego; o Tok Pisin como um dialeto do inglês, e o crioulo guineense como dialeto do português seiscentista.

Um bom exemplo para o “continuum de dialetos sociais” é o crioulo da Guiné Bissau. A história lingüística guineense, assim como de muitos outros países, tais como São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Jamaica, Haiti, é muito complexa. A chegada dos europeus (portugueses) à Guiné Bissau provocou progressivamente uma modificação da composição étnica de algumas regiões. A Guiné-Bissau pré-colonial foi marcada pelas interpenetrações de grupos étnicos diferentes, em que as línguas mais representadas numericamente desempenhavam o papel de língua veicular para a comunicação interétnica. Essa interpenetração intensificou-se com a chegada dos europeus, que deixaram uma língua cujo vocabulário é todo ou em parte europeu, e a gramática e fonética são de base das línguas africanas locais: o crioulo. A situação naquela época era tal que aqueles no topo da escala social (a administração colonial), os portugueses no caso, falavam português, enquanto aqueles na parte baixa da escala social, os diferentes grupos étnicos africanos, falavam o crioulo guineense. Essa é uma língua (crioulo) historicamente relacionada ao português, mas muito diferente dele. A situação lingüística inicial na Guiné Bissau colonial pode ser representada como na figura 7:

(figura 7)

Classes Altas: _____Português

Classes Baixas: _____Crioulo Guineense

No contexto da Guiné-Bissau, a relação entre o português e o crioulo guineense, aqui abordada, trata de uma variação intimamente ligada à estratificação social. Ela é conhecida como um continuum de dialetos sociais. As variantes diastráticas evidenciam a variedade de diferenças

culturais dentro de uma comunidade, e podem subdividir-se em norma padrão (português como língua oficial da Guiné) e não-padrão (crioulo guineense como língua veicular ou nacional da Guiné) (Trudgill 1980: 8).

Os dialetos de uma língua podem ou não ser mutuamente inteligíveis. Além disso, uma língua mãe pode gerar muitos dialetos que se subdividem, em algum lugar da história, em algumas ramificações da árvore, mudando mais rapidamente do que outras. Esse modelo está claramente presente entre as línguas românicas, como o português e o espanhol, que têm um alto grau de mútua inteligibilidade, e também entre as línguas de superstrato (o português) e as línguas crioulas (o são-tomense, o guineense e o caboverdiano).

A distinção entre língua e dialeto leva em consideração, ao mesmo tempo, seu *status* social e a extensão geográfica de sua utilização: enquanto uma língua tem, em muitos casos, *status* institucional correspondente à área de um país, e uma tradição de escrita e de literatura, um dialeto não tem o *status* cultural e social da língua, apesar de poder ser falado em uma área extensa. Ele não será, por exemplo, ensinado na escola, e muito poucas pessoas tentam escrevê-lo. Esta conceituação mostra que a língua é um dialeto que tem poder, enquanto o dialeto é uma língua que não tem poder. A afirmação de Max Weinreich ilustra muito bem isso ao publicar que “a língua é um dialeto com um exército e uma marinha” (1945:13) ilustrando o fato de que línguas são criadas por assimilação cultural. Mas, acredita-se que a primeira pessoa a proferir a expressão foi Hubert Lyautey ao afirmar que: “Une langue, c’est un dialecte qui possède une armée, une marine et une aviation” (Uma língua é um dialeto que possui um exército, uma marinha e uma aviação”).

Dependendo das realidades políticas e ideológicas, a classificação de variedades de fala como dialetos ou línguas, e sua relação com outras variedades de fala, pode ser controversa e os veredictos inconsistentes. Desenvolvido a partir do latim vulgar, por volta do século IX, o catalão por exemplo, era considerado apenas um dialeto do occitano (ou do romance ocidental). Por razões políticas, ele foi ganhando status de língua padrão, sendo usado durante o século XVI pela elite de Valência e pela imprensa. Na primeira metade do século XIX, o catalão ganhou um importante renascimento entre as elites graças à “Renaixença”, um movimento cultural

romântico. O catalão, assim como o basco e o galego (outras línguas regionais da Espanha), foi banido pelo regime de Franco (1939-1975), confinado essencialmente ao uso oral. Com a morte de Franco em 1975, o catalão voltou a adquirir seu status de língua e, até hoje, é usado na política, educação e na mídia, incluindo o jornal *Avui* (“Hoje”), e o canal de televisão *Televisió de Catalunya*. O catalão é hoje reconhecido pela União Européia como língua oficial, tendo sido proposto que todos os textos da União deveriam ser também traduzidos em catalão. As razões políticas levaram o catalão a passar pelo ciclo de língua – dialeto – língua.

A distinção entre língua e dialeto pode constituir uma situação de diglossia que é uma situação estável de contato entre duas variedades de uma mesma língua, em que a variedade “alta” (A) predomina em todos os domínios públicos, e a variedade “baixa” (B) é não-escrita, usada nos domínios informais de família e amigos. Assim, a variedade alta, mais estruturada (por ter uma escrita), corresponde à língua; a baixa, considerada variedade estigmatizada e rural, corresponde a dialeto (Lyons 1981: 257).

Fishman (1971a: 286) considera o conceito de diglossia adequado para a classificação de comunidades bilíngües. Para ele, porém, diglossia é aquela forma de coexistência de duas (ou mais) variedades ou línguas em que os valores de classe social e função social se complementam. Nota-se aqui que, para Fishman, o termo denota qualquer situação em que diferenças marcantes entre os sistemas lingüísticos se correlacionam estritamente com a classe social ou com as funções sociais. A variedade “alta” normalmente não se adquire em casa como parte do processo primário da aquisição da linguagem e da socialização, mas como resultado da educação na escola. As diferenças entre as duas concepções não são tão poucas como pode parecer à primeira vista. Existem diferenças importantes entre as sociedades em que a variedade “A” da mesma língua é usada e ensinada, e aquelas em que o sistema “A” é uma língua inteiramente diferente, sem qualquer correspondência com a variante “B”. Fatores de ordem histórica e nacional têm papel importante em termos de atitudes mantidas nestas sociedades, em relação às variedades “A” e “B” de sua língua.

Para compararmos duas línguas (ou seja, se são línguas diferentes ou dialetos (variedades) de uma mesma língua), teremos de comparar um dialeto de cada uma das línguas. Para tanto,

recorre-se geralmente à terminologia “dialeto padrão”. Um dialeto padrão (ou um dialeto de prestígio) pode ter funções sociais – unir as pessoas ou estabelecer uma forma escrita comum aos falantes multidialetais. No entanto, um dialeto padrão não é nem mais expressivo, nem mais lógico, nem mais complexo, nem mais regular do que qualquer outro dialeto. Assim, todo e qualquer juízo sobre a superioridade ou inferioridade de certo dialeto pode ser um juízo de ordem social desprovido de caráter lingüístico ou científico. Os falantes de dialetos diferentes usam o dialeto padrão na escrita uma vez que esta é a forma oficialmente aceita. Na França, assim como a maioria das nações, a noção de “padrão” como a única forma correta da língua é divulgada por uma academia oficial de “estudiosos”, que estabelecem que usos fazem parte da “língua francesa oficial”.

Um dialeto padrão, ou padronizado (ou língua padrão), é um dialeto que se servem as instituições. Tal suporte institucional pode incluir reconhecimento ou designação, apresentação como sendo a forma “correta” de uma língua em escolas, gramáticas, dicionários e livros publicados, e tem uma extensa literatura formal em relação a um dialeto. Pode haver múltiplos dialetos padrão associados a uma língua. Desta perspectiva, ninguém fala uma língua, todo mundo fala um dialeto de uma língua. Aqueles que identificam um dialeto particular como o “padrão”, ou “própria” língua, estão de fato usando esses termos para expressar uma distinção social. Frequentemente, a língua padrão só é acessível à elite. Essa mesma língua padrão pode ser também suporte de uma instituição religiosa, como é, por exemplo, o árabe.

A distinção entre língua e dialeto faz intervir fatores sociais, e não é uma questão propriamente lingüística. Para que haja uma língua, é preciso que um conjunto de locutores apresentem seu falar como formando uma unidade diferente das outras e ajam em conseqüência. Isto implica uma estabilização das maneiras de falar, em volta de um conjunto de textos prestigiosos (literários, religiosos ou jurídicos em geral). O “árabe clássico”, também conhecido como “árabe puro”, é aquele no qual foi redigido o Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos. A idéia de “árabe puro” é ilustrada pela frase “A idéia de que o estilo do Alcorão é inimitável”. Isto mostra que há um senso comum islâmico sobre a afirmação de que o árabe é a língua de Adão e do paraíso (Calvet, 1987: 36-37). Esse árabe é usado em todas as instituições islâmicas. No entanto, há países arabófonos que não são muçulmanos. Em todos os países arabófonos, quer

muçulmanos, quer não-muçulmaos, existe uma forma falada deste idioma que se limita apenas a funções comunicativas do dia-a-dia, portanto, com status de dialeto.

O árabe *mauro* “hassaniya”, por exemplo, de acordo com as pessoas que o falam, é uma língua muito próxima do árabe literário. É preciso saber que, no mundo árabe, muitos níveis de línguas convivem cotidianamente, e são empregados como se fossem dialetos (língua muitas vezes não escrita, tipo de “patois”, e que se originou do literal (ou literário ainda chamado clássico)). A primeira língua é empregada cotidianamente. A segunda é a língua dos jornais, da rádio, da televisão. É uma língua derivada da do Alcorão sendo, portanto, a única língua que, teoricamente, se escreve. Ela é compreendida por qualquer pessoa que freqüentou a escola, na medida em que as aulas são dadas nessa língua. O hassaniya é, então, um dialeto, apesar de relativamente basilectal, colorido de alguns sons e palavras berberes. Esse caráter basilectal está, sem dúvida, ligado ao fato de que esse dialeto é uma língua de nômades, de beduínos que é menos evoluído em relação aos dialetos magrebianos marroquinos, argelianos ou tunisianos. Esse dialeto é falado por todas as populações arabófonas da Mauritânia, do Saara ocidental, até o oeste de Mali, do sudoeste argelino e, às vezes, do Sul marroquino. Ele é unitário, mas tem diferenças mínimas de uma região para outra.

Os termos língua e dialeto se tornam claros somente na interação do dia a dia. Mas é bom deixar claro que são muito problemáticos e ambíguos quando aplicados em sentido técnico. Podemos dizer, por exemplo, que a língua balanta, falada na África Ocidental (na Guiné-Bissau e no Senegal), tem vários dialetos entre os quais, brasa, balanta naga, balanta mané. Nesse sentido, língua é a soma total de todas suas variedades (dialetos, socioletos, idioletos, incluindo todos os códigos e registros possíveis). Todavia, quando uma pessoa de balanta naga se identifica como um falante de dialeto, dá muitas vezes a entender que há um modo ‘melhor’ e mais aceitável de falar balanta. Comparada à variedade padrão balanta, a variedade balanta naga é considerada um balanta não-padrão ou até um subpadrão. Isso se relaciona a uma noção de dialeto como algo inferior à língua de que ele próprio provém e esta é, automaticamente, identificada como o padrão. Nesse sentido, língua versus dialeto reflete graus de aceitação e prestígio social. Além disso, ouve-se ainda pessoas dizer que, comparada à Europa com suas 60 ou mais línguas, a África tem cerca de 2000 ou mais ‘dialetos’. Isto é devido ao fato de que os europeus se

consideram detentores de cultura, enquanto os africanos têm costumes e rituais, ou seja, a questão da superioridade econômica, cultural ou política se espelha na superioridade lingüística. As razões dadas são, muitas vezes, relacionadas a fatores como tradições escritas e padronização: uma mesma língua nesse sentido avaliativo tem um padrão ou alta variedade e uma história de escrita relativamente longa, ausentes no dialeto. Com referência à Europa, as línguas tendem a ser identificadas com limites nacionais e estados soberanos, e dialetos com variedades regionais dentro de limites nacionais. Conseqüentemente, “as línguas são consideradas dialetos com um hino nacional, uma bandeira e uma marinha” e os “dialetos” são especificamente de uso rural, de povos subdesenvolvidos (Heine & Nurse 2000: 299).

No mundo moderno de hoje, dominado pelas grandes potências econômicas mundiais sob a etiqueta de “Occidentalização”, ou “Americanização”, que tem como correlato a “Globalização”, muitas línguas estão sendo invadidas pelo vento do estrangeirismo. Isto é um fato muito freqüente, hoje em dia, devido ao fato de que os Estados Unidos impuseram, e ainda impõem, ao mundo, o “anglissismo”. Lingüistas e líderes políticos estão preocupados com esta situação de mudança que muitas línguas do mundo estão sofrendo. Assim, na França, há alguns anos atrás, o governo criou uma lei contra o uso do “Franglais”, isto é, o uso de termos ingleses no francês.

Modos de falar são sempre associados a mais ou menos prestígio, positivo ou negativo, dependendo das hierarquias sociais na sociedade. O conceito de língua e dialeto se torna ainda mais ambíguo por razões preconceituosas e até políticas. Acredita-se que o rico é sempre detentor da variedade padrão da língua, enquanto o pobre, da variedade não-padrão. Além disso, a língua é uma variedade lingüística das grandes cidades enquanto o dialeto é da zona rural.

Conceituar língua e dialeto não é uma tarefa fácil. Esses dois termos precisam ser enquadrados nos níveis histórico, geográfico, sócio-político e lingüístico para melhor compreendê-los. Mas, visto que o mundo em que vivemos é repleto de preconceito, somos levados a acreditar que a dicotomia “língua” e “dialeto” está mais ligado ao status social. Assim a dicotomia “língua” e “dialeto” está ligada à dicotomia “Riqueza” e “Pobreza”. A língua está para riqueza assim como o dialeto está para pobreza. Além disso, a última decisão em usar o termo “língua” ou o termo “variedade” (dialeto) fica com os membros da comunidade lingüística, e é

influenciada por fatores sociopolíticos. Nesse caso, devíamos determinar quais as restrições impostas na seleção destes termos por uma escala contínua, e quais as causas e conseqüências de sua aplicação. A exata distinção entre língua e dialeto nos leva a acreditar em outros fatores. Dessa forma, variedades de línguas são muitas vezes chamadas de dialetos porque elas não são conhecidas como línguas literárias; os falantes de uma determinada língua não têm seu próprio estado; ou porque sua língua não tem prestígio.

CAPÍTULO V

PIDGINIZAÇÃO E CRIOLIZAÇÃO

5.0. Introdução

A pidginização e a crioulização são processos de formação e de surgimento de línguas pidgin e crioula. Essas são alguns exemplos de línguas resultantes de contato entre os diferentes povos. Dessa forma, o presente capítulo tratará da exposição dos pressupostos e aspectos básicos de contato de línguas e de seus resultados tais como o surgimento de novas línguas: pidgins e crioulas.

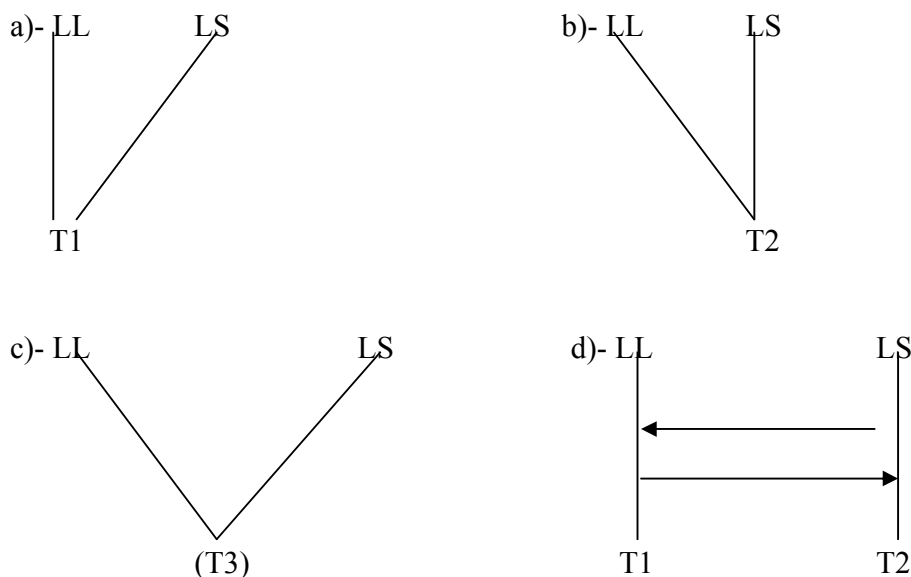
5.1. Contato de línguas

A existência de contato lingüístico supõe o contato social dos respectivos falantes, enquadrados em situações de comunicação de ordem diversa. Para que haja um contato, são necessárias, pelo menos, duas línguas, uma língua e um dialeto ou dois dialetos em presença. Diferentes povos ou segmentos distintos de um mesmo povo entram em contato, em todas as épocas e em todos os lugares. Nesse ambiente, a tendência é que haja misturas de povos e de línguas. O contato de línguas é, assim, caracterizado como sendo o encontro de duas ou mais línguas, semelhantes ou dessemelhantes, de culturas parecidas ou diferentes, em determinado local, com partilha ou não de interesses comuns. O contato pode ser interlingüístico (entre duas ou mais línguas) ou intralingüístico (entre segmentos de uma mesma língua).

O contato entre línguas, ou melhor, entre povos, é um fenômeno comum no sentido em que faz parte da história lingüística e social da maioria das comunidades lingüísticas do mundo, visto que a delimitação política das fronteiras nacionais freqüentemente não coincide com a de fronteiras lingüísticas (exemplo da Gâmbia, que é um país localizado dentro do Senegal). Além de fatores fronteiriços, a emigração para países estrangeiros, a colonização ou ocupação de outros países (ou ainda o simples fato de se aprenderem línguas estrangeiras) e até casamentos conduzem a uma inevitável coabitação lingüística.

De fato, o que entra em contato diretamente entre si não são línguas (L), mas os povos (P) que as falam ou, mais freqüentemente, membros representantes desses povos. Portanto, quando se fala de contato de línguas, o que se tem é PL_1 que entra em contato com PL_2 em um determinado território T. No entanto, pode haver mais de um povo, ou seja, PL_1 , PL_2 , PL_3 , PL_4 etc. No caso específico do contato de línguas que leva à formação de crioulos e pidgins, o que em geral se tem é, de um lado, um povo conquistador ou dominante e respectiva língua (PL_1) e, de outro lado, dois ou mais povos conquistados e/ou dominados e respectivas línguas (PL_2 , PL_3 , ..., PL_n) (Couto 1999: 15-16). Assim, para a facilidade de representação, usaremos as siglas (PL_2, PL_3, \dots, PL_n) para as línguas de substrato, (LS) (Língua de Superstrato), (PL_1) (Povo de Língua 1) e (LL) para (língua lexificadora). As figuras 8 exemplificam os possíveis tipos de contato:

(figura 8)



O contato entre os PL se dá em determinado território (T). Em princípio, pode se dar (a) no T1 de (PL_1), (b) no T2 dos ou de um dos povos dominados (PL_2, PL_3, \dots, PL_n) ou (c) em um terceiro T3, que não é o de nenhum dos PL contatantes e a situação em (d) acontece geralmente em fronteiras por razões comerciais: O povo de T1 vai em T2 e o de T2 vai em T1.

Em (a), o contato se dá quando os membros de LS imigram para o território (T1) de LL, como se dá, por exemplo, com os hispânicos em Nova York, Miami e na Califórnia, com os japoneses em São Paulo e os alemães no sul do Brasil. Este caso é mais favorável para o surgimento de um anticrioulo do que para um crioulo. Ao contrário do crioulo, o anticrioulo é uma língua cuja base lexical provém das línguas dos povos dominados e cuja base gramatical e fonética vem da língua do dominador (a língua cafundó no Brasil, que tem parte do seu léxico africano e a gramática e fonética portuguesa é um exemplo de anticrioulo). O caso (b) é a dos fortes costeiros, como se deu com o crioulo da Guiné-Bissau, o Kriol (Serra Leoa), entre outros. A situação em (c) é a ideal para o surgimento de um crioulo. Trata-se das chamadas sociedades de plantação, como no Havaí, nas ilhas Maurício, nas ilhas do Cabo Verde, do Caribe e do Golfo da Guiné, e também no Brasil, com relação aos portugueses e africanos. Em (d), o contato se dá tanto em T1 quanto em T2, ou seja, quando os membros de LL vão ao território T2 (pertencente a LS) ou quando os membros de LS vão ao território (T1) de LL. Essa é uma situação ideal para o surgimento de pidgins, pela sua própria natureza, geralmente caracterizados pelo fato de não serem língua de ninguém (Couto 1999: 16).

Pode acontecer que o tipo de contato seja o mesmo, mas os resultados são sempre diferentes. O contato de línguas pode levar a diversos resultados lingüísticos tais como surgimento de novas línguas, mescla lingüística e morte de línguas. Um caso que merece especial atenção, por muitas razões, entre as quais a do impacto que o seu estudo teve e tem no desenvolvimento da investigação em Lingüística, é a da criação de novas línguas. Essas novas línguas — pidgins e crioulos — têm, de fato, sido objeto de estudo, com a criação de um novo ramo da Lingüística, a Crioulística.

5.2. Pidginização

Quando falantes de línguas maternas diferentes entram em contato por razões de ordem social, eles têm necessidade urgente de se comunicar. Frequentemente surge uma forma de linguagem veicular, utilizada em situações restritas de comunicação: o pidgin.

Pidgin é um termo cuja etimologia é polêmica. Há quem defenda que vem do inglês *business*, com origem no pidgin inglês falado no litoral da China; do português *ocupação* (transformado em *pasang* pelos chineses) ou *pequeno* (transformado em *Piken* pelos africanos); do hebreu *pidjom* (troca, comércio). Por seu lado, a crioulista Romaine associa o termo “pidgin” à pronúncia da palavra inglesa “*beach*” praia “*beache*” (Todd 1990:18- 21). De qualquer forma, o termo pidgin teria começado por denominar variedade de uma língua de indivíduos de origem cultural e lingüística diferenciada implicados em situações de comércio, passando depois a denominar a língua mista que falavam entre si, nessas situações.

A palavra pidgin refere-se a um gênero especial de língua reduzida que se forma quando grupos de falantes de línguas diversas mantêm um contato prolongado e precisam se comunicar dentro de um domínio restrito, tal como a escravidão, o comércio, as viagens de reconhecimento (Holm 1988: 4-6). As restrições sociais impedem o processo normal de aprendizagem de uma segunda língua e nenhum grupo aprende a língua de outro grupo. Assim, acredita-se que os pidgins sejam exemplos de um certo tipo de aprendizagem de uma língua não-materna, passando de sistemas mais simples a mais complexos à medida que as necessidades comunicativas vão se tornando mais presentes. As línguas pidgin não têm falantes nativos.

Os pidgins surgem freqüentemente em situação de contato entre dois grupos, sendo um considerado superior socioeconomicamente em relação ao outro. Estando em sociedade em que há estratificação social organizada em torno do dominador e dominado, normalmente, os falantes da língua do dominado (substrato) acabam por incorporar palavras da língua do dominador (superstrato), não obstante o significado, a forma e o uso destas palavras poderem ser influenciados pela língua do substrato. O grupo dominador que, inicialmente, procura adaptar e simplificar a sua língua para se fazer entender, acaba aprendendo o pidgin, uma vez este formado. Essa forma de cooperação entre dominadores e dominados acaba criando determinada língua para atender a necessidades comunicacionais mínimas: o pidgin.

O pidgin corresponde aos primeiros estágios de aquisição espontânea da língua do grupo socialmente dominante pelos falantes das outras línguas. É uma linguagem subsidiária, de recurso, com um léxico e morfologia reduzidos, não podendo, pois, funcionar como língua

materna. A língua do dominador, também chamada língua-base ou superstrato, contribui essencialmente com o léxico para a sua formação, enquanto as línguas dos dominados ou substratos fornece a gramática (fonética, morfologia e sintaxe). Dessa forma, pode-se distinguir, por exemplo, pidgin de base portuguesa, aquele cujo léxico deriva da língua portuguesa, pidgin de base inglesa, aquele cujo léxico deriva da língua inglesa, pidgin de base francesa, aquele cujo léxico deriva da língua francesa.

Falantes de pidgins têm à sua disposição uma outra língua plenamente desenvolvida, como língua-mãe. Além do mais, pidgins tendem a ser estigmatizados como línguas “marginais”, “corruptas”, variantes “ruins”, “estropiadas” da língua padrão na qual eles parecem ser baseados, isto é, são muitas vezes considerados como o resultado da aprendizagem imperfeita de uma língua. São sistemas lingüísticos com seus próprios direitos, mas não podem competir estrutural, funcional e socialmente com línguas plenamente estruturadas. Quanto à sua duração, podemos encontrar pidgins de curta duração, que deixam de existir quando muda a situação socioeconômica particular que levou ao seu surgimento ou podemos encontrar pidgins que persistem ou mudam de acordo com a situação.

A gramática do pidgin é drasticamente reduzida em relação à gramática da língua do superstrato e à gramática da língua do substrato. Essa gramática é caracterizada por pequeno número de fonemas, preferência pela estrutura silábica CV, em geral em vocábulos dissilábicos, ausência quase total de morfologia derivacional e flexional, funções sintáticas que são indicadas, preferencialmente, pela ordem SVO e por léxico bastante reduzido.

Uma das características mais surpreendentes das línguas pidgins é a sua semelhança estrutural. Contudo, é importante ter em mente que os pidgins são sistemas lingüísticos que estão em desenvolvimento, com semelhanças de gênero gradual. A proporção de semelhanças pode variar segundo a fase de desenvolvimento de cada pidgin. Algumas das tendências freqüentemente observadas incluem:

Em geral, não há morfologia flexional e derivacional. A ordem sintática é geralmente SVO.

Uma outra situação que vale ressaltar aqui é o caso da linguagem dos estrangeiros, que é uma situação pidginizante. Ocorre entre os alemães do sul do Brasil, como mostra o seguinte exemplo:

Fech`die Janelle. Es chuvt.

Feche as janelas. Está chovendo..

(Couto, 1996: 30).

Pode-se observar que os lexemas são portugueses e a gramática é da língua alemã. A situação pidginizante ocorre sempre quando povos ou indivíduos falantes de línguas diferentes entram em contato.

Como referido acima, a pidginização, a criação de uma língua pidgin, inicia-se quando povos de línguas diferentes entram em contato. Num primeiro momento pode-se ter um pidgin instável ou jargão. O termo “jargão” se refere a uma variedade de fala com um sistema lingüístico mínimo e uma grande variação individual usada para comunicar-se em situações limitadas entre falantes de diferentes línguas, por exemplo o comércio, enquanto um pidgin tem um certo grau de estabilidade. Se o contato permanecer, o pidgin instável pode evoluir para um pidgin estável que, por sua vez, é o gerador da língua crioula.

5.3. Crioulização

A questão etimológica do crioulo é muito complexa, assim como a do pidgin. O termo crioulo deriva de uma extensão do significado do nome português cria (de criar); designava, originalmente, “animal criado em casa”, tendo sido depois aplicado aos escravos nascidos e criados numa colônia da América, por oposição aos nascidos na África. Posteriormente, passou a denominar qualquer indivíduo mestiço nascido naquele tipo de sociedade, ou seja, caracterizada pela existência de escravatura, diferentemente do que acontece com o enquadramento social que proporciona a ocorrência de pidgins. Especializou-se, finalmente, como nome genérico das

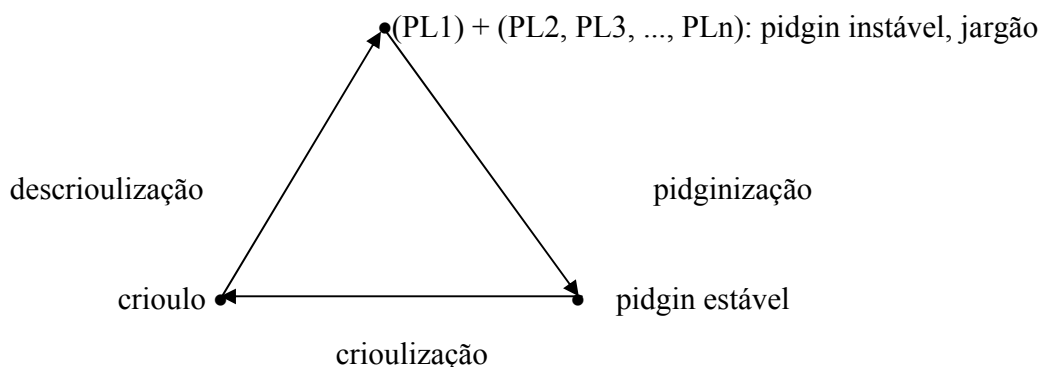
línguas faladas pelos indivíduos crioulos, nomeadamente na zona dos Caraíbes e da África Ocidental, num primeiro momento, e depois em todas as zonas onde a sua formação ocorreu (Pacífico Sul, Oceano Índico etc.) (Couto, 1996: 33).

No que diz respeito ao processo de crioulição, existem duas principais teorias: a da nativização e da comunitarização.

5.3.1. Nativização

A nativização é uma teoria segundo a qual o surgimento de um crioulo está ligado à aquisição de um *pidgin* como língua materna por crianças. É uma hipótese considerada antiga em relação aos avanços da crioulistica. Bickerton tem sido defensor dessa teoria ao afirmar que um crioulo surge quando crianças adquirem um *pidgin* como sua língua nativa ao passo que o *pidgin* é uma língua auxiliar que surge quando falantes de diversas línguas mutuamente ininteligíveis entram em contato estreito (Bickerton, 1984: 173). Esse processo de crioulição com *pidginização* (nativização) é geralmente ilustrado no conhecido Ciclo Vital que é muitas vezes atribuído a Hall (1962):

(figura 9)



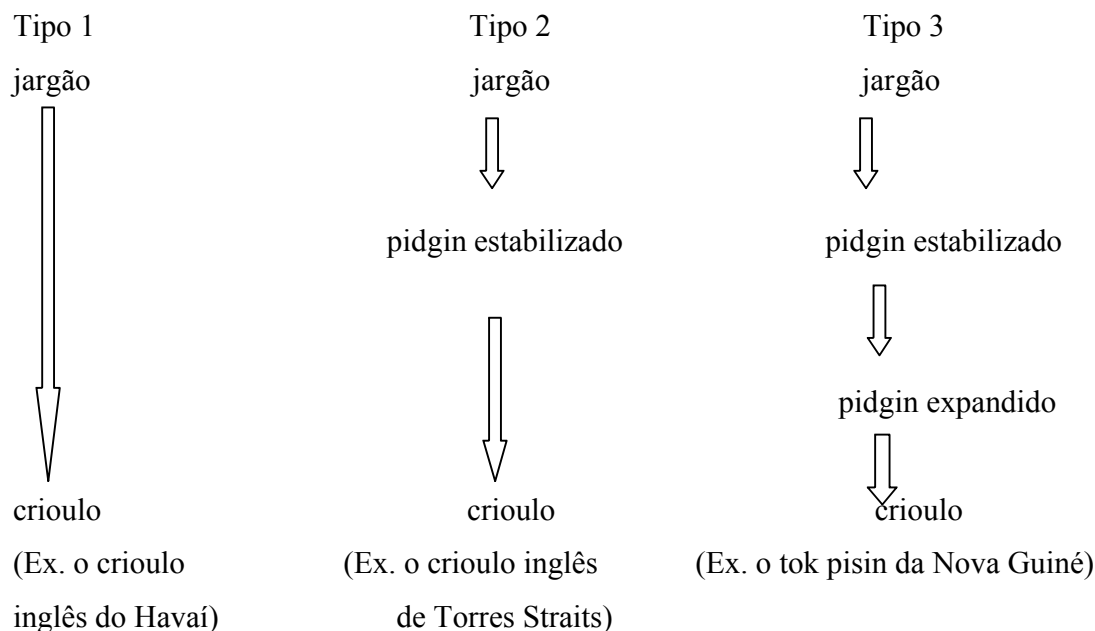
Como mostra esse Ciclo Vital, o crioulo surge quando o *pidgin* estável é adquirido como língua materna por crianças. Em outras palavras, um crioulo é um *ex-pidgin*, ou um *pidgin* nativizado.

Pidgins e crioulos constituem dois aspectos de um mesmo processo lingüístico, distinguindo-se, em termos muito gerais, pelo fato de um pidgin ser uma língua segunda enquanto um crioulo é língua primeira, ou seja, tem falantes nativos. Quando alguns pidgins eventualmente tornam-se línguas-mães para partes da população, fala-se de criouliização. A distinção mais evidente entre pidgin e língua crioula é a existência de falantes nativos. Quando o pidgin torna-se a primeira língua de uma geração de falantes e é elaborado em termos de vocabulário e gramática, torna-se uma língua plenamente desenvolvida. Isto seria uma instância de nascimento de língua, quer dizer, de uma língua denominada crioula. Basicamente, pidginização envolve processos na direção da simplificação, ao passo que criouliização envolve processos na direção oposta, nomeadamente elaboração, não somente em termos de enriquecimento do léxico, mas também em termos de complexidade estrutural e de funções de comunicação. Entretanto, os crioulos são também muitas vezes desprezados, mesmo por seus próprios falantes nativos, que os consideram como sendo inferiores à língua padrão correspondente.

Do ponto de vista estrutural, verifica-se no pidgin, fase geradora do crioulo, uma simplificação, enquanto no crioulo, uma fase posterior, sente-se a necessidade de sair deste nível de comunicação básica, o que origina a expansão funcional, a reconstrução de estruturas gramaticais, do léxico, transformando-se o pidgin em um crioulo.

Apesar de existirem diferentes posições quanto à origem e ao ciclo de vida das línguas pidgin e crioula, poder-se-á sintetizar a questão da seguinte forma, segundo Romaine (1994: 170): a um pidgin inicial (1), formado sob as condições referidas anteriormente, pode seguir-se um pidgin estabilizado (2) e a este, um pidgin expandido (3); em (2) existem já funções sociolingüísticas bem determinadas e consenso quanto à correção lingüística, independentemente da simplicidade ou não da sua gramática; (3) distingue-se, em relação às fases anteriores, pela complexificação da gramática, pelo uso generalizado da língua, pelo fato de ela cumprir todas as funções necessárias e pelo sentimento de coesão de grupo que implica. Dependendo do caso, os processos de pidginização e de criouliização podem ocorrer em qualquer momento deste ciclo, como ilustrado a seguir, pela citada autora:

(figura 10):



No tipo 1, o jargão inicial se transforma diretamente em crioulo, como é o caso do crioulo inglês do Havai. Nesse primeiro caso, podemos afirmar que houve crioulização sem pidginização, isto é, o jargão, meio de comunicação precário, às vezes comparado ao pidgin, não precisou ser nativizado para o surgimento do crioulo inglês do Havai. No tipo 2, o jargão inicial pode se estabilizar antes do processo de crioulização, como ocorreu com o crioulo inglês de Torres Straits. Por fim, no tipo 3, pode acontecer de o jargão inicial se estabilizar e, em seguida, expandir-se ainda como pidgin, antes de se crioulizar. Esse é o caso do tok pisin da Nova Guiné.

Afinal, será que a nativização é uma condição *sine qua non* para o surgimento de uma língua crioula?

Em algumas situações, os crioulos são línguas naturais, de formação rápida, criadas pela necessidade de expressão e comunicação plena entre indivíduos inseridos em comunidades multilingües relativamente estáveis. Procurando superar a pouca funcionalidade das suas línguas maternas, estes recorrem ao modelo imposto (mas pouco acessível) da língua socialmente

dominante e ao seu saber lingüístico para constituir uma forma de linguagem veicular simples, de uso restrito, mas eficaz, o pidgin, que posteriormente é gramaticalmente complexificada e lexicalmente expandida, em particular pelas novas gerações de crianças que a adquirem como língua materna, dando origem ao crioulo.

Muitas vezes, as línguas crioulas foram criadas em contextos que resultaram da escravatura. Do século XVII até o século XIX, os europeus levaram para trabalharem nas plantações das suas colônias milhões de africanos escravos de diversos grupos étnicos e lingüísticos.

A primeira geração de escravos enfrentou uma situação que levou ao uso de uma segunda língua muito rudimentar, fragmentada e variável, sendo fortemente influenciada pelas línguas maternas dos falantes. Por meio do contato, os escravos adquiriram fragmentos da língua dos superstratos, criando, na maioria dos casos, um pré-pidgin, ou seja, um leque de soluções individuais. Em outros casos, é possível que esta segunda língua rudimentar se tenha cristalizado para constituir uma língua pidgin. Um fator que teria influenciado o desenvolvimento dessa segunda língua “especial” teria sido a homogeneidade, ou não, das línguas maternas faladas pelos escravos. Nos casos em que os africanos não tinham uma língua em comum, parece mais provável a formação de um pidgin que, posteriormente, pode tornar-se um crioulo na medida em que vai se constituindo uma nova comunidade.

5.3.2. Comunitarização

A comunitarização é a teoria segundo a qual o surgimento de um crioulo não depende necessariamente de pidginização como mostra o título do artigo de Couto (1992) “Um cenário de crioulição sem pidginização”. De acordo com o autor, o crioulo surge quando surge uma nova comunidade formada de povos aloglotas que convergiam em um mesmo espaço e cujos membros precisaram comunicar-se uns com os outros (Couto 1992: 21).

Assim como a nativização, a comunitarização é uma teoria segundo a qual a crioulição ocorre através do contato entre povos diferentes com suas respectivas línguas. Desta forma, nos

primeiros estágios de contato entre $(PL_1) + (PL_2, PL_3, \dots, PL_n)$ ou entre $(PL_2) + (PL_3, \dots, PL_n)$, percebe-se a ausência de um meio de comunicação. Na medida em que esse contato for permanecendo, eles vão fazendo tentativas individuais de comunicação (TIC) através de estratégias individuais de comunicação (EIC). Quanto mais durar o contato entre esses membros da comunidade emergente, vai se cristalizando também um meio de comunicação interétnico ou interlingüístico (MCI) que mostra o início de um processo de formação de uma língua crioula (Couto 1992: 17).

De acordo com essa teoria, o surgimento de uma língua crioula é determinado, quer pela autonomização de uma variedade veicular tomada como língua principal de um grupo social em formação, quer pela cristalização, em circunstâncias análogas, de um conjunto de aproximações efetuadas pelos falantes iniciantes de uma língua alvo.

Assim, contrariamente à nativização, a crioulação é uma hipótese que acredita que o crioulo surge assim que o MCI passa a ser a língua principal de uma comunidade. Partindo dessa hipótese, a nativização defendida por Bickerton torna-se desnecessária. O MCI, meio de comunicação precária entre povos que entram em contato, tem sido considerado por alguns autores, como um jargão. Assim, a emergência de um crioulo é marcada pelo fato de o MCI se comunitarizar, ou seja, transformar-se na língua principal (do inglês *primary language*) da comunidade formada por $(PL_1) + (PL_2, PL_3 \dots PL_n)$ ou apenas por $(PL_2, PL_3 \dots PL_n)$ influenciado por (PL_1) . Desta forma, para a teoria da comunitarização que pode ser chamada também de territorialização, um crioulo surge quando um MCI passa a ter um território próprio e fixo (Couto 1992: 17).

A teoria da comunitarização ou territorialização nos remete à ecologia da linguagem segundo a qual existe uma interdependência entre território, comunidade (povo) e comunicação (língua). Em outras palavras, o surgimento de uma nova língua implica a existência de um povo, morando em um determinado território e detentor de um meio de comunicação em comum. A própria palavra comunitarização já implica a existência de algo em comum, isto é, para se ter uma comunidade, precisa-se de um povo que partilha o mesmo território e interagindo através de uma língua.

É evidente que o homem não pode viver sem a comunicação. Ele é o animal que mais faz uso de signos lingüísticos. Através de palavras e até gestos que ele usa na comunicação, o homem pode ser identificado como membro desta ou daquela cultura, deste ou daquele grupo. Assim, uma vez em contato com seus próximos ((PL₁) + (PL₂, PL₃ ... PL) ou (PL_Z, PL₃...PL_n)) formando assim um povo, as pessoas fazem uso de suas TIC e EIC até estabelecer um meio de comunicação, como por exemplo, o MCI. E, com a consolidação desse contato, vai se consolidando também uma língua (surgimento de uma língua crioula). Isso mostra que toda a aquisição de uma língua segue algumas fases.

Do ponto de vista da gramática gerativa, é sabido que a criança, através da gramática universal (GU), vai formatando uma língua. Assim, para os gerativistas, no processo de aquisição ocorre uma filtragem do input através da GU até chegar ao output (surgimento de uma língua).

Para o processo do surgimento ou aquisição de uma língua crioula, Couto (1992) distingue três níveis de comunicação a contar do primeiro contato até a formação de uma língua crioula (Couto 1992: 22-23):

1) Nível Primário: trata-se do primeiro estágio do contato entre povos que ainda não têm uma língua em comum. Essa fase é considerada como um nível zero de gramaticalização, ou de gramática zero (G₀), equivalente ao estado inicial (E_i) de Chomsky (1988). O que se tem nessa fase é a gramática universal (GU) e toda a comunicação que ocorrerá é feita naturalmente através de princípios (regras comuns a todas as línguas do mundo) e da competência de cada um.

2) Nível Essencial de interação: é o estágio inicial de um MCI. Esse nível de gramática essencial (G_E) corresponde ao estado estável (E_e) de gramaticalização de Chomsky (1988).

3) O nível ótimo de comunicação: é o estágio de gramaticalização máxima que coincide com a etapa final de gramaticalização, ou de formação da gramática crioula. É a etapa que marca

a consolidação da nova comunidade. Essas equivalências do processo de crioulização são mostradas abaixo:

Nível de comunicação	Estágio de gramaticalização
1. primário	1. GØ; E ₀ ; GU; desgramaticalização
2. essencial	2. GE; E _e ; gramaticalização ₁
3. ótimo	3. GC; P _m ; gramaticalização ₂

As línguas crioulas formadas nas circunstâncias descritas acima constituem a classe das línguas crioulas de plantação (*plantation creoles*). Elas são também chamadas línguas crioulas exógenas (*exogenous creoles*), porque são formadas por populações geográficas e culturalmente deslocadas por um grupo dominante forasteiro para fundar uma sociedade nova. Nesse caso, a população deslocada deixa de falar a sua língua de origem. A maioria dos crioulos da região atlântica é desse gênero, por exemplo, o crioulo francês do Haiti, o papiamento (crioulo castelhano das Antilhas Holandesas), o crioulo inglês da Jamaica, os crioulos portugueses de São Tomé e Príncipe e de Cabo Verde.

Existe, porém, um outro gênero, a língua crioula de fortaleza (*Fort creole*), também chamado línguas crioulas endógenas (*endogenous creoles*). São formadas quando um grupo de forasteiros penetra uma área multilíngüe e estabelece uma sociedade nova. Nesse caso, o crioulo é desenvolvido por uma população variada, a sociedade cultural e economicamente superior com o grupo dominante, por exemplo, mestiço, escravos, trabalhadores contratados, comerciantes indígenas, indígenas convertidos à religião do forasteiro. Porém, as línguas indígenas continuam sendo faladas, como por exemplo, os crioulos portugueses da Ásia (Chaudenson, 1989: 23).

Além dessas abordagens sobre a formação e o desenvolvimento das línguas crioulas essencialmente resultantes do contato de línguas, convém acrescentar algumas informações sobre as teorias que têm sido desenvolvidas quanto à sua origem, embora não de forma exaustiva. Romaine (1994: 167-169) descreve as hipóteses para as origens dos pidgins e dos crioulos, da forma a seguir:

1. A hipótese da monogênese: baseada na idéia de que, em todo o tempo, as línguas derivam gradualmente de um antepassado comum. É um modelo que tem sido amplamente aplicado para explicar as origens das línguas pidgins e crioulas. Consiste na afirmação da existência de um proto-pidgin de origem portuguesa (século XV), por exemplo, ele próprio herdeiro do *sabir* ou língua franca criada na época das Cruzadas e usada na bacia do Mediterrâneo pelos mercadores da Idade Média. Esse pidgin ter-se-ia expandido pelas costas da África, pela Índia e pelo Extremo Oriente e sofrido posteriores relexificações de forma a dar origem aos diferentes pidgins de base francesa, inglesa etc., conforme o percurso socio-histórico dessas populações.

2. A hipótese da poligênese: enfatiza a idéia de que as línguas pidgins e crioulas, embora surgindo independentemente, acabariam partilhando características semelhantes, visto terem surgido de um material lingüístico comum, para além de circunstâncias históricas e sociais muito semelhantes entre si.

3. A hipótese dos substratos: sustenta a importância do papel das línguas faladas pelas comunidades que adotam o vocabulário das línguas de superstrato (línguas européias), mantendo as características de sua gramática, por exemplo, as línguas oeste-atlânticas contribuíram para a formação dos crioulos atlânticos.

4. A teoria do «baby-talk» (falar infantil) e do «foreigner-talk» (falar para estrangeiros): baseia-se no princípio de que os falantes envolvidos numa situação de contato multilíngüe usariam uma variedade reduzida da sua língua, mais fácil de servir de input. Como exemplo, temos, por um lado, uma língua usada por estrangeiros: “I no speak English”, que significa “eu não falo inglês” e, por outro lado, a fala direcionada a crianças “Daddy go bye-bye”.

5. A hipótese dos universais lingüísticos: conforme essa hipótese, os princípios universais que subjazem a todas as línguas explicariam por que pidgins e crioulos geograficamente muito afastados, formados em épocas e em situações muito diferenciadas, partilham características lingüísticas que aproximam espantosamente as suas gramáticas.

De todas essas hipóteses, acreditamos que a da monogênese é de fundamental importância para o surgimento de uma língua crioula. De acordo com essa hipótese, como foi referido acima, todos os crioulos do mundo têm a sua origem em um pidgin ou proto-crioulo formado nas costas da África na segunda metade do século XV. Por sua vez, este pidgin, estendido pelos escravos, seria relexificado com elementos, espanhóis, franceses, ingleses, portugueses.

Assim como as línguas pidgin, as línguas crioulas apresentam uma série de características semelhantes. No que diz respeito às características estruturais, os crioulos apresentam um léxico menos numeroso do que o das línguas de superstrato e substrato. O número de fonemas é menor do que o das línguas que entraram em sua formação, há quase total ausência de morfologia derivacional e flexional, e as funções sintáticas são geral e preferencialmente indicadas pela ordem SVO e há clara preferência pela estrutura silábica CV, em geral, em vocábulos dissilábicos. Temos, a seguir, alguns exemplos das características das línguas crioulas.

- Palavras interrogativas: são geralmente bimorfêmicas, incluindo-se as perguntas “qu-”. No crioulo angolano, a ordem das palavras permanece invariável na pergunta (SVO) e a pergunta é marcada pela entonação. Alguns dos pronomes interrogativos são acompanhados de um pronome lexificador “ma” derivado da palavra portuguesa “mais”. Os exemplos (1) e (2) foram tirados de Lorenzino (1998: 147-148):

- (1) ɔla m o ka be ki vira bo θo?
 Quando 2^ap hab encontrar com vida 2^ap só
 Quando você se encontra só

Nesse exemplo, percebe-se que o pronome “quando” é sempre representado por “ɔla” do português hora.

- (2) Kwa ε ma fa r'ó e
 O que eu disse para você?

- Existência e posse: na maioria dos crioulos, o sentido de existência e de posse é indicado por meio de verbo único, como se depreende dos seguintes exemplos:

(3) N tene dus mangu = Eu tenho duas mangas (guineense).

(4) i ka ten yagu = Não há água (guineense).

(Couto, 1996:44).

- Fonologia: geralmente faz uso da opção não-marcada. Entre elas, destacam-se:

- a preferência pela estrutura silábica CV: bili de “abrir” sape “chapéu”.

- a assimilação progressiva das vogais, ou seja, as vogais médias tendem a virar altas: a palavra ‘chorar’ corresponde á ‘sula’ em são-tomense.

Considerando o que está exposto acima, deduzimos que um crioulo é a evolução de um pidgin que, por sua vez, é uma língua de comunicação mínima entre falantes de diferentes línguas, geralmente para relações comerciais ou escravatura. Do ponto de vista lingüístico, um pidgin é muito pouco gramaticalizado e não é língua primeira nem natural de nenhum grupo. Ele se torna crioulo, quando se assenta num grupo humano que o possui como a sua única forma de comunicação. Assim, ele adquire uma nova complexidade depois de um processo de relexificação (influenciado pela língua de superstrato) e de regramaticalização (influências das línguas de substrato).

CAPÍTULO VI

GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DOS CRIoulos PORTUGUESES DO GOLFO DA GUINÉ

6.0. Introdução

O presente capítulo objetiva mostrar o processo de formação e de desenvolvimento dos crioulos portugueses falados no Golfo da Guiné. Trata-se do são-tomense, do angolar e do principense, falados em São Tomé e Príncipe, e do Fa d'ambu, falado na ilha de Anobom, esclarecendo que esta, embora hoje integrante da Guiné Equatorial, pertenceu à coroa portuguesa até 1778, data em que passou a pertencer à coroa espanhola. Ele terá um enfoque sobre a história sociolingüística dos são-tomenses, angolares, principenses e anoboneses, explorando as condições sociais e históricas que levaram à emergência das respectivas línguas.

6.1. Formação dos crioulos do Golfo da Guiné

A urgência de entendimento mútuo entre europeus e africanos (e, posteriormente, asiáticos) criou as primeiras condições de emergência de pidgins de base portuguesa, nos séculos XV e XVI. Estes, em alguns casos, por um processo de complexificação estrutural e expansão lexical, deram origem a crioulos.

Como todo crioulo resulta de um contato de povos com suas respectivas línguas, os crioulos do Golfo da Guiné resultaram do contato do português seiscentista com as línguas étnicas da costa ocidental africana durante o processo de escravatura e os primeiros séculos de colonização da região. Várias línguas dos países vizinhos contribuíram para a formação desses crioulos. A chegada dos portugueses no Golfo da Guiné e, principalmente, em São Tomé e Príncipe, fez surgir contato não somente entre os portugueses e são-tomenses mas também entre são-tomenses e são-tomenses.

O surgimento das quatro línguas crioulas no Golfo da Guiné é devido a fatores históricos, econômicos, sociais e fronteiriços, que fizeram com que muitas línguas dos países fronteiriços entrassem em contato, por um lado, entre elas e, por outro lado, entre elas e o português. Esse surgimento está intimamente ligado ao povoamento deste arquipélago que é objeto de muita polêmica, por haver alguns que acreditam que ele foi descoberto e outros, achado.

Alguns historiadores acreditam que as ilhas de São Tomé foram descobertas entre 1470 e 1472, sendo imputada aos navegadores João de Santarém e Pedro Escobar a descoberta das mesmas. Segundo a lenda, não existem escritos que vinculem totalmente a data da descoberta. As ilhas foram descobertas:

a) São Tomé, a 21 de dezembro do ano de 1470, dia de São Tomé;

b) Príncipe, pensa-se a 17 de janeiro do ano seguinte, tendo inicialmente tomado o nome de Santo Antão e/ou Santo Antônio, recebendo o seu atual nome em honra do príncipe D. João, filho varão do rei português D. Afonso V, a quem era pago o tributo em açúcar que ali se produzia.

c) Anobom (Annobón) e Fernando Pó, de início denominada Formosa, ambas território da Guiné Equatorial, foram descobertas quase simultaneamente, embora por navegadores diferentes; a primeira, por volta de 1471, segundo se acredita, por J. Santarém ou P. Escobar, e a ilha de Fernando Pó, atualmente denominada Ilha de Biyoko, em 1474, pelo navegador do mesmo nome. Estas ilhas foram entregues à Espanha em 11 de março de 1778, pelo Tratado de Santo Ildefonso (Hernandez, 2005: 550-552).

Entre os fatores que favoreceram o surgimento do crioulo, podem-se citar os seguintes: a arregimentação da população servil assim como o déficit de mulheres brancas, que foi a origem das primeiras mestiçagens, que, após algumas hesitações, foram usadas pelas autoridades como instrumento de povoamento dessas colônias; a instrução religiosa dos escravos, que teria sido feita em um pidgin e que se tornara mais tarde um crioulo; e também a “formação profissional” dos escravos na tentativa de obter uma valorização em caso de revenda. Esses fatores reunidos e o fato de as crianças começarem a adquirir esse pidgin como língua materna contribuíram para que as populações de São Tomé e Príncipe comessem a se servir desses sistemas em formação

não somente como um meio de comunicação, mas também de identificação nacional e cultural, de onde nasceu o crioulo.

O que é verdade no continente o é também nos arquipélagos para onde foram deportados escravos africanos. A multiplicidade de suas línguas de origem não deve mascarar a capacidade desses homens e mulheres de adotar uma língua comum. Comprados no continente, eles viveram, às vezes, muitos anos do contato das línguas veiculares que falavam os mestres e os comerciantes que os venderam aos portugueses. Isso se explica pelo fato de não ser por acaso que o rei de Portugal D. João III, por carta de 12 de outubro de 1556, pedia a impressão de catecismos na língua do rei do Congo para instruir na religião os escravos de São Tomé (Rougé, 2004:17).

No início do século XVI, São Tomé era já um entreposto de escravos onde se formou o primeiro crioulo de base portuguesa dessa área, o forro ou santomense. Nesse período, foram enviados escravos para Príncipe e Anobom, para trabalhar nas plantações, pelo que os crioulos do Golfo da Guiné tiveram todos, provavelmente, a sua origem no forro de São Tomé, tendo-se desenvolvido, em Príncipe, o principense ou lunguyê (língua da ilha) e, em Anobom, o anobonês ou fá d’Ambu (falar de Anobom).

Nos últimos anos do século XV, os portugueses povoaram as ilhas de degredados, de judeus obrigados ao exílio pela Inquisição, assim como de escravos trazidos das diversas partes da costa ocidental africana (Benin, Nigéria, Angola). São Tomé se tornou rapidamente uma das “plaques tournantes”⁹ do tráfico negreiro. Como cada povoador (colono português) tinha direito, por decreto real, a uma escrava, as mestiçagens se tornaram extremamente freqüentes. A partir de 1513 e 1517, as mulheres negras e as crianças que nasceram do casamento ou do concubinato com europeus tornaram-se oficialmente “livres”. Eles formaram uma comunidade de forros (escravos que recebiam uma carta de alforria – ou de emancipação – como prova de sua libertação) com uma identidade e poderes socioeconômicos particulares.

Esta situação criou condições favoráveis, por um lado, à emergência de uma língua crioula e, por outro, à rápida difusão dessa mesma língua sob forma de criouliização das outras

⁹ Plaques tournantes- Placas giratórias que, junto com as manivelas ferroviárias, eram responsáveis pela mudança de direção dos trens, que representam as diferentes opções de caminhos a serem tornados nas derivas.

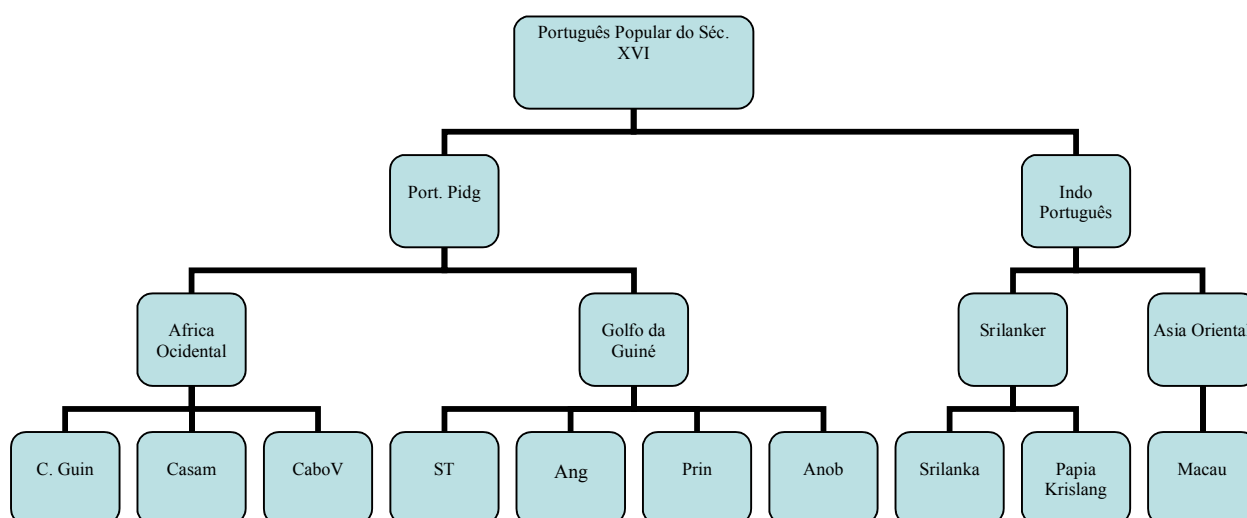
comunidades. No decorrer dos cem primeiros anos, os escravos provinham principalmente do Benin, onde se falavam as línguas kwa. Mais tarde, o arquipélago recebeu escravos do Congo-Brazzaville (chamado naquele momento de Rio Congo) e sofreu a influência do kikongo.

Do seu contato com os senhores portugueses surgiu um pidgin que, por sua vez, deu lugar a crioulos que gradualmente se tornaram estáveis, sistemáticos e estruturados. O constante contato com a língua portuguesa, minoritária, mas de prestígio, fez que ela se tornasse popular entre aqueles para os quais tinha sido inicialmente uma simples forma de comunicação limitada à condição social (interação, sobrevivência).

O fato de haver multiplicidade de línguas, nomeadamente as línguas Kwa e Bantu, permitiu que uma mesma língua de superstrato, o português, influenciasse estes substratos, formando-se, assim, nessas ilhas uma situação étnica e lingüística complexa que resultou no aparecimento dos vários crioulos.

Os crioulos do Golfo da Guiné, que surgiram do português popular do século XVI (um proto-crioulo), como todos os outros crioulos de base lexical portuguesa, podem ser esquematizados pela árvore genealógica a seguir, proposta por Kihm (1987:77).

(Figura 11):



Port. Pid.	=	Português pidginizado	ST.	=	Crioulo São-tomense
Guin.	=	Crioulo Guineense	Ang.	=	Crioulo Angolar
Casam.	=	Crioulo Casamancês	Prin.	=	Crioulo Principense
Cabo V.	=	Crioulo Caboverdiano	Anob.	=	Crioulo Anobonês

Os crioulos do Golfo da Guiné nasceram do contato dos portugueses com africanos em um contexto geral comum, o da escravatura. A questão que se coloca sempre é saber se os crioulos não resultaram do português, mas, sim, de um pidgin reduzido. Rougé (2004:12) confirma a utilização de um sistema lingüístico desse tipo – a língua franca portuguesa – nas costas africanas. Aliás, foi atestada a existência em Lisboa, no século XVI, de uma espécie de português reduzido utilizado pelos escravos, a língua de preto. Para alguns pesquisadores, os portugueses se teriam servido dessa língua de preto para comunicar-se na África e ela constituiria assim a base dos crioulos portugueses da África. Assim, acredita-se que os crioulos se formaram a partir de um conjunto de produções que podem ter como base tanto o português aproximativo ou não quanto um pidgin português e que foram influenciados pelas línguas africanas.

As línguas crioulas do Golfo da Guiné, surgidas do contato do português seiscentista com as línguas daquela parte da África, são hoje línguas de unidade nacional, que servem de meio de comunicação do dia-a-dia, de interação interétnica, em detrimento das línguas de substrato, faladas com mais eficiência até hoje nos países de origem e que se ignora terem influenciado os crioulos do Golfo da Guiné e até sua existência.

Dizer que os crioulos são de base portuguesa significa que são compostos de léxico da língua do dominador (português) e gramática das línguas de substrato pertencentes aos grupos kwa e oeste-bantu de línguas africanas. A língua base, o português, no caso dos crioulos do Golfo da Guiné, é essencialmente a língua fornecedora do léxico. Por sua vez, o substrato muito contribuiu na fonologia e na gramática dos crioulos.

A seguir, apresenta-se a denominação dos vários crioulos portugueses do Golfo da Guiné. Exceto o fa d'ambu, que prefixa seu nome pelo morfema “fa”, da língua portuguesa “fala”, os

demais crioulos prefixam seus nomes pelo morfema “lungwa”, do português “língua”. Seus falantes se referem em suas línguas pelos seguintes nomes:

- o são tomense é conhecido por lungwa san tôme “língua de São Tomé” ou simplesmente por san tôme (do português São Tomé);

- o angolar é conhecido por lungwa ngola “língua de Angolar” ou simplesmente por ngola (do bantu assim como do kimbundu ngola, que significa Angola);

- o principense é mais conhecido por lun gwiye “língua da ilha” ou simplesmente por iye (do português ilha);

- o anobonês é conhecido por fa d’ambu (do português “falar de Anobom”).

Os crioulos do Golfo da Guiné apresentam semelhanças bem como divergências. As semelhanças podem ser atestadas por alguns traços lingüísticos comuns aos diversos crioulos; esses traços encontram provavelmente sua origem num pidgin, quando se pensa, em particular, na cópula *sa*, na palatalização [ʃ] da consoante alveolar fricativa surda [s] e em alguns marcadores verbais, como, por exemplo, as entradas em *ser* e *estar*. Outros fatos podem ser explicados somente pelo português comum, certamente falado nesses territórios quer pelos portugueses entre si, quer por alguns dos primeiros mestiços. É também possível que das variedades aproximativas dessa língua nascessem tentativas de uma aprendizagem por africanos a partir do português e/ou do pidgin.

O São Tomé e Príncipe se identifica hoje somente pelas línguas crioulas e até em suas diversas variedades. De acordo com os relatos dos informantes, ao lado do português como língua oficial, tem-se em cada ilha a convivência de duas variedades de crioulos e isso acontece principalmente em São Tomé, por ser a cidade administrativa e política. Essas variedades são conhecidas como continuum de crioulos e se apresentam da seguinte forma: basileto (conhecida como uma variedade conservadora), acroleto (variedade mais ou menos parecida com o modelo prestigiado) e mesoletos (variedades intermediárias entre as duas primeiras).

Em um mesmo país, raramente as línguas têm igual estatuto em termos de dominância, no que diz respeito à frequência de uso, grau de proficiência, prestígio e variedade de funções.

Línguas dominantes são, portanto, prováveis de ameaçar à extinção línguas não-dominantes. Chama-se tais línguas de ameaçadas, colocadas “em risco”, quando perdem suas funções comunicativas, pois, geralmente, a geração seguinte não adquire a língua-mãe (ameaçada de extinção) como primeira língua. Línguas desaparecem por falta de falantes nativos – morte de línguas. Este não é o caso do Golfo da Guiné, mas se percebe um nítido conflito de gerações no que tange ao uso da língua. Os velhos são usuários da variedade basilectal, enquanto os jovens são ditos usuários da variedade acroletal. Além dessa dicotomia velhos X jovens, podemos ter também a dicotomia rural X urbano, sendo a zona urbana lugar detentor da variedade acroletal e a zona rural detentora da variedade basilectal. Assim, podemos afirmar que o componente “velhos” está para “zona rural”, portanto usuários da variedade basilectal, assim como “jovens” está para “zona urbana”, portanto usuários da variedade acroletal. Essa dicotomia se deve ao fato de que, contrariamente aos jovens, os velhos não tiveram acesso à escola, e não sentiram o vento da modernidade. Isso pode levar à morte de uma língua ou variedade lingüística.

CAPÍTULO VII

DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DO SÃO-TOMENSE

7.0. Introdução

O são-tomense (*lungwa san tome* ou *san tome*) tem cerca de 69.899 falantes, é falado na ilha de São Tomé e é a variedade lingüística de identidade social da maioria da população de São Tomé. Ele constitui a língua da maioria e goza de alto prestígio pelo fato de ser falado primeiramente por mestiços livres nascidos de portugueses com africanas. A supremacia numérica é ligada à importância histórica e à continuidade de muitos falantes de são-tomense pertencentes ao grupo poderoso (os filhos da terra ou *Forros*). O crioulo são-tomense, falado na ilha de São Tomé, é filiado à língua portuguesa do século XV, tendo como substrato as línguas africanas Kwa, da região do Benim, e Bantu, da região do Congo. É a única variedade lingüística entre as três faladas em São Tomé e Príncipe com estatuto de língua nacional.

O presente capítulo se propõe a fazer uma descrição fonológica do crioulo são-tomense, que consiste, por um lado, em identificar os fonemas e, por outro lado, em fazer uma análise da sílaba do são-tomense.

7.1. Análise dos segmentos do são-tomense

Baseando-nos na metodologia estruturalista norte-americana e nas premissas e procedimentos estipulados por Pike (1947), referidos no item 3.1.3, procedemos à análise dos segmentos, que consiste em identificar seus fonemas a fim de mostrar se os pares de sons são fonemas distintos ou se são alofones de um único fonema.

7.1.1 Identificação de fonemas consonantais

O objetivo da identificação dos fonemas é definir quais são os sons do são-tomense que têm valor distintivo (que servem para distinguir palavras). Os sons que estarão em oposição - por

exemplo, [f] e [v] em [fede] ‘feder’ e [vede] ‘verdade’ - são caracterizados como unidades fonêmicas distintas e são chamados de fonemas.

Quadro fonético das consoantes

(Tabela 5)

		Bilabiais	Labio-dentais	Alveolares	Álveo-palatais	Palatais	Velares
Oclusivas	Surdas	[p]		[t]	[tʃ]		[k]
	Sonoras	[b]		[d]	[dʒ]		[g]
Fricativas	Surdas		[f]	[s]		[ʃ]	
	Sonoras		[v]	[z]		[ʒ]	
Vibrantes	Sonoras			[r]			
Laterais	Sonoras			[l]			
Nasais	Sonoras	[m]		[n]		[ɲ]	
Pré-nasais	Surdas	[mp]		[nt]			[ŋk]
	Sonoras	[mb]		[nd]			[ŋg]
Glides		[w]				[j]	

A partir do quadro fonético das consoantes acima, que contém vinte e sete (27) sons, procedemos à identificação dos fonemas, que ocorre ao se encontrar um par mínimo de palavras com significados diferentes e cuja cadeia sonora seja idêntica.

O objetivo principal dessa descrição é identificar como se organiza a cadeia sonora da fala em são-tomense. A identificação dos fonemas consistirá, assim, em encontrar pares mínimos para sons foneticamente semelhantes (SFS). Entendemos por sons foneticamente semelhantes aqueles que compartilham de uma ou mais características fonéticas. Desta forma, constituirão um par suspeito todos os sons foneticamente semelhantes. Tentaremos encontrar nos dados coletados exemplos de par mínimo para atestar o *status* fonológico dos segmentos em questão.

Procuramos pares mínimos apenas para os pares suspeitos de SFS do são-tomense. Temos a seguir os casos mais freqüentes de sons foneticamente semelhantes:

- a. um surdo e seu correspondente sonoro;
- b. uma oclusiva e as fricativas e africadas com ponto de articulação idêntico ou muito próximo;
- c. as fricativas com ponto de articulação muito próximo;
- d. as nasais entre si;
- e. as laterais entre si;
- f. as vibrantes entre si;
- g. as laterais e vibrantes;
- h. os sons com propriedades articulatórias muito próximas;
- i. as vogais que se distinguem por apenas uma propriedade articulatória.

Os seguintes pares de sons são fonemas distintos por contrastarem em ambientes idênticos e/ou análogos, como provam os exemplos que os acompanham.

/p/	/b/
[pali] ‘parir’	[bali] ‘varrer’
[kapa] ‘capar’	[kaba] ‘acabar’
/t/	/d/
[tadz̥i] ‘tarde’	[dad̥zi] ‘idade’
[buta] ‘botar’	[bɔ̃da] ‘bordar’
/k/	/g/
[kala] ‘cara’	[gala] ‘gala’
[kaku] ‘caco’	[gagu] ‘gago’
/f/	/v/
[flɛga] ‘esfregar’	[vlɛga] ‘dobrar’

[lifa] ‘rifa’	[leva] ‘raiva’
/s/	/z/
[salu] ‘sal’	[zalu] ‘jarro’
[kasa] ‘caçar’	[kaza] ‘casar’
/m/	/n/
[mõ] ‘mão’	[nõ] ‘nós’
[fama] ‘fama’	[fana] ‘fana’
/m/	/ɲ/
[ngama] ‘vala’	[ngajɲa] ‘galinha’
/n/	/ɲ/
[na] ‘não’	[ɲa] ‘lenha’
[bana] ‘abandar’	[baɲa] ‘banhar’
/l/	/d/
[leʒi] ‘raiz’	[deʒi] ‘dez’
[mole] ‘morrer’	[mode] ‘morder’

Fonemas consonantais e seus alofones

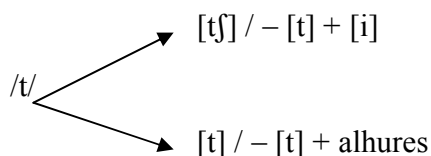
Nem sempre a busca de um par mínimo de palavras leva a deduzir fonemas distintos de uma língua. Assim, quando não forem encontrados pares mínimos (ou análogos) para dois segmentos suspeitos, concluímos que os segmentos em questão não são fonemas (casos de “sons foneticamente semelhantes”).

Caso não consigamos caracterizar dois sons suspeitos como fonemas distintos, devemos buscar evidência para caracterizá-los como alofones (variantes) de um mesmo fonema. Os alofones de um fonema são identificados por meio da regra de distribuição complementar. Assim, quando dois segmentos estão em distribuição complementar, eles ocorrem em ambientes exclusivos, isto é, onde uma das variantes ocorre, a outra não ocorrerá.

Logo, além dos contrastes apresentados acima, o são-tomense possui alguns casos de distribuição complementar e variação livre, como pode ser visto em seguida.

1) Existe uma parcial complementação entre os pares de consoantes [t, tʃ], e [d, dʒ]. Esse contraste é devido à aplicação de regras de palatalização. As consoantes alveo-palatais [tʃ] e [dʒ] ocorrem antes da vogal [i], enquanto as alveolares ocorrem antes das demais vogais, conforme os exemplos abaixo:

1.1) Com base nos dados, o som [tʃ] ocorre antes da vogal [i], como ilustra a seguinte regra de palatalização:

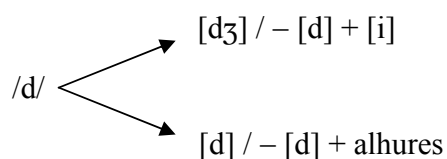


O /t/ se realiza como [tʃ] quando seguido da vogal [i] e /t/ como [t] quando seguido das demais vogais.

[t]	[tʃ]
[βetu] ‘aberto’	[tʃila] ‘tirar’
[tasu] ‘tacho’	[atʃi] ‘arte’
[dlete] ‘derreter’	[sotʃi] ‘sorte’
[tlaʃi] ‘trás’	[bakatʃi] ‘abacate’
[tudaʃi] ‘tudo’	[tʃisola] ‘tesoura’
[punta] ‘perguntar’	[fitʃiselu] ‘feiticeiro’

Foram encontrados exemplos em que o [t] ocorre também antes de [i] com o som de [t]. Essas palavras são provavelmente empréstimos recentes do português. Elas parecem não se adaptar aos padrões fonológicos do são-tomense, e constituem, assim, exceções às regras de palatalização e de despalatalização. Exemplos: [diʃtinu] ‘destino’; [kaniveti] ‘canivete’; [tiu ~ tʃiu] ‘tio’; [ati ~ atʃi] ‘arte’; [kõtēti] ‘contente’; [ãtigamēti] ‘antigamente’; [ĩpɔrtãti] ‘importante’.

1. 2) Assim como o [tʃ], o [dʒ] também ocorre antes da vogal [i] devido à aplicação de regras de palatalização de acordo com a regra abaixo, que pode ser lida da seguinte maneira: O /d/ se realiza como [dʒ] quando seguido da vogal [i] e como [d] quando seguido das demais vogais.



[d]	[dʒ]
[dadu] ‘dardo’	[dʒiabu] ‘diabo’
[dɛʃi] ‘dez’	[midʒi] ‘medir’
[vɛdɛ] ‘verdade’	[tadʒi] ‘tarde’
[ligida] ‘alguizar’	[nglãdʒi] ‘grande’
[desa] ‘deixar’	[dʒina] ‘desde’

No entanto, há casos em que [d] ocorre antes de [i] mantendo o som de [d], como mostram os exemplos, os quais parecem ser empréstimos recentes do português: [disidi] ‘decidir’; [dimila] ‘admirar’; [dike] ‘de quem’; [diʒglasa] ‘desgraça’; [diʒigoʃtu] ‘desgosto’; [padize] ‘padecer’.

Apesar de encontrar casos em que [t] e [d] ocorrem antes de [i] e que, na maioria das vezes, são empréstimos recentes do português, deduzimos que [tʃ] e [dʒ] são, respectivamente, alofones de /t/ e /d/.

2) Da mesma forma como ocorreu nas álveo-palatais, também com as consoantes palatais [s] e [ʃ] e [z] e [ʒ] existe um contraste complementar. Esse contraste é devido à aplicação de regras de palatalização. As consoantes palatais [ʃ] e [ʒ] ocorrem normalmente antes da vogal anterior alta [i], enquanto as alveolares [s] e [z] ocorrem antes das demais vogais.

[s]	[ʃ]
[sɛgu] ‘cego’	[biʃi] ‘vestir’
[bisu] ‘bicho’	[ʃiku] ‘cinco’
[sɔtʃi] ‘açoite’	[biʃiga] ‘bexiga’
[pɔsõ] ‘povoação’	[aʃi] ‘assim’
[saplamada] ‘palmada’	[bloʃidu] ‘aborrecido’
[basa] ‘onda’	[ʃigalu] ‘cigarro’

Foi encontrado apenas um exemplo com [s] ocorrendo antes de [i] como, por exemplo, [sigi] ‘seguir’, e vários exemplos com [ʃ] ocorrendo antes de vogais diferentes de [i]. Exemplos: [aʃa] ‘acha’; [fleʃa] ‘flecha’; [katuʃu] ‘cartucho’; [ʃa] ‘cheio, chá’; [ʃe] ‘sair’; [ʃeli] ‘xale’, [ʃɔla] ‘senhora’; [ʃɔta] ‘sótão’. Esses exemplos mostram que se trata de empréstimos do português.

Um outro fenômeno que parece ser empréstimo do português é a realização palatal de [s] em posição de coda, como ocorre no português europeu. Exemplos: [agoʃto] ‘agosto’; [diʃtinu] ‘destino’; [gɔʃtɔ] ‘gosto’; [kaʃta] ‘casta’; [kaʃka] ‘casca’; [kuʃtumi] ‘costume’; [lagoʃta] ‘lagosta’.

Quanto às consoantes [z] e [ʒ], o [ʒ] ocorre antes de [i], enquanto [z] ocorre antes das demais vogais, conforme exemplos:

[z]	[ʒ]
[faluzɐ] ‘ferrugem’	[muʒika] ‘música’
[zɛdu] ‘azedo’	[ʒie] ‘escavar’
[baza] ‘baixar’	[fliʒi] ‘afligir’
[logozo] ‘algoz’	[kuʒi] ‘cozer’
[nzɔɫɔ] ‘anzol’	[laʒi] ‘raso’

Como exceções, foram encontrados exemplos com [z] ocorrendo antes de [i], [zisti] ‘assistir’, e com [ʒ] ocorrendo antes de vogais diferentes de [i], [bɔdɔʒa] ‘bordejar’; [lãʒa] ‘arranjar’; [ʒɛla] ‘gerar’; [ʒɛmɛ] ‘gemer’; [ʒɛma] ‘gema’; [ʒɛsɔ̃] ‘injeção’; [ʒɛsu] ‘gesso’; [ʒulu] ‘azul’.

No que diz respeito a [ʒ], há exemplos que comprovam sua ocorrência em posição de coda. Isso pode ser explicado pelo processo assimilatório. Na realidade, há palatalização de [s] em posição de coda, realizando-se [ʃ] quando a consoante seguinte for surda, no entanto, quando ela for sonora, o [ʃ] se sonoriza, realizando-se [ʒ], como nos exemplos: [diʒɡlasa] ‘desgraça’; [riʒmũgɛ] ‘resmungar’; [liʒboa] ‘Lisboa’.

Além dessas observações, foram encontrados pares mínimos que contrastam os sons [s], [z], [ʃ] e [ʒ], em suas posições inicial e medial.

[ʃ]	/ʒ/
[ʃɔla] ‘senhora’	[ʒelu] ‘gelo’
[maʃi] ‘mais’	[maʒi] ‘mas’
[s]	[ʃ]
[se] ‘sem’	[ʃe] ‘sair’

[pasa] ‘passar’ [paʃa] ‘passear’

[z]

[ʒ]

[zɛda] ‘azedar’

[ʒɛla] ‘gerar’

[lɔzɛ] ‘rosário’

[luzi] ‘luz’

Podemos perceber que esses exemplos são empréstimos recentes do português. Desta forma, deduzimos que [ʃ] e [ʒ] são, respectivamente, alofones de /s/ e /z/.

3) No que diz respeito ao som vibrante [r], ele ocorre muito pouco nos dados que mostram sua substituição pela lateral [l]. Parece que o falante do são-tomense usa os dois sons. Mas podemos perceber que, na maioria dos casos, ele recorre mais ao [l] que ocorre tanto em início como no meio de palavra, do que ao [r], que ocorre somente no meio de palavra. Assim, todas as palavras do português (língua lexificadora) iniciadas por “r” aparecem com “l” em são-tomense, conforme exemplos:

[latu] ‘rato’

[lumu] ‘rumo’

[lazã] ‘arrasa’

[lɛgula] ‘regular’

[lebêta] ‘arrebentar’

[lí] ‘rim’

[lɔla] ‘rola’

[liku] ‘rico’

Hoje em dia, de acordo com os nossos informantes, esse processo de lambdização se verifica somente em pessoas mais velhas e não escolarizadas. Quanto aos jovens, eles preferem usar o som [r] por opção ou devido à influência do português no são-tomense, como em [tɫaba ~ traba] ‘trabalhar’. Essa vibrante desenvolvida como uma influência moderna de bilingüismo se intensifica ainda pelo fato de o crioulo são-tomense ser falado na capital do país. Dessa forma, deduzimos que os sons [r] e [l] são fonemas distintos no são-tomense: /r/ e /l/.

4) Como na maioria dos crioulos, foram encontrados exemplos de pré-nasalizações no são-tomense ([mp], [mb], [nt], [nd], [ŋk], [ŋg]). Essas consoantes pré-nasalizadas ocorrem em

início e meio de palavras, como mostram os seguintes exemplos: [gue.nta] ‘agüentar’; [le.ntla] ‘entrar’; [mpõ] ‘pão’; [mbaʃi] ‘embaixador’; [plu.nda] ‘pendurar’; [ntɛgla] ‘integrar’; [ndika] ‘indicar’; [nda] ‘andar’; [ɲkana] ‘cana’; [ɲguli] ‘engolir’; [lepe.nde] ‘arrepender’. Geralmente a consoante nasal das pré-nasalizadas se realiza [m] diante das consoantes bilabiais [p] e [b], [ɲ] diante das consoantes velares [g] e [k], e [n] diante das alveolares. Dessa forma, afirmamos que o elemento nasal das consoantes pré-nasalizadas tem um alomorfe [ɲ], quando seguido das consoantes homorgânicas /k/ e /g/, pois, [m], [ɲ] e [n] se encontram em distribuição complementar.

Procedemos, a seguir, à identificação dos fonemas, que consiste em mostrar, com base em pares mínimos, se as consoantes pré-nasalizadas são uma seqüência de dois fonemas ou se constituem apenas um único fonema.

[mp]	[m]
[mpõ] ‘pão’	[mõ] ‘mão’
[mp]	[p]
[mplega] ‘empregar’	[plega] ‘pregar’
[m]	[p]
[masu] ‘março’	[pasu] ‘passo’
[mb]	[b]
[mbi] ‘vim’	[bi] ‘vir’
[mb]	[b]
[mbaʃi] ‘embaixador’	[baʃi] ‘bacio’

[m]	[b]
[me] ‘meio’	[be] ‘ver’
[nt]	[n]
[ntɛlu] ‘inteiro’	[nɛtu] ‘neto’
[nt]	[t]
[ntɛna] ‘antena’	[tɛla] ‘terra’
[n]	[t]
[nɔmi] ‘nome’	[tɔli] ‘torre’
[nd]	[n]
[ndika] ‘indicar’	[nɛga] ‘negar’
[nd]	[d]
[nda] ‘andar’	[da] ‘dar’
[n]	[d]
[nɛtu] ‘neto’	[dɛdu] ‘dedo’
[ŋk]	[n]
[ŋkana] ‘cana’	[nata] ‘natal’
[k]	[n]
[kɛ] ‘casa’	[nɛ] ‘nem’
[ŋg]	[g]
[ŋgama] ‘gamela’	[gala] ‘gala’

que será discutida mais adiante em 8.1.3.2.1. Mas, convém adiantar que os glides parecem existir só no nível fonético. Em posição pré-vocálica, eles são interpretados como vogais por terem a mesma proeminência acentual com a vogal seguinte, formando, assim, um hiato.

Depois de ter aplicado o teste dos pares mínimos e de algumas considerações feitas sobre as consoantes pré-nasalizadas, chegamos ao seguinte quadro fonológico das consoantes do são-tomense – que se apresenta um pouco diferente, se comparado ao seu quadro fonético.

(tabela 6)

		Bila- biais	Labio- dentais	Alveo- lares	Palatais	Velares
Oclusivas	Surdas	/p/		/t/		/k/
	Sonoras	/b/		/d/		/g/
Fricativas	Surdas		/f/	/s/		
	Sonoras		/v/	/z/		
Vibrante	Sonoras			/r/		
Laterais	Sonoras			/l/		
Nasais	Sonoras	/m/		/n/	/ɲ/	
Pré-nasalizadas	Surdas	/mp/		/nt/		/ŋk/
	Sonoras	/mb/		/nd/		/ŋg/

7.1.2. Identificação de fonemas vocálicos

O sistema fonético do são-tomense apresenta sete vogais orais e cinco nasais, conforme o quadro abaixo:

(tabela 7)

	Anteriores Não Arredondadas	Centrais Não Arredondadas	Posteriores Arredondadas
Altas	[i] [ĩ]		[ũ] [u]
Fechadas	[e]		[o]
Médias	[ē]		[õ]
Abertas	[ɛ]		[ɔ]
Baixas		[ã] [a]	

Os seguintes pares de sons vocálicos são fonemas distintos por contrastarem em ambientes idênticos e/ou análogos, de acordo com os exemplos a seguir.

/i/	/e/
[liku] ‘rico’	[lete] ‘leite’
/i/	/ɛ/
[fiʒi] ‘frigir’	[fede] ‘feder’
/e/	/ɛ/
[fesu] ‘feixe’	[fesa] ‘festa’
[be] ‘ver’	[bɛ] ‘ir’
/i/	/u/
[liku] ‘rico’	[luge] ‘lugar’
/e/	/o/
[bebe] ‘beber’	[bobo] ‘ficar maduro’
[kele] ‘crer’	[kolo] ‘colorir’

/ɛ/	/ɔ/
[bɛla] ‘vela’	[bɔla] ‘bola’
[ɔzɛ] ‘rosário’	[losɔ] ‘arroz’
/u/	/o/
[plesu] ‘preço’	[ploko] ‘porco’
[kujɛ] ‘colher’	[kojɛ] ‘escolher’
/u/	/ɔ/
[sulu] ‘sul’	[sɔda] ‘soldar’
[pɔsɔ] ‘poço’	[pulu] ‘puro’
/o/	/ɔ/
[ɔla] ‘hora’	[olo] ‘ouro’
[ɔlia] ‘orelha’	[olio] ‘olho de água’
[sɔtʃi] ‘soco’	[sɔtʃi] ‘sorte’
[pɔtɔ] ‘porta’	[poko] ‘pouco’

De acordo com esses exemplos que atestam a existência de pares mínimos no são-tomense, deduzimos que todas as vogais orais dessa língua são fonemas distintos. Mas as vogais nasais continuam constituindo problemas, como na maioria das línguas do mundo.

O são-tomense tem cinco vogais nasais [ĩ], [ẽ], [ã], [ũ] e [õ], como mostram os exemplos abaixo:

[bĩku] ‘umbigo’	[ãblu] ‘ombro’
[dẽtʃi] ‘dente’	[põdzia] ‘esponja’
[ãʃa] ‘ânsia’	[ngũda] ‘engordar’

[bãsa] ‘costela’

[kĩtʃimõ] ‘cachimbo’

Passamos agora a fazer o teste dos pares mínimos, que consiste em contrastar as vogais orais com as nasais, na tentativa de averiguar se as vogais nasais são fonemas distintos ou apenas alofones das orais.

Apresentamos, em seguida, os pares de segmentos vocálicos que ocorrem em contraste em ambientes idênticos, o que ocasiona a distinção de significado.

[i]

[ĩ]

[fita] ‘fita’

[fita] ‘coleção’

[e]

[ẽ]

[te] ‘ter’

[tẽ] ‘também’

[a]

[ã]

[basa] ‘onda’

[bãsa] ‘costela’

[u]

[ũ]

[fudu] ‘limpo’

[fũdu] ‘profundo’

[o]

[õ]

[kaso] ‘cachorro’

[kasõ] ‘caixão’

Os dados acima mostram que, foneticamente, todas as vogais orais têm suas equivalências nasais. Resta saber se realmente as vogais nasais são fonemas distintos ou alofones das orais.

Segundo Katamba (1989: 93), a nasalização é um processo assimilatório em que um segmento oral adquire uma nasalidade do segmento próximo. Ou seja, uma vogal é nasal devido a sua proximidade a uma consoante nasal. Ferraz (1979: 37) parece partilhar da mesma idéia que

Katamba ao afirmar que o fenômeno de nasalização ocorre como um resultado de uma influência de um segmento nasal derivado do português sobre a vogal seguinte do são-tomense, como, por exemplo: [kamĩza] ‘camisa’, [flomĩga] ‘formiga’, [ʃimĩteli] ‘cemitério’, [mĩda] ‘medida’, [mẽdu] ‘medo’, [nãse] ‘nascer’, [blõzi] ‘bronze’.

Com base nesses exemplos, o processo assimilatório pode ser tanto progressivo como regressivo. Para o primeiro caso, como em [flomĩga] ‘formiga’, [ʃimĩteli] ‘cemitério’, [mĩda] ‘medida’, [mẽdu] ‘medo’, [nãse] ‘nascer’, a consoante nasal contamina a vogal seguinte, que se torna também nasal. Quanto ao segundo caso, que parece ser o mais freqüente, uma vogal será nasalizada se a consoante seguinte for nasal, como, por exemplo:

[blonzi]	~	[blõzi] ‘bronze’
[ante]	~	[ãte] ‘antes’
[ʒeson]	~	[ʒesõ] ‘injeção’
[liklim]	~	[likfi] ‘alecrim’
[sumbu]	~	[sũbu] ‘chumbo’
[menda]	~	[mẽda] ‘emendar’

A pré-nasalização é um fator determinante para que não tenhamos dúvidas sobre o *status* fonético das vogais nasais do são-tomense. Como foi acima referido, a pré-nasalização ocorre em início e meio de palavra. A ocorrência da pré-nasalização em meio de palavra mostra claramente que as vogais nasais, nesses casos, só existem no nível fonético e por um processo assimilatório, conforme exemplos:

[le.nda] ‘arrendar’	[ko.ntla] ‘contra’
[su.mbu] ‘chumbo’	[alima.nze] ‘armazém’
[nve.nta] ‘inventar’	[ku.mpli] ‘cumprir’
[mu.ntu] ‘muito’	[vi.nga] ‘vingar’

De acordo com os postulados acima, afirmamos que as vogais nasais no são-tomense são vogais nasalizadas devido a um processo assimilatório, quer regressivo quer progressivo. Assim,

consideramos a nasalização como uma situação de alofonia, isto é, as cinco vogais nasais do são-tomense são alofones das orais. Sendo assim, o são-tomense apresenta vogais nasais no nível fonético. No nível fonológico, as vogais nasais são resultantes da presença de uma consoante nasal, de acordo com os exemplos acima.

Após as considerações sobre a nasalidade, que é o único caso de alofonia no sistema vocálico do são-tomense, chegamos ao quadro fonológico das vogais, que conta sete fonemas vocálicos.

(tabela 8)

	Anteriores não-arredondadas	Centrais não- arredondadas	Posteriores arredondadas
Altas	/i/		/u/
Médias			
Fechadas	/e/		/o/
Abertas	/ɛ/		/ɔ/
Baixas		/a/	

Considerando os critérios de análise fonológica aplicados à análise dos dados do são-tomense, podemos deduzir que essa língua possui, no nível fonológico vinte e um (21) fonemas consonantais e sete (7) vocálicos.

7.2. Análise da sílaba do são-tomense

A sílaba é uma unidade fundamental na representação fonológica, tendo em vista que constitui um domínio natural para o estabelecimento de restrições fonotáticas, além de estar, em alguns casos, diretamente ligada a uma ampla variedade de processos fonológicos. Sempre esteve na base de discussões fonológicas, como, por exemplo, seu *status* fonético ou fonológico, sua estrutura interna, entre outras.

Analisando a sílaba do são-tomense, com base no tratamento contextual dos fonemas, procederemos primeiro ao levantamento dos padrões silábicos e, em seguida, à identificação dos diferentes tipos possíveis de sílabas nas posições de aclave, de núcleo e de coda.

7.2.1. Padrões silábicos

Esta seção objetiva fazer o levantamento dos padrões silábicos que ocorrem no são-tomense. A partir de uma lista de 510 palavras, estabelecemos, por ordem de frequência, os padrões silábicos encontrados no são-tomense, como mostra a tabela 9

(tabela 9):

PADRÕES SILÁBICOS DO SÃO-TOMENSE		
total de palavras	total CV	%
510	944	185,098
Exemplos	[ka.ba] 'acabar'; [ba.so.la] 'vassoura'	
total de palavras	total de V	%
510	86	16,86275
Exemplos	[ɛ] 'ele'; [o.la] 'hora'	
total de palavras	total CVC	%
510	43	8,431373
Exemplos	[poʃ.ta] 'apostar'; [diʒ.gla.sa] 'desgraça'	
total de palavras	total CCV	%
510	77	15,09804
Exemplos	[dle.te] 'derreter'; [li.vlu] 'livro'	
total de palavras	total de CCVC	%
510	1	0,196078
Exemplos	[fles.ku] 'fresco'	
Total de palavras	Total VC	%
510	3	0,588235
Exemplos	[iʃ.ka] 'isca'	
Total de palavras	Total CCCV	%
	13	2,54902
Exemplos	[ʃtla.da] 'estrada'	
TOTAL		% 228,8235

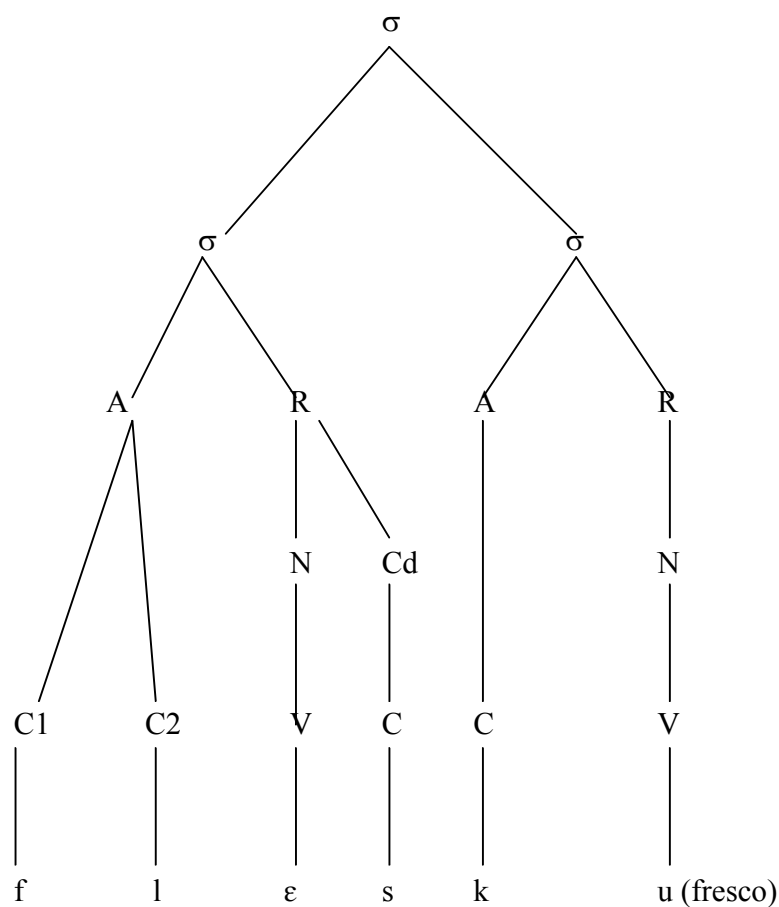
Chegamos a esse quadro contando as sílabas de uma base de 510 palavras. Na contagem dessas palavras, obtivemos, por exemplo 944 sílabas de tipo CV. A percentagem de 185,098 foi

obtida do seguinte cálculo: total de sílabas multiplicado por 100 e dividido pelo total de palavras ($944 * 100 / 510$).

De acordo com o quadro, pudemos perceber que, como todos os crioulos, o são-tomense tem também uma preferência pela estrutura silábica do tipo CV. As línguas diferem quanto ao número de segmentos permitido em cada constituinte silábico. Segundo Clements & Keyser (1985: 28), o padrão silábico CV é a estrutura fundamental empregada pelas diferentes línguas do mundo, servindo, como tal, para a expansão de seus padrões silábicos. Assim, consideram os autores o padrão CV universal.

Considerando-se os padrões silábicos acima levantados, podemos deduzir que a Estrutura Silábica Máxima Permitida (ESMP) encontrada na variedade lingüística são-tomense é CCVC ou CCCV. Isto é, o são-tomense aceita no máximo até três elementos no aclave, um no núcleo e um na coda. Fazemos, a seguir, a representação arbórea da estrutura silábica CCVC.

(figura 13):



(σ = Silaba; A = Aclive; R = Rima, Cd. = Coda).

Por meio dessa representação arbórea, fica evidente que, na sílaba são-tomense, somente o constituinte ataque pode se ramificar.

7.2.2. Estruturas silábicas

Nesta parte analisaremos os fonemas em suas posições de aclave, núcleo e coda. De acordo com a ESMP, o são-tomense pode ter no máximo três elementos no aclave, um no núcleo e um na coda, como vimos acima. Assim, na estrutura silábica do são-tomense, encontramos segmentos simples e segmentos complexos.

7.2.2.1. O Aclive

Trata-se de todas as situações em que uma ou mais consoantes ocorrem antes de V. Em são-tomense, o aclive pode ser simples (dominado por um único elemento C da camada CV) ou complexo (dominado por mais de um C da camada CV).

Exemplos de aclive simples

As oclusivas

/p/	[pɛma]	‘palma
/b/	[bakaia]	‘bacalhau’
/t/	[petu]	‘perto’
/d/	[dɛʃi]	‘dez’
/k/	[poko]	‘pouco’
/g/	[gɛða]	‘igreja’

As fricativas

/f/	[fɔri]	‘flor’
/v/	[navɛga]	‘navegar’
/s/	[sabɔla]	‘cebola’
/z/	[zɛdu]	‘azedo’

As laterais

/l/	[pɛlu]	‘peru’
-----	--------	--------

As nasais

/m/	[maʒi]	‘imagem’
/n/	[novi]	‘nuvem’
/ɲ/	[lɛɲa]	‘rainha’

As pré-nasais

/mp/	[mpõ] ‘pão’, [mplɛga] ‘empregar’
/mb/	[mbi] ‘vim’, [mbaʃi] ‘embaixador’
/nt/	[ntɛlu] ‘inteiro’, [ntɛla] ‘enterrar’
/nd/	[ndika] ‘indicar’, [nda] ‘andar’
/ŋk/	[ŋkana] ‘cana’
/ŋg/	[ŋgama] ‘gamela’

As semivogais

/w/	[awa] ‘água’
/j/	[kaju] ‘cais’, [bakaia] ‘bacalhau’

Antes de analisarmos os tipos de encontros consonantais que ocorrem no aclave do são-tomense, deixaremos claras as razões que nos levaram a considerar os glides [w] e [j] como consoantes ou como vogais.

Existem duas possibilidades de interpretá-los de acordo com a posição que ocupam dentro da sílaba. Dessa forma, em posição pré-vocálica, os glides [w] e [j] são interpretados como consoantes (/w/ e /j/) pelo fato de ocuparem o lugar ótimo de consoante: antes da vogal e dominadas pelo mesmo nó, constituindo o aclave silábico.

No caso do são-tomense, a interpretação torna-se diferente. Ela leva em consideração a seqüência de duas vogais ou ditongos e a seqüência de três vogais ou tritongos.

Para o primeiro caso, os glides pré-vocálicos, que levariam a interpretar a seqüência vocálica como ditongo crescente, têm a mesma proeminência acentual que a vogal silábica, tornando-se também silábico. Ou seja, nesse caso, trata-se de hiato e não de ditongo.

[kua]	>	[ku.a] ‘coisa’
[fiula]	>	[fi.u.la] ‘figura’
[sua]	>	[su.a] ‘suar’

[kapueɫa]	>	[ka.pu.ɛ.la] ‘capoeira’
[balia]	>	[ba.li.a] ‘baleia’
[kuada]	>	[ku.a.da] ‘cunhada’

No que diz respeito ao segundo caso (a seqüência de três vogais), é o segundo elemento da seqüência vocálica que desempenha papel de glide. Portanto, ocorrendo em posição pré-vocálica, a vogal em segunda posição adquire logo o comportamento consonântico, como mostram os exemplos abaixo:

[kuie]	>	[ku.je] ‘colher’
[buiã]	>	[bu.jã] ‘embrulhar’
[aua]	>	[awa] ‘água’
[paia]	>	[pa.ja] ‘palha’
[soiu]	>	[so.ju] ‘assoalho’
[moiu]	>	[mo.ju] ‘molho’

Em posição pós-vocálica, os glides são interpretados como tendo valor vocálico (/u/ e /i/) e são, assim, dominados por um nó V. O glide é o segundo elemento (V₂) do núcleo. Logo, consideramos que os glides em posição pós-vocálicas são sempre alofones das vogais altas. A vogal em posição de V₁ é silábica (o núcleo de sílaba), enquanto a V₂ é assilábica (não pode formar um núcleo silábico).

No são-tomense, de acordo com os dados obtidos, percebemos a ausência de ditongos decrescentes. Assim, um glide em posição pós-vocálica (V₂) tem a mesma proeminência acentual que a primeira vogal (V₁) como, por exemplo, em [kɔidu] > [kɔ.i.du] ‘escolhido’, o que favorece a existência do hiato.

Doravante, procedemos à análise dos tipos de encontros consonantais que podem ocorrer no aclave complexo do são-tomense. Clements & Keyser (1985: 41) propõem que encontros consonantais, em aclave de sílaba, sofrem restrições próprias de cada língua e que somente encontros consonantais bem-formados podem ocorrer nesse constituinte silábico das diversas

línguas. Assim, listamos, nas linhas da tabela a seguir, as consoantes possíveis de ocupar a posição C_1 e, nas colunas da mesma tabela, as consoantes possíveis de ocupar a posição C_2 , no aclave silábico complexo do são-tomense. O encontro das linhas com as colunas evidencia quais seqüências de consoantes são consideradas bem-formadas (+) e quais são consideradas mal-formadas (-) para o aclave são-tomense.

(tabela 10):

C_2	p	b	t	d	k	g	l
C_1							
p	-	-	-	-	-	-	+
b	-	-	-	-	-	-	+
t	-	-	-	-	-	-	+
d	-	-	-	-	-	-	+
k	-	-	-	-	-	-	+
g	-	-	-	-	-	-	+
f	-	-	-	-	-	-	+
v	-	-	-	-	-	-	+
s	-	-	-	-	-	-	+
ʃ	+	-	+	-	+	-	-
mp	-	-	-	-	-	-	+

Considerando, primeiramente, o encontro das linhas com as colunas (C_1) e (C_2), observamos que, nos encontros consonantais bem-formados para o aclave da sílaba são-tomense, a posição C_1 é ocupada por uma oclusiva e a posição C_2 por uma líquida.

Eis os aclives complexos do são-tomense:

Encontros Consonantais

[pl]	[plaga]	‘praga’
[bl]	[blabɔza]	‘baboso’
[tl]	[litlu]	‘litro’

[dl]	[dletu]	‘direito’
[kl]	[klalu]	‘claro’
[gl]	[glagãtʃi]	‘garganta’
[fl]	[flogo]	‘fôlego’
[vl]	[ivla]	‘livrar’
[sl]	[slavado]	‘salvador’
[ʃp]	[ʃpitali]	‘hospital’
[ʃt]	[ʃtaɲu]	‘estranho’
[ʃk]	[ʃkɛdu]	‘esquerdo’
[mp]	[mplega]	‘empregar’

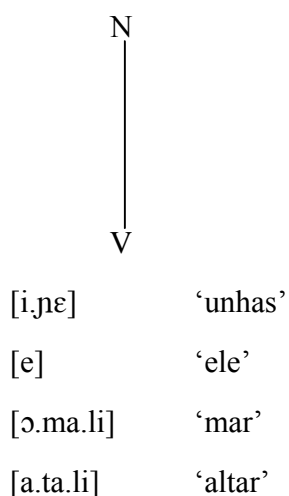
Além dessas seqüências consonantais (C_1C_2), foi encontrado apenas um exemplo com uma seqüência de três consoantes como em [ʃtla.da] ‘estrada’. Supomos que se trata de um empréstimo recente do português.

7.2.2.2. O Núcleo

O núcleo silábico pode apresentar-se como: (i) simples, dominando um único elemento V da camada CV, ou (ii) complexo, dominando dois elementos V da camada CV. A situação (i) não é problemática, uma vez que qualquer segmento com o traço [+vogal] pode ocupar o núcleo silábico no são-tomense. O núcleo é sempre obrigatório e dominado por um só elemento V da camada CV, chamado núcleo simples, ou por dois elementos V da camada CV, chamados núcleos complexos.

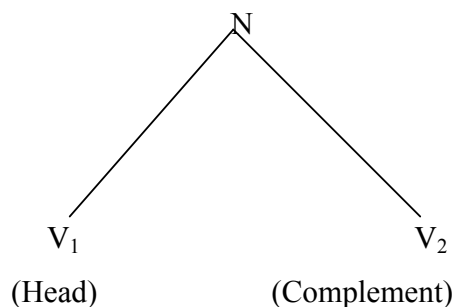
A situação, no primeiro caso, é composta de uma vogal dominada por um elemento V, como podemos ver na representação da figura 14 abaixo:

(Figura 14)



A segunda situação caracteriza a ocorrência de dois segmentos idênticos dominados por um mesmo nó: a co-articulação de vogais conhecida como ditongo. Os ditongos são uma seqüência de duas vogais numa sílaba (de timbres diferentes, mas de mesma sonoridade) pronunciadas de uma só vez, sendo uma delas mais proeminente. A vogal mais forte é a primeira e a segunda, a mais fraca da seqüência. A diferença de timbre entre as duas vogais pode ser provocada pela mudança de posição da língua no sentido horizontal ou vertical, e também pela mudança da posição dos lábios. O ditongo é composto por duas vogais que diferem tanto pela localização quanto pelo grau de abertura. De acordo com os preceitos do *Head First Principle* (cf Chomsky, 1988), em um núcleo ramificante, o primeiro elemento da seqüência VV será o principal (*head*) e o segundo elemento, o secundário (*complement*), como se vê na figura 15:

(figura 15)



Conforme a representação acima, a posição V_1 (*head*) é preenchida por uma vogal, cabendo aos glides a posição de V_2 (*complement*). Nessa posição, /w/ e /j/ assumem o valor vocálico com menor proeminência em relação à V_2 .

No são-tomense, como foi observado no item 8.1.3.1.1, o glide em posição pós-vocálica (V_2) tem a mesma proeminência acentual que a V_1 . Dessa forma, de acordo com o *Head First Principle*, reconhece-se a ausência de ditongos decrescentes no são-tomense.

Na incorporação do léxico português, deve ter acontecido uma monotongação dos núcleos complexos, o que tem como consequência a ausência de ditongos em são-tomense. Com os dados de que dispomos, só foi encontrado um caso de ditongo decrescente com V_1 preenchida por /ɔ/ e V_2 preenchida por /i/, como em [kumbɔi] ‘trem’. Nesse caso, trata-se de um caso de empréstimo recente do português. De acordo com os informantes, a preferência, atualmente, é pelo uso da palavra [trẽ] no lugar de [kumbɔi].

A tendência pela ausência de ditongos em são-tomense é um argumento a favor de que a maioria dos crioulos tem preferência pela estrutura silábica CV.

7.2.2.3. A coda

A coda é menos empregada nos procedimentos da silabificação do são-tomense, assim como na maioria dos crioulos, devido à tendência pela sílaba leve. Segundo a unidade de duração de uma sílaba, conhecida como *mora*, a coda faz a sílaba ficar pesada. Dessa forma, toda a consoante pós-vocálica é uma coda como, por exemplo, em VC ou VCC. Tal como no aclave, os encontros consonantais na coda silábica sofrem restrições próprias de cada língua.

Exemplos de coda simples:

As fricativas

/s/ [klis.tõ] ‘cristão’

/ʃ/ [diʃ.ti.nu] ‘destino’

A lateral

/l/ [flial.da.di] ‘frialdade’ – [nal.tu.la] ‘altura’

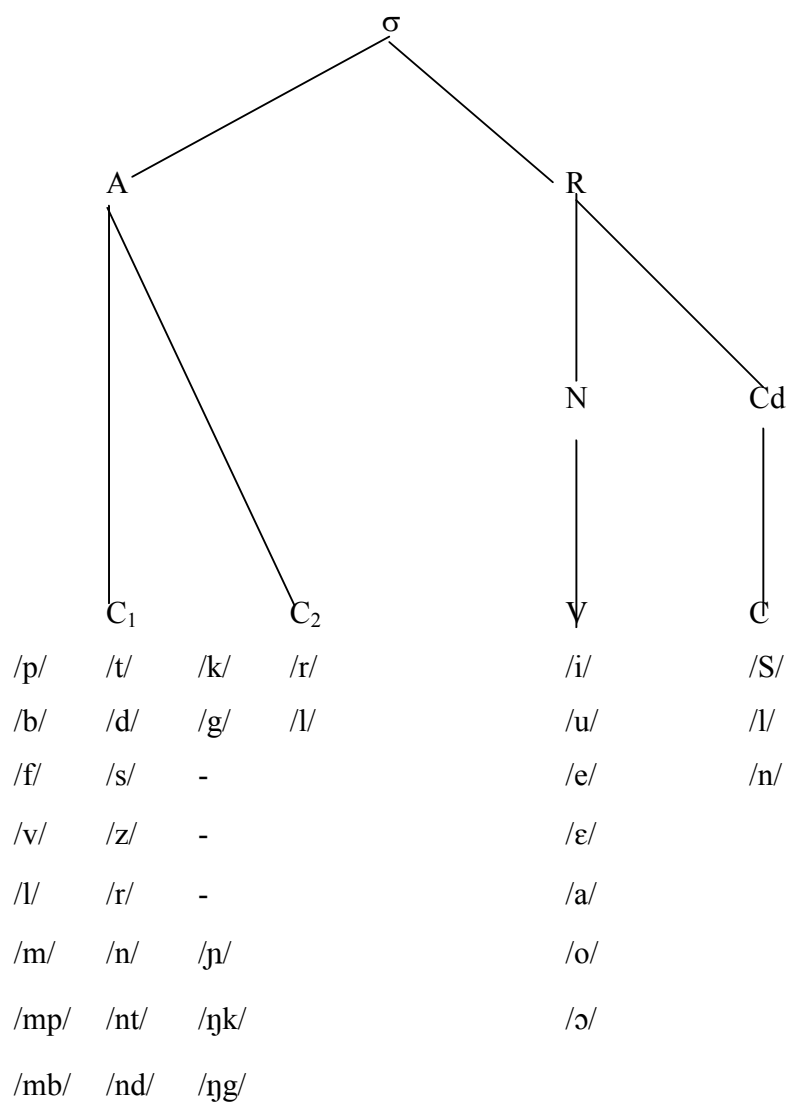
A nasal

/n/ [klis.tõ] ‘cristão’, [mpõ] ‘pão’

Contrariamente ao aclave, a coda do são-tomense se apresenta unicamente como simples.

Com base no exposto acima, podemos concluir que a estrutura silábica do são-tomense é preenchida, no Ataque, por vinte consoantes (o /r/ que constitui a vigésima primeira consoante é geralmente trocada por /l/ nesta posição). Só encontramos exemplos de sua ocorrência em encontros consonantais, como em [tlaɓa] ~ [traba] ‘trabalhar’, que mostra a existência de uma variação livre entre /r/ e /l/. Na maioria dos casos, os são-tomenses preferiam a consoante /l/ no lugar de /r/, como em [mole] ‘morrer’, [lifa] ‘rifa’. O Núcleo é preenchido por todas as sete vogais e a Coda, por apenas três consoantes (/S/, /l/ e /n/), sendo /S/ um arquifonema, podendo se realizar /s/ ou /ʃ/, conforme sua posição dentro da estrutura silábica.

(figura 16):



7.3. O acento

O são-tomense, assim como os outros crioulos portugueses do Golfo da Guiné (angolar, principense e fa d'ambu) têm, como o Português, um acento tônico que incide normalmente sobre a penúltima sílaba das palavras que terminam em vogal (como por exemplos na palavra [blɔ'ʃidu] 'aborrecido' do são-tomense), podendo cair também sobre a última sílaba quando a palavra termina em consoante (como em [zela'soN] 'geração'), e, mais raramente, sobre a antepenúltima

sílaba, em especial em palavras recentemente importadas (como na palavra do fa d'ambu [di.'ʃi.pu.lu] 'discipulo').

Quanto às formas verbais infinitivas, as palavras são todas oxítonas devido a um grau de intensidade maior que se atribui à última vogal. Em geral, nos crioulos portugueses do Golfo da Guiné, as palavras que acabam em vogal oral simples (átona) são acentuadas na penúltima sílaba e as que acabam em vogal nasal, em ditongo, em vogal tônica e em consoante, na última.

A acentuação no são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu tem quatro principais posições conforme a estrutura silábica da palavra.

(tabela 11):

ESTRUTURA SILÁBICA DA PALAVRA	SÃO-TOMENSE	ANGOLAR	PRINCIPENSE	FA D'AMBU
1). PALAVRAS MONOSSÍLABAS				
a). CV:	[ˈpɔ] ‘pau’	[ˈθɔ] ‘só’	[ˈkɛ] ‘cair’	[ˈpa] ‘para’
b). V:	-	-	[ˈa] ‘homem’	-
2). PALAVRAS DISSÍLABAS				
a). CV.CV:	[ˈbɛ.tu] ‘aberto’	[ˈbɔ.ba] ‘abóbra’	[ˈka.ni] ‘carne’	[ˈpi.tu] ‘apito’
b). V.CV:	[ˈɔ.sɔ] ‘osso’	[ˈo.lo] ‘ouro’	[ˈa.tʃi] ‘arte’	[ˈu.ja]
c). CV. V:	[ˈna.i] ‘aí’	[ˈve.i] ‘vez’	[ˈfe.u] ‘ferreiro’	[ˈba.i] ‘ir’
3). PALAVRAS TRISSÍLABAS				
a). CV.CV.CV:	[lɛ.ˈgɛ.la] ‘alegria’	[la.ˈgu.ru] ‘alegria’	[ka.ˈbɛ.se] ‘cabeça’	[ʒa.ˈde.la] ‘anel’
b). V.CV.CV:	[a.ˈta.li] ‘altar’	[ɔ.ˈla.mi] ‘arame’	[u.ˈfo.go] ‘fogo’	[a.ˈli.ma] ‘alma’
c). V.CV. V:	-	-	[u.ˈba.u]	-
d). CV.CV. V	-	-	[ba.ˈbɛ.o] ‘barbeiro’	[me.ˈnsa.i] ‘esses’
4). PALAVRAS QUADRISSÍLABAS				
a). CV.CV.CV.CV:	[ʃi.mi.ˈntɛ.li] ‘cemitério’	[ka.pi.ˈnte.lu] ‘carpinteiro’	[pu.tu.ˈgɛ.ʒi] ‘português’	[po.de.ˈʃi.du] ‘podre’
b). V.CV.CV.CV:	[a.li.ˈma.nzɛ] ‘armazem’	[a.mɐ.ˈga.ru] ‘empregador’	[i.nʒi.ˈʒi.bi] ‘gengiva’	-
c). CV.CV.CV. V:	-	-	[ka.mpi.ˈnte.o] ‘carpinteiro’	[ma.ta.ˈva.i] ‘fazer algo’

CAPÍTULO VIII

DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DO ANGOLAR

8.0. Introdução

O angolar, também conhecido como *lungwa ngola* ou *ngola*, é falado no sul de São Tomé por aproximadamente 5.000 falantes (Grimes, 1996). A maioria dos angolares está perto da cidade de São João dos angolares, mas são encontrados também na região sul de Caué. Alguns angolares também falam são-tomense, além do angolar, e sua variedade lingüística tende a ser absorvida pela dos Forros. Muitos falam português, mas outros não se sentem confortáveis falando esta língua.

Os angolares são um grupo etnolingüístico distinto dos Forros ('libertos'). Quanto a sua origem, acredita-se que os angolares são os descendentes dos quilombados que, em algumas ocasiões, invadiram as plantações e a cidade de São Tomé a partir de 1550 até o final do século XVII (Lorenzino, 1998:44). Porém, a existência dos angolares é comprovada somente a partir do início de 1700. Eles têm uma vida relativamente independente fora do sistema de plantação, com um nível de economia de subsistência baseado na pesca e na agricultura de pequena escala.

Quanto a sua formação, o angolar tem como substratos as línguas dos grupos Kwa e Oeste-Bantu. Falado na parte ocidental e na parte oriental de São Tomé, o angolar tem como base o kimbundu, uma língua bantu de povos do interior de Angola. De acordo com Grimes (1996), 33% do léxico angolar são de origem bantu, aparentemente do Kimbundu de Angola. Essa influência parece confirmar a tese de origem angolana dos angolares. Resta saber se foram os resgatados do naufrágio do navio negreiro. Atualmente, o angolar é uma língua que está ameaçada de extinção em virtude da supremacia do são-tomense sobre ela devido ao fato de os dois crioulos serem falados dentro da mesma ilha: São Tomé.

O objetivo deste capítulo é fazer uma descrição fonológica do angolar, apresentando seu inventário fonológico, foneticamente condicionado por variação, tal como a nasalização e

apresentando também alguns casos de pré-nasalização. A partir do quadro fonológico do angolano, procederemos à análise da sílaba.

8.1. Análise dos segmentos do angolano

Baseando-nos na metodologia estruturalista norte-americana e nas premissas e procedimentos estipulados por Pike (1947), referidos no item 3.1.3, procedemos à análise dos segmentos, que consiste em identificar seus fonemas a fim de mostrar se os pares de sons são fonemas distintos ou se são alofones de um único fonema.

8.1.1. Identificação de fonemas consonantais

O objetivo da identificação dos fonemas é definir quais são os sons do angolano que têm valor distintivo (que servem para distinguir palavras). Os sons que estarão em oposição - por exemplo, [m] e [ɲ] em [lɛma] 'remar' e [lɛɲa] 'rainha' - são caracterizados como unidades fonêmicas distintas e são chamados de fonemas.

(tabela 12):

		Bila- biais	Labio- Dentais	Inter- dentais	Álveo- lares	Alveo- palatais	Pala- tais	Velares
Oclusivas.	Surdas	[p]			[t]	[tʃ]		[k]
	Sonoras	[b]			[d]	[dʒ]		[g]
Fricativas	Surdas		[f]	[θ]	[s]		[ʃ]	
	Sonoras		[v]	[ð]	[z]		[ʒ]	
Vibrantes	Sonoras				[r]			
Laterais	Sonoras				[l]			
Nasais	Sonoras	[m]			[n]		[ɲ]	
Pré-nasais	Surdas	[mp]			[nt]			[ŋk]
	Sonoras	[mb]			[nd]			[ŋg]
Glides		[w]					[j]	

A partir do quadro fonético das consoantes acima, que contém vinte e sete (27) sons, procedemos à identificação dos fonemas que consiste em buscar um par mínimo de palavras com significados diferentes e cuja cadeia sonora seja idêntica.

O objetivo principal dessa descrição é identificar como se organiza a cadeia sonora da fala em angolano. A identificação dos fonemas consistirá, assim, em encontrar pares mínimos para sons foneticamente semelhantes (SFS). Entendemos por sons foneticamente semelhantes aqueles que compartilham de uma ou mais características fonéticas. Desta forma, constituirão um par suspeito todos os sons foneticamente semelhantes. Tentaremos encontrar nos dados coletados exemplos de par mínimo para atestar o *status* fonológico dos segmentos em questão.

Os seguintes pares de sons são fonemas distintos por contrastarem em ambientes idênticos e/ou análogos, como provam os exemplos que os acompanham.

/p/	/b/
[pe] ‘pôr’	[be] ‘ver’
[kapa] ‘capar’	[kaba] ‘acabar’
/t/	/d/
[teθe] ‘trançar’	[deθe] ‘descer’
[detu] ‘ireito’	[dɛdu] ‘dedo’
/d/	/l/
[deθu] ‘Deus’	[lɛθu] ‘lenço’
/k/	/g/
[kava] ‘carvar’	[gava] ‘agravar’
[fɔka] ‘pegar’	[fɔga] ‘dançar’
/f/	/v/
[fũda] ‘tocar o fundo’	[vũda] ‘empurrar’
[θofe] ‘sofrer’	[veve] ‘viver’
/v/	/b/
[vi] ‘vinho’	[bi] ‘vir’
[kovi] ‘couve’	[kɔbi] ‘cobre’
/s/	/z/
[sai] ‘cheio’	[zia] ‘lugar onde a água é funda’
/r/	/l/
[rigi] ‘erguer’	[liga] ‘ligar’
[fura] ‘furar’	[fɔla] ‘esfolar’

/m/	/n/
[mata] ‘matar’	[nata] ‘Natal’
[kama] ‘escama’	[kana] ‘cana’
/m/	/ɲ/
[meka] ‘marcar’	[ɲɔka] ‘descansar’
[lema] ‘lema’	[leɲa] ‘rainha’
/n/	/ɲ/
[nata] ‘natal’	[ɲɛlu] ‘neto’
[bana] ‘abanar’	[paɲa] ‘apanhar’

Nem sempre a busca de um par mínimo de palavras leva a deduzir fonemas distintos de uma língua. Assim, quando não forem encontrados pares mínimos (ou análogos) para dois segmentos suspeitos, concluímos que os segmentos em questão não são fonemas (casos de “sons foneticamente semelhantes”).

Caso não consigamos caracterizar dois sons suspeitos como fonemas distintos, devemos buscar evidência para caracterizá-los como alofones (variantes) de um mesmo fonema. Os alofones de um fonema são identificados por meio da regra de distribuição complementar. Assim, quando dois segmentos estão em distribuição complementar, eles ocorrem em ambientes exclusivos, isto é, onde uma das variantes ocorre, a outra não ocorrerá.

Logo, além dos contrastes apresentados acima, o angolar possui alguns casos de distribuição complementar e variação livre, como pode ser visto em seguida:

1) [d] é uma variante livre de [r]

[da] ~	[ra] ‘dar’	[dema] ~	[rema] ‘estar pesado’
[dana] ~	[rana] ‘danar’	[digi] ~	[rigi] ‘apanhar’

[dɛdu] ~ [rɛru] ‘dedo’ [due] ~ [rue] ‘doer’

Em alguns casos, há, em nível lexical, variações [l] ~ [r]/[d].

[leve] ~ [reve]/ [deve] ‘dever’

[lelu] ~ [relu]/ [delu] ‘dinheiro’

Essa flutuação parece ser uma influência substratista. Em uma pesquisa sobre as influências substratistas, percebemos que muitos dos léxicos do angolar são de origem do kimbundu, que, de acordo com Grimes (1996), emprestou 33% de seu léxico ao angolar. Nessa língua, o [r] é sempre vibrante e pode ser trocado por [d] ou, menos freqüentemente, por [l].

	[r] > [d]		[r] > [l]
[kitari]	~	[kitadi] ‘dinheiro’	[koromboro] ~ [kolombolo] ‘galo’
[ritari]	~	[ditadi] ‘pedra’	
[kuria]	~	[kudia] ‘comer’	

A pronúncia com [r] é mais freqüente que com [d], que aparece freqüentemente em início de enunciado, sem que [r] seja excluído desta posição. Assim, não podemos afirmar que se trata de uma situação de alofonia, visto que os três ocorrem antes de todas as vogais, em início e meio de palavra (em ambientes análogos).

Início	Meio
[rekaru] ‘recado’	[kiera] ‘colher’
[rete] ‘endireitar’	[bariri] ‘barril’
[degaru] ‘delgado’	[rɛda] ‘herdar’
[deθu] ‘Deus’	[θɛde] ‘ascender’
[lada] ‘nadar’	[ðulu] ‘azul’
[lete] ‘leite’	[mɛle] ‘mel’

Assim, deduzimos que [r], [d] e [l] são fonemas distintos: /r/, /d/ e /l/.

2) Há certa variação lexical entre as formas que contêm um /k/ ou um /g/ intervocálico, como nos exemplos a seguir:

[sikola]	~	[sigola]	‘escola’
[θðboka]	~	[θðboga]	‘atravessar’
[vutuka]	~	[vutuga]	‘retornar’

De qualquer maneira, esta variação não compromete a oposição fonológica entre /k/ e /g/, já que ela se refere a apenas um número limitado de lexemas.

3) Existe uma distribuição complementar entre, por um lado, [s] e [θ], e, por outro lado, entre [z] e [ð]. Tem-se a impressão que [s] e [z] aparecem diante de [i], enquanto [θ] e [ð] aparecem diante das demais vogais.

[s]		[θ]	
[sikeve]	‘escrever’	[θaguri]	‘sacudir’
[sikɛru]	‘esquerda’	[θɛku]	‘seco’
[sina]	‘ensinar’	[θɛde]	‘ascender’
[sipitali]	‘hospital’	[θõno]	‘sono’
[sisima]	‘escuro’	[θo]	‘só’
		[θuðu]	‘sujo’
[z]		[ð]	
[zi]	‘fazer’	[ðãba]	‘elefante’
[zina]	‘avó’	[ðɛma]	‘gemer’
[ziaru]	‘branco’	[ðɛde]	‘defecar’
[zimola]	‘esmola’	[ðolo]	‘anzol’
[zizika]	‘fazer nó’	[ðuula]	‘ajuda’

No entanto, pode acontecer de [s] ocorrer diante de outras vogais além de [i], como podemos ver em algumas palavras emprestadas, quer do português quer de outra língua.

Exemplos: [sai]	‘esteira’
[sala]	‘sala’
[ngɔsɔ]	‘prazer’
[nsusi]	‘ombro’ (kimbundu: [kisuʃi])

Podemos encontrar também [z] diante de outras vogais além do [i]. Trata-se também de caso de empréstimos.

[zaneɾu]	‘janeiro’
[zutisa]	‘justiça’

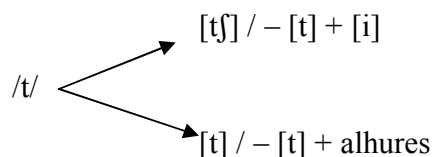
Levando em conta os argumentos acima e também os fonemas da língua lexificadora, o português, o qual não apresenta os fonemas [θ] e [ð], consideramos que [θ] e [ð] são, respectivamente, alofones de /s/ e /z/.

4) Existe também uma alternância entre [s] e [tʃ], como no caso das variantes [sinta] ~ [tʃinta] ‘cinta’ ou [sintu] ~ [tʃintu] ‘cinto’. Nesse caso, [tʃ] é uma realização diferente de /s/.

Além disso, [z] é, às vezes, pronunciado [dʒ], como em [Kwai ki dʒi o]? ‘o que aconteceu?’ ao invés de [Kwai ki zi o]?

Existe uma variação entre [s] e [tʃ] e [z] e [dʒ] somente no nível fonético. Assim, [tʃ] e [dʒ] são alofones de /s/ e /z/.

5) Podemos perceber nos dados que os sons [tʃ] e [dʒ] ocorrem antes da vogal [i], como ilustram as seguintes regras de palatalização:

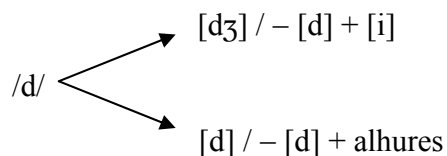


O /t/ se realiza [tʃ] quando seguido da vogal [i] e, quando seguido das demais vogais, realiza-se [t].

[tʃ]		[t]	
[tʃima]	‘tornar-se’	[talive]	‘talvez’
[matʃikula]	‘matrícula’	[tema]	‘teimar’
[livitʃi]	‘divertir’	[tɔθɛ]	‘tosse’
[semẽtʃi]	‘semelhante’	[tua]	‘tomar’

O [t] ocorre também antes de [i] com o som de [t] em algumas palavras emprestadas do português: [tia] ‘criar, terra’, [tigu] ‘trigo’, [tiθa] ‘atiçar’.

Quanto à segunda regra:



O /d/ se realiza [dʒ] quando seguido da vogal [i] e, quando seguido das demais vogais, realiza-se [d].

[dʒ]		[d]	
[kũdʒi]	‘acudir’	[dadʒi]	‘idade’
[mãdʒia]	‘madrinha’	[detu]	‘direito’
[ndʒia]	‘parar’	[doθu]	‘dois’
[mẽdʒira]	‘medida’	[dumi]	‘dormir’

Há casos em que o [d] ocorre antes de [i] mantendo o som de [d]: [di] ‘de’, [di] ‘dia’, [dimira] ‘admirar’, [dipa] ‘limpar’, [disi] ‘nariz’, [diðu] ‘rijo’. Isso pode ser devido não somente a empréstimo do português, mas também às variações que existem entre os sons [d], [l] e [r].

Assim, deduzimos que [tʃ] e [dʒ] são, respectivamente, alofones de /t/ e /d/.

6) Os [ʃ] e [ʒ] tiveram pouca ocorrência nos dados. Eles ocorrem geralmente em lexemas de empréstimo como mostram os exemplos abaixo:

[ʃ]		[ʒ]	
[agoʃto]	‘agosto;	[buʒa]	‘ladrar’ (kimbundu)
[ðuðu Kiʃtu]	‘Jesus Cristo’	[ʒulu]	‘julho’
[ʃtaka]	‘estaca’	[ʒunu]	‘junho’
[θeʃta fɛla]	‘sexta feira’	[ʒanela]	‘janela’

O fonema português /s/ se realiza [ʃ] em posição de coda, enquanto o fonema português /ʒ/ se torna quer [ð] quer [z] no angular ([ʒanela] ~ [ðanela] ‘janela’, [gĩgar] ~ [zĩga] ‘agitar’).

Deste modo, deduzimos que [ʃ] é alofone de /s/ e [ʒ] e [ð] são alofones de /z/.

7) A oposição fonológica entre /g/ e /ng/ é neutralizada em posição inicial. Com efeito, [g] não aparece em início de palavra, salvo em poucas palavras, de acordo com os nossos dados:

[gava]	‘agravar’	[gɛða]	‘igreja’
[gwara]	‘guardar’	[gwɛta]	‘agüentar’

Nos demais casos, /g/ ocorre na seqüência /n/ + /g/ como, por exemplo: [ngaba] ‘gabar’, [ngana] ‘galinha’, [ngiju] ‘agrião’, [nguri] ‘engolir’.

Tais dados levantam a questão sobre de estarmos lidando com uma seqüência morfofonêmica /ng/ ou com a combinação /n/ + /g/.

Como na maioria das línguas crioulas, o angolar apresenta consoantes pré-nasalizadas ([mp], [mb], [nt], [nd], [nk], [ng]), as quais aparecem em posição inicial e medial de palavras.

Exemplos:

[a.mpa] ‘pá’, [mpelu] ‘perua’, [ka.ŋga] ‘lugar’, [lo.da] ‘ronda’, [mputa] ‘ferida’, ŋkõmɛ
‘punho’, [mbosi] ‘neblina’, [nte] ‘cabeça’.

A consoante nasal das consoantes pré-nasalizadas realiza-se [m], diante das consoantes bilabiais [p] e [b], [ŋ], diante das consoantes velares [g] e [k], e [n] diante das alveolares [n] e [d]. O elemento nasal das pré-nasalizadas tem um alomorfe [ŋ] quando seguido das consoantes homorgânicas /k/ e /g/. Pois, [m], [ŋ] e [n] encontram-se em distribuição complementar.

Os seguintes pares de sons são fonemas distintos por contrastarem em ambientes idênticos e/ou análogos como provam os exemplos que os acompanham.

/mp/	/m/
[mpega] ‘empregar’	[mekɑ] ‘marcar’

/mp/	/p/
[mpega] ‘empregar’	[pega] ‘pegar’

/m/	/p/
[mɔra] ‘moldar’	[pɔra] ‘perdoar’

/mb/	/m/
[mbigu] ‘umbigo’	[miri] ‘mil’

/mb/	/b/
[mbeða] ‘mesa’	[baða] ‘baixa’

/m/	/b/
[mɔ] ‘mão’	[bɔ] ‘bom’
/nt/	/n/
[nte] ‘cabeça’	[nɔ] ‘nós’
/nt/	/t/
[nte] ‘cabeça’	[te] ‘ter’
/n/	/t/
[nana] ‘danar’	[tata] ‘tratar’
/nd/	/n/
[nda] ‘andar’	[na] ‘desde’
/nd/	/d/
[ndatʃi] ‘raiz’	[dadʒi] ‘idade’
/n/	/d/
[nudi] ‘ficar nu’	[dumi] ‘dormir’
/ŋk/	/n/
[ŋkɔmɛ] ‘golpe’	[nɔmi] ‘nome’
/ŋk/	/k/
[ŋkila] ‘rabo’	[kilu] ‘kilo’
/ŋg/	/n/

[ŋgeva] ‘goiaba’ [geða] ‘igreja’

/ŋg/

/g/

[ŋgaða] ‘graça’

[gavi] ‘grave’

A existência das consoantes pré-nasalizadas tem sido objeto de muitas discussões, que envolvem duas questões fundamentais e estritamente ligadas, a saber, se a seqüência m/n + consoante numa palavra deve ser interpretada como uma seqüência de dois fonemas (/N/ + C) ou como uma única consoante pré-nasalizada.

Com base nesses exemplos do contraste, passamos a considerar a seqüência nasal mais uma oclusiva que constitui a pré-nasalização como um único fonema, apesar de existirem algumas evidências morfofonêmicas que atestem o valor da consoante nasal como em: [mbe] ‘eu vi’, [mme] ‘eu comi’, [ntege] ‘entreguei’, [ŋguri] ‘eu engoli’. Esses exemplos mostram que a pré-nasalização ocorre devido a um processo de aglutinação do sujeito da primeira pessoa do singular ([m]) com a forma verbal, formando apenas um vocábulo, cada um tendo um sentido diferente. Mas esse fato não compromete a consideração sobre as consoantes pré-nasalizadas como sendo a realização de um único fonema.

Na maioria das vezes, há uma reinterpretação de uma sílaba que contém uma consoante pré-nasalizada:

- Existe uma tendência a simplificar as palavras que começam por /N/ fazendo desaparecer a nasal:

[m'puna] ~ [puna] ‘joelho’

[n'ðõge] ~ [ðõge] ‘cesto’

[n'vuna] ~ [vuna] ‘branco’

[ŋguara] ~ [guara] ‘guardar’

[ŋgueta] ~ [gueta] ‘agüentar’

[ntʃiba] ~ [tʃiba] ‘banana’

Nesses casos, a nasal foi submetida a um processo de desnasalização.

- Uma outra possibilidade de evitar as soantes nasais é a prótese, que consiste no desenvolvimento no início de palavra de um elemento não-etimológico. O dado a seguir evidencia a ocorrência da prótese de /i/:

[n'kila] ~ [inkila] 'cauda'

O exemplo da prótese é um argumento a favor da análise de NC como N+C (fonemas distintos).

Com base nessas observações, podemos concluir que as consoantes pré-nasalizadas constituem a realização de um único fonema.

Em termos distribucionais, os glides lábio-velar [w] e palatal [j] podem ocupar as margens silábicas, ocorrendo em posição pré-vocálica ou pós-vocálica ou, em outras palavras, ocupando as posições de Onset e de Coda. Tal interpretação é dada a partir dos tipos silábicos na língua, que será discutida mais adiante em 11.2.2.1. Mas convém adiantar que os glides parecem existir só no nível fonético, estando sujeitos à flutuação conforme sua posição dentro de uma estrutura silábica.

Depois de ter aplicado o teste dos pares mínimos e de algumas considerações feitas sobre as consoantes pré-nasalizadas, chegamos ao seguinte quadro fonológico das consoantes do angolano – que se apresenta um pouco diferente, se comparado ao seu quadro fonético.

(tabela 13):

		Bilabiais	Labio- denta	Alveolares	Palatais	Velares
Oclusivas	Surdas	/p/		/t/		/k/
	Sonoras	/b/		/d/		/g/
Fricativas	Surdas		/f/	/s/		
	Sonoras		/v/	/z/		
Vibrantes	Sonoras			/r/		
Laterais	Sonoras			/l/		
Nasais	Sonoras	/m/		/n/	/ɲ/	
Pré-nasais	Surdas	/mp/		/nt/		/ŋk/
	Sonoras	/mb/		/nd/		/ŋg/

8.1.2. Identificação de fonemas vocálicos

O sistema fonético do angolano apresenta sete vogais orais e cinco nasais, conforme o a tabela 14:

(tabela 14):

	Anteriores não- arredondadas	Centrais não- arredondadas	Posteriores Arredondadas
	Orais	Orais	Nasais
Altas	[i], [i]		[ũ], [u]
Médias	[e]		[o]
Fechadas	[ē]		[õ]
Abertas	[ɛ]		[ɔ]
Baixas		[ã]	
		[a]	

Os seguintes pares de sons vocálicos são fonemas distintos por contrastarem em ambientes idênticos e/ou análogos como provam os exemplos que os acompanham.

/i/	/e/
[litu] ‘litro’	[letu] ‘dentro’
/i/	/ɛ/
[rima] ‘decifrar’	[ɾɛma] ‘ser pesado’
[miri] ‘mil’	[mɛɛ] ‘mel’
/i/	/u/
[fina] ‘decrecer’	[funa] ‘embrulhar’
[kani] ‘carne’	[karu] ‘caro’, ‘carro’
/e/	/ɛ/
[me] ‘meio’	[mɛ] ‘mesmo’
[mɛθɛ] ‘merece’	[mɛθɛ] ‘mestre’
/e/	/o/
[kele] ‘crer’	[kole] ‘correr’
[vere] ‘verde’	[varo] ‘voador’
/ɛ/	/ɔ/
[mɛ] ‘mesmo’	[mɔ] ‘mão’
[θɔɾɛ] ‘soldado’	[θɔɾɔ] ‘sono’
[fɛga] ‘esfregar’	[fɔga] ‘dançar’
/u/	/o/
[buθu] ‘bicho’	[poθu] ‘poço’

[kaðu] ‘caju’	[kaθo] ‘cachorro’
---------------	-------------------

/u/

/ɔ/

[upa] ‘separado’ (dente)	[ɔpɛ] ‘pé’
--------------------------	------------

[buia] ‘embrulhar’	[bɔia] ‘boiar’
--------------------	----------------

[patu] ‘pato’	[patɔ] ‘patrão’
---------------	-----------------

/o/

/ɔ/

[po] ‘poder’	[pɔ] ‘árvore’
--------------	---------------

[molo] ‘morro’	[mɔli] ‘mole’
----------------	---------------

De acordo com esses exemplos que atestam a existência de pares mínimos no angolar, deduzimos que todas as vogais orais dessa língua são fonemas distintos. Mas as vogais nasais continuam constituindo problemas, como na maioria das línguas do mundo.

O angolar tem cinco vogais nasais [ĩ], [ẽ], [ã], [ũ] e [õ], como mostram os exemplos abaixo:

[kwĩ] ‘dez’	[bẽ] ‘bem’
-------------	------------

[kutusĩ] ‘curto’	[ãtõ] ‘então’
------------------	---------------

[vizjã] ‘vizinho’	[ɲẽ] ‘apressar’
-------------------	-----------------

[pãdzĩ] ‘padrinho’	[fẽõõ] ‘feijão’
--------------------	-----------------

Apresentamos, em seguida, os pares de segmentos vocálicos que ocorrem em contraste em ambientes idênticos e/ou análogos, o que ocasiona a distinção de significado.

[i]

[ĩ]

[kito] ‘pequena ferida’

[kĩte] ‘quintal’

[e]	[ẽ]
[fede] ‘feder’	[vẽde] ‘vender’
[a]	[ã]
[kata] ‘catar’	[kãta] ‘cantar’
[u]	[ũ]
[muru] ‘muro’	[mũdu] ‘mundo’
[o]	[õ]
[kota] ‘cortar’	[kõta] ‘contar’

As palavras acima mostram que, foneticamente, todas as vogais orais têm suas equivalências nasais. Resta saber se realmente as vogais nasais são fonemas distintos ou alofones das orais.

Segundo Katamba (1989: 93), a nasalização é um processo assimilatório em que um segmento oral adquire uma nasalidade do segmento próximo. Ou seja, uma vogal é nasal devido a sua proximidade a uma consoante nasal.

A pré-nasalização é um fator determinante sobre o *status* fonético das vogais nasais do angolar. Como foi acima referida, a pré-nasalização ocorre em início e meio de palavra. A ocorrência da pré-nasalização em meio de palavra mostra claramente que as vogais nasais só existem no nível fonético, isto é, elas se tornam nasais devido a um processo assimilatório, conforme exemplos abaixo.

[be.nde]	~	[bẽde] ‘vender’
[fo.ntaru]	~	[fõtaru] ‘afrontar’
[fu.nda]	~	[fũda] ‘afundar’
[ki.nte]	~	[kiĩte] ‘quintal’

De acordo com os postulados acima, afirmamos que as vogais nasais no angolar são vogais nasalizadas devido a um processo assimilatório. Assim, consideramos a nasalização como uma situação de alofonia, isto é, as cinco vogais nasais do angolar são alofones das orais. Sendo assim, essa língua apresenta vogais nasais no nível fonético. No nível fonológico, as vogais nasais são resultantes da presença de uma consoante nasal, de acordo com os exemplos acima.

Além das considerações sobre as vogais, convém ressaltar a variação existente entre as vogais /i/ e /u/ como mostram os exemplos:

[bi]	~	[bu] ‘vir’
[fibika]	~	[fubuka] ‘beber com atenção’
[vitʃa]	~	[vutʃa] ‘chegar’

Essa variação não compromete a oposição fonológica entre /i/ e /u/.

Após as considerações sobre a nasalidade e sobre alguns fenômenos de variação livre, chegamos ao quadro fonológico das vogais do angolar:

(tabela 15):

	Anteriores não-arredondadas	Centrais não-arredondadas	Posteriores Arredondadas
Altas	/i/		/u/
Médias			
Fechadas	/e/		/o/
Abertas	/ɛ/		/ɔ/
Baixas		/a/	

Considerando os critérios de análise fonológica aplicados à análise dos dados do angolar, podemos deduzir que essa língua possui, no nível fonológico, vinte e um fonemas (21) consonantais e sete (7) vocálicos.

8.2. Análise da sílaba do Angolar

A sílaba é uma unidade fundamental na representação fonológica, tendo em vista que constitui um domínio natural para o estabelecimento de restrições fonotáticas, além de estar, em alguns casos, diretamente ligada a uma ampla variedade de processos fonológicos. Sempre esteve na base de discussões fonológicas, como, por exemplo, seu *status* fonético ou fonológico, sua estrutura interna entre outras.

Com base no tratamento contextual dos fonemas, procederemos, primeiramente, ao levantamento dos padrões silábicos, identificando os diferentes tipos possíveis de sílabas nas três posições em que elas são suscetíveis de ocupar numa palavra: afixo, núcleo e coda.

8.2.1. Padrões silábicos

O número de segmentos permitidos em cada constituinte silábico distingue as línguas. As diferentes línguas do mundo utilizam a estrutura fundamental, isto é, o padrão silábico CV, para a expansão de seus padrões silábicos (Clements & Keyser, 1985). O padrão silábico CV é considerado universal por estes autores.

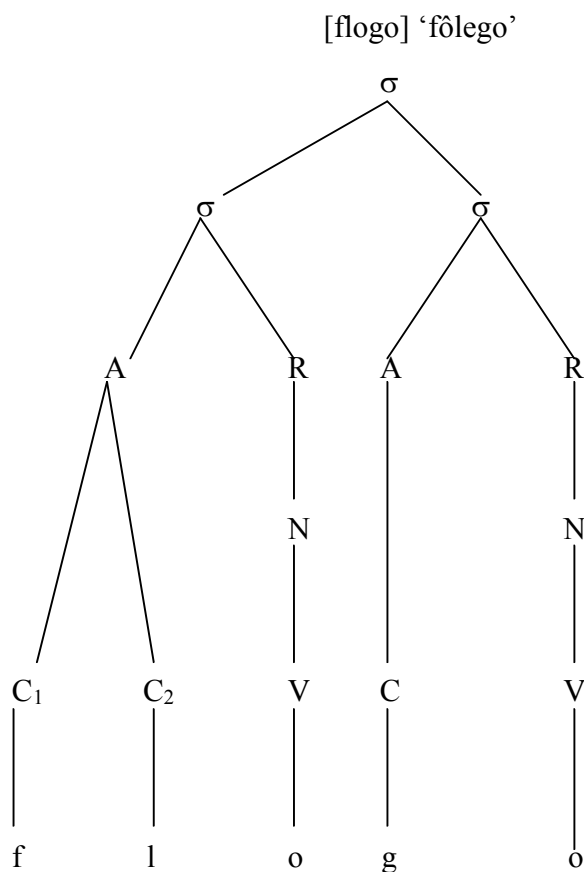
Apresentamos na tabela 16 o levantamento dos padrões silábicos encontrados no angolano.

(tabela 16):

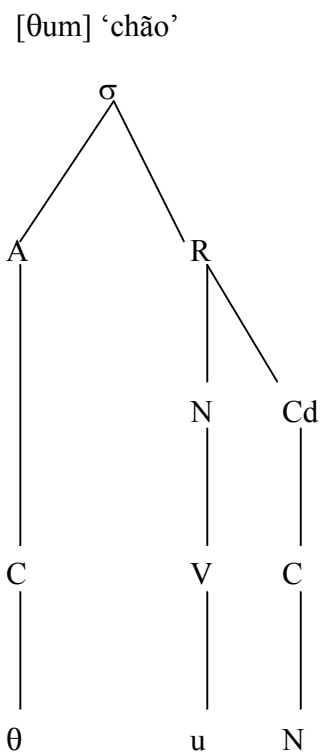
PADRÕES SILÁBICOS DO ANGOLAR		
Total de palavras	total CV	%
510	1041	204,1176
Exemplos	[be.na] ‘bainha’, [ka.ra] ‘cada’	
Total de palavras	total de V	%
510	152	29,80392
Exemplos	[a.pa.re.ju] ‘aparelho’, [u.lu.lu] ‘umbigo’	
Total de palavras	total CVC	%
510	8	1,568627
Exemplos	[θus.ta] ‘assustar’; [θũ] ‘senhor’	
Total de palavras	total CCV	%
510	3	0,588235
Exemplos	[bla.bu] ‘brabo’, [fla.ku] ‘fraco’	
Total de palavras	Total VC	%
510	1	0,196078
Exemplos	[vizi.ã] ‘vizinho’	
TOTAL		% 236,2745

Examinando-se os padrões silábicos identificados acima, concluímos que a Estrutura Silábica Máxima Permitida (ESMP), encontrada na variedade lingüística angolano, é CCV ou CVC. Isto é, o angolano admite, na sílaba, no máximo dois elementos no aclave, um no núcleo e um na coda como vemos nas representações arbóreas a seguir.

(figura 17):



(figura 18):



Por meio dessas representações arbóreas, torna-se claro que, na sílaba do angolar, é possível somente a ramificação do ataque, enquanto o Núcleo e a Coda são sempre simples como veremos adiante.

8.2.2. Estrutura silábica

Nesta seção, os fonemas serão analisados em suas posições de aclave, núcleo e coda. Em consonância com a ESMP, o angolar admite, como já vimos, no máximo dois elementos no aclave, um no núcleo e um na coda.

8.2.2.1. O Aclive

Considera-se aclive, todas as situações em que há uma consoante inicial. Em angolar, o aclive pode apresentar uma estrutura simples (dominado por um elemento C da camada CV) ou complexa (dominado por dois Cs da camada CV).

Aclives simples:

Oclusivas

/p/	[pedelu] ‘pedreiro’
/b/	[baga] ‘separar’
/t/	[tɛbɛθa] ‘atravessar’
/d/	[dɛru] ‘dedo’
/k/	[karela] ‘cadeira’
/g/	[gɛða] ‘igreja’

Fricativas

/f/	[fajna] ‘farinha’
/v/	[veve] ‘viver’
/s/	[sikɛra] ‘escada’
/z/	[zimɔla] ‘esmola’

Vibrante

/r/	[roro] ‘doido’
-----	----------------

Lateral

/l/	[lede] ‘arder’
-----	----------------

Nasais

/m/	[mali] ‘mal’
/n/	[nake] ‘oito’

/ɲ/ [ɲɔka] ‘descansar’

As pré-nasais

/mp/ [mpuna] ‘joelho’

/mb/ [mbeða] ‘mesa’

/nt/ [fɛbe.nta] ‘ferver’

/nd/ [be.nde] ‘vender’

/ŋg/ [ŋguara] ‘guardar’

/ŋk/ [ŋkɔ] ‘seguinte’

Os glides

/w/ [wɛɛ] ‘hora’

/j/ [ja] ‘que’

Antes de analisarmos os tipos de encontros consonantais que ocorrem no aclave do angolar, deixaremos claras as razões que nos levaram a considerar os glides [w] e [j] como consoantes ou como vogais.

Existem duas possibilidades de interpretá-los de acordo com a posição que ocupam dentro da estrutura silábica.

Em posição pós-vocálica, os glides são interpretados como tendo valor vocálico (/u/ e /i/), e são assim dominadas por um nó V. O glide é o segundo elemento (V₂) do núcleo. Consideramos assim que os glides em posição pós-vocálicas são sempre alofones das vogais altas. A vogal em posição de V₁ é silábica (o núcleo de sílaba), enquanto a V₂ é assilábica (não pode formar um núcleo silábico).

No angolar, pelos dados que temos e de acordo com a pronúncia dos nossos informantes, percebemos a ausência de ditongos decrescentes. Assim, um glide em posição pós-vocálica (V₂)

tem a mesma proeminência acentual que a primeira vogal (V_1), como em [o.u] ‘linha (costura)’, [fɛ.u], [ma.i.ta] ‘malagueta’.

Em posição pré-vocálica, como em [fue] ‘feito’, [uisi] ‘mexer’ e [pia] ‘espiar’, os *glides* [w] e [j] serão interpretadas também como vogais, constituindo, assim, um hiato. Optamos por essa interpretação, porque, considerando a (V_1) como consoante, encontraríamos uma estrutura silábica com um ataque complexo, o que é, muitas vezes, evitado na maioria dos crioulos.

Mas há casos em que a realização consonantal do glide é inevitável. Trata-se de uma seqüência de três vogais (tritongo). Nesse caso, o glide adquire logo o comportamento consonântico como em [koiɛ] ~ [kojɛ] ‘encolher’.

Observadas essas condições, os glides poderiam ser interpretados fonologicamente como vogais, formando assim um hiato, e, em raríssimos casos, com valor consonantal evitando a ocorrência de tritongos na língua.

Doravante, procederemos à análise dos tipos de encontros consonantais que podem ocorrer no aclave complexo do angolar. Clements & Keyser (1985: 41) propõem que encontros consonantais, em aclave de sílaba, sofrem restrições próprias de cada língua e que somente encontros consonantais bem formados podem ocorrer nesse constituinte silábico. Assim, listamos, nas linhas da tabela a seguir, as consoantes possíveis de ocupar a posição C_1 e, nas colunas da mesma, as consoantes possíveis de ocupar a posição C_2 , no aclave silábico complexo do angolar. O encontro de uma linha com uma coluna evidencia quais as seqüências de consoantes são consideradas bem formadas (+) e quais são mal formadas (-) para o aclave angolar.

(tabela 17):

C ₁ \ C ₂	p	b	d	tʃ	dʒ	k	g	s	l	r
b	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+
t	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
k	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
g	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
f	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-

Exemplos de aclave complexo

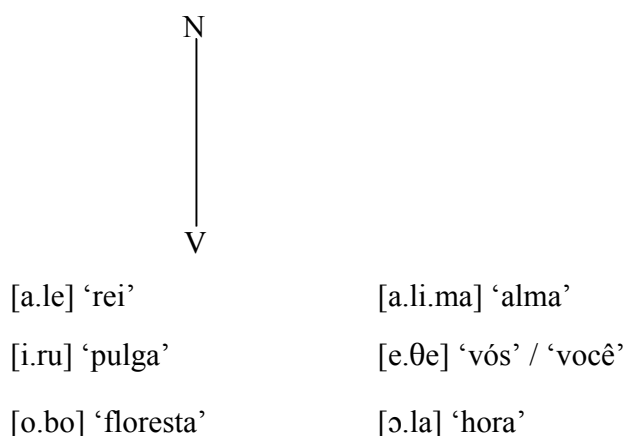
Encontros Consonantais	Exemplos
[bl]	[blaθa] ‘braça’
[br]	[brutu] ‘bruto’
[tl]	[kuatlu] ‘quatro’
[gl]	[glavi] ‘bonita’
[fl]	[fluta] ‘fruta’

Considerando, primeiramente, o encontro das linhas com as colunas (C₁) e (C₂), observamos que, nos encontros consonantais bem-formados para o aclave da sílaba do angular, a posição C₁ é ocupada principalmente por uma oclusiva e a posição C₂ por uma líquida.

8.2.2.2. O Núcleo

O núcleo silábico do angular pode ter a seguinte configuração: (i) simples, dominado por um único elemento V da camada CV. Qualquer segmento com o traço [+silábico] pode ocupar o núcleo silábico no angular. O núcleo é sempre obrigatório e pode ser dominado por um só elemento V da camada CV, conforme representação na figura 16:

(figura 19):



Com base nas observações em (8.2.2.1), o angolar não admite a ocorrência de ditongos decrescentes. Os glides tendem a se realizar como vogais formando um hiato ou consoante.

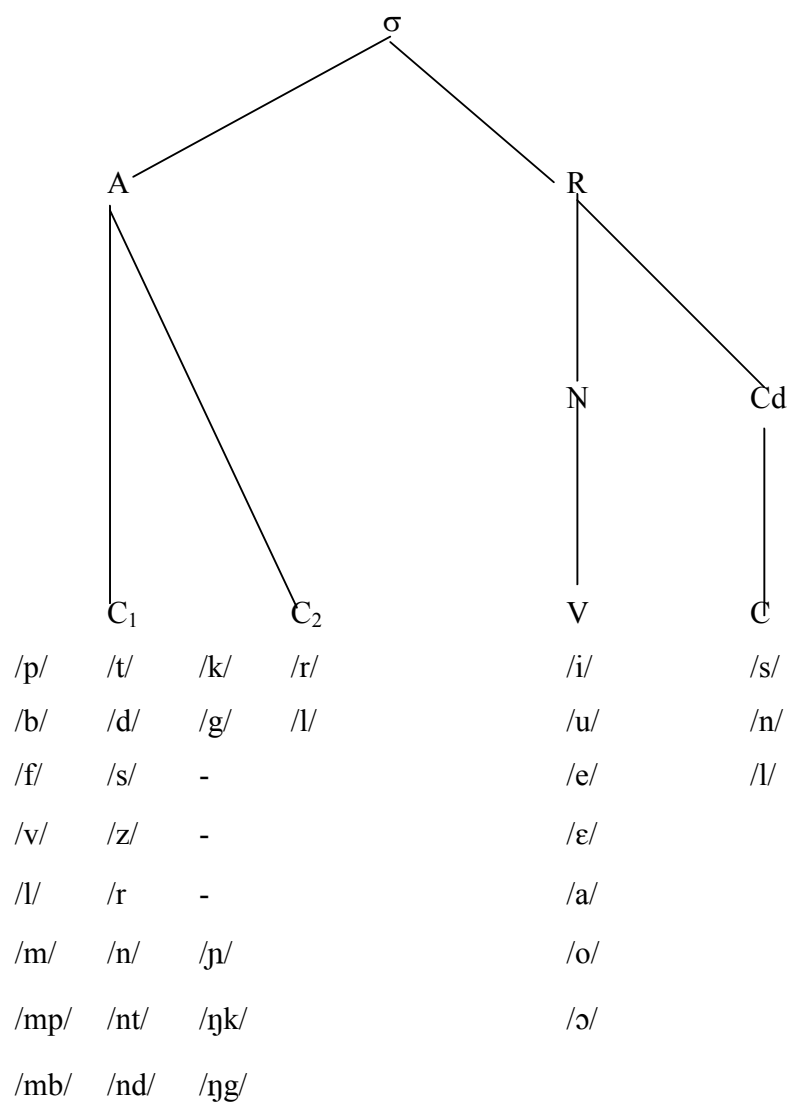
8.2.2.3. A coda

A partir dos dados de que dispomos, a coda do angolar configura-se somente como simples, ou seja, dominada apenas por um elemento que é, geralmente, uma consoante alveolar fricativa surda /s/ ou uma nasal /n/ como, por exemplos, [θusta] ‘assustar’, [poN] ‘pão’.

Como a maioria dos crioulos tem preferência pela sílaba CV, o angolar apresenta pouca ocorrência de sílaba travada, isto é, com a Coda preenchida. Podemos perceber que os casos em que ocorrem as sílabas pesadas são empréstimos recentes do português, como mostram os exemplos. A tendência em evitar as Coda complexas pode se explicar pelo fato que a maioria dos crioulos, assim como de qualquer língua, é optar pela estrutura silábica CV considerada ótima e, portanto, universal.

Com base no exposto acima, podemos concluir que a estrutura silábica do angolar é preenchida, no Ataque, por vinte e uma consoantes, por todos os sete fonemas vocálicos no Núcleo, e, na Coda, por apenas duas consoantes (/s/ e /n/), como resumido na representação da figura 20:

(figura 20):



CAPÍTULO IX

DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DO PRINCIPENSE

9.0. Introdução

Conforme Grimes (1996), o principense (cerca de 1.558 falantes), também conhecido como *Lun'Gwiye, iye* ou '*Moncó*' é falado principalmente em Príncipe. A maioria da população fala português, e alguns aprendem o são-tomense. Os falantes do principense são na maioria idosos. A história de Príncipe, ilha situada no nordeste de São Tomé, foi um pouco afetada por escravos trazidos de São Tomé no início do século XVI. Acredita-se que o crioulo falado por escravos são-tomenses serviu de modelo para escravos que, subseqüentemente, chegaram a Príncipe. Segundo Lorenzino (1998: 43), em meados do século XIX (1844), a população de Príncipe era composta, na maioria, de escravos e de um pequeno número de brancos e mestiços. Os substratos deste crioulo, que é bastante distinto daquele de Guiné-Bissau, Senegal, Gâmbia e Cabo Verde, são as línguas dos grupos Kwa e Oeste-Bantu. Fora da ilha de Príncipe existem poucos falantes do principense. Ela constitui uma das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe e está quase extinta.

O presente capítulo tratará da descrição fonológica do principense. Ela consistirá, por um lado, em identificar os fonemas do principense, e por outro lado, em uma análise silábica.

9.1. Análise dos segmentos do principense

Tendo como pano de fundo a metodologia estruturalista norte-americana e as premissas e procedimentos definidos por Pike (1947), referidos no item 3.1.3, e a partir dos quadros fonéticos do principense, procedemos à análise dos segmentos, o que consiste na identificação dos fonemas existentes.

9.1.1. Identificação de fonemas consonantais

O objetivo da identificação dos fonemas é definir quais são os sons do principense que têm valor distintivo (que servem para distinguir palavras). Os sons que estarão em oposição - por exemplo, [p] e [b] em [pɔpi] ‘próprio’ e [pɔbi] ‘pobre’ ‘ver’ - são caracterizados como unidades fonêmicas distintas e são chamados de fonemas.

Quadro fonético do principense

(tabela 178):

		Bila- biais	Labio- denta	Álveo- lares	Álveo- palatais	Palatais	Velares
Oclusivas	Surdas	[p]		[t]	[tʃ]		[k]
	Sonoras	[b]		[d]	[dʒ]	[ʃ]	[g]
Fricativas	Surdas		[f]	[s]		[ʒ]	
	Sonoras		[v]	[z]			
Vibrantes	Sonoras			[r]			
Laterais	Sonoras			[l]			
Nasais	Sonoras	[m]		[n]		[ɲ]	
Pré-nasa- Lizadas	Surdas	[mp]		[nt]			[ŋk]
	Sonoras	[mb]		[nd]			[ŋg]
Glides		[w]				[j]	

A partir do quadro fonético das consoantes acima que contém vinte e sete (27) sons, procedemos à identificação dos fonemas, que ocorre ao se encontrar um par mínimo de palavras como significados diferentes e cuja cadeia sonora seja idêntica.

O objetivo principal dessa descrição sendo identificar como se organiza a cadeia sonora da fala em principense. A identificação dos fonemas consistirá, assim, em encontrar pares

mínimos para sons foneticamente semelhantes (SFS). Entendemos por sons foneticamente semelhantes aqueles que compartilham de uma ou mais características fonéticas. Desta forma, constituirão um par suspeito todos os sons foneticamente semelhantes. Tentaremos encontrar nos dados coletados exemplos de par mínimo para atestar o *status* fonológico dos segmentos em questão.

Os seguintes pares de sons são fonemas distintos por contrastarem em ambientes idênticos e/ou análogos como provam os exemplos que os acompanham.

/p/	/b/
[paga] ‘apagar’	[baga] ‘embarcar’
[kɔpa] ‘comprar’	[kɔba] ‘cobrar’
[pɔpi] ‘próprio’	[pɔbi] ‘pobre’
/t/	/d/
[tese] ‘tecer’	[dese] ‘descer’
[fita] ‘fita’	[fida] ‘ferida’
/d/	/l/
[detu] ‘direito’	[lete] ‘leite’
[peda] ‘perda’	[peli] ‘pele’
/d/	/r/
[dina] ‘desde’	[rima] ‘irmão’
[sɛdu] ‘cedo’	[sɛru] ‘cheiro’
/k/	/g/
[kosu] ‘caroço’	[gosu] ‘grosso’
[fɔka] ‘enforçar’	[fɔga] ‘folgar’

/f/	/v/
[fala] ‘falar’	[vale] ‘valer’
[gafu] ‘garfo’	[gava] ‘goiaba’
/v/	/b/
[vɔta] ‘voltar’	[bɔta] ‘botar’
[pɔva] ‘prova’	[pɔbi] ‘pobre’
/s/	/z/
[sulu] ‘sul’	[zulu] ‘azul’
[misa] ‘missa’	[mizu] ‘mijo’
/r/	/l/
[rima] ‘irmão’	[lima] ‘limão’
[mara] ‘amarrar’	[mɔla] ‘amolar’
/m/	/n/
[mɛli] ‘mel’	[nɛli] ‘anel’
[kama] ‘cama’	[kana] ‘cana’
/m/	/ɲ/
[mɔ] ‘modo (que)’	[ɲɔ] ‘nenhum’
[rɛmu] ‘remo’	[raɲa] ‘rainha’
/n/	/ɲ/
[nɔ] ‘nós’	[ɲɔ] ‘nenhum’
[sunu] ‘sono’	[suɲu] ‘sonho’

Nem sempre a busca de um par mínimo de palavras leva a deduzir fonemas distintos de uma língua. Assim, quando não forem encontrados pares mínimos (ou análogos) para dois segmentos suspeitos, concluímos que os segmentos em questão não são fonemas (casos de “sons foneticamente semelhantes”).

Caso não consigamos caracterizar dois sons suspeitos como fonemas distintos, devemos buscar evidência para caracterizá-los como alofones (variantes) de um mesmo fonema. Os alofones de um fonema são identificados por meio da regra de distribuição complementar. Assim, quando dois segmentos estão em distribuição complementar, eles ocorrem em ambientes exclusivos, isto é, onde uma das variantes ocorre, a outra não ocorrerá.

Desta forma, além dos contrastes apresentados acima, o principense possui alguns casos de distribuição complementar e variação livre, como pode ser visto em seguida.

1) O som [ʃ] ocorre geralmente antes de [i], com exceção de algumas palavras que são provavelmente empréstimos recentes do português: [deʃa] ‘deixar’, [ʃeli] ‘xale’, enquanto [s] ocorre antes das demais vogais. Mas foram encontrados alguns casos em que [s] ocorre antes de [i] como mostram os seguintes exemplos que parecem ser empréstimos recentes do português: [s̃ita] ‘cinta’, [siga] ‘chegar’.

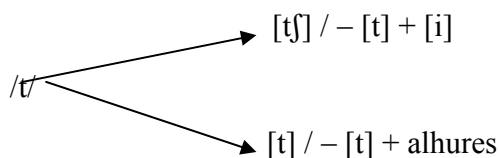
Podemos perceber também que [s] e [ʃ] são variantes livres, como em [siga] ~ [ʃiga] ‘chegar’.

Um outro caso que encontramos é a ocorrência de [ʃ] em posição de coda. Pode ser também um caso de empréstimo, visto que no português europeu, há palatalização de [s] em posição de coda: [piʃka] ‘pescar’, [pɔʃta] ‘aposta’

O som [ʒ] também ocorre antes de [i], com exceção de algumas palavras que são provavelmente empréstimos recentes do português: [dɛʒa] ‘desejar’, [fɛʒɛʒa] ‘freguesia’, [ʒɛniu] ‘gênio’, enquanto [z] ocorre antes das demais vogais.

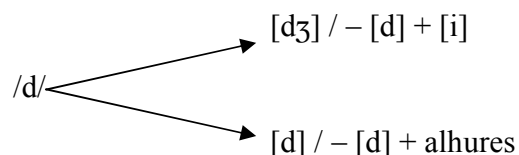
Assim, deduzimos que [ʃ] e [ʒ] são respectivamente alofones de /s/ e /z/.

2) Podemos perceber nos dados que o som [tʃ] ocorre antes da vogal [i] como ilustra a regra de palatalização abaixo que é lida da seguinte maneira: [t] se realiza [tʃ] quando seguido da vogal [i], e [t] se realiza [t] quando seguido das demais vogais.



	[tʃ]	[t]
Exemplos:	[tʃi] ‘ti’	[tuba] ‘tubarão’
	[tʃia] ‘tia’	[tɔʃa] ‘tocha’
	[fɔ̃tʃi] ‘fonte’	[tɛma] ‘teimar’
	[idɛ̃tʃi] ‘dente’	[tali] ‘tal’

3). Assim como o [tʃ], o [dʒ] também ocorre antes da vogal [i] como mostra a regra de palatalização abaixo que pode ser lida da seguinte forma: [d] se realiza [dʒ] quando seguido da vogal [i], e [d] se realiza [d] quando seguido das demais vogais.



[dʒ]	[d]
Exemplos:	[dana] ‘danar’
[kõdʒia] ‘coco’	[deve] ‘dever’
	[doto] ‘doutor’
	[dua] ‘doer’

Foram encontrados poucos exemplos com [dʒ]. Além disso, o [d] ocorre também antes de [i] mantendo o som de [d]: [disa] ‘deixar, [dina] desce’, [dimira] ‘admirar’. Isso pode ser devido a casos de empréstimos recentes do português.

Assim, deduzimos que [tʃ] e [dʒ] são respectivamente alofones de /t/ e /d/.

4) Como na maioria dos crioulos, foram encontrados exemplos de pré-nasalizações no principense ([mp], [mb], [nt], [nd], [ŋk], [ŋg]). Essas consoantes pré-nasalizadas ocorrem em início e meio de palavras, como mostram os seguintes exemplos: [mbigu] ‘umbigo’, [fu.ndu] ‘fundo’, [gue.nta] ‘agüentar’, [nda] ‘andar’, [le.mba] ‘lembrar’, [ma.ŋgu] ‘magro. Geralmente a consoante nasal das pré-nasalizadas se realiza [m] diante das consoantes bilabiais [p] e [b], [ŋ] diante das consoantes velares [g] e [k], e [n] diante das alveolares. Dessa forma, afirmamos que o elemento nasal das consoantes pré-nasalizadas tem um alomorfe [ŋ], quando seguido das consoantes homorgânicas /k/ e /g/, pois, [m], [ŋ] e [n] se encontram em distribuição complementar.

Procedemos, a seguir, à identificação dos fonemas, que consiste em mostrar, com base em pares mínimos, se as consoantes pré-nasalizadas são uma seqüência de dois fonemas ou se constituem apenas um único fonema.

[mp]	[m]
[mpɔta] ‘apontar’	[mɔla] ‘amolar’

[mp]	[m]
[mpu.nta] ‘pergunta’	[mu.ntu] ‘muito’
[m]	[p]
[masu] ‘março’	[pasu] ‘pássaro’
[mb]	[m]
[mbigu] ‘umbigo’	[migu] ‘amigo’
[mb]	[b]
[mbigu] ‘umbigo’	[biku] ‘bico’
[m]	[b]
[mana] ‘mana’	[bana] ‘banana’
[nt]	[n]
[nteru] ‘inteiro’	[netu] ‘neto’
[nt]	[t]
[nteru] ‘inteiro’	[tela] ‘estrela’
[n]	[t]
[ne] ‘nem’	[te] ‘ter’
[nd]	[n]
[nda] ‘andar’	[na] ‘não’
[nd]	[d]
[nda] ‘andar’	[da] ‘dar’

[n]	[d]
[netu] ‘neto’	[detu] ‘direito’
[ŋk]	[n]
[ŋkɔra] ‘âncora’	[nɔda] ‘nódoa’
[ŋk]	[k]
[ŋkɔra] ‘âncora’	[kɔda] ‘corda’
[ŋg]	[g]
[ŋgoda] ‘engordar’	[gita] ‘gritar’
[ŋg]	[n]
[ŋge] ‘alguém’	[ne] ‘nem’
[g]	[n]
[gɛla] ‘guerra’	[neli] ‘anel’

Após o teste de par mínimo, passamos a considerar a seqüência nasal mais uma oclusiva, que constitui a pré-nasalização, como um único fonema, apesar de existirem algumas evidências morfofonêmicas que atestem o valor da consoante nasal como em: [nte.nde] ‘entendi’, [ŋkɔpa] ‘comprei’. Estes exemplos mostram que a pré-nasalização ocorre devido a um processo de aglutinação do sujeito da primeira pessoa do singular ([N]) com a forma verbal, formando apenas um vocábulo, cada um tendo um sentido diferente.

Em termos distribucionais, os glides lábiovelar [w] e palatal [j] podem ocupar as margens silábicas, ocorrendo em posição pré-vocálica ou pós-vocálica ou, em outras palavras, ocupando as posições de Onset e de Coda. Tal interpretação é dada a partir dos tipos silábicos na língua, que será discutida mais adiante em 9.1.3.2.1. Mas, convém adiantar que os glides parecem existir

só no nível fonético. Em posição pré-vocálica, eles são interpretados como vogais por terem a mesma proeminência acentual com a vogal seguinte, formando, assim, um hiato.

Depois de ter aplicado o teste dos pares mínimos e de algumas considerações feitas sobre as consoantes pré-nasalizadas, chegamos ao seguinte quadro fonológico das consoantes do principense.

(tabela 19):

		Bila- biais	Labio- dentais	Alveolares	Palatais	Velares
Oclusivas	Surdas	/p/		/t/		/k/
	Sonoras	/b/		/d/		/g/
Fricativas	Surdas		/f/	/s/		
	Sonoras		/v/	/z/		
Vibrantes	Sonoras			/r/		
Laterais	Sonoras			/l/		
Nasais	Sonoras	/m/		/n/	/ɲ/	
Pré-nasa- lizadas	Surdas	/mp/		/nt/		/ŋk/
	Sonoras	/mb/		/nd/		/ŋg/

9.1.2. Identificação de fonemas vocálicos

O sistema fonético do principense apresenta sete vogais orais e cinco nasais, conforme a tabela 20:

(tabela 20):

	Anteriores Não-arredondadas	Centrais Não-arredondadas	Posteriores Arredondadas
Altas	[i], [ĩ]		[ũ], [u]
Fechadas	[e]		[o]
Médias	[ẽ]		[õ]
Abertas	[ɛ]		[ɔ]
Baixas		[ã]	
		[a]	

Os seguintes pares de sons vocálicos são fonemas distintos do principense por contrastarem em ambientes idênticos e/ou análogos como provam os exemplos que os acompanham.

/i/	/e/
[ima] ‘ima’	[eli] ‘ele’
[pidi] ‘peder’	[pode] ‘poder’

/i/	/ɛ/
[lima] ‘limão’	[lemi] ‘leme’

/i/	/u/
[ise] ‘esteira’	[uze] ‘joelho’
[fita] ‘fita’	[futa] ‘fruta’

/e/	/ɛ/
[mese] ‘quer’	[mɛzɛ] ‘mesa’
[kue] ‘correr’	[kuɛ] ‘acolher’

/e/	/o/
[dete] ‘direito’	[doto] ‘doutor’
/ɛ/	/ɔ/
[bɛtu] ‘aberto’	[bɔdu] ‘bordo’
[ɔsɛ] ‘céu’	[ɔsɔ] ‘roça’
/u/	/o/
[kutu] ‘curto’	[kosu] ‘caroço’
[poku] ‘pouco’	[poko] ‘porco’
/u/	/ɔ/
[uze] ‘joelho’	[ɔzɛ] ‘hoje’
[supa] ‘chupar’	[sɔpa] ‘soprar’
/o/	/ɔ/
[ora] ‘honra’	[ɔra] ‘hora’
[novi] ‘nuvem’	[nɔvi] ‘nove’
[oso] ‘arroz’	[ɔsɔ] ‘roça’

De acordo com esses exemplos que atestam a existência de pares mínimos no principense, deduzimos que todas as vogais orais dessa língua são fonemas distintos. Mas as vogais nasais continuam constituindo problemas, como na maioria das línguas do mundo.

O principense tem cinco vogais nasais [ĩ], [ẽ], [ã], [ũ] e [õ], como mostram os exemplos abaixo:

[fɔgã] ‘fogão’	[fũdu] ‘fundo’
[kõtre] ‘contrário’	[ivĩ] ‘vinho’

[mãgu] ‘magro’

[nêga] ‘negar’

Passamos agora a fazer o teste dos pares mínimos, que consiste em contrastar as vogais orais com as nasais, na tentativa de averiguar se as vogais nasais são fonemas distintos ou apenas alofones das orais.

Apresentamos, em seguida, os pares de segmentos vocálicos que ocorrem em contraste em ambientes idênticos, o que ocasiona a distinção de significado.

[ĩ]

[i]

[fiĩ] ‘fingir’

[fiɿ] ‘assar’

[ĩfi] ‘enfim’

[ifi] ‘arame, fio’

[ẽ]

[e]

[vẽde] ‘vender’

[fede] ‘feder’

[tẽ] ‘até’

[te] ‘terra’

[ã]

[a]

[fiã] ‘farinha’

[fia] ‘fiar’

[fɔgã] ‘fogão’

[fɔga] ‘brincar, chacotear’

[õ]

[o]

[bõ] ‘bom’

[bo] ‘prático’

[kõse] ‘conhecer’

[kose] ‘coser’

[to] ‘até’

[tɔ] ‘pingar’

[mõtʃi] ‘muito’

[mɔtʃi] ‘morte’

[ũ]

[u]

[sũ] ‘senhor’

[su] ‘chamado, convocação’

Os dados acima mostram que, foneticamente, todas as vogais orais têm suas equivalências nasais. Resta saber se realmente as vogais nasais são fonemas distintos ou alofones das orais.

Segundo Katamba (1989: 93), a nasalização é um processo assimilatório em que um segmento oral adquire uma nasalidade do segmento próximo. Ou seja, uma vogal é nasal devido a sua proximidade a uma consoante nasal.

A pré-nasalização é um fator determinante para que não tenhamos dúvidas sobre o *status* fonético das vogais nasais do principense. Como foi acima referido, a pré-nasalização ocorre em início e meio de palavra. A ocorrência da pré-nasalização em meio de palavra mostra claramente que as vogais nasais só existem no nível fonético e por um processo assimilatório, conforme exemplos:

[le.nta]	~	[lêta] ‘entrar’
[ko.nta]	~	[kõta] ‘encontrar’
[fu.ndu]	~	[fũdu] ‘fundo’

Levando em consideração os postulados acima, afirmamos que as vogais nasais no principense são vogais nasalizadas devido a um processo assimilatório. Assim, consideramos a nasalização como uma situação de alofonia, isto é, as cinco vogais nasais do principense são alofones das orais. Sendo assim, essa língua apresenta vogais nasais no nível fonético. No nível fonológico, as vogais nasais são resultantes da presença de uma consoante nasal.

Com base nos argumentos acima referidos, afirmamos que as vogais nasais do principense existem apenas no nível fonético. Assim, o quadro fonológico das vogais dessa língua se encontra reduzido apenas nas vogais orais:

(tabela 21):

	Anteriores não arredondadas	Centrais não arredondadas	Posteriores Arredondadas
Altas:	/i/		/u/
Médias			
Fechadas	/e/		/o/
Abertas	/ɛ/		/ɔ/
Baixas:		/a/	

Levando em consideração os critérios de análise fonológica aplicados à análise dos dados do principense, podemos deduzir que essa língua possui, no nível fonológico, vinte e um (21) fonemas consonantais e sete (7) vocálicos.

9.2. Análise da sílaba do principense

A sílaba é uma unidade fundamental na representação fonológica, tendo em vista que constitui um domínio natural para o estabelecimento de restrições fonotáticas, além de estar, em alguns casos, diretamente ligada a uma ampla variedade de processos fonológicos. Sempre esteve na base de discussões fonológicas, como, por exemplo, seu *status* fonético ou fonológico, sua estrutura interna entre outras.

Para a análise da sílaba do principense, baseamo-nos no tratamento contextual dos fonemas, procedendo ao levantamento dos padrões silábicos e à identificação dos diferentes tipos possíveis de sílabas nas posições de aclave, núcleo e coda.

9.2.1. Padrões silábicos

Quanto ao número permitido de segmentos em cada constituinte silábico, não há unanimidade entre as diferentes línguas do mundo. Para Clements & Keyser (1985), o padrão silábico CV é a estrutura fundamental empregada pelas diferentes línguas do mundo e para a expansão de seus padrões silábicos. Esses autores consideram o padrão CV, um padrão universal.

Temos, a seguir, o levantamento dos padrões silábicos encontrados no principense:

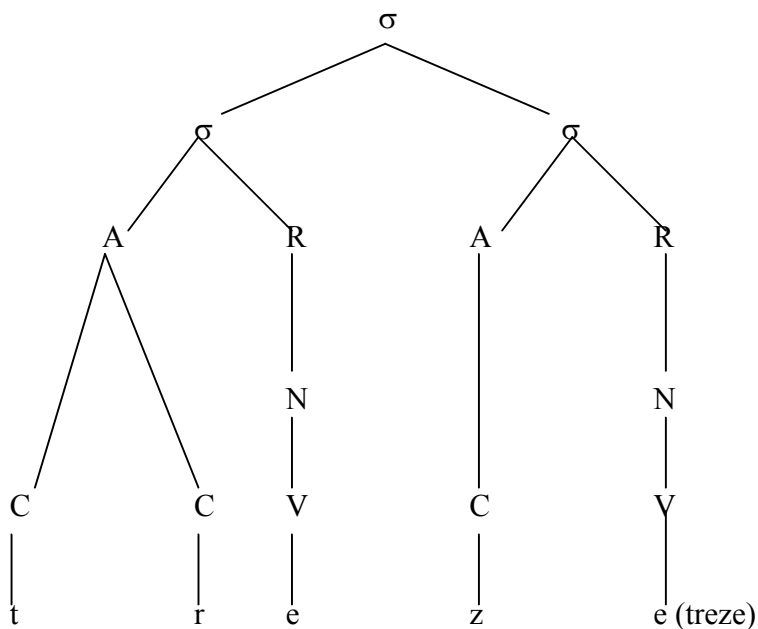
(tabela 22):

PADRÕES SILÁBICOS DO PRINCIPENSE		
Total de palavras	Total CV	%
510	950	186,2745
Exemplos	[tɛ.la] 'estrela', [zu.lu] 'azul'	
Total de palavras		
Total de V	%	
163	31,96078	
Exemplos	[a.fɛ] 'fé', [ɔ.di] 'ordem'	
Total de palavras		
Total CVC	%	
33	6,470588	
Exemplos	[diʃ.ti.nu] 'destino', [pes.ku] 'pêssego'	
total de palavras		
total CCV	%	
14	2,745098	
Exemplos	[tre.ze] 'treze', [ʃka.pa] 'escapar'	
Total de palavras		
Total VC	%	
2	0,392157	
Exemplos	[iʃ.ka] 'isca'	
TOTAL		
		%
		227,8431

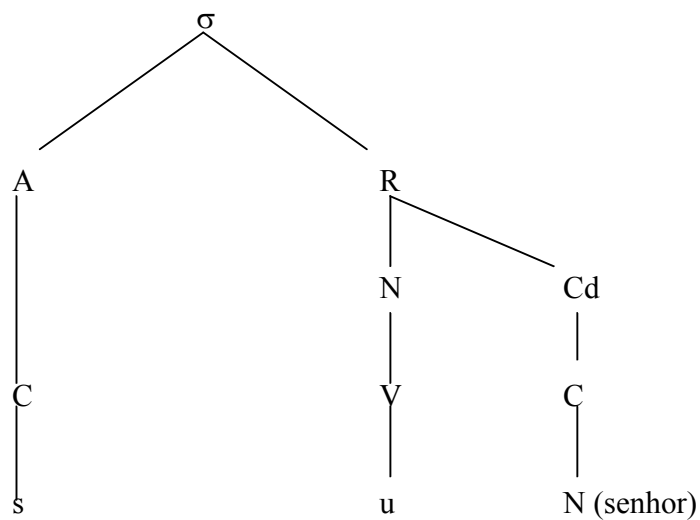
Com base em um total de 510 palavras do principense, podemos perceber que, como a maioria das línguas do mundo, o principense tem preferência pela estrutura silábica CV, como mostra sua percentagem de frequência (186,27). Isto veio sustentar a afirmação de Clements & Keyser, referida acima.

De acordo com os padrões silábicos acima levantados, podemos deduzir que a Estrutura Silábica Máxima Permitida (ESMP) encontrada na variedade lingüística principense é CCV ou CVC. Isto é, o principense aceita no máximo dois elementos no aclave, um no núcleo e um na coda, como vemos nas figuras 21 e 22

(figura 21):



(figura 22):



Baseando-nos nessas representações arbóreas, fica evidente que, na sílaba do principense, é possível somente a ramificação do Ataque. Esse tipo de estrutura silábica é muito evitado devido à complexidade da sílaba como podemos perceber a sua percentagem de ocorrência (2,74).

E quanto à Estrutura Silábica Mínima Permitida (ESMinP), a sílaba do principense admite somente o elemento V por ser o núcleo silábico da maioria das línguas do mundo como por exemplo: [u.pa] ‘pau’, [a.mi] ‘mim’, [i.na] ‘lenha’.

9.2.2. Estruturas silábicas

Serão analisados, nessa seção, os fonemas nas posições de aclave, núcleo e coda. De acordo com a ESMP, o principense pode ter no máximo dois elementos no aclave, um no núcleo e um na coda. A estrutura silábica do principense pode ser composta por segmentos simples e segmentos complexos. O segmento simples será sempre caracterizado por um nó raiz caracterizado por, pelo menos, um constituinte articulatório oral, como por exemplo: [p] é simples, visto ser unicamente [labial]; enquanto que um segmento complexo é um nó raiz caracterizado por, pelo menos dois diferentes constituintes articulatórios orais como por exemplo: [br] e [tr].

9.2.2.1. O aclave

Em principense, o aclave pode ser simples (dominado por um elemento C da camada CV) ou complexo (dominado por dois Cs da camada CV).

Exemplos de Aclave simples:

As oclusivas

/p/	[page] ‘papagaio’, [ɔpe] ‘pé’
/b/	[babu] ‘bravo’, [pɔbi] ‘pobre’
/t/	[tega] ‘entregar’, [petu] ‘preto’
/d/	[depozi] ‘depois’, [filada] ‘afiliada’
/k/	[kani] ‘carne’, [riku] ‘rico’
/g/	[agavi] ‘agradável’, [tetuga] ‘tartaruga’

As fricativas

/f/	[fasu] ‘falso’, [ufaku] ‘faca’
-----	--------------------------------

/v/	[vɔzu] ‘voz’, [savi] ‘chave’
/s/	[sawidi] ‘saúde’, [kalisa] ‘calçar’
/z/	[zuda] ‘ajudar’, [kɔze] ‘coser’

A vibrante

/r/	[rima] ‘irmão’, [mara] ‘amarrar’
-----	----------------------------------

A lateral

/l/	[lava] ‘lavar’, [sɛbɛla] ‘cebola’
-----	-----------------------------------

As nasais

/m/	[miʃkitu] ‘mosquito’, [sumido] ‘sumidouro’
/n/	[nimigu] ‘inimigo’, [ʃina] ‘ensinar’
/ɲ/	[ɲɛmi] ‘inhame’, [ɲna] ‘unha’

As pré-nasais

/mp/	[mpũta] ‘perguntar’
/mb/	[mbigu] ‘umbigo’
/nt/	[ntẽde] ‘entendi’
/nd/	[ndã] ‘andar’
/ɲk/	[ɲkɔpa] ‘comprei’
/ɲg/	[ɲgɔma] ‘engomar’

As semivogais

[w]	[awa] ‘água’, [uwe] ‘olho’
[j]	[navaja] ‘navalha’

Esclarecemos, antes de tudo, as razões que nos levaram a considerar os glides [w] e [j] como consoantes ou como vogais, já que existem duas possibilidades de interpretá-los.

Em posição pós-vocálica, os glides são interpretados como tendo valor vocálico (/u/ e /i/), e são assim dominadas por um nó V. O glide é o segundo elemento (V₂) do núcleo. Consideramos assim que os glides em posição pós-vocálicas são sempre alofones das vogais altas. A vogal em posição de V₁ é silábica (o núcleo de sílaba), enquanto a V₂ é assilábica (não pode formar um núcleo silábico).

No principense, pelos dados que temos e de acordo com a pronúncia dos nossos informantes, percebemos a ausência de ditongos decrescentes. Assim, um glide em posição pós-vocálica (V₂) tem a mesma proeminência acentual que a primeira vogal (V₁) como em [u.ka.u] ‘carro’, [sɛ.i] ‘seios’.

Em posição pré-vocálica, como em [uetu] ‘oito’, [uguia] ‘agulha’, os glides [w] e [j] serão interpretados como consoantes /w/ e /j/ pelo fato de ocuparem o lugar ótimo de consoante: antes da vogal, e dominadas por um nó, constituindo o aclave silábico.

Vale ressaltar que, ainda em posição pré-vocálica, a situação se torna diferente quando se trata da seqüência CVV (consoante-glide-vogal). Esse caso trata exatamente dos ditongos crescentes. Como sabemos esse tipo de ditongo sempre causou problemas de interpretação, a saber, se deve ser considerado como hiato ou ditongo crescente. De acordo com os dados, percebemos a preferência pelo hiato.

[pue]	~	[pu.e] ‘pai’
[bua]	~	[bu.a] ‘bom’
[kadia]	~	[kadi.a] ‘cadeira’
[buɛ]	~	[bu.ɛ] ‘barril’

Essa consideração vai a favor da colocação de Bisol (1999: 111) que afirma a ausência de ditongo crescente no português. De acordo com a autora, a seqüência VV (glide-vogal) é o resultado de ressilabação pós-lexical. Os ditongos crescentes surgem de uma fusão de rimas de duas sílabas diferentes.

Além do caso da seqüência glide + vogal (ditongo), convém tratar de tritongos, como em a [uue] ‘olho’. Para resolver tal seqüência, baseamos nossa argumentação em Trifkovic (1969: 48). De acordo com a autora, esses tipos de seqüências vocálicas devem ser interpretados como bifonemáticos pelas seguintes razões:

a) é sempre a vogal em primeira posição, qualquer que seja seu grau de abertura, que recebe a intensidade;

b) o segundo elemento do ditongo é opcional. Assim, quando um ditongo está em contato com um fonema vocálico, a vogal em segunda posição adquire logo o comportamento consonântico, como mostram os seguintes exemplos:

[uue] ~ [uwe] ‘olho’

[bɔia] ~ [bɔja] ‘boiar’

[taia] ~ [taja] ‘tela’

Observadas essas condições, os glides poderiam ser interpretados fonologicamente como vogais e raramente como consoantes. Essa opção ocorre devido ao fato de que a maioria dos crioulos tem a preferência pela estrutura silábica CV ([pu.e] ‘pai’) considerada ótima evitando assim uma estrutura silábica do tipo CCV ([pwe] ‘pai’) considerada complexa pela ramificação do ataque.

Resolvido o caso dos glides, passamos agora a tratar do aclave complexo do principense. Com base nos tipos de encontros consonantais que podem ocorrer no aclave complexo do principense, fundamentamo-nos em Clements & Keyser (1985: 41) que propõem que, encontros consonantais, em aclave de sílaba, sofrem restrições próprias de cada língua e que somente encontros consonantais bem-formados podem ocorrer nesse constituinte silábico das diversas línguas. Assim, listamos, nas linhas da tabela a seguir, as consoantes que podem ocupar a posição C₁, e, nas colunas da mesma tabela, as consoantes que podem ocupar a posição C₂ no aclave silábico complexo do principense. O encontro dessas linhas com essas colunas evidencia quais seqüências de consoantes são consideradas bem-formadas e quais são consideradas mal-formadas para o aclave principense.

(tabela 23):

C1 \ C2	[p]	[b]	[t]	[d]	[k]	[g]	[r]	[l]
[p]	-	-	-	-	-	-	+	-
[b]	-	-	-	-	-	-	-	-
[t]	-	-	-	-	-	-	+	-
[d]	-	-	-	-	-	-	+	-
[k]	-	-	-	-	-	-	+	-
[g]	-	-	-	-	-	-	-	+
[ʃ]	-	-	+	-	+	-	-	-

Quanto ao encontro das linhas com as colunas (C₁) e (C₂), observamos que, nos encontros consonantais bem-formados para o aclave da sílaba principense, a posição C₁ é ocupada por uma oclusiva e a posição C₂ por uma líquida.

Eis alguns exemplos de aclave complexo do principense.

Encontros Consonantais

[pr]	[prēde] ‘prender’
[tr]	[treze] ‘treze’
[dr]	[ladra] ‘ladrão’
[kl]	[klaru] ‘claro’
[gl]	[glɔria] ‘gloria’
[kr]	[kria] ‘criar’
[ʃt]	[ʃtɔmagu] ‘estomago’
[ʃk]	[ʃkɛda] ‘esquerda’

9.2.2.3. O Núcleo

O núcleo é sempre obrigatório e dominado por um só elemento V da camada CV, chamado Núcleo Simples, ou por dois elementos V da camada CV, chamado Núcleo Complexo.

No principense, o núcleo silábico pode apresentar-se somente como simples, dominando um único elemento V da camada CV. Essa situação não é problemática, uma vez que qualquer segmento com o traço [+vogal] pode ocupar o núcleo silábico no principense.

No principense, o núcleo é dominado por um único elemento V, como podemos ver na figura 23

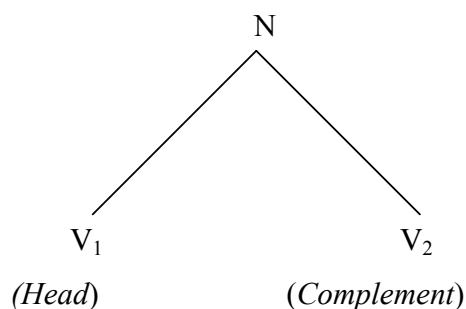
(figura 23):



Exemplos: [o.to] ‘outro’
 [u.ga.lu] ‘galo’
 [a.li.ma] ‘alma’

A segunda situação caracteriza a ocorrência de dois segmentos idênticos dominados por um mesmo nóculo. A co-articulação de vogais conhecida como ditongo, é uma seqüência de duas vogais em uma sílaba, pronunciadas de uma só vez, sendo uma delas mais proeminente. De acordo com os preceitos do *Head First Principle*, em um núcleo ramificante, o primeiro elemento (V_1) da seqüência VV será o principal *head* e o segundo elemento (V_2), o secundário *complement*, como se vê na figura 24:

(figura 24):



Nessa representação, a posição V_1 *head* é preenchida por uma vogal, cabendo aos glides a posição de V_2 *complement*. No principense, de acordo com o *Head First Principle*, reconhece-se, de acordo com os postulados em 10.2.2.1, a ausência de ditongos decrescentes.

9.2.2.3. A coda

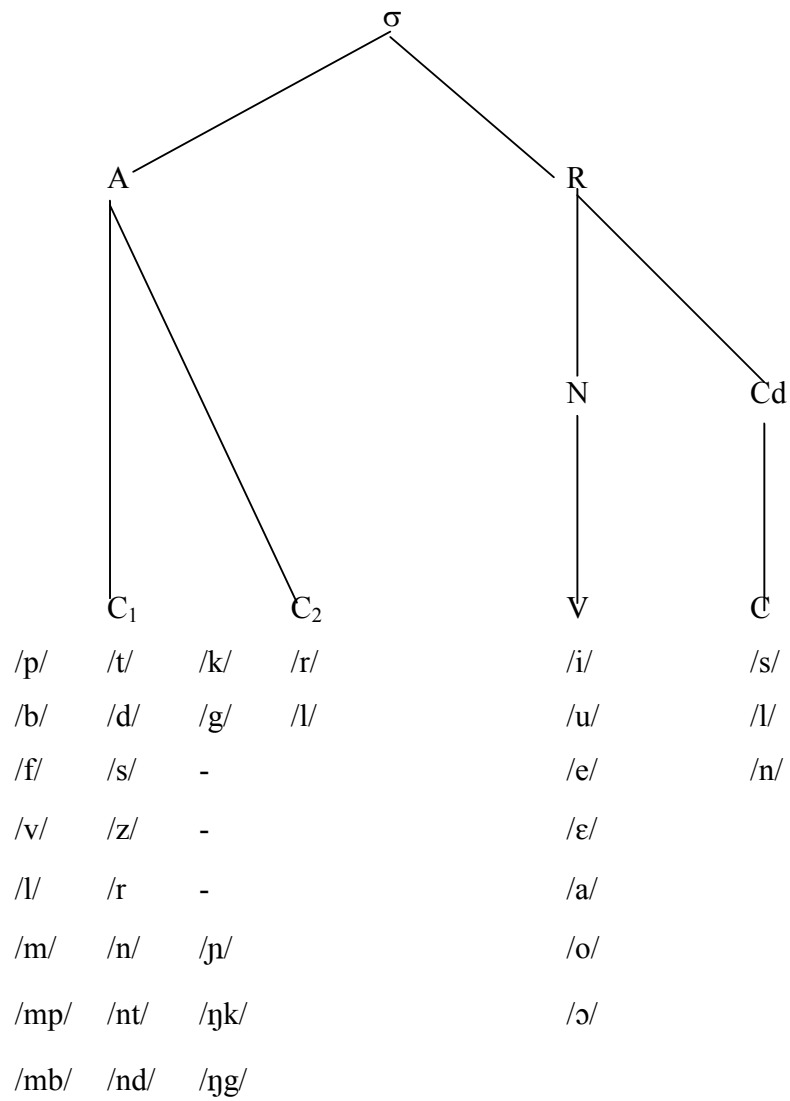
No principense, a coda silábica apresenta-se somente como simples, conforme os exemplos abaixo.

As oclusivas	Exemplos
[s]	[muska] ‘mosca’
[l]	[kadavel] ‘cadáver’
[n]	[kalisã] ‘calção’, [ipĩ] ‘espinho’.

A coda do principense pode ser preenchida por uma consoante alveolar fricativa /s/, uma lateral /l/ ou uma nasal /n/. Essa tendência advém do fato de que, a maioria dos crioulos tende à estrutura silábica CV considerada ótima e, portanto, universal.

Com base no exposto acima, podemos concluir a estrutura silábica do são-tomense é preenchida, no Ataque, por vinte e uma consoantes, por todos os sete fonemas vocálicos no Núcleo, e, na Coda por apenas três consoantes (/s/, /l/ e /n/), como resumido na figura 25:

(figura 25):



CAPÍTULO X

DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DO FA D'AMBU

10.0. Introdução

Falado na Guiné Equatorial, nas regiões de Anobom e Malabo por aproximadamente 2.500 pessoas, o fa d'ambu (falar de Anobom) é uma variedade crioula de base portuguesa. É também conhecido pelos nomes de *Annobonés*, *Annobonese* ou *Anobonês*. Como os outros crioulos do Golfo da Guiné, o crioulo fa d'ambu surgiu com a escravidão. Os portugueses levavam escravos de São Tomé e de Angola para estabelecerem uma população na cidade de Anobom. Posteriormente, esses escravos eram vendidos à Espanha. Esse tipo de contato é uma situação ideal para o surgimento de uma língua crioula. São as chamadas *sociedades de plantação*, como a que se implantou no Havaí, nas Ilhas Maurício, no Caribe e nas ilhas do Cabo Verde. O fa d'ambu é formado principalmente por um léxico português e uma gramática de línguas africanas dos grupos kwa e oeste-bantu. De acordo com Ferraz (1979: 9), apesar de a ilha de Anobom ter sido cedida à Espanha em 1778, o fa d'ambu permaneceu com base lexical portuguesa. Uma das razões para isso é o fato de os crioulos do Golfo da Guiné terem sido formados e consolidados nos primeiros estágios do estabelecimento das ilhas, bem antes que Anobom fosse cedido à Espanha.

O presente capítulo se propõe a fazer uma descrição fonológica do crioulo fa d'ambu, que consiste por um lado, em identificar os fonemas e, por outro lado, em fazer uma análise da sílaba da língua.

10.1. Análise dos segmentos fa d'ambu

Baseando-nos na metodologia estruturalista norte-americana e nas premissas e procedimentos estipulados por Pike (1947), referidos no item 3.1.3, procedemos à análise dos segmentos, a qual consiste em identificar seus fonemas a fim de mostrar se os pares de sons são fonemas distintos ou se são alofones de um único fonema.

10.1.1. Identificação de fonemas consonantais

O objetivo da identificação dos fonemas é definir quais são os sons do fa d'ambu que têm valor distintivo (que servem para distinguir palavras). Os sons que estarão em oposição - por exemplo, [i] e [e] em [bi] 'vir' e [be] 'ver' - são caracterizados como unidades fonêmicas distintivas e são chamados de fonemas.

Quadro fonético das consoantes do fa d'ambu

(tabela 24):

		Bila- biais	Labio- denta	Álveo- lares	Álveo- palatais	Palatais	Velares
Oclusivas	Surdas	[p]		[t]	[tʃ]		[k]
	Sonoras	[b]		[d]	[dʒ]		[g]
Fricativas	Surdas		[f]	[s]		[ʃ]	
	Sonoras		[v]	[z]		[ʒ]	
Vibrantes	Sonora			[r]			
Laterais	Sonoras			[l]			
Nasais	Sonoras	[m]		[n]		[ɲ]	
Pré-nasa- lizadas	Surdas	[mp]		[nt]			[ŋk]
	Sonoras	[mb]		[nd]			[ŋg]
Glides		[w]				[j]	

A partir do quadro fonético das consoantes acima que contém vinte e sete sons, procedemos à identificação dos fonemas que consiste em buscar um par mínimo de palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica. O objetivo principal dessa descrição é identificar como se organiza a cadeia sonora da fala em fa d'ambu, a identificação dos fonemas consistirá assim, em encontrar pares mínimos para sons foneticamente semelhantes (SFS).

Entendemos por sons foneticamente semelhantes aqueles que compartilham de uma ou mais características fonéticas. Desta forma, constituirão um par suspeito todos os sons foneticamente semelhantes. Tentaremos encontrar nos dados coletados, exemplos de par mínimo para atestar o *status* fonológico dos segmentos em questão.

Os seguintes pares de sons são fonemas distintos por contrastarem em ambientes idênticos e/ou análogos como provam os exemplos que os acompanham.

/p/	/b/
[pa] ‘para’	[ba] ‘apagar’
[ɔpa] ‘árvore’	[ɔbɔ] ‘em frente’
/t/	/d/
[ta] ‘estar’	[da] ‘dar’
[detu] ‘direita’	[dɛdu] ‘dedo’
/k/	/g/
[kutu] ‘curto’	[gula] ‘ouro’
[faku] ‘fome’	[fɔgɔ] ‘fogo’
/f/	/v/
[feiu] ‘feio’	[veiu] ‘velho’
[fɔfɔ] ‘soprar’	[gova] ‘envergonhar’
/s/	/z/
[pasa] ‘atravessar’	[peza] ‘brigar’
[sa] ‘ser’	[za] ‘já’
/m/	/n/
[bamu] ‘vamos’	[bana] ‘banana’

[mesɛ] ‘merecer’	[nesɛ] ‘nascer’
/n/	/ɲ/
[medu] ‘esposo’	[ɲelu] ‘dinheiro’
/n/	/ɲ/
[ɔna] ‘lua’	[ɯɲa] ‘uma’
[name] ‘irmão’	[ɲelu] ‘dinheiro’

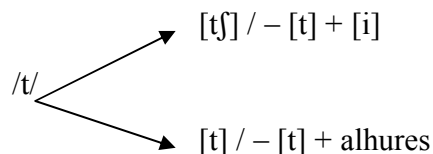
Nem sempre a busca de um par mínimo de palavras pode levar a deduzir fonemas distintos de uma língua. Assim, quando não forem encontrados pares mínimos (ou análogos) para dois segmentos suspeitos, concluímos que os segmentos em questão não são fonemas (casos de “sons foneticamente semelhantes”). Caso não consigamos caracterizar dois sons suspeitos como fonemas distintos, devemos buscar evidências que os caracterizem como alofones (variantes) de um mesmo fonema. Os alofones de um fonema são identificados por meio da regra de distribuição complementar. Assim, quando dois segmentos estão em distribuição complementar, eles ocorrem em ambientes exclusivos, isto é, onde uma das variantes ocorre, a outra não ocorrerá.

Desta forma, além dos contrastes apresentados acima, o fa d’ambu possui alguns casos de distribuição complementar e variação livre, como pode ser visto a seguir:

Fonemas consonantais e seus alofones:

1) Existe uma complementação parcial entre os pares de consoantes [t, tʃ], e [d, dʒ]. Esse contraste é devido à aplicação de regras de palatalização. As consoantes alveo-palatais [tʃ] e [dʒ] ocorrem antes da vogal [i] enquanto as alveolares ocorrem antes das demais vogais como mostram os exemplos a seguir.

1.1) Com base nos dados, o som [tʃ] ocorre antes da vogal [i] como ilustra a seguinte regra de palatalização:

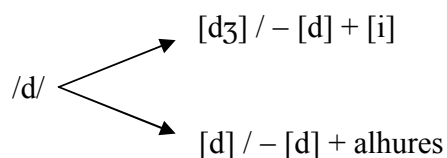


O /t/ se realiza como [tʃ] quando seguido da vogal [i], e /t/ como /t/ quando seguido das demais vogais.

Exemplos:

[t]	[tʃ]
[dẽtulu] ‘dentro’	[nɔtʃi] ‘noite’
[kuta] ‘cortar’	[tʃigesu] ‘português’
[tavada] ‘trovoada’	[dẽtʃi] ‘dente’
[toʃa] ‘trouxe’	[kitʃi kitʃi] ‘muito pequeno’
[bastadu] ‘bastardo’	[tʃiadu] ‘tirado’

1.2) Assim como o [tʃ], o [dʒ] também ocorre antes da vogal [i] devido à aplicação de regras de palatalização como podemos perceber na regra abaixo que pode ser lida da seguinte maneira: o /d/ se realiza como [dʒ] quando seguido da vogal [i], e /d/ como /d/ quando seguido das demais vogais.



[d]	[dʒ]
[degadu] ‘delegado’	[dudʒi] ‘roupa’
[fede] ‘feder’	[gãdʒi] ‘grande’

[guada] ‘guardar’	[mĩdʒila] ‘permanecer’
[luʒiadu] ‘ao redor’	[dʒia] ‘dia’
[tabadolɔ] ‘trabalhador’	[vevedʒi] ‘verdade’.

2) Como ocorreu nas álveo-palatais, também nas consoantes palatais [s] e [ʃ] e [z] e [ʒ], existe um contraste de distribuição complementar. Esse contraste é devido à aplicação de regras de palatalização. Em fa d’ambu, percebemos que as consoantes palatais [ʃ] e [ʒ] ocorrem frequentemente antes da vogal anterior alta [i] enquanto as alveolares [s] e [z] ocorrem antes das demais vogais.

Exemplos:

[s]	[ʃ]
[sama] ‘chamar’	[biʃi] ‘vestir’
[basu] ‘em baixo’	[ʃiku] ‘cinco’
[gustu] ‘gosto’	[liʃi] ‘nariz’
[sɔdadʒi] ‘soldado’	[podeleʃidu] ‘apodrecido’
[sebe] ‘chover’	[ʃigalu] ‘cigarro’

No entanto, foram encontrados alguns exemplos com [s] ocorrendo antes de [i] como em [misidu] ‘merecido’, [nisidu] ‘nascido’, e com [ʃ] ocorrendo antes de vogais diferentes de [i]: [poʃudulo] ‘adulto’, [ʃaba] ‘acabar’, [ʃãsadu] ‘cansado’, [ʃatu] ‘porque’, [ʃãtu] ‘contra’. De acordo com esses exemplos, nos dois casos parece haver empréstimo do português, com algumas transformações fonéticas.

Quanto às consoantes [z] e [ʒ], o [ʒ] ocorre geralmente antes de [i] enquanto o [z] ocorre antes das demais vogais como mostram os seguintes exemplos:

[z]	[ʒ]
[taze] ‘trazer’	[daʒi] ‘idade’
[aza] ‘asa’	[kũʒi] ‘responder’

[zinal] ‘janela’	[luʒiadu] ‘ao redor’
[ãzu] ‘anjo’	[lõʒi] ‘longe’
[zuga] ‘jogar’	[skeʒi] ‘esquerda’

Como exceções, foram encontrados exemplos com [ʒ] ocorrendo antes de outras vogais que não fossem [i], principalmente, antes de [a], [o] e [ɔ]: [ʒamada] ‘amigo’, [ʒãta] ‘cantar’, [ʒãtelu] ‘carpinteiro’, [ʒasã] ‘calça’, [ʒata] ‘papel’, [ʒa.tu.lu] ‘quatro’, [ʒoʒõdzia] ‘coco’, [ʒɔʒɔ] ‘quebrar’, [ʒoʒodu] ‘cortado’, [ʒotɔ] ‘navalha’, [ʒotʃi] ‘jaqueta’, [ʒõde] ‘esconder’, [ʒɔ] ‘com’, [ʒɔle] ‘correr’.

Essas realizações de [ʃ] e [ʒ] antes das vogais /a/, /o/ e /ɔ/ parece ser um processo de relexificação que consiste em aplicar algumas transformações fonológicas à palavra base da língua lexificadora. Assim, na maioria das ocorrências de [ʃ] e [ʒ], os exemplos mostram que no lugar da consoante [k] da língua lexificadora, ocorre [ʃ] ou [ʒ] como nos exemplos abaixo:

[k] > [ʃ]	[k] > [ʒ]
[ʃaba] ‘acabar’	[ʒãta] ‘cantar’
[ʃãsadu] ‘cansado’	[ʒãtelu] ‘carpinteiro’
[ʃãtu] ‘contra’	[ʒɔ] ‘com’
[ʃomesa] ‘começar’	[ʒasɔɔ ɔme] ‘cachorro’
	[ʒa.va.lu] ‘cavalo’
	[ʒala] ‘cara/rosto’
	[ʒõde] ‘esconder’
	[ʒõdzidu] ‘escondido’
	[ʒõse] ‘conhecer’
	[ʒɔle] ‘correr’

Além dessas observações, foram encontrados alguns pares mínimos e/ou análogos que contrastam os sons [s], [z], [ʃ] e [ʒ], principalmente em sua posição inicial:

[ʃ]	/ʒ/
[ʃatu] ‘porque’	[ʒata] ‘carta’
[s]	[ʃ]
[basu] ‘em baixo’	[biʃu] ‘bicho’
[z]	[ʒ]
[zuda] ‘ajudar’	[ʒata] ‘descartar’

Podemos perceber que esses exemplos são empréstimos recentes do português. Desta forma, deduzimos que [ʃ] e [ʒ] são respectivamente alofones de /s/ e /z/.

3) No que diz respeito ao som vibrante [r], ele ocorre muito pouco nos dados que mostram sua substituição pela lateral [l]. Parece que o falante do fa d’ambu usa os dois sons. Mas podemos perceber que, na maioria dos casos, ele recorre mais ao [l] que ocorre no início, meio e fim de palavra, contrário do [r] que ocorre somente no meio das palavras. Assim, todas as palavras do português (língua lexificadora) iniciadas por “r” fazem substituição por “l” no fa d’ambu como, por exemplo, [ɔla] ‘hora’; [nelu] ‘dinheiro’; [liba] ‘riba = em cima’.

No entanto, foi encontrado um exemplo com o [r]: [uratu] ‘rato’ que pode ser considerado um empréstimo recente do português. Além disso, existem as duas pronúncias: [uratu] ~ [ulatu] ‘rato’, mostrando assim uma variação livre entre [r] e [l].

Assim, deduzimos que [r] é uma variante livre de [l].

5) Como na maioria dos crioulos, foram encontrados exemplos de pré-nasalizações no fa d'ambu ([mp], [mb], [nt], [nd], [ŋk], [ŋg], [mt]). Essas consoantes pré-nasalizadas ocorrem no início e no meio das palavras como mostram os seguintes exemplos: [te.nde] 'entender', [ntela] 'enterrar', [ko.mpla] 'comprar', [ŋgaia] 'ganhar', [mte] 'tenho', [mbasa] 'costela', [ʃi.ŋku] 'cinco'. Geralmente a consoante nasal das pré-nasalizadas se realiza [m] diante das consoantes bilabiais [p], salvo os casos em que a nasal desempenha o papel de pronome sujeito da primeira pessoa do singular [m'], [ŋ] diante das consoantes velares [g] e [k], e [n] diante das alveolares [t] e [d]. Desta forma, afirmamos que o elemento nasal das consoantes pré-nasalizadas tem um alomorfe [ŋ] quando seguido das consoantes homorgânicas /k/ e /g/. Pois, [m], [ŋ] e [n] se encontram em distribuição complementar.

Os seguintes pares de sons são fonemas distintos por contrastarem em ambientes idênticos e/ou análogos como provam os exemplos que os acompanham.

[mp]	[m]
[mplegu] 'emprego'	[madu] 'molhado'
[m]	[p]
[matu] 'campo'	[patu] 'pato'
[mb]	[m]
[mbasa] 'costela'	[matu] 'mato'
[mb]	[b]
[mba] 'encurvar-ser'	[ba] 'apagar'
[m]	[b]
[metu] 'metro'	[bete] 'chapéu'
[nt]	[n]

[ntɛla] ‘enterrar’	[nese] ‘nascer’
[nt]	[t]
[ntɛlu] ‘inteiro’	[tɛla] ‘terra’
[n]	[t]
[na] ‘não’	[ta] ‘estar’
[nd]	[n]
[nda] ‘andar’	[na] ‘não’
[nd]	[d]
[nda] ‘andar’	[da] ‘dar’
[n]	[d]
[nese] ‘nascer’	[dese] ‘descer’
[ŋk]	[k]
[ŋkata] ‘encantar’	[kuta] ‘cortar’
[ŋk]	[n]
[ŋkata] ‘encantar’	[nata] ‘natal’
[ŋg]	[g]
[ŋgadu] ‘ganho’	[gatu] ‘gato’
[ŋg]	[n]
[ŋge] ‘alguém’	[ne] ‘nem’

[g]	[n]
[gavi] ‘bom’	[navi] ‘navio’

Com base nesses exemplos de contrastes, passamos a considerar a seqüência nasal mais uma oclusiva que constitui a pré-nasalização como um único fonema, apesar de existirem algumas evidências morfofonêmicas que atestam o valor da consoante nasal como em: [msebɛ] ‘sei’, [mte] ‘tenho’, [mbe] ‘viu’. Estes exemplos mostram que a pré-nasalização ocorre devido a um processo de aglutinação do sujeito da primeira pessoa do singular ([m]) com a forma verbal formando apenas um vocábulo, sendo que cada um tem um sentido diferente. Mas esse fato não compromete a idéia de que as consoantes pré-nasalizadas são a realização de um único fonema.

Em termos distribucionais, os glides lábio-velar [w] e palatal [j] podem ocupar as margens silábicas, ocorrendo em posição pré-vocálica ou pós-vocálica, ou em outras palavras, ocupando as posições de Onset e de Coda. Tal interpretação é dada a partir dos tipos silábicos na língua, que será discutida mais adiante em 10.2.2.1. Mas convém adiantar que os glides parecem só existir no nível fonético, estando sujeitos à flutuação conforme sua posição dentro de uma estrutura silábica.

Depois de ter aplicado o teste dos pares mínimos e de algumas considerações feitas sobre as consoantes pré-nasalizadas, chegamos ao seguinte quadro fonológico das consoantes do fa d’ambu – que se apresenta um pouco diferente, se comparado ao seu quadro fonético.

(tabela 25):

		Bila- biais	Labio- Dentais	Alveolares	Palatais	Velares
Oclusivas	Surdas	/p/		/t/		/k/
	Sonoras	/b/		/d/		/g/
Fricativas	Surdas		/f/	/s/		
	Sonoras		/v/	/z/		
Laterais	Sonoras			/l/		
Nasais	Sonoras	/m/		/n/	/ɲ/	
Pré-nasais	Surdas	/mp/		/nt/		/ŋk/
	Sonoras	/mb/		/nd/		/ŋg/

10.1.2. Identificação de fonemas vocálicos

O sistema fonético do fa d'ambu apresenta sete vogais orais e cinco nasais como podemos ver na tabela 26 abaixo:

(tabela 26):

	Anteriores Não-arredondadas	Centrais Não-arredondadas	Posteriores Arredondadas
Altas	[i], [ĩ]		[ũ], [u]
Médias	[e] [ẽ]		[o] [õ]
Abertas	[ɛ]		[ɔ]
Baixas		[ã] [a]	

Os seguintes pares de sons vocálicos são fonemas distintos por contrastarem em ambientes idênticos como provam os exemplos que os acompanham.

/i/	/e/
[mi] ‘eu’	[me] ‘mãe’
/i/	/ɛ/
[pidu] ‘posto’	[pɛtu] ‘perto’
[navi] ‘navio’	[nevɛ] ‘dever (subs)’
/e/	/ɛ/
[bete] ‘chapéu’	[desɛ] ‘descer’
[ke] ‘cair’	[kɛ] ‘que’
/i/	/u/
[lizu] ‘duro’	[luzu] ‘luz’
[toʃi] ‘tossir’	[tusa] ‘criar’
/e/	/o/
[bebe] ‘beber’	[podi] ‘podre’
[bete] ‘chapéu’	[bobo] ‘vermelho’
/ɛ/	/ɔ/
[osɛ] ‘céu’	[ɔbo] ‘em frente’
[sekɛ] ‘seco’	[sɔlɔ] ‘sol’
/u/	/o/
[budu] ‘pedra’	[bobo] ‘maduro’
[futa] ‘fruta’	[folɔ] ‘fora’
/u/	/ɔ/

[sulu] ‘sul’	[sɔlɔ] ‘sol’
[sadu] ‘sido’	[sɔsɔ] ‘somente’
/o/	/ɔ/
[opɛ] ‘pé’	[ɔpa] ‘árvore’
[ʒɔla] ‘jorar’	[ʒɔle] ‘correr’

Após esses exemplos que atestam a existência de pares mínimos no fa d’ambu, deduzimos que todas as vogais orais da língua são fonemas distintos. Mas as vogais nasais continuam sendo problemáticas como na maioria das línguas do mundo.

O fa d’ambu tem cinco vogais nasais [ĩ], [ẽ], [ã], [ũ] e [õ] como mostram os exemplos abaixo:

[dãtu] ‘dentro’	[kũzi] ‘responder’
[mẽ] ‘encontrar’	[gõgɔ] ‘gostar’
[ãpã] ‘pão’	[ʃĩku] ‘cinco’

Apresentamos a seguir, os pares de segmentos vocálicos que ocorrem em contraste em ambientes idênticos, o que ocasiona a distinção de significado.

[i]	[ĩ]
[ʃi] ‘assim’	[ʃĩ] ‘sem’
[e]	[ẽ]
[me] ‘mãe’	[mẽ] ‘encontrar’
[a]	[ã]
[taba] ‘tábua’	[tãbe] ‘também’

[u]	[ũ]
[kusa] ‘coração’	[kũza] ‘resposta’
[o]	[õ]
[pota] ‘portar’	[põta] ‘apontar’

As séries das palavras acima mostram que, foneticamente, todas as vogais orais têm suas equivalências nasais. Resta saber se realmente as vogais nasais são fonemas distintos ou alofones das orais.

Segundo Katamba (1989: 93), a nasalização é um processo assimilatório em que um segmento oral adquire uma nasalidade do segmento próximo. Ou seja, uma vogal é nasal devido a sua proximidade a uma consoante nasal.

A pré-nasalização é um fator determinante sobre o *status* fonético das vogais nasais do fa d’ambu. Como foi referido acima, a pré-nasalização ocorre no início e no meio das palavras. A ocorrência da pré-nasalização no meio da palavra mostra claramente que as vogais nasais só existem no nível fonético, isto é, elas se tornam nasais devido a um processo assimilatório conforme os exemplos a seguir.

[ba.ŋku]	~	[bãku] ‘branco’
[kete.mpu]	~	[ketẽpu] ‘quando’
[ʃi.ŋku]	~	[ʃĩku] ‘cinco’
[ʒo.ndɛ]	~	[ʒõdɛ] ‘esconder’
[pu.nta]	~	[pũta] ‘perguntar’

De acordo com os postulados acima, afirmamos que as vogais nasais no fa d’ambu são vogais nasalizadas devido a um processo assimilatório. Assim, consideramos a nasalização como uma situação de alofonia, isto é, as cinco vogais nasais do fa d’ambu são alofones das orais. Essa

língua apresenta vogais nasais no nível fonético. No fonológico, as vogais nasais são resultantes da presença de uma consoante nasal como mostram os exemplos acima.

Após as considerações sobre a nasalidade que é o único caso de alofonia no sistema vocálico do fa d'ambu, chegamos ao quadro fonológico das vogais que conta com sete fonemas vocálicos:

(tabela 27):

	Anteriores Não-Arredondadas	Centrais Não-Arredondadas	Posteriores Arredondadas
Altas	/i/		/u/
Fechadas	/e/		/o/
Médias			
Abertas	/ɛ/		/ɔ/
Baixas		/a/	

Considerando os critérios de análise fonológica aplicados à análise dos dados do são-tomense, podemos deduzir que essa língua possui, no nível fonológico vinte fonemas consonantais e sete vocálicos.

10.2. Análise da sílaba do fa d'ambu

A sílaba é uma unidade fundamental na representação fonológica, tendo em vista que constitui um domínio natural para o estabelecimento de restrições fonotáticas, além de estar, em alguns casos, diretamente ligada a uma ampla variedade de processos fonológicos. Sempre esteve na base de discussões fonológicas, seu *status* fonético ou fonológico, sua estrutura interna, entre outros aspectos.

Analisando a sílaba do fa d'ambu, com base no tratamento contextual dos fonemas, procederemos, primeiramente, ao levantamento dos padrões silábicos e, em seguida, à identificação dos diferentes tipos possíveis de sílabas nas posições de aclave, de núcleo e de coda.

10.2.1. Padrões silábicos

Essa seção consiste em fazer o levantamento dos padrões silábicos que ocorrem no fa d'ambu. A partir de uma lista de 510 palavras, chegamos a estabelecer, por ordem de sua frequência, os padrões silábicos encontrados no fa d'ambu, como mostra a tabela 28 abaixo:

(tabela 28):

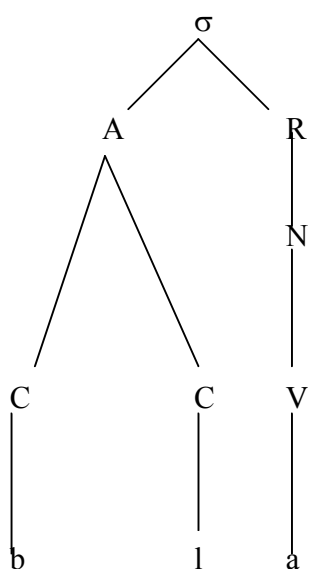
PADRÕES SILÁBICOS DOFA D'AMBU		
Total de palavras	Total CV	%
510	1043	204,5098
Exemplos	[ta.ba] 'trabalhar', [ʒa.tu.lu] 'quatro'	
Total de palavras	Total de V	%
510	138	27,05882
Exemplos	[e.bɔ] 'aonde', [ɔ.bɔ] 'em frente', [a.le] 'rei'	
Total de palavras	Total CVC	%
510	24	4,705882
Exemplos	[pal.ma] 'palmeira', [meN] 'encontrar'	
Total de palavras	Total CCV	%
510	12	2,352941
Exemplos	[ko.mpla] 'comprar', [le.gli.a] 'alegria', [vla] 'virar'	
total de palavras	total CVV	%
510	11	2,156863
Exemplos	[dei.ʃi] 'dez', [bai] 'ir', [ɔ.lɔ.lai] 'antigamente'	
Total de palavras	Total VC	%
510	4	0,784314
TOTAL		% 241,5686

De acordo com o quadro, pudemos perceber que, como todos os crioulos, o fa d'ambu tem também uma preferência pela estrutura silábica do tipo CV. As línguas diferem quanto ao número de segmentos permitidos em cada constituinte silábico. Segundo Clements & Keyser (1985: 28), o padrão silábico CV é a estrutura fundamental empregada pelas diferentes línguas do mundo, servindo como tal, para a expansão de seus padrões silábicos. Assim, os autores consideram o padrão CV universal.

Considerando-se os padrões silábicos acima levantados, podemos deduzir que a Estrutura Silábica Máxima Permitida (ESMP) encontrada na variedade lingüística fa d'ambu é dominada por três elementos, CCV, CVV OU CVC. Isto é, o fa d'ambu aceita no máximo dois elementos no aclave, dois no núcleo e um na coda, como vemos nas representações arbóreas das figuras 26, 27 e 28 abaixo:

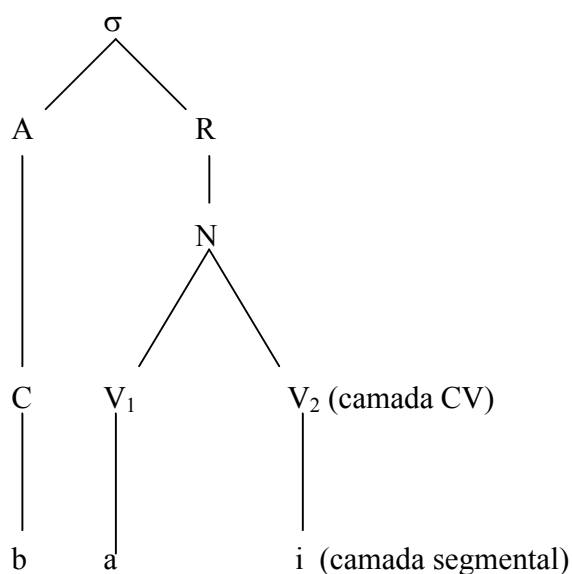
(figura 26):

CCV: [bla] 'abrir'



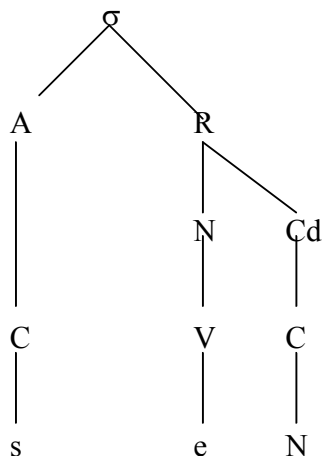
(figura 27):

CVV: [bai] 'ir'



(figura 28):

[seN] ‘cem’



Por meio dessa representação arbórea, torna-se claro que, na sílaba do fa d’ambu, é possível a ramificação tanto do aclave, quanto do núcleo.

A estrutura dominada por dois Vs como em [bai] ‘ir’ apresenta apenas o primeiro elemento (V_1) como obrigatório tendo valor vocálico, enquanto o segundo (V_2) é uma glide por ter menos proeminência acentual em relação à V_2 .

10.2.2. Estrutura silábica

Nesta parte, os fonemas serão analisados em suas posições de aclave, núcleo e coda. Em consonância com a ESMP, o fa d’ambu admite, como já vimos, no máximo dois elementos no aclave e um no núcleo como em [ko.mpla] ‘comprar’, ou um elemento no aclave e dois no núcleo como em [bai] ‘ir’. Dessa forma, sua estrutura silábica apresenta tanto nódulos simples quanto complexos. Entendemos por nódulo simples um nó raiz caracterizado por, pelo menos, um constituinte articulatório oral como, por exemplo, [p] que é unicamente [labial]; por nódulo complexo entendemos um nó raiz caracterizado por, pelo menos, dois diferentes constituintes articulatórios orais como, por exemplo, [pl], [fr].

10.2.2.1. O Aclive

Consideram-se aclives todas as situações em que há uma consoante inicial. Em fa d'ambu, o aclive pode apresentar uma estrutura simples (dominado por um elemento C da camada CV) ou complexa (dominado por dois Cs da camada CV).

Exemplos de aclives simples:

As oclusivas

/p/	[pa.ta.du] 'a parte', [ɔ.pa] 'árvore'
/b/	[ba.be.lu] 'barbeiro', [bo.a] 'boca'
/t/	[ta.va.da] 'tempestade', [pe.tu] 'preto'
/d/	[de.ga.du] 'delgado', [bu.du] 'pedra'
/k/	[ku] 'que', [ʃi.ku] 'cinco'
/g/	[fɔ.gɔ] 'fogo, luz', [gã.dʒi] 'grande'

As fricativas

/f/	[fɔ.li] 'flor', [pa.fɔ.lɔ] 'desde'
/v/	[vê.iu] 'velho', [ga.vi] 'bem'
/s/	[sɔ.lɔ] 'sol', [ba.su] 'norte'
/z/	[zẽ.te] 'gente', [li.zu] 'forte'

A lateral

/l/	[li.ba] 'sul', [u.tu.la.ve.ʒi] 'outra vez'
-----	--

As nasais

/m/	[me.ne] 'doce', [a.mã] 'mão'
/n/	[na.mi.e.le] 'mulher', [ɔ.na] 'lua'
/ɲ/	[ɲe.lu] 'dinheiro', [u.ɲi.a] 'um'

As pré-nasais

/mp/	[ko.mpla] ‘comprar’
/mb/	[mbasa] ‘costela’
/nt/	[ntɛla] ‘enterrar’
/nd/	[te.nde] ‘entender’
/ŋk/	[ʃi.ŋku] ‘cinco’
/ŋg/	[ŋgaia] ‘ganhar’

Os glides

/w/	[awa] ‘água’
/j/	[jaba] ‘inclinado’

Antes de analisarmos os tipos de encontros consonantais que ocorrem no aclave do fa d’ambu, explicaremos as razões que nos levaram a considerar os glides [w] e [j] como consoantes ou como vogais. Existem duas possibilidades de interpretá-las de acordo com a posição que ocupam dentro da estrutura silábica.

Quando ocorrem em posição pós-vocálica, como em [sei.ʃi] ‘seis’ e [mai] ‘mãe’, elas serão interpretadas como tendo valor vocálico (/u/ e /i/), e assim dominados por um nó V, sendo V₁ a vogal e a V₂, o glide.

Em posição pré-vocálica, como em [baia] ‘dançar’, a situação se torna mais complexa devido ao fato de os glides [w] e [j] poderem ser interpretadas como formando ditongos crescentes ou hiato.

Para o primeiro caso, o glide ocupa o lugar ótimo da consoante, desempenhando assim, valor consonantal como em [wa] ‘um’, [awa] ‘água’, e [duja] ‘sofrer’, [baja] ‘dançar’.

Quanto ao segundo caso, os dados mostram que algumas seqüências vocálicas se realizam como hiato. Dentro da seqüência vocálica, o glide em posição pré-vocálica forma com a vogal

seguinte um hiato ou um ditongo crescente. Quanto ao ditongo crescente, acredita-se em sua ausência, visto que ele tem tendência em se realizar como hiato, tendo assim, o glide, a mesma proeminência acentual que a vogal, como, por exemplo em:

[laia] ~ [la.i.a] ‘rainha’
 [fia] ~ [fi.a] ‘fiar’
 [vua] ~ [vu.a] ‘voar’
 [pia] ~ [pi.a] ‘espiar’

Doravante, procedemos à análise dos tipos de encontros consonantais que podem ocorrer no aclave complexo do fa d’ambu. Clements & Keyser (1985: 41) propõem que encontros consonantais, em aclave de sílaba, sofrem as restrições próprias de cada língua e que somente encontros consonantais bem-formados podem ocorrer nesse constituinte silábico das diversas línguas. Assim, listamos, nas linhas da tabela a seguir, as consoantes possíveis de ocupar a posição C₁, e, nas colunas da mesma tabela, as consoantes possíveis de ocupar a posição C₂, no ataque silábico complexo do fa d’ambu. O encontro dessas linhas com essas colunas evidencia quais seqüências de consoantes são consideradas bem-formadas (+) e quais são consideradas mal-formadas (-) para o aclave do fa d’ambu.

(tabela 29):

C ₂	p	b	t	d	k	g	l
C ₁							
p	-	-	-	-	-	-	+
b	-	-	-	-	-	-	+
g	-	-	-	-	-	-	+
mp	-	-	-	-	-	-	+
s	-	-	+	-	+	-	-
v	-	-	-	-	-	-	+

Considerando, primeiro, o encontro das linhas com as colunas (C₁) e (C₂), observamos que, nos encontros consonantais bem-formados para o aclave da sílaba do fa d’ambu (i), a posição C₁ é ocupada principalmente por uma oclusiva, e a posição C₂ por uma líquida.

A seguir os aclives complexos do fa d'ambu:

Encontros Consonantais

[bl]:	[bla.du] 'aberto'
[gl]:	[le.gli.a] 'alegria'
[mpl]:	[mplegu] 'emprego'
[st]	[sta] 'estar'
[vl]:	[vla] 'virar'
[sk]	[skevɛ] 'escrever'

10.2.2.2. O Núcleo

O núcleo silábico do fa d'ambu pode ter a seguinte configuração: (i) simples, dominado por um único elemento V da camada CV, ou (ii) complexo, dominado por dois elementos V da camada CV. A situação (i) não é problemática, uma vez que qualquer segmento com o traço [+vocoíde] pode ocupar o núcleo silábico no fa d'ambu. O núcleo é sempre obrigatório e dominado por um só elemento V da camada CV chamado Núcleo Simples ou por dois elementos V da camada CV chamado Núcleo Complexo.

No núcleo simples, o núcleo é dominado por um único elemento V, como podemos constatar na figura 29 que se segue:

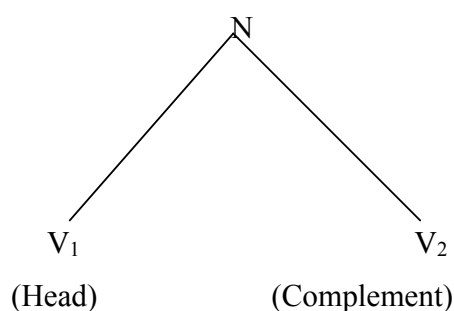
(figura 29):



Exemplos:	[ɔ.tu]	'oito'
	[u.la.tu]	'rato'
	[a.le]	'rei'

A segunda situação caracteriza a ocorrência de dois segmentos idênticos dominados por um mesmo nó: a co-articulação de vogais conhecidas como ditongo. Os ditongos são uma seqüência de duas vogais numa sílaba (de timbres diferentes, mas de mesma sonoridade) pronunciadas de uma só vez, sendo uma delas mais proeminente. A vogal mais forte é a primeira e a segunda a mais fraca da seqüência. A diferença de timbre entre as duas vogais pode ser provocada pela mudança de posição da língua no sentido horizontal ou vertical, e também pela mudança na posição dos lábios. Ela é composta por duas vogais que diferem tanto pela localização quanto pelo grau de abertura. De acordo com os preceitos do *Head First Principle* (cf Chomsky, 1988), em um núcleo ramificante, o primeiro elemento da seqüência VV será o principal (*head*) e o segundo elemento, o secundário (*complement*), como se vê na figura 30

(figura 30):



Como na representação acima, a posição V₁ (*head*) é preenchida por uma vogal, cabendo aos glides, a posição de V₂ (*complement*). Nessa posição, /w/ e /j/ assumem o valor vocálico com menor proeminência em relação à V₂. Desta forma, de acordo com o "*Head First Principle*", reconhece-se a existência de ditongos decrescentes no fa d'ambu, como podemos ver na figura 31 abaixo:

(tabela 30):

Posição V1	Posição V2	Exemplos:
	/i/	
/a/	+	[bai] 'ir'
/e/	+	[tei.ji] 'três'

10.2.2.3. A coda

No fa d'ambu, como na maioria dos crioulos, a coda se configura somente como simples, podendo assim, ser preenchida por uma fricativa, uma lateral ou uma nasal como mostram os exemplos a seguir:

A fricativa

/s/ [pas. tu] 'pássaro'

A lateral

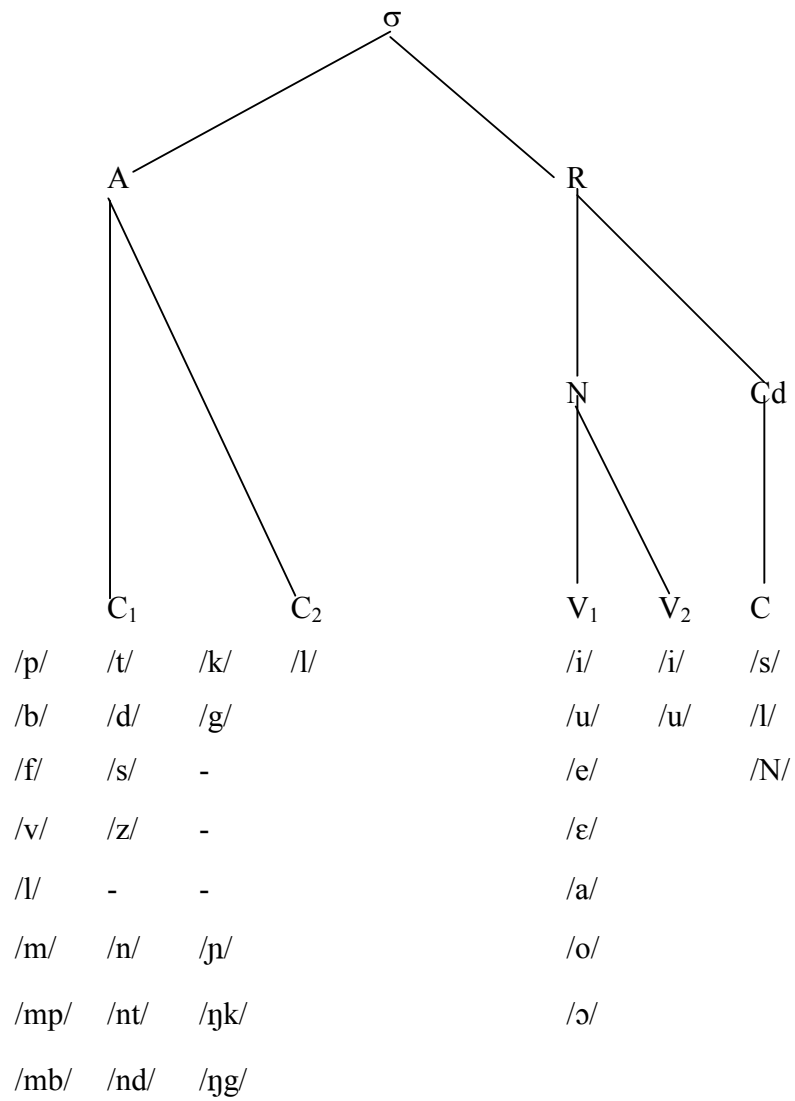
/l/ [pal.ma] 'palmeira'

A nasal

/N/ [meN] 'encontrar'.

Com base no exposto acima, podemos concluir que a estrutura silábica do fa d'ambu é preenchida, no Ataque, por vinte consoantes, por todas as sete vogais no Núcleo, e na Coda, por, apenas, três consoantes (/s/, /l/ e /N/), como resumido na seguinte representação:

(figura 31):



CAPÍTULO XI

ESTUDO COMPARATIVO

11.0. Introdução

Baseando-nos nas descrições fonológicas realizadas nos capítulos VII, VIII, IX e X, pretendemos fazer neste capítulo uma comparação dos segmentos, de um lado, e por outro, das sílabas das variedades lingüísticas são-tomense, angular, principense e fa d'ambu com o objetivo de averiguar se se trata de quatro línguas diferentes ou de quatro dialetos de uma mesma língua. Assim, este estudo comparativo seguirá a seguinte metodologia:

- 1) inventário dos fonemas de cada uma das quatro variedades;
- 2) comparação dos segmentos para se chegar a um inventário de fonemas comuns ao são-tomense, angular, principense e fa d'ambu;
- 3) comparação das sílabas.

11.1. Inventários dos fonemas de cada uma das quatro variedades lingüísticas

Depois da descrição fonológica de cada uma das quatro variedades lingüísticas, chegamos ao inventário dos fonemas de cada uma delas, como temos a seguir.

O são-tomense apresenta o seguinte inventario de fonemas:

(tabela 31):

Consoantes

p	t	k
b	d	g
mp	nt	ŋk
mb	nd	ŋg
m	n	ɲ
	f	s
	v	z
		l
		r

(tabela 32):

Vogais

i	u
e	o
ɛ	ɔ
	a

O inventário dos fonemas do angolar

(tabela 33):

Consoantes

p	t	k
b	d	g
mp	nt	ŋk
mb	nd	ŋg
m	n	ɲ
	f	s
	v	z
		l
		r

(tabela 34):

Vogais

i	u
e	o
ɛ	ɔ
	a

O inventário dos fonemas do principense

(tabela 35):

Consoantes

p	t	k
b	d	g
mp	nt	ŋk
mb	nd	ŋg
m	n	ɲ
	f	s
	v	z
		l
		r

(tabela 36):

Vogais

	i	u
	e	o
	ɛ	ɔ
	a	

O fa d'ambu tem o seguinte inventario inventário de fonemas

(tabela 37):

Consoantes

p	t	k
b	d	g
mp	nt	ŋk
mb	nd	ŋg
m	n	ɲ
	f	s
	v	z
		l

(tabela 38):

Vogais

	i	u
	e	o
	ɛ	ɔ
	a	

Tendo feito o inventário dos fonemas do são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu, passaremos doravante ao estudo comparativo que compreenderá a comparação dos segmentos e das sílabas.

11.2. Estudo comparativo

11.2.1. Comparação dos segmentos

Nesta seção, pretendemos confrontar os fonemas convergentes e os divergentes nessas variedades, com o objetivo de estabelecer o inventário de fonemas comuns ao são-tomense, ao angolar, ao principense e ao fa d'ambu.

Após a apresentação dos inventários dessas variedades lingüísticas, dá para ver que todas elas apresentam os mesmos fonemas com apenas algumas diferenças.

Quanto aos fonemas consonantais, o são-tomense, o angolar e o principense apresentam o mesmo número de fonemas (21 consoantes), enquanto o fa d'ambu apresenta um a menos, contando, apenas, vinte consoantes. A única diferença é que os três primeiros crioulos apresentam a consoante /r/ que não consta no sistema fonológico do fa d'ambu.

De acordo com os dados, toda consoante [r] da língua lexificadora (português) se realiza [l] nos quatro crioulos como mostram os exemplos da tabela 38 abaixo.

(tabela 39):

REALIZAÇÕES DO [r] NOS QUATRO CRIoulos			
[r] > [l]			
São-tomense	Angolar	Principense	Fa d'ambu
[lɛɲa] “rainha”	[latu] “rato”	[liku] ‘rico’	[a.le] ‘rei’
[madelã] “madeira”	[laðɔ] “razão”	[ɔla] “ora”	[ludʒi.a] ‘vigiar’
[liku] “rico”	[lɛga] ‘largar’	[latu] “rato”	[lia] ‘arriar’
[lɔda] “roda”	[lekele] “requerer”	[lãzu] “arranjo”	[luga] ‘rogar’
[lɔga] “rogar”	[lele] “rede”		[la.ia] ‘rainha’
[lɔla] “rolar”	[lɛma] “remar”		[alos] ‘arroz’
[lumu] “rumo”	[lãka] “arrancar”		[li] ‘rir’

Atualmente, todas têm tendência em usar o [r]. Parece que o principense usa mais o [r], contrariamente ao fa d'ambu em que foi encontrado apenas um exemplo com [r].

Essa incorporação atual do [r] nessas línguas ocorre devido a uma influência superstratista por empréstimos recentes do português. Em um processo de relexificação, o fa d'ambu parece permanecer ainda pela preferência do uso do [l] no lugar de [r] da língua lexificadora pelo fato de encontrarmos poucos exemplos com a realização do /l/ nessa língua.

No que diz respeito às vogais, elas não apresentam algum problema. Todas as variedades em estudo têm sete fonemas vocálicos.

Após a comparação dos segmentos dessas línguas com base em seu inventário de fonemas, podemos deduzir que o quadro de fonemas consonantais comuns a todas as línguas corresponde aos quadros de todas as línguas menos o fa d'ambu, enquanto o quadro de fonemas vocálicos comuns a essas línguas, corresponde ao quadro fonológico das vogais de cada uma das línguas. Assim, temos abaixo o inventário dos fonemas comuns ao são-tomense, ao angolar, ao principense e ao fa d'ambu:

(tabela 40):			(tabela 41):	
Consoantes			Vogais	
p	t	k	i	u
b	d	g	e	o
mp	nt	ŋk	ɛ	ɔ
mb	nd	ŋg	a	
m	n	ɲ		
	f	s		
	v	z		
		l		
		r		

Em síntese, podemos afirmar que as quatro variedades crioulas apresentam os mesmos fonemas consonânticos (21) e vocálicos (07), com exceção do fa d'ambu que tem vinte consoantes. As únicas diferenças são apenas realizações diferentes, devido provavelmente ao fato desse crioulo se desenvolver isoladamente dos outros, ou talvez somente agora que se iniciou o processo de incorporação da vibrante, como mostra a variação livre entre [l] e [r] em [ulatu] ~ [uratu] 'rato'.

11.2.2. Comparação das sílabas:

A comparação das sílabas consiste, por um lado, em fazer o levantamento dos padrões silábicos e, por outro lado, proceder à análise da estrutura silábica do são-tomense, angular, principense e fa d'ambu. No que diz respeito à estrutura silábica, trataremos das combinações dos fonemas no nível de aclave (aclave complexo) assim como no nível de núcleo (núcleo complexo) e da coda (coda complexa).

11.2.2.1. Inventário dos padrões silábicos

Após a contagem de 510 palavras, temos o inventário dos tipos de padrões silábicos encontrados no são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu e suas respectivas percentagens.

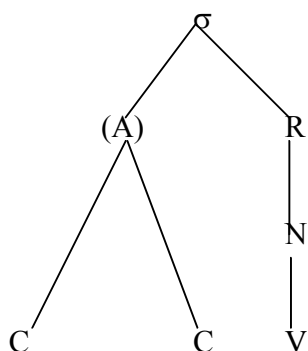
(tabela 42):

TIPOS DE PADRÕES SILÁBICOS	PERCENTAGEM DE FREQUÊNCIA			
	São-tomense	Angolar	Principense	Fa d'ambu
CV	185,09	204,11	186,27	204,50
V	16,86	29,80	31,96	27,05
CVC	8,43	1,56	6,47	4,70
CCV	15,09	0,58	2,74	2,35
CCCV	2,54	-----	-----	-----
VC	0,58	0,19	1,15	0,78
CCVC	0,19	-----	-----	-----
CVV	-----	-----	-----	2,15
TOTAL	228,82	236,27	227,84	241,56

Esses inventários dos padrões silábicos acima levantados mostram que, nas três variedades lingüísticas, predomina a sílaba CV. Além disso, os segmentos com duas consoantes no ataque são comuns nas quatro variedades, mas com uma menor frequência como mostram suas respectivas percentagens. Pelo que podemos constatar, o são-tomense é a única variedade que apresenta estruturas silábicas mais complexas (com até três segmentos no ataque).

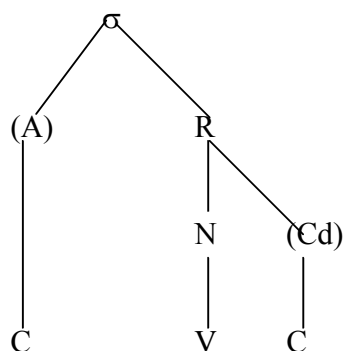
Estabelecendo uma comparação entre os padrões silábicos fixados pelo são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu, é possível vermos que há uma divergência entre as quatro, no que diz respeito ao número de tipos de padrões assim como das estruturas silábicas. Desta forma, a Estrutura Silábica Máxima Permitida (ESMP) dessas variedades pode ser CVC ou CCV como representadas nas figuras 33 e 34:

(figura 33):



ou

(figura 34):



De acordo com essas representações, fica evidente que o são-tomense, angular, principense e fa d'ambu admitem, no máximo, dois elementos no aclave, um no núcleo e um na coda. No entanto, apenas o são-tomense admite até três segmentos no aclave e o fa d'ambu, por seu lado, admite dois segmentos em seu núcleo.

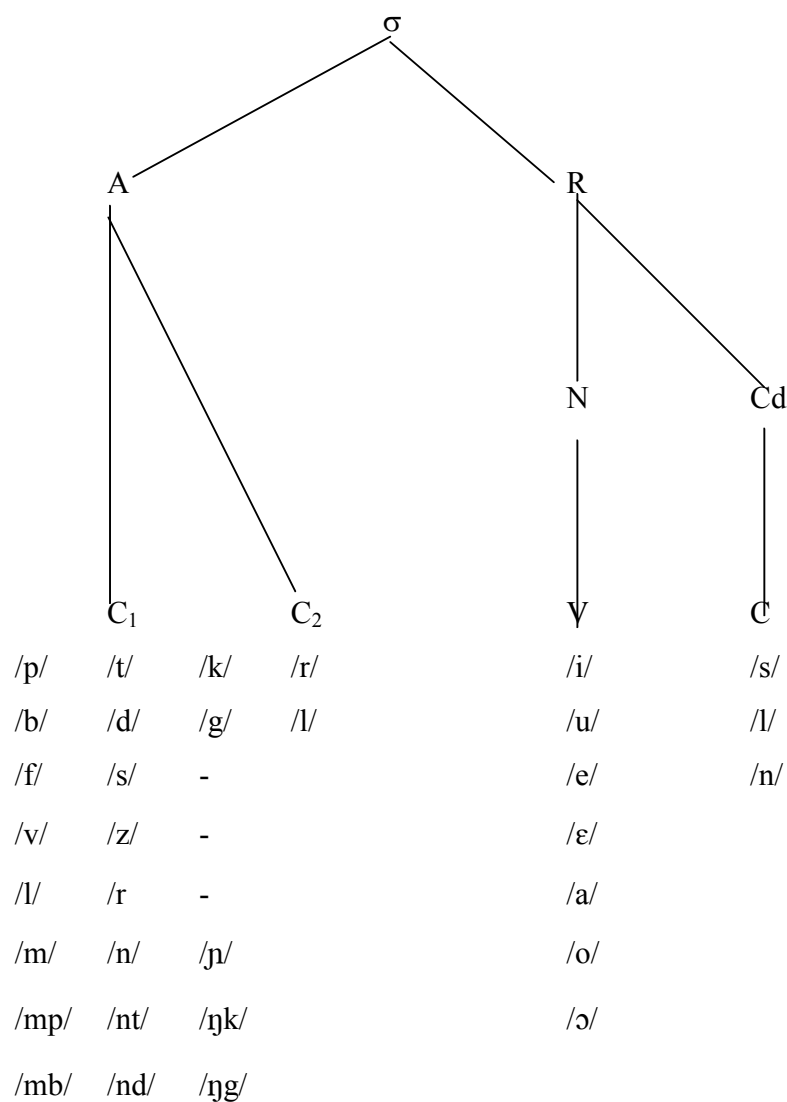
Essas representações arbóreas mostram que nas quatro variedades, apenas o constituinte silábico aclave pode ramificar-se.

11.2.2.2. Análise da estrutura silábica

Nesta seção, serão analisadas apenas as estruturas silábicas complexas, isto é, as que são caracterizadas pela ocorrência de combinações de mais de um elemento, tanto no aclave como no núcleo e na coda silábica.

Quanto ao aclave dessas variedades, ele pode ser simples, ou seja, constituído por um só elemento C, e complexo, quando constituído por dois elementos CC. Antes de analisar as estruturas silábicas complexas nessas quatro línguas crioulas, convém mostrarmos a estrutura silábica simples dessas línguas, em suas posições de aclave, núcleo e coda.

(figura 35):



De acordo com essa representação, podemos concluir que a estrutura silábica simples do são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu é preenchida, no ataque, por vinte e uma consoantes, com exceção do fa d'ambu que tem vinte consoantes, por todos os sete fonemas vocálicos no Núcleo, e na Coda, por apenas três consoantes.

Como mostra a estrutura silábica máxima permitida, o são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu apresentam aclives complexos, como podemos ver representado na tabela 42 abaixo:

(tabela 43):

Acl ive complexo	São-tomense	Angolar	Principense	Fa d'ambu
[pl]	[plumõ] 'pulmão'	-----	-----	-----
[pr]	-----	-----	[pre.nde] 'prender'	[bladu] 'aberto'
[br]	-----	[brutu] 'bruto'	-----	----- --
[bl]	[blöse] 'aborrecer'	[blōka] 'borcar'	-----	-----
[tl]	[tlēga] 'entregar'	[kuatlu] 'quatro'	-----	-----
[tr]	-----	-----	[tre.ze] 'treze'	-----
[dr]	-----	-----	[la.dra] 'ladrão'	-----
[kl]	[klusu] 'cruz'		[klaru] 'claro'	
[kr]	-----	-----	[kri.a] 'criar'	-----
[gl]	[glēza] 'igreja'	[glavi] 'bonita'	[glō.ri.a] 'gloria'	[le.gli.a] 'alegria'
[mpl]	[mplega] 'empregar'	-----	-----	[mplegu] 'emprego'
[fl]	[fluta] 'fruta'	[flōga] 'folgar'	[ʃkeda] 'esquerda'	-----
[vl]	[vlidu] 'vidro'	-----	-----	[vla] 'virar'

Considerando os encontros consonantais dos exemplos do quadro acima, podemos verificar que, no aclave complexo, a posição C₁ é preenchida por uma oclusiva /p/, /k/, /b/, /g/, por uma fricativa /f/, /v/, /S/ ou uma pré-nasal /mp/ e a posição C₂ por uma líquida /l/ e /r/, ou uma oclusiva /t/ ou /k/.

No que diz respeito ao núcleo, a estrutura silábica máxima permitida mostra que o núcleo silábico do são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu é sempre simples. No entanto, apenas o fa d'ambu apresenta alguns exemplos de núcleo complexo admitindo, no máximo, dois elementos VV na seqüência CVV

No caso em que o núcleo é ramificante, não se pode ter dois elementos idênticos. De acordo com o *Head First Principle*, o primeiro elemento será *head* e o segundo, *complement*. No *fa d'ambu*, a vogal que ocorre na posição V₁ é a principal (*head*) e a vogal que ocorre na posição V₂ é complementar (*complement*), como em [bai] 'ir'. Nessa língua, reconhece-se, assim, a existência de ditongos decrescentes, como representado em 43 a seguir:

(tabela 44):

Posição V1	Posição V2	Exemplos:
	/i/	
/a/	+	[bai] 'ir'
/e/	+	[tei.ji] 'três'

Constatamos que a posição V₁ é sempre ocupada por /a/ ou /e/, enquanto a posição V₂ é preenchida pelo glide [j]. A pouca ocorrência de exemplos com ditongos, além da ausência de exemplos com o glide [w], são argumentos a favor de que, assim como os três outros crioulos, o *fa d'ambu* tende a simplificar sua estrutura silábica, tentando evitar a ocorrência de ditongos decrescentes.

No que diz respeito à coda, a Estrutura Silábica Máxima Permitida do *são-tomense*, *angolar*, *principense* e *fa d'ambu* mostra que esta pode ser vazia ou preenchida por, no máximo, um elemento consonantal que é sempre /s/, /l/ ou /n/.

11.2.3. Estudo comparativo

Quanto à comparação entre as sílabas das quatro variedades, observamos que, dos oito padrões silábicos levantados, cinco são comuns às quatro, tendo como suas ESMP CVC ou CCV. Nesse constituinte da sílaba, elas aceitam a ocorrência de até dois elementos consonantais no aclave, um elemento vocálico no núcleo e um segmento consonantal na coda.

Temos a seguir, com um total de 510 palavras contadas, o inventário dos tipos de padrões silábicos comuns ao são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu e suas respectivas percentagens.

(tabela 45):

TIPOS DE PADRÕES SILÁBICOS	PERCENTAGEM DE FREQUÊNCIA			
	São-tomense 1	Angolar 2	Principense 3	Fa d'ambu 4
CV	185,09	204,11	186,27	204,50
V	16,86	29,80	31,96	27,05
CVC	8,43	1,56	6,47	4,70
CCV	15,09	0,58	2,74	2,35
VC	0,58	0,19	1,15	0,78
TOTAL	226,05	236,24	228,59	239,38

Por meio da comparação dos segmentos e das sílabas do são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu, podemos afirmar que a fonologia dessas variedades lingüísticas é composta pelos traços que lhes são comuns, pois há grande coincidência em sua fonologia, apesar de alguns traços se mostrarem divergentes, como mostrou a comparação dos segmentos segundo a qual a única diferença existente entre o são-tomense, o angolar, o principense e o fa d'ambu, é não ocorrência da vibrante /r/ no sistema do fa d'ambu. Talvez com mais dados, encontraremos o valor fonológico dessa consoante. Quanto às vogais, elas são comuns às quatro variedades, apresentando assim um número total de sete fonemas.

Da comparação das sílabas, foi levantado o maior número de padrões silábicos comuns às quatro línguas, isto é, cinco dos oito padrões silábicos apresentados são comuns a essas línguas, o que mostra uma semelhança entre o são-tomense, o angolar, o principense e o fa d'ambu. A estrutura silábica das quatro línguas mostra também que há uma semelhança, sendo assim composta pela ESMP CCV ou CVC, dominada, no máximo, por dois elementos no ataque, um no núcleo e um na coda.

O mais freqüente é que essas variedades aceitam mais a estrutura CV preenchendo assim o Aclive e o Núcleo, a Coda ficando, na maioria das vezes, vazia. É importante notar também que essas variedades não aceitam estruturas complexas (ataques e núcleos ramificados). Como todos os crioulos, essas variedades optam pela simplificação (menos marcado) como se vê pela opção ao padrão silábico CV considerado ótimo (universal).

Após esse estudo comparativo, chegou-se à conclusão de que o são-tomense, o angolar, o principense e o fa d'ambu apresentam mais semelhanças do que diferenças. Por esse fato, podemos acreditar que eles têm uma origem comum a ponto de afirmar que eles são dialetos de uma mesma língua. Os traços comuns a essas variedades, tanto os segmentos quanto os padrões silábicos, constituem os traços do são-tomense. Dessa forma, acreditamos que esses crioulos são variedades de uma mesma língua e que seriam originárias do são-tomense que, inclusive, é a língua falada na ilha de São Tomé, a primeira ilha a ser estabelecida. No entanto, permanecem ainda dúvidas sobre, se são línguas diferentes ou dialetos de uma mesma língua. Além disso, há uns que defendem que aos quatro crioulos são dialetos do são-tomense, e para outros, dialetos de angolar. Tomeremos posição no próximo capítulo, levando em consideração argumentos lingüísticos, sócio-culturais e sócio-históricos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como objetivo de, a partir de uma descrição fonológica e levando em consideração aspectos sócio-históricos, definir o *status* lingüístico do são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu, a fim de saber se são dialetos de uma mesma língua ou quatro línguas diferentes. Foram observados fatores sócio-históricos dados no contexto de São Tomé e Príncipe e analisou-se a fonologia dessas variedades, estabelecendo-se posterior comparação entre as referidas formações lingüísticas. A tese aqui defendida – línguas diferentes ou dialetos de uma mesma língua – teve duas abordagens: uma extralingüística e outra lingüística.

Tendo em vista a abordagem extra-linguística, de acordo com as informações dos informantes, sem dúvida nenhuma o são-tomense, o angolar, o principense e o fa d'ambu apresentam muitas semelhanças. A semelhança existente entre as quatro línguas crioulas leva a pressupor que esses povos pertencem a um grande grupo étnico. Esta semelhança reflete-se no falar, nos costumes, nas instituições tradicionais e religiosas e na vida material (modo de alimentação, de habitação, procedimentos de cultura). Esses grupos são tão afins que há uma intercompreensão entre os quatro, como afirmam os nossos informantes.

No que diz respeito à abordagem lingüística, a descrição fonológica dos crioulos em estudo permitiu-nos chegar aos seus respectivos quadros fonológicos. Em um estudo comparativo entre os fonemas de cada uma dessas variedades lingüísticas, verificamos que os quadros fonológicos do são-tomense, angolar, principense apresentam vinte e um (21) fonemas consonantais, enquanto o fa d'ambu tem vinte (20). A maioria das alterações apresentadas nessas línguas ocorre mais no nível fonético como mostraram seus quadros fonéticos. Isso pode se explicar por uma questão de variação geográfica ou de alguma influência substratista.

Para as vogais, os quadros fonológicos das quatro línguas crioulas apresentam todas sete vogais. Verificamos que as vogais nasais são apenas vogais nasalizadas devido a processos assimilatórios da consoante mais próxima que é nasal.

Quando da comparação entre as sílabas do são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu, observamos que a maioria dos padrões silábicos levantados é comum às quatro variedades lingüísticas, e conseqüentemente suas ESMP são bastante semelhantes. O são-tomense apresenta algumas estruturas com ataque mais complexo de tipo CCCV, CCVC. Os exemplos mostram que se trata de palavras de empréstimos recentes do português e com freqüência mínima de ocorrência de 2,54% (CCCV) e 0,19% (CCVC).

Por ser uma estrutura silábica ótima (universal), o padrão CV é que mais ocorre nessas línguas como mostram suas percentagens de ocorrência: 185,09% para o são-tomense, 204,11% para o angolar, 186,27% para o principense e 204,50% para o fa d'ambu. Levando em consideração a freqüência do padrão CV nessas línguas, podemos afirmar que há muitas semelhanças entre o são-tomense e o principense e, entre o angolar e o fa d'ambu. Isso pode se explicar pelo fato de que o angolar e o fa d'ambu desenvolveram-se isoladamente contrariamente aos outros. O angolar é falado por um povo isolado, fujões, do tipo kilombolas, enquanto o fa d'ambu é falado na ilha de Anobom na Guiné Equatorial.

Deste modo, podemos afirmar que existe, incontrovertidamente, um parentesco próximo entre são-tomense, angolar, principense e fa d'ambu, pois assim nos dizem as afinidades lingüísticas e uma considerável soma de hábitos e costumes e de fatores sócio-históricos. Podemos confirmar a existência de caracteres étnicos (extra-lingüísticos) e lingüísticos comuns a são-tomenses, angolares, principenses e anoboneses, no tocante às suas respectivas variedades. Assim acreditamos que as quatro variedades lingüísticas são dialetos de uma mesma língua. No que diz respeito à língua de que elas são dialetos não há consenso, tendo, principalmente, duas hipóteses.

Por um lado, há quem defende que, antigamente, somente um crioulo era falado no Golfo da Guiné: o são-tomense. Esse primeiro crioulo, o são-tomense, que deve ter mudado ramificando-se mais tarde em quatro crioulos devido a fatores tais como contato de línguas e separação geográfica; ou, talvez, provavelmente a diferenças que podiam ter existido, em algum grau, no substrato, embora os quatro crioulos tenham basicamente o mesmo substrato, com características dos grupos kwa e oeste-bantu.

Por outro lado, acredita-se que o angolár é provavelmente ligado ao crioulo original, porque ele não se misturou com os outros crioulos ou com o português, visto que os Angolares moravam no interior, longe do contato dos outros grupos.

As quatro línguas variedades crioulas surgiram de um só tipo de contato no Golfo da Guiné. Os portugueses, em primeiro estágio, pegavam escravos nas regiões de Angola, Congo, Moçambique, Benim para estabelecerem populações em São-Tomé. Este contato levou ao surgimento do crioulo português: o são-tomense. Mais tarde, na tentativa de adquirirem novas terras e por questões de mão-de-obra, os portugueses foram estabelecendo respectivamente populações no sul de São-Tomé, em Príncipe e em Anobom.

No início do século XVI, São Tomé era já um entreposto de escravos onde se formou o primeiro crioulo de base portuguesa deste arquipélago, o *forro* ou *santomense*. Nesse período foram enviados escravos para o Príncipe e para Anobom, para trabalhar nas plantações, razão pela qual os crioulos do Golfo da Guiné tiveram todos provavelmente a sua origem no *forro* de São Tomé, tendo-se desenvolvido, no Príncipe, o *Principense* ou *Lunguyê (Língua da Ilha)* e em Anobom o *Anobonês* ou *Fá d'Ambô (Falar de Anobom)*.

O são-tomense deve-se ter estabilizado no fim do século XVII, quando diminuiu o fluxo de escravos, tendo atingido uma forma muito próxima do atual basileto. Nos primeiros cem anos os escravos eram trazidos principalmente do Benim onde se falavam as línguas Kwa. Mais tarde recebeu influências do Kikongo falado pelos escravos vindos do Rio Congo. Embora com menos expressão, subsiste, ainda, em SãoTomé, um outro crioulo, o *Angolar*.

A comunidade angolár foi formada por escravos fujões no século XVI. O crioulo falado pelas primeiras gerações de angolares sofreu provavelmente uma relexificação à medida que a comunidade acolhia novos escravos fujões falantes de línguas de origem bantu, como o kimbundo, o edo e o kikongo.

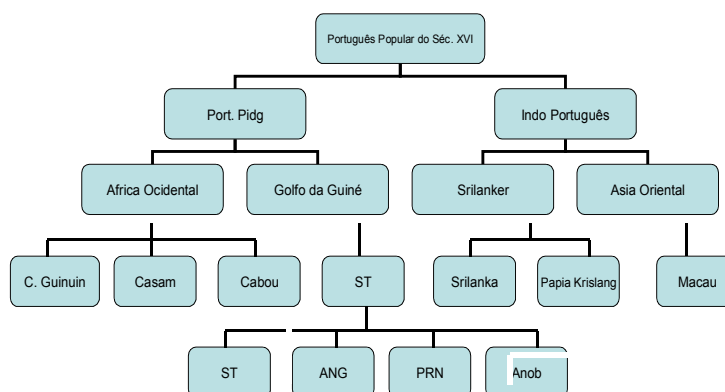
O angolar e o são-tomense divergem fundamentalmente no léxico e na fonética, mas são bastante próximos na fonologia. O são-tomense tem um léxico maioritariamente de origem portuguesa embora com influência das línguas kwa e bantu. O léxico do angolar integra um maior número de origens africanas, sobretudo do kimbundo.

Quanto ao principense, ele apresenta grandes afinidades com o *forro*, não só pela origem santomense dos primeiros escravos cuja língua serviu de modelo aos escravos posteriormente importados, mas também pela coincidência do substrato linguístico bantu e kwa.

Depois da sua introdução na ilha, juntamente com os primeiros escravos vindos de São Tomé, o fá d'ambu desenvolveu-se isoladamente, com poucas influências do exterior, já que os poucos brancos que permaneciam na ilha o faziam por curtos espaços de tempo. Nos últimos anos, esse crioulo incorporou algumas palavras do espanhol, língua oficial da Guiné Equatorial.

De acordo com as considerações acima expostas, acreditamos que as quatro variedades crioulas do Golfo da Guiné partilham a mesma raiz, chamada de Proto-Crioulo do Golfo de Guiné e que o berço desta proto-língua terá sido a ilha de São Tomé. Assim, só era falado, no Golfo da Guiné, um crioulo: o são-tomense que, mais tarde, mudar-se-ia em quatro crioulos por separações geográficas, e provavelmente também devido às diferenças que podiam ter existido em alguns graus nos substratos.

(Figura 36):



Deste modo, acredita-se que os quatro crioulos são dialetos do são-tomense. O quadro comparativo do léxico em apêndice, mostra que as quatro variedades crioulas têm muita semelhança. A afirmação de Grimes (1996), segundo a qual 70% do léxico angolano, 72% do léxico principense e 68% do léxico do fa d'ambu é de origem são-tomense fundamenta essa possibilidade.

Hoje em dia, acredita-se que os crioulos do Golfo da Guiné são mais usados pelos mais velhos. Quanto aos jovens, eles preferem se comunicar em português, língua oficial do país. Os informantes afirmam que os crioulos são usados em casos raríssimos a ponto de afirmar que são línguas em extinção devido à supremacia do português sobre as línguas crioulas.

Neste trabalho, foram abordados apenas os aspectos sócio-culturais, sociohistóricas e fonológicos desses crioulos. Os dados da fonologia aqui apresentados falam a favor da consideração de que são dialetos de uma única língua (o são-tomense).

Vale salientar, que estes crioulos apresentam alguns processos de pré-nasalizações que são geralmente atribuídos a uma influência das línguas de substrato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBROSIO, Antônio. *Subsídios para a história de São Tomé e Príncipe*. Livros Horizonte 1984.

BARRENA, P. Natalio. *Gramática Annobonesa*. Madrid: Instituto de Estudios Africanos. Consejo Superior de investigaciones científicas 1957.

BICKERTON, Derek. "The language Bioprograma". *The Brain and Behavior Science*. 1984.

BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EIDIPUCRS. 1999.

CALVET, Jean-Louis. *La guerre des langues et les politiques linguistiques*. Payot, Paris, 1987.

CHAUDENSON, Robert. *Créoles e enseignement du français*. Paris L'Harmattan. 1989.

CHOMSKY, Noam. *Language and problems of knowledge*. The Managua lectures. Cambridge: The Mrr Press. 1988.

CHOMSKY, N. & HALLE, Morris. *The sound pattern of Enqljsh*. New York, Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. & KEYSER, S. J. *CV phonology: a generative theory of the syllable*. 2a. ed. Cambridge, Massachusetts/London, England: the MIT press. 1985.

CLEMENTS, G. N. & HUME, Elizabeth V. *The Internal Organization of Sounds*. 1993.

COUTO, H. H. do. *Um cenário para a criouliização sem pidginização*. Revista de Estudos da Linguagem. Belo Horizonte, MG. 1992.

- _____. *Introdução ao Estudo das Línguas Crioulas e Pidgins*. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 1996
- _____. *Fonologia e fonologia do português*. Brasília: Thesaurus. 1997.
- _____. *Contato interlingüístico: da Interação à Gramática*. Brasília. UnB. <http://www.unb.br/iliv/crioul>. 1999.
- _____. *The question of (prior) creolization in Brazil*. In: M. Parvill E. Maguns (eds). *Spreading the word*. Londres, Westminster University Press, 1999.
- FERRAZ, Luiz I. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press 1979.
- FISHMAN, J. A *Language maintenance and language shift*. 1971.
- GOLDSMITH, John A. *Autosegmental & metrical phonology*. Oxford: Blackwell. 1990
- GRIMES, Barbara F. *Languages of the world: Ethnologue*. 10a. ed. Dallas, Texas: Wycliffe Bible Translators.
- GÜNTHER, Wilfried. *Das portugiesische Kreolisch der Ilha do Príncipe*. Marburg na der Lahn. Tese de Doutorado da série Marburger Studien Zur Africa – Und Asienkunde. 1973.
- HAUGEN, Einar. *The Language Conflicts and Language Planning. The case of Modern Norwegian*, Cambridge, Harvard University Press. 1966.
- _____. *The Ecology of Language*. Stanford University Press, Stanford,

California 1972.

_____. In BAGNO, Marcos. *Norma lingüística*. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 2001.

HALLE, Morris, MOHANAN, K. P. *Segmental phonology of modern English*. Linguistic Inquiry. Cambridge Mass., v. 16 n° 1. p 57-116. 1983.

HEINE, Bernd & NURSE, Derek. *African Languages*. Cambridge University Press 2000.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HOLM, John. *Pidgins and creoles*. Vol. II. Cambridge University Press, 1988

KATAMBA, Francis. *An introduction to phonology*. Londres: Longman, 6 impressão. 1993.

KIPARSKY, Paul & O'NEILL, Wayne. The Phonology of Old English Inflections. In: Linguistic Inquiry. Vol. 7. Number 4. 10 (527-735). 1976.

LAUER, John. *Principles of phonetics*. Cambridge University press, 1994

LORENZINO, Gerardo A. *The Angolar Creole portuguese of São Tomé: Its Grammar and Sociolingüistic History*. New York. Tese de Doutorado defendida na The City University of New York. 1998.

- LYONS, John. *Linguagem e lingüística: Uma introdução*. Cambridge University Press. 1981
- MARTINET, André. *Éléments de Linguistique Générale*. Troisième tirage. Librairie Armand. Colin 103. Boulevard Saint Michel Paris Ve. 1967.
- MATA, Inocência. *Emergência e existência de uma literatura. O caso de Sãoomense*. Lisboa 1993.
- MAURER, Philippe. *L'angolar: Un créole Afro-portugais parlé à São Tomé*. Hamburg: Helmut Buske Verlag 1995.
- MUFWENE, Salikoko. *The ecology of Language*. University of Chicago. 2001.
- PIKE, K. L. *Phonemics*. Ann Arbor: The Michigan University Press. 1947.
- POST, Marike. *Fa d'ambu*. In Arends, Jacques, P. Muysken e N. Smith. *Pidgins and Creoles: na Introduction*. Amsterdam 1995. P 191 a 204.
-
- *Construções com verbos seriais em Fa d'ambu*. *Papia* vol. 2 no 2 P 06 a 22. 1993.
- PULLEYBLANK, Douglas. *Tone in Lexical phonology*. *Journal of Linguistics*. Vol. 24 n I. 1986
- ROMAINE, Zuzanne. *Language and Society. An Introduction to sociolinguistics*. Oxford

University Press. New York. 1994.

ROUGÉ, Jean-Louis. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*. Éditions KARTHALA, 2004

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, s/d. 1967

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. Série Princípios. 1989.

THOMASSON, Sarah Grey & KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press. 1988.

TODD, Loreto. *Pidgins and creoles*. Londres. 1990

TRIFKOVIC, Mariana. *Le Mancagne: étude phonologique et morphologique: Initiations et études africaines 26*. Dakar: IFAN. 1969.

TROUBETZSKOY, Nikola Sergeevich. *Principes De phonologie*. California: University of California. Trad. Christiane A. M. Baltaxe. 1972.

TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge University Press. New York. 1980.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact. Findings and Problems*. Mouton. The Hague – Paris. 1974

APÊNDICES

PORTUGUÊS	SÃO-TOMENSE	ANGOLAR	PRINCIPENSE	FA D'AMBU
A				
1. à direita	-	-	-	[bãda detu]
2. à esquerda	-	-	-	[bãda skezi]
3. à parte	-	-	-	[patadu]
4. aba	[aba]	[aba]	-	-
5. abacate	[bakatʃi]	[bakatʃi]	-	-
6. abafar	[bafa]	-	-	-
7. abanar	[bana]	[bana]	-	[bana]
8. abandonar	[bãdona]	[bãdɔna]	[bãdɔna]	-
9. abelha	-	[ɲɔki]	-	-
10. aberto	[betu]	[betu]	[betu]	[betu], [bladu]
11. abobra	bɔbla	[bɔba]	[bɔba]	[bɔba]
12. aborrecer	[blɔse]	[boθe]	-	-
13. aborrecido	[blɔʃidu]	-	-	-
14. abraçar	[blasa]	[baθa]	[basa]	-
15. abril	[abi]	[abi]	-	-
16. abrir	[bili]	[biri]	[bii]	[bla], [bi]
17. abusar	[buza]	[buða]	-	-
18. abuso	-	[abuðu]	-	-
19. acabar	[kaba]	[kaba]	[kaba]	[kaba], [ʃaba]
20. acalmar	[kalma]	-	-	-
21. acesso	-	-	-	[dʒidʒidu]
22. achar	[aʃa]	[kuða]	-	-
23. acomodar	[kɔmɔda]	[kɔmɔra]	-	-
24. acompanhar	-	-	-	[kɔpaie], [sakue]
25. acordar	[kɔda]	[θuθuka]	-	-
26. açoite	-	-	[sɔtʃi]	-
27. açúcar	[sukli]	[θuki]	-	[sukalu]
28. acudir	[kudʒi]	[kũdʒi]	[kudi]	-
29. acusar	[kuza]	[kuða]	-	-
30. adivinhar	[dĩvia]	[rĩvia]	-	-
31. admirar	[dimila]	[dimira]	[dimira]	-
32. afilhado	[fiadu]	-	[filada]	-
33. admitir	-	[rimitʃi]	-	-

34. adulto	-	-	-	[poʃudulu]
35. afligir	[fliʒi]	-	-	-
36. afogar	[fɔga]	[fɔga]	-	-
37. afundar	[fũda]	[fũda]	-	-
38. agora	[iɔla]	[ua], [ɔlawɔ]	-	-
39. agosto	[agoʃtu]	[ãgɔθu]	-	[ɔlɔlai], use], [ɔsai]
40. agradável	[glavi]	-	[gavi]	[gavi]
41. agravar	[glava]	[gava]	-	-
42. água	[aua]	[aua]	[aua]	[aua]
43. aguardar	[aguede]	[ɲguada]	-	-
44. aguentar	[guêta]	[ngweta]	[gwêta]	-
45. água	-	-	[agia]	-
46. agulha	[guia]	[nguɲa]	[uguia]	-
47. aí	[nai]	[aiðe]	-	-
48. ainda	-	[ãda]	-	-
49. ajudar	[zuda]	[ðura]	[zuda]	[zuda]
50. ajuste	[zustu]	[fĩnete]	-	-
51. alecrim	[lekli]	-	-	-
52. alegre	[legli]	-	-	-
53. alegria	[legɛla]	[lagurɔ]	-	[leglia]
54. alfinete	-	[fĩnetʃi]	-	-
55. algodão	[alugɔdô]	[luguru]	-	-
56. alguém	-	-	-	[ɲge]
57. algum	-	-	-	[zugua]
58. alicate	[alikatʃi]	[likatʃi]	-	-
59. alisar	-	[liθa]	-	-
60. aliviar	[lívia]	-	-	-
61. alma	[alima]	[alima]	[alima], [zalima]	-
62. almoçar	[lɔmɔas]	[lɔmɔθa]	[rɔmɔas]	-
63. almofada	[mɔfada]	[nfara]	[mufada]	-
64. altar	[atali]	[atari]	-	-
65. alto	-	-	[atu]	[va]
66. altura	[naltura]	-	-	-
67. amanhã	[amaɲa]	[maɲa]	[amaɲa]	[amaia]
68. amar, gostar	[ama]	[ama]	[ama]	[ama], [gôgɔ]
69. amarelo	malɛlu]	[ma:]	-	-
70. amargar	[nalaga]	[maga]	-	-

71. amarrar	[mala]	[mara]	[mara]	-
72. amassar	-	[mãθa]	[mãsa]	-
73. amável	-	-	-	[levi]
74. ameaçar	-	[mẽθa]	[maiãsa]	-
75. amiga	-	-	-	[mĩga]
76. amigo	[migu]	[mĩgu]	[migu]	[ʒamada]
77. amolar	[mɔla]	[mwa]	[mɔla]	-
78. amor	[amole]	[amole]	[amue]	-
79. ananás	[nanaʒi]	[nanazi]	[nanaʒi]	-
80. ancorar	[kɔla]	[ŋkɔra]	-	-
81. andar	[nda]	[nda]	[ndã]	-
82. anel	[neni]	[neni]	[neli]	[ʒadela]
83. anjo	[ãzu]	[ãðu]	[ãzu]	[ãzu]
84. ano	[anu]	[anu]	[anu]	-
85. ânsia	[ãʃa]	[ãʃa]	-	-
86. antena	[ntena]	[ntena]	-	[ntena]
87. antes	[ãte]	-	-	[pime]
88. ontem	-	-	-	[aðʃi]
89. antigamente	-	[nakula]	-	[ɔlɔlai]
90. anzol	[nzɔlɔ]	[ðɔlɔ]	-	-
91. ao lado	-	-	-	[lɔmadu]
92. ao redor	-	-	-	[luʒiadu]
93. aonde	-	-	-	[eɔ]
94. apagar	[paga]	[paga]	[paga]	[ba]
95. apanhar	[paɲa]	[paɲa]	[paɲa]	-
96. aparecer	[palese]	[paθe]	[pase]	-
97. apartado	[patadu]	[pataru]	-	-
98. apenas	-	-	-	[msɔ]
99. apertar	[peta]	[peta]	[peta]	[peta]
100. apitar	[pita]	[pita]	[pita]	[pita]
101. apito	[pitu]	[pitu]	[pitu]	[pitu]
102. apodrecer	-	-	-	[pɔdel]
103. apontar	[põta]	[pataru]	[mpota]	[põta]
104. apostar	[pɔʃta]	[pɔsta]	[pɔʃta]	[betʃia]
105. aprovar	[plɔva]	[pɔsta]	-	-
106. aproveitar	[plɔveta]	[pɔveta]	-	-
107. aquele	-	[iðe]	-	-
108. aqui	-	-	-	[iai]

109. ar	[ɔali]	[□lô]	[ali]	[ali]
110. arame	[lami]	[ɔlami]	[arami]	[lami]
111. aranha	[alã]	-	-	-
112. arca	[alika]	[adika]	-	-
113. arder	[lede]	[lede], [iere]	-	-
114. areia	[alia]	-	[ária]	-
115. armário	[alumaiu]	[alumaju]	-	-
116. armazem	[alimãze]	[alimãðe]	[rumazê]	-
117. arrancar	[lãka]	[lãka]	[rãka]	-
118. arranjar	[lãʒa]	[lãða]	[lãʒa]	[lãʒa]
119. arranjo	-	-	[lãzu]	[lãzu]
120. arrasar	[lazã]	-	-	-
121. arrebentar	[lebêta]	-	-	-
122. arrendar	[lêda]	-	[rêda]	-
123. arrender	[lêpede]	[lepêde]	-	-
124. arriado	-	-	-	[liadu]
125. arriar	-	-	-	[lia]
126. arrombar	[loba]	-	-	-
127. arrotar	[lota]	[lota]	[lota]	[lota]
128. arroz	[losu]	-	[oros], [oso], [rus]	[□lôs]
129. arrumar	[luma]	[luma]	[ruma]	-
130. arte	[atʃi]	-	[atʃi]	-
131. árvore	[aluvu]	-	[alivure]	[ɔpa]
132. asa	[aza]	[aða]	[aza]	[aza]
133. ascender	[sêde]	[θêde]	[sêde]	[dede]
134. assar	[as]	[θa]	[sɛ]	[as]
135. assento	-	[nvuna]	-	-
136. assim	[aʃi], [ʃi]	[asi]	[aʃi]	[ʃi]
137. assistir	[zisti]	[θisti]	[zisti]	[zisti]
138. assobiar	-	-	[supia]	[supia]
139. assustar	[suʃta]	[θusta]	[susta]	[susta]
140. atacar	[taka]	[taka]	[taka]	[taka]
141. até	-	-	[tê]	[ata], [ba]
142. atiçar	[tisa]	[tiθa]	[tisa]	[tisa]
143. atormentar	-	-	-	[tomêta]
144. atrapalhar	[tapaia]	[tapaia]	-	-
145. atrás	[taʃi]	[taθi]	[ataʃi]	[taʃi]
146. Através de	-	-	-	[pasa]
147. atravessar	[tabeas]	[tebeθa]	-	[pasa]

148. atum	-	[olele]	-	-
149. Avô, avó	-	[ðina]	-	-
150. azar	[aza]	[aða]	[aza]	[aza]
151. azedar	[zɛda]	[ðɛda]	[zɛda]	[zɛda]
152. azedo	[zɛdu]	[ðɛdu]	[zɛdu]	[zɛdu]
153. azeite	[zɛtɛ]	[ðɛtɛ]	[izɛtʃi]	[zɛtɛ]
154. azeitona	[zɛtɔna]	[ðatɔna]	-	-
155. azul	[zulu]	[ðulu]	[zulu]	-
B				
156. babar	[baba]	-	-	-
157. bacalhau	[bakaia]	[baka]	[bakaia]	-
158. bacia	[baʃa]	-	[baʃa]	-
159. bacio	[baʃi]	-	-	-
160. bagaceira	-	-	[bagasera]	-
161. bagaço	[bagasa]	-	-	-
162. bagagem	[bagaʒi]	-	-	-
163. bailar	-	-	[baia]	-
164. baile	-	[balɛlɛ]	-	-
165. bainha	[beɲa]	[beɲa]	[beɲa]	[beɲa]
166. baixar	[basa]	[baða]	[baʃa]	-
167. baixo	[basu]	[baða]	-	-
168. bala	[bala]	-	[bala]	-
169. balançar	[balãsa]	[balãθa]	[balãsa]	-
170. balde	[badʒi]	[bari]	-	-
171. baleia	[balia]	[balia]	-	-
172. balcão	-	[balakõ]	[balakã]	-
173. bambu	-	[mbãbu]	-	-
174. banana	-	[bana]	[bana]	[dʒiagãdʒia]
175. banco	[baku]	[bãku]	[bãku]	[bãku]
176. banda	[bãda]	[mbãda]	-	[bãda]
177. bandeija	-	-	[bãdeza]	-
178. bandeira	[bãdeɾa]	[bãdeɾa]	[bãdʒia]	[bãdeɾa]
179. banhar	[baɲa]	[baɲa]	[baɲa]	[baɲa]
180. banho	[baɲu]	[baɲu]	[baɲu]	[baɲu]
181. barba	[beba]	[baba]	[bueba]	[baba]
182. barbeiro	[labelu]	-	-	[babelu]
183. baboso	[blabɔza]	-	-	-
184. barbudo	[blabadu]	[baburu]	-	-
185. barata	[blata]	[bata]	[bata]	[balata]

186. barato	[blatu]	[batu]	[batu]	[balatu]
187. barco	[baku]	-	[bakĩ], [ubau]	-
188. barra	[bala]	[bala]	-	-
189. barriga	[bɛga]	[bɛga]	[buɛga]	[bɛga]
190. barrete	-	-	[buɛtʃi]	-
191. barril	[balili]	[bariri]	[buɛ]	[balili]
192. barro	[balu]	[baru]	[balu]	[balu]
193. barulho	-	-		[kidele]
194. bastão	-	-	[baʃtã]	-
195. batata	[batata]	[batata]	[batata]	[batata]
196. bater	[bate]	[bate]	[bate]	[bate]
197. batizar	[batʃiza]	[batʃiða]	[batʃiza]	[batʃiza]
198. beber	[bebe]	[bebe]	[bebe]	[bebe]
199. beijo	[bezu-bezu]	-	-	-
200. beira	[bela]	-	-	-
201. benção	[bɛsa]	[abɛθð]	-	-
202. bengala	-	-	-	[buda]
203. bexiga	[biʃiga]	-	[bisiga]	-
204. bica	[bika]	-	-	-
205. bicho	[bisu]	[biθu]	[bisu]	[biʃu]
206. bico	-	-	[biku]	-
207. bigode	[bigodʒi]	-	[bigodʒi]	-
208. bispo	[bispu]	-	-	-
209. blusa	-	-	[bulɔza]	-
210. bobo	-	-	[bobo]	-
211. boca	[bɔka]	[bɔka]	[ubuka]	[boa]
212. bocado	[bukadu]	-	-	-
213. bode	[bɔdʒi]	[bɔdʒi]	[bɔdʒi]	[bɔdʒi]
214. boi	[bue]	[bue]	[ubue]	[bue]
215. boiar	[bɔia]	[bɔia]	[bɔia]	[bɔia]
216. bola	[bɔla]	[bɔla]	[bɔla]	[bɔla]
217. bolo	[bɔlɔ]	[bɔlɔ]	-	-
218. bom	[bua]	[bua], [bɔ]	[bð], [bua]	[bua]
219. bonito	-	[ɲuka(ru)]	-	-
220. borboleta	-	-	[bubuleta]	-
221. bordão	-	-	[bɔdã]	-
222. bordar	[bɔdla], [bɔda]	-	-	-
223. bordo	[bɔdu]	-	[bɔdu]	-
224. bota	[bɔta]	-	[bɔta]	-

225. botão	[bɔtɔ]	[bɔtɔ], [bɔrɔ]	[butõ]	[bɔtɔ]
226. botar	[buta]	[buta]	[bɔta]	[buta]
227. botelha	[bɔte]	[bɔte]	[bɔte]	[bɔte]
228. braço	[blasu]	[blaθu]	[ubasu]	[blasu]
229. branco	[blâku]	[ziaru], [bâku]	[bâku]	[bâku]
230. bravo	[blabu]	[blabu]	[babu]	[ilo]
231. braza	[blaza]	[blaθa]	[baza]	[blaza]
232. brincadeira	-	[bikarera]	-	-
233. brigar	[bliga]	[biga]	-	[peza]
234. brocar	-	[blɔka]	-	-
235. bronze	[blôzi]	-	-	-
236. bruto	[bluto]	[brutu]	-	-
237. bruxa	[bluʃa]	-	-	-
238. bucho	[buʃu]	[buθu]	[buʃu]	[buʃu]
239. bulir	[buli]	[buri]	[buli]	[buli]
240. buraco	[bulaku]	-	[ubaku]	-
241. buscar	[buka]	-	[buka]	-
242. búzio	-	[bũðu]	-	-
C				
243. cabaça	[kabasu]	[kabaθa]	[kabasa]	[kabasa]
244. cabeça	[kabesa]	[kabeθa]	[kabese]	[kabesa]
245. cabeleireiro	-	[tʃiaro nte]	-	-
246. cabelo	kabelu]	kabelu]	kabelu]	kabelu]
247. cabiceira	-	[kabiθa]	-	-
248. cabo	[kabu]	[kabu]	[ukabu]	[kabu]
249. cabra	[kablá]	[õbo]	[kaba]	[kaba]
250. caçador	-	-	-	[zasadɔlo]
251. caçar	[kasa]	[kaθa]	[kasa]	[zasa]
252. cachimbo	-	-	[kĩtʃima]	-
253. cachorra	-	-	-	[zasɔlo miele]
254. cachorro	[kaso]	[kaθo]	[kaso]	[zasɔlo ɔme]
255. caco	[kaku]	-	-	-
256. cada	[kada]	[kara]	-	-
257. cadáver	-	-	[kadave]	-
258. cadeia	[kadzia]	[kadzia]	[kadzia]	[kadzia]
259. cadeira	[□udu]	[karela]	[kadela]	-
260. café	-	-	[kafɛ]	-
261. cair	[kie]	[kie]	[kie]	[ke]
262. cais	[kaiu]	-	-	-

263. caixa	[kaʃa]	[kaθa]	-	-
264. caixão	[kasõ]	-	[kasã]	-
265. caju	[kazu]	[kaðu]	[kaʒu]	[kaʒu]
266. calar	[kabɔka]	[kala]	[kala]	[dzibodʒia]
267. calção	[klasõ]	-	[kalisã]	-
268. calcanhar	-	-	[kakapa]	-
269. calça	-	-	[kalisa]	[ʒasã]
270. calda	[kada]	-	-	-
271. caldo	[kadu]	-	-	-
272. calhar	[kaia]	[θaja]	-	-
273. calmaria	-	[kamaia]	-	-
274. calo	[kalu]	-	[ukalu]	-
275. calor	[kalolo]	[kalolo]	[kalɔ]	-
276. cama	[kama]	[kama]	[kama]	-
277. caminho	[kamia]	-	[kumĩ]	-
278. camisa	[kamĩza]	[kamĩða], [kãða]	[kamiza]	[ʒamisa]
279. campainha	[kapapa]	-	[kãpapa]	-
280. campo	[kãpu]	[kãpu]	[ukãpu]	[matu]
281. cana	[ŋkana]	[kana]	[kana]	-
282. candeia	-	[kãdzia]	[kãdzia]	-
283. caneca	-	[kaneku]	-	-
284. canela	[kanela]	[kanela]	-	-
285. caneta	[kaneta]	[kaneta]	-	[skeve]
286. canga	[kãga]	-	-	-
287. canoa	[kanua]	[kanua]	[kanwã]	-
288. cansar	[kãsa]	[kãθa]	[kãsa]	[ʃãsa]
289. cantar	[kãta]	[kãta]	-	[ʒãta]
290. cantiga	-	-	[kãtʃiga]	-
291. cantinho	[kãʃĩ]	[kãʃĩ]	[kãʃĩ]	[kãʃĩ]
292. canto	[kãtu]	[kãtu]	[ukãtu]	[kãtu]
293. capado	-	-	[kapadu]	-
294. capar	[kapa]	[kapa]	[kapa]	[kapa]
295. capela	[kapela]	[kapela]	[kapela]	[kapela]
296. capinar	-	[kapina]	-	-
297. capitão	[kapitõ]	[kapitõ]	[kapitõ]	[kaptõ]
298. capoeira	[kapuela]	[kapela]	[kapela]	[kapuela]
299. capricho	[kapliʃu]	[kapiʃu]	[kapiʃu]	[kapiʃu]
300. cara	[kala]	[kala]	[ka]	[ʒala]

301. caranguejo	-	-	[kara]	-
302. carga	[kɛga]	[kɛga]	[kaga]	[kaga]
303. cargo	-	-	[kagu]	-
304. carne	[kani]	[kani]	[kani]	[kani]
305. caro	[kalu]	[karu]	[karu]	[mma]
306. caroço	-	-	[kosu]	-
307. carpinteiro	[klapĩtelu]	[kapĩtelu]	[kapĩteu]	[zãtelu]
308. carregar	[klaga]	[kɛga]	[kaga]	[kɛga]
309. carro	[kalu]	[karu]	[ukau]	[kalu]
310. carta	[kata]	[kata]	[kata]	[zata]
311. carvão	[klavõ]	[kavɔ]	[kalavõ]	[klavõ]
312. casa	[kɛ]	[kai]	[kaʃi]	[zadzɪ]
313. casar	[kaza]	[kaða]	[kaza]	[kaza]
314. casca	[kaʃka]	[kaθika]	[kaska]	[kaska]
315. casta	-	[kaθa]	-	-
316. castigar	[katʃiga]	[kaθiga]	[kaʃtʃiga]	[kaʃtʃiga]
317. catarro	[katalu]	[katalu]	[katalu]	[katalu]
318. cativo	-	[katʃivu]	-	-
319. cavalo	[kbalu]	[kbalu]	[kbalu]	[zavalu]
320. cavar	-	[vina], [kava]	-	-
321. caverna	-	[kavena]	-	-
322. cebola	[sabɔla]	[θabɔla]	[seβela]	[seβɔla]
323. cedo	[sedu]	[θeru]	[sedu]	[sedu]
324. cegar	-	[θɛga]	-	-
325. cego	[segu]	[θɛgaru], [θɛgau]	[segu]	[segu]
326. cem	[sẽ]	[θẽtu]	[sẽ], [sẽtu]	[sẽtu]
327. cemitério	[ʃimĩteli]	[simĩteli]	-	-
328. centopéia	[sãtɔpɛ]	[θãtɔpɛ]	[sãtɔpɛ]	
329. cercar	[ʃtɛga]	-	-	-
330. cemitério	[ʃimĩteli]	-	-	-
331. cercar	[ʃtɛga]	-	-	-
332. cerne	[seni]	-	-	-
333. ceroula	[ʃilɔla]	-	-	-
334. certeza	-	[θɛtɛða]	-	-
335. certo	[setu]	[θetu]	-	-
336. cerveja	[seβedʒa]	[θeβeða]	-	-
337. céu	[ɔsɛ]	[õθɛ]	[ɔsɛ]	[osɛ]

338. chá	[ʃa]	-	-	-
339. chamar	[sama]	[θama]	[sama]	[sama]
340. chaminé	[ʃimine]	-	-	-
341. chão	[sõ]	[θõ], [taθɔ]	[usã], [tusã]	-
342. chapa	-	[θapa]	-	-
343. chapéu	[sape]	[θape]	[sape], [sapelĩ]	[bete]
344. chato	-	-	-	[batala]
345. chave	[sabi]	[θabi]	[sabi], [savi]	-
346. chávana	-	[θavena]	-	-
347. chegar	[ʃiga]	[siga]	[siga], [ʃiga]	-
348. cheio	[ʃa]	[sai (ra)]	[ʃa]	-
349. cheirar	[sela]	[θera]	[sera]	[ʃera], [sene]
350. cheiro	[selu]	[θeru]	[seru]	[ʃeru]
351. cheme	-	[θeni]	[seni]	-
352. chinelo	[ʃinelu]	[sinelu]	-	-
353. chifre	-	-	[ʃifi]	-
354. chita	[ʃitla]	-	-	-
355. choco	[sɔki]	[θɔki]	-	-
356. chorando	-	-	-	[suladu]
357. chorar	[sɔla]	[θua]	[sula]	[sula]
358. chover	[sobe]	[θobe]	[sove]	[sebe]
359. chovido	-	-	-	[sebidu]
360. chumbo	[sũbu]	[θũbu]	-	-
361. chupar	[supa]	[θupa]	[supa]	-
362. chuva	[suba]	[θuba]	[usuva]	[suba]
363. cidadão	[ʃidadõ]	-	-	-
364. cigarro	[ʃigalu]	[sigelu]	[ʃigaru]	[sigalu]
365. cinco	[ʃĩku]	[θĩku]	[ʃĩku]	[ʃĩku]
366. cinta	[ʃĩta]	[sĩta]	[sĩta]	-
367. cinto	-	[sĩtu]	-	-
368. cinza	[ʃĩdzia]	[tʃĩdzia]	[iʃĩze]	-
369. cirurgiã	[ʃtliʒõ]	[siðõ]	-	-
370. ciúme	[ʃimi]	[simi]	-	-
371. clarear	[klaia]	[kiã]	-	-
372. claridade	[kedadzĩ]	[kerari]	-	-
373. claro	[klalu]	-	[klaru]	[klalu]
374. clicar	-	-	[kika]	-

375. coador	-	[kwaro]	-	-
376. coar	[kua]	[kua]	-	-
377. cobra	[kɔblɔ]		[kɔbɔ]	-
378. cobrar	[kɔbla]	-	[kɔba]	-
379. cobre	[kɔbli]	[kɔbi]	-	-
380. cobrir	[kubli]	[kubi]	[kubi]	-
381. coçar	[kɔas]	[kɔθa]	-	-
382. coco	[kɔkɔðzia]	[kɔðzia]	[kɔðɔza]	[ʒɔʒɔðzia]
383. coelho	[kuɛ]	[kuɛlu]	[kuɛ]	-
384. cofre	[kɔfli]	-	-	-
385. coisa	[kua]	[kua]	[kua]	[ʃose], [ʒu]
386. coitado	[kuetado]	[kuetaru]	[kuetadu]	-
387. colham	-	-	[kɔɲã]	-
388. colher	[kuie]	[kiera]	[kuɛ]	[kuɛ]
389. colher	[kuje]	[koie], [kuie]	-	-
390. colônia	-	[kɔleɲa]	-	-
391. colorir	[kolo]	[kolo]	-	-
392. com	[ku]	[ki]	[ki]	[ku], [ʒɔ]
393. comadre	[kuma]	-	-	-
394. combinar	[kũbina]	[kumina]	-	-
395. comboio	[kũboj]	[kɔbɔj]	-	-
396. começado	-	-	-	[matadu]
397. começar	kɔmeas]	[kɔmeθa]	[kɔmesa]	[matia]
398. comer	[kume]	[nmɛ]	[kume]	[kumi]
399. comer muito	-	-	-	[kumu pasa]
400. comida	-	[mmɛ]	-	-
401. como	[kuma]	[ma]	[kuma]	[ʃima], [ama]
402. compadre	[kɔpa]	[kɔpa]	[kupadɛ], [kɔpɔɛ]	-
403. companheiro	-	-	[kɔpaɲo]	-
404. comprar	[kɔpla]	[kɔpua]	[kɔpa]	[kɔpla]
405. cona	[kɔnɔ]	-	-	-
406. concertar	-	[kɔθɛta]	-	-
407. condenar	[kɔdena]	[kɔdena]	-	-
408. confiar	-	-	[kũfia]	-
409. conhecer	[kɔse]	[kũθɛ]	[kɔse]	[ʒɔse]
410. consciência	-	kuθɛθa]	-	-
411. conselho	[kɔse]	[kɔse]	-	-

412. consentir	[kũʃiti]	-	-	-
413. consolar	[kõsɔla]	-	-	-
414. constela	[bãsa]	-	-	-
415. constipação	[kuʃtupasõ]	-	-	-
416. contar	[kõta]	[kõta]	[kõta]	[kõta]
417. contente	[kõtětʃi]	[kõtět̃ti]	[kõtětʃi]	-
418. continuar	[kũtina]	-	-	-
419. contra	[kõtla]	-	-	[ʃãtu], [tuʒua]
420. contrário	[kõtle]	[kõte]	[kõtre]	-
421. contratar	[kõtlata]	[kɔtata]	-	-
422. conversa	[klõvesa]	[kɔvɛθa]	[kõvesa]	-
423. convidar	-	[kuvida]	[kuvida]	-
424. convite	[kõvitʃi]	-	[kũvitʃi]	-
425. copo	[kɔpu]	[kɔpu]	[kɔpu]	[kɔpu]
426. cor	[kolo]	[kolo]	-	-
427. coração	[klɔsõ]	[kɔθɔ], [lãθɔ]	[rɔsã], [kɔsã]	[kusa]
428. coragem	[kɔlazi]	-	-	-
429. corcunda	[klakũda]	[kakũda]	-	-
430. corda	[kɔda]	[kɔrɔ]	[kɔda]	-
431. corneta	[kɔneta]	[kɔneta]	-	-
432. coroa	[kloa]	-	[koa]	-
433. corpo	-	[õge]	-	-
434. correr	[kole]	[kɔle]	[kue], [kuwe]	[kɔle]
435. cortado	-	-	-	[ʒɔʒɔdu]
436. cortar	[kɔta]	[kɔta]	[kɔta]	[kuta]
437. cortar um pouco	-	-	-	[ʒɔdʒiɔlɔ]
438. corte	[kɔtʃi]	-	-	-
439. cortiça	-	-	[kutisa]	-
440. cortesia	-	[kutuʒa]	-	-
441. coruja	[kɔludʒa]	-	-	-
442. corvina	[klɔvina]	[kɔvina]	-	-
443. coser	[klɔse]	[kɔðe]	[kɔse]	-
444. costas	[kɔas]	-	-	-
445. costela	-	-	-	[mbasa]
446. costume	[kuʃtumi]	[kuθumi]	-	-
447. cotovelo	-	-	[kutuvelu]	-
448. couve	[klɔvi]	[kovi]	-	-
449. couxo	[koʃo]	-	-	-

450. cova	[kɔbɔ]	[kɔbɔ]	[kɔva]	-
451. covarde	[kɔvadu]	[kɔvaru]	-	-
452. coveiro	[kɔvelu]	-	-	-
453. coxa	[kɔsɔ]	[kɔ:θɔ]	[kɔsɔ]	-
454. cozer	[kuzi]	[kuzi]	[kuʃi]	-
455. cozinha	[kuzã]	[kuða]	[kuʃiã]	-
456. crer	[kele]	[vatʃie / [vuatʃie]	-	[kele]
457. crescer	[klese]	[keθe]	-	-
458. criado	[kliadu]	-	[kriadu]	-
459. criança deformada	-	[ikata]	-	-
460. criada	-	-	-	[tusa miele]
461. criado	-	-	-	[tusa ɔme]
462. crianças	-	-	-	[nēsai]
463. criar	[[kia]	[kia]	[kria], [kiria]	[tusa], [kia]
464. crime	[klimi]	-	-	-
465. cristão	[klistõ]	[kistõ]	-	-
466. cru	[kulu]	[kuru]	-	-
467. cruz	[[klusu]	[kuθu]	[kuzu]	-
468. cu	[uku]	[ku]	[uku]	-
469. cueca	[kweka]	-	-	-
470. cuidado	-	-	[kudadu]	[pĩtʃidu]
471. cuidar	[kuða]	[kuda]	[kuda]	-
472. culpa	[klupa]	[kupa]	-	-
473. cumprir	[kũpli]	[kũpi]	-	-
474. cunhada	[kuada]	[kuara]	-	-
475. cunhado	-	[kuɲaru]	-	-
476. cunhar	-	[kuɲa]	-	-
477. curandeiro	[kulãdela]	-	[kurãdeo]	-
478. curar	[kula]	[kula]	[kura]	[kula]
479. curso	-	[kuθu]	-	-
480. cuspinho	-	-	[kupĩ]	-
481. cuspir	[kupi]	[kupi]	-	-
482. custar	[kusta]	[kuθa]	-	[kuta]
483. curto	[kutu]	[kutu]	[kutu]	[kutu]
D				
484. danar		[dana], [nana]	[dana]	-
485. dançado	-	-	-	[baiadu]

486. dançar	-	-	-	[baia]
487. dar	[da]	[da], [ra]	[da]	[da]
488. dardo	[dadu]	-	-	-
489. de	[dʒi]	[di], [ri]	[di]	[de], [di], [dʒi]
490. de onde	-	-	-	[ama]
491. de pressa	-	-	-	[beza]
492. de quem	[dikē]	-	-	-
493. decidir	[disi'di]	-	-	-
494. dedo	[dɛdu]	[dɛdu], [dɛru]	[udɛdu]	-
495. defeito	-	[refetu]	[defetu]	-
496. defender	-	[refɛde]	-	[pata]
497. defunto	-	-	[difũtu]	-
498. degredar	[dɛgɛda]	[dɛgɛra], [rɛgɛra]	[dɛgɛda]	-
499. deitar	[dɛta]	[rɛta]	-	-
500. deixar	[dɛsa]	[dɛθa]	[dɛʒa], [disa]	-
501. delgado	-	[dɛgaru]	-	[degadu]
502. demandar	-	[lɛmãda]	[dɛmãda]	-
503. demônio	[dɛmɔniɔ]	[rɛmɔniɔ]	[dɛmɔniɔ]	[damanu]
504. dente	[dɛtʃi]	[dɛtʃi], [rɛtʃi]	[idɛtʃi]	[dɛtʃi]
505. dentro	[dlɛtu]	[lɛtu]	[idɛtu]	[dãtu], [dɛtulu]
506. depois	-	-	[dɛpoʒi]	[ta], [taiʃi]
507. depois de amanhã	-	-	-	[ama pasa]
508. depois (quando)	-	-	-	[dʒia]
509. derreter	[dɛtɛ]	[dɛtɛ]	[dɛtɛ]	[dɛtɛ]
510. desaparecer	-	-	[zapase]	[pede]
511. desbastar	-	-	-	[bastia]
512. descansar	-	[ɲɔka]	-	-
513. descartar	[kata]	[kata]	[kata]	[ʒata]
514. descer	[dɛsɛ]	-	[dɛsɛ]	[dɛsɛ]
515. descobrir	-	-	[diʃkubi]	-
516. desde	[dʒina]	[ana], [na], [zina]	[dina]	[pafɔlɔ]
517. desejar	-	[rɛða], [dɛða]	-	[dʒiʃia]
518. desejo	-	[uesia]	[dɛʒa]	-
519. desesperar	[zasupɛla]	[θaθupɛla]	-	-
520. desgosto	[diʒigoʃto]	-	-	-
521. desgraça	[diʒglasa]	[disiʒa:θa]	-	-

522. despedir	[dispidzi]	[dispĩdzi]	-	-
523. desperdiçar	-	-	-	[fagata]
524. destino	[diʃtinu]	[disinu]	[diʃtinu]	-
525. Deus	[desu]	[deθu], [reθu]	[desu]	[naʃiolo]
526. dever	[deve]	[deve] [leve]	[deve]	[neve]
527. dez	[deʃi]	-	[deʃi]	[ã deʃi]
528. dezembro	[dezẽblu]	[deðẽbru]	-	-
529. dia	[dʒia]/[dʒa]	[dia], [ria]	[dʒia]	[dʒia]
530. diabo	[dʒiabu]	-	[udʒiabu]	-
531. dialeto	[dʒialetu]	-	-	-
532. difícil	[difiʃili]	-	-	-
533. dinheiro	[dʒielu]	[relu], [delu], [delu], [le:lu]	[dʒielu]	[nelu]
534. direito	[dletu]	[detu], [retu]	[detu],	[detu]
535. divertir	-	[livitʃi]	-	-
536. dó	[dɔ]	[ɔdɔ]	-	-
537. dobrar	[dɔbla]	[dɔbua]	-	-
538. doce	[dɔʃi]	[dɔsi], [rɔsi]	[dɔʃi]	[mene]
539. doente	[dẽtʃi]	[ruetʃi]	[duẽtʃi]	[dãtʃi]
540. doer	[due]	[ruɛ]	[dua]	[dua]
541. doido	[dodo]	[dodô], [roro]	-	-
542. dois	[dosu]	[do], [ro], [doθu]	[dosu]	[dɔs]
543. domingo	[dʒadʒĩgu]	[ria rĩgu]	-	-
544. dona	[dɔna]	[rono]	-	-
545. dor	[dolo]	[lolo]	[do]	-
546. dormir	[dumini]	[rumi], [dumi], [numi]	[dimi]	[dʒiumi]
547. doutor	[dɔkitɔ]	[lotolo]	-	-
548. doutor	[dotolo]	-	[doto]	-
549. doze	[doze]	[doði]	[doze]	[ã deʃi ku dɔs], [ɔas dɔs]
550. durar	-	[lãga]	-	-
551. duvidar	-	-	-	[kese]
E				
552. educar	[nduku]	[nduka]	-	-
553. elástico	[laʃtiku]	-	-	-
554. ele, ela	[e], [ɛ]	[e]	[eli]	[ɛl]
555. eles/elas	-	[ene] / [ane]	-	[inepi]

556. em baixo	-	-	-	[basu]
557. em cima	[liba]	[riba]	-	[liba]
558. em frente	-	-	-	[ɔbɔ]
559. em pé	-	[ndʒaru]	-	-
560. em que ocasião?	-	-	-	[ke ʒia]
561. embargar	[blaga]	-	[baga]	-
562. embrulhar	[buia]	[buia]	[buria]	-
563. emendar	[mēda]	-	-	-
564. empregador	-	[ãpegaru]	-	-
565. empregar	[mplega]	[mpega]	-	-
566. emprestar	[plesa]	[peθa]	-	-
567. encalhar	-	[kaia]	-	-
568. encher	-	-	-	[ʃia]
569. encolher	-	[koie]	-	-
570. encontrar	[kõtla]	-	[kõta]	[mē]
571. encurvar-se	-	-	-	[mba]
572. endireitar	-	[dete], [rete]	-	-
573. enfermeiro	[nfumelu]	-	-	-
574. enfermo	[fɛleum]	-	-	-
575. enforcado	[flɔkadu]	-	-	-
576. enforçar	[flɔka]	[fɔka]	[fɔka]	-
577. enfraquecer	[flakese]	[fageθe]	-	-
578. enganar	[ŋgã]	[ŋgana]	[gã] [ŋgã]	-
579. engolir	[nguli]	[nguri]	[guli]	-
580. engomar	[ngɔma]	[ngɔma]	[ŋgɔma]	-
581. engordar	[gladu]	-	-	-
582. engordar	[ngūda]	-	-	-
583. inimigo	-	[limigu]	-	-
584. ensinado	-	-	-	[ʃinadu]
585. ensinar	[ʃina]	[sina]	[ʃina]	[ʃina]
586. então	[ɔto]	[ãto]	-	-
587. entender	[ntēde], [tēde]	[tēde]	[tēde]	[tēde]
588. enterrar	[ntela]	-	-	[ntela]
589. entesar	[teza]	-	-	-
590. entrado	-	-	-	[lētadu]
591. entrar	[lētla]	letʃia]	[lêta]	[lētela]
592. entre	-	-	-	[mete matazi]

593. entregar	[tɛga]	[tɛga]	[tɛga]	-
594. entretudo	[tlũdu]	-	-	-
595. envenenar	[venɛna]	-	-	-
596. envergonhar	-	-	-	[gova]
597. enxada	[sada]	-	[sada]	-
598. enxugar	[suga]	-	-	-
599. erguer	[ligi]	[rigi]	[rege]	-
600. erva	[aliba]	-	-	-
601. esburgar	[bluga]	[buga]	-	-
602. escada	[ʃikada]	[sikera]	[ʃikada]	-
603. escama	[kama]	[kama]	[ʃkama]	-
604. escapar	[ʃkapa]	-	[ʃkapa]	-
605. escasso	[kasu]	-	[kasu]	-
606. escavar	[ʒjɛ]	-	-	-
607. escola	[ʃkɔla]	[sigɔla sikɔla]	~ -	-
608. escolher	[koje]	-	-	-
609. escolhido	[kɔidu]	-	-	-
610. escolta	-	[sikɔta]	-	-
611. esconder	[kõde]	[kõde]	[kõde]	[ʒõde]
612. escondido	-	-	-	[ʒõdʒidu]
613. escorregar	[klɔga]	[kɔlɔga]	-	-
614. escova	[ʃkɔva]	[sikɔva]	-	-
615. escrever	[ʃkleve]	[sikeve]	[ʃkeve]	[ʃkeve]
616. escuro	[kulu]	[sisma]	[ukuru]	-
617. escutar	[kuta]	-	-	-
618. esfoliar	[fɔla]	[fɔla]	-	-
619. esfregar	[fɛga]	[fɛga]	[fɛga]	-
620. esmola	[ʒimɔla]	[simɔla], [zimɔla]	-	-
621. espada	[supada]	-	[supada]	-
622. espanhol	-	-	-	[lavana]
623. espantar	[pãta]	-	-	-
624. espelho	[supe]	[θupe]	[supe]	-
625. esperar	-	-	-	[tepe]
626. espertar	-	[pɛta]	-	-
627. esperto	[supetu]	[θupetu]	-	[kiadu]
628. espiar	[pia]	[pia]	[pia]	[pia]
629. espiga	[supiga]	-	-	-

630. espingarda	[pĩgada]	[pĩgeta]	[pĩgada]	[pĩgada]
631. espinha	[piã-npiã]	[piɲa]	-	-
632. espinho	-	[piɲo-piɲo]	[ipĩ]	-
633. espírito	[suplitu]	[θupitu]	[supitu]	-
634. esponja	[põdʒa]	[põdʒia]	-	-
635. esposa	-	-	-	[miele]
636. esposo	-	-	-	[medu]
637. espremer	-	[peme]	-	-
638. esquecer	[kese]	[keθe]	[kese]	[kese]
639. esquentar	-	[keta]	-	-
640. esquerdo	[ʃkedu]	[sikeru]	[ʃkedu]	-
641. esses	-	-	-	[mēsai]
642. estaca	[ʃtaka]	[sitaka]	-	-
643. estado	[ʃtadu]	-	-	[stadu], [tadu]
644. estar	[ka]	[ka]	[ta]	[sta], [ta]
645. estar com	-	-	-	[sa ku]
646. estar deslizante	-	[tʃanana]	-	-
647. esteio	[ʃte]	-	-	-
648. esteira	[sela]	[sai], [θela]	[ise]	-
649. estender	[sēde]	[θēde]	[sēde]	-
650. esticar	[ʃtika]	-	-	-
651. estivador	[ʃtivado]	-	-	-
652. estômago	-	-	[ʃtomagu]	[tʃipa]
653. estrada	[ʃtlada]	-	-	-
654. estragar	[ʃtlaga]	-	-	-
655. estranho	[ʃtaɲu]	-	-	-
656. estrela	[ʃtlela]	-	[tela]	[tela]
657. estrume	[ʃtlumu]	[θumu]	-	-
658. estudar	[ʃtuda]	[θura]	-	[sina]
659. eu	-	-	-	[m], [mi]
660. evitar	[vita]	[vita]	-	-
661. excusar	-	[disikuða]	-	-
662. exhibir	-	-	-	[mīsi. Ia], [msadu]
663. exemplo	-	[θēpu]	-	-
F				
664. faca	[faka]	[faka]	[ufaka]	-
665. fala	[fala]	[fa]	[fa]	[fa]

666. falar	[fada], [fla]	[fala], [fara]	[fala]	[fala], [lazã], [lezã]
667. falar mal do outro	-	-	-	[lomal]
668. falha	-	-	[falia]	-
669. falso	[fasu]	[faθu]	[fasu]	-
670. falta	[fata]	[fata]	[fata]	-
671. fama	[fama]	[fama]	[fama]	-
672. família	-	-	[famia]	-
673. fanar	[fana]	[fana]	-	-
674. farinha	[faɲa]	[faɲa]	[fiã]	-
675. fato	-	-	[ufatu]	-
676. favor	[favolo]	[favolo]	[favo]	-
677. fazer	[fɛ]	[fazi], [zi]	[faze]	[fɛ]
678. fazer algo	-	-	-	[matavai]
679. fê	[a'fɛ]	[fɛ]	[a'fɛ]	-
680. febre	[feble]	[febe]	[febi]	-
681. fechar	[fisa]	[fiθa]	[fisa]	-
682. feder	[fedɛ]	[fedɛ]	[fede]	[fēde]
683. feijão	[fezõ]	[fēðθõ]	[fēza]	-
684. feio	[□é]	[fueru] [fue]	[fé]	-
685. feira	[fɛla], [fia]	[fɛla]	[fia]	-
686. feitiço	[fitʃisu]	-	[fitʃisu]	-
687. feitio	[fitʃi]	[fitʃi]	-	-
688. feito	-	-	-	[fidu], [fedu]
689. feitor	[fitolo]	[fitoro]	-	-
690. feixe	[fesu]	[fesi]	-	-
691. ferida	[filida]	-	[fida]	-
692. ferir	[fili]	[firi]	-	-
693. ferramenta	[flamêta]	-	[famêta]	-
694. ferrar	[fɛla]	-	-	-
695. ferreiro	[flelu]	[fɛu]	-	-
696. ferro	[fɛlu]	[felu] / [felu]	[ufɛu]	[fɛlu]
697. ferrugem	[faluza]	-	-	-
698. ferventar	-	[febêta]	-	-
699. ferver	[flebe]	[febe]	[febe]	[febe]
700. festa	[fesa]	[fɛθa]	-	-
701. festa popular	-	[bulaue]	-	-
702. feticeiro	[fitʃi'selu]	-	-	-
703. fevereiro	[fevelelu]	[fivelelu]	[fɛu]	-

704. fiado	-	-	-	[fiadu]
705. fiar	[fia]	[fia]	-	[fia]
706. ficar	-	[ũda]	[fika]	-
707. ficar maduro	[bobo]			
708. figura	[fɛgula]	-	-	-
709. filha	-	-	-	[mina miele]
710. filho	-	-	-	[mina ɔme]
711. fim	-	-	[ifi]	-
712. final	-	[fina]	[fina]	-
713. fincar	-	[fĩga]	-	-
714. findar	-	-	[fida]	-
715. fingir	-	[fizi]	[fĩzi]	-
716. fio	[fi]	[fi]	[fiu]	-
717. firmar	[flima]	-	-	-
718. fisga	[fĩziga]	-	-	-
719. fita, coleção	[fita]	-	[fita]	-
720. flor	[flɔli]	[flɔdi], [flɔri]	[fɔli]	[fɔli]
721. floresta	-	[obo]	-	-
722. focinho	[fũʃĩ]	-	-	-
723. foder	[fode]	-	[fode]	-
724. fogão	[fogõ]	-	[fɔgã]	-
725. fogo	[fogo]	[fogo]	[ufogo]	[fɔgɔ]
726. fôlego	[flogo]	[flogo]	[folugu]	-
727. folgar	[flɔga]	[flɔga]	[fɔga]	-
728. folha	[fia]	[fia]	[ufia]	-
729. fome	[fɔmi]	[fɔmi]	[fɔmi]	[faku]
730. fonte	[fɔtʃi]	-	[fɔtʃi]	-
731. fora	[fo]	[fo]	[fɔ]	[fɔlɔ], [ɔluia]
732. força	[fɔas]	[fɔθa]	[fɔsa]	-
733. forçado	-	[fɔkaru]	-	-
734. forma	-	[folima]	-	-
735. formar	[flɔma]	-	-	-
736. formiga	[flomĩga]	[fomĩga]	-	-
737. forno	[fɔnɔ]	[fɔnɔ]	-	-
738. forquilha	[flukiã]	-	[fukiã]	-
739. forrar	[fɔla]	-	-	-
740. forte	[fɔtʃi]	-	[fɔtʃi]	[lizu]
741. fortuna	[futuna]	[futuna]	-	-

742. fósforo	[fɔlufu]	[fɔlufu]	[fɔʃfara]	-
743. fraco	-	[flaku]	[faku]	-
744. francês	[flãseʒi]	-	-	-
745. frango	[flãgwi]	[flizi]	-	-
746. fraquesa	[flakese]	[fio]	-	-
747. fratura	[fatula]	-	-	-
748. frecha	[fleʃa]	-	-	-
749. freguês	[flege]	-	-	-
750. freguesia	-	-	[fɛgeʒa]	-
751. freio	[fle]	-	-	-
752. fresco	[flesku]	[fɛθuki]	[fɛsku]	-
753. frialdade	[fialdadi]	-	-	-
754. frigir	[fizi]	-	-	-
755. frio	[fio]	-	[fio]	[fio]
756. fruta	[fluta], [futa]	[futa]	[futa]	[futa]
757. fugir	[fuʒi]	[fuzi]	[fizi]	-
758. fumar	[fuma]	[fuma]	[fuma]	-
759. fundear	[fũdʒa]	-	-	-
760. fundo	fũdõ	[fũdõ]	[fũdã], [fũdu]	-
761. funil	[funini]	[funini]	-	-
762. funileiro	[funilelu]	-	-	-
763. furar	[fula]	[fula]	[fua]	[fuá]
764. furtar	[futa]	[futa]	-	[futa]
765. futebol	-	[θuta]	-	-
G				
766. Gabão	[gabõ]	[ŋgabõ]	[gabã]	-
767. gabar	[gaba]	[ŋgaba]	[gaba]	-
768. gago	[gagu]	[ŋgagu]	-	-
769. gala	[gala]	-	-	-
770. galão	[galõ]	-	-	-
771. galinha	[ŋgãna]	[ŋgãna]	[gĩnã]	[gãnia]
772. galo	[galu]	-	[ugalu]	-
773. galo de algália	[lagaja]	-	-	-
774. gamela	[gamela]	-	-	-
775. gamela	[ngama]	-	[gamala]	-
776. gancho	[ngãsu]	[ŋgaθu]	-	-
777. ganhar	-	-	[ngã], [gã]	[ŋgaia]
778. ganho	-	-	-	[ŋgadu], [ŋgaiadu]

779. garça	-	[ŋgaθa]	-	-
780. garfo	[galufu]	[ŋgalufu]	[gafu]	-
781. garganta	[glagâtʃi]	-	-	-
782. garrafa	[galafa]	-	[garafa]	-
783. garupa	[glɔpĩ]	[ŋɔɔpa]	-	-
784. gata	-	-	-	[gatu miele]
785. gato	[gatu]	-	[ugatu]	[gatu ɔme]
786. gabeta	-	-	[gaveta]	-
787. gelo	-	[ʒelu]	-	-
788. gema	[ʒema]	[ðema]	-	-
789. gemer	[ʒeme]	[ðeme]	[zeme]	-
790. gengiva	[ʒiʒĩpi]	[zizĩpi]	[iʒiʒibi]	-
791. gênio	[ʒenu]	[ðētʃi]	[ʒenu]	-
792. gente	[zētʃi]	[ðētʃĩ]	[ʒītʃĩ]	[zēte]
793. gentio	[ʒītʃĩ]	[zĩga]	-	-
794. geração	[zelasõ]	-	-	-
795. gerar	[ʒela]	-	-	[ʒera]
796. gesso	[ʒesu]	[ðeθu]	-	-
797. gibão	[ʒibõ]	[ŋɔθa]	-	-
798. gigante	[ʒĩgâtʃi]	[zĩgâtʃi]	-	-
799. gingar	[ʒĩga]	[zĩga]	-	-
800. gleba	[gleba]	-	-	-
801. glória	[ŋɔʒá]	-	[glɔria]	-
802. goiaba	[geeva], [ngewa]	[ŋgeva]	[gava]	-
803. golpe	-	[nkɔme]	-	-
804. gordo	[godo]	[netaru]	[godo]	-
805. gostar	[gɔgɔ]	-	-	-
806. gosto	[gɔʃtɔ]	-	-	[gustu]
807. governar	[gɔvena]	-	[gɔvena]	-
808. graça	[aglasa]	[ŋgaθa]	-	[glasas]
809. grande	[ˈŋglãdʒi]	[ŋgai], [ŋgairu]	[gani]	[gãdʒi]
810. grão	-	[ikwe]	-	-
811. gravata	[glavata]	-	-	-
812. grave	-	[gavi]	-	-
813. grillhão	[ŋɔjõ]	-	-	-
814. gritar	[glita]	[ŋgita]	[gita]	-

815. grosso	[gloso]	-	[gosu]	-
816. guarda	-	[ŋguara]	-	-
817. guarda-chuva	-	-	-	[budāsolo]
818. guardar	[geada]	[guara]	[guada]	-
819. guerra	[gela]	[ŋgela]	[gela]	[gela]
H				
820. habilidade	[ablidadzi]	[abirari]	-	-
821. hábito	[abutu]	-	-	-
822. herdar	[lɛda]	[lɛra], [rɛda]	[rɛda]	-
823. história	[soia]	[θoia]	[sua]	-
824. hoje	[ɔɛ]	[ɔðɛ]	[ɔɛ]	[ɔziɪ]
825. homem	[ɔmɛ]	[ɔmɛ]	[ɔmi]	[pekadɔlo], [ɔmɛ]
826. honra	-	-	[ora]	-
827. hora	[ɔla], [wele], [dʒinɔla]	[ɔla], [wele]	[ɔra]	[ɔla]
828. horta	[ɔlɔta]	[lɔta]	[ɔta]	[ɔta]
829. hospital	[ʃpitali]	[sipitali]	[ʃipitali]	-
I				
830. içar escoltas	-	[isa sikɔta]	-	-
831. idade	[dadzi]	[dadzi], [radzi]	-	[daʒi]
832. ignorante	-	-	-	[danadu]
833. igreja	[gleza]	[geða]	[geza]	-
834. iguaria	[gwalia]	-	[gwaria]	-
835. ilha	[ja]	[ia]	[iɛ]	-
836. ilhéu	[io]	[jô], [io]	-	-
837. iluminar	-	-	-	[dedɛ]
838. ima	-	-	[ima]	-
839. imagem	[maʒi]	-	-	-
840. imediatamente	-	[mmɔsi]	-	-
841. impigem	[ĩpetɛ]	[petɛ we]	-	-
842. importar	[pɔta]	-	-	-
843. inclinado	-	-	-	[iaba]
844. incubar	[kuba]	[kuba]	-	-
845. indagar	[ndizaga]	-	-	-
846. inferno	-	[nfɛnu]	[ũfɛnu]	-
847. indicar	[ndika]	-	-	-
848. inglês	[gleʒi]	-	-	-
849. ingrato	[glatu]	-	-	-

850. inimigo	[numigu]	-	[nimigu], [nēgu]	-
851. injeção	[ʒesõ]	[ðesõ]	[zesõ]	[zesõ]
852. inocente	[nɔsɛ̃tʃi]	[noθɛ̃tʃi]	-	-
853. insultar	-	-	-	[sũzu]
854. integrar	[ntɛgla]	-	-	-
855. inteiro	[ntɛlu]	[tɛlu], [tɛluru]	[ntɛru]	-
856. inventar	[nvēta]	-	-	-
857. ir	[ba], [bɛ], [bɔmu]	[ba], [bɛ]	[wɛ][bɔmɔ]	[bai]
858. Ir depressa	[bɔnõ]	[fioko]	-	-
859. irmandade	[alimãdadzi]	-	-	-
860. Irmã	-	-	-	[namai miele]
861. irmão	[lumõ]	[lumɔ]	[rima]	[namai ɔme], [name]
862. isca	[iʃka]	[isika]	[iʃka]	-
J				
863. já	[za]	[ða]	[za]	[za]
864. jaca	[dʒiaka]	[ðaka]	-	-
865. jaleco	-	-	-	[lopeta]
866. janeiro	-	[ðnaɛla]	[zaneɔ]	-
867. janela	[zanaɛla]	[ðaneru]	[ʒinɛla]	[zinal]
868. jangada	-	[ðãgada]	-	-
869. jantar	[zãta]	[ðãta]	-	-
870. jaqueta	-	-	-	[ʒotʃi]
871. jardim	[zadlĩ]	-	-	-
872. jarro	[zalu]	-	-	-
873. jaula	-	-	-	[paiɔla]
874. jeito	[zetu]	-	-	-
875. jejuado	-	-	-	[luzadu]
876. jejuar	[zũzwa]	[ðuða]	-	[luzu.ia]
877. jejum	[ndizu]	[ðuðu]	[zuzu], [ĩʒezu]	-
878. joelho	[zé]	[diðe]	[uze]	-
879. jogar	[zuga]	[ðuga], [ðuguta]	[zuga]	[zuga]
880. jogo	-	-	[zogu]	-
881. jorrar	[zɔla]	[ðɔla]	[ʒɔla]	[ʒɔla]
882. judas	[zuda]	-	-	-

883. judeu	[zude]	-	[zudê]	-
884. juiz	[zuʃi]	-	-	-
885. julho	[zulu]	[ðulu]/[ʒulu]	-	-
886. junho	[zuɲu]	[ðuɲu]/[ʒuɲu]	-	-
887. junta	[zũta]	[ðũta]	[zũta]	[ʒũta]
888. jurar	[zula]	-	[zua]	[luza]
889. justiça	-	[zutisa]	-	-
890. justo	[zustu]	-	-	-
891. justo	[zustu]	-	-	-
K				
892. kilo	-	[kilu]	-	-
L				
893. lá	-	[ɲala ~ ɲara]	-	[la]
894. lado	-	[kɔta]	-	-
895. ladrão	[ladlõ]	[latulɔ], [ladulɔ]	[ladrã]	-
896. ladrar	[ladla]	-	-	-
897. lagartixa	[lagatlisa]	-	[lagatiʃa]	-
898. lagosta	[lagɔʃta]	[lagɔθa]	-	-
899. lama	[lama]	-	[lama]	-
900. lampião	[lãpjõ]	-	-	-
901. lançar	[lãsa]	-	[lãsa]	[lãza]
902. lanceta	[naseta]	-	-	-
903. lancha	[lãʃa]	-	-	-
904. lapis	-	[lapi]	-	-
905. laranja	[lazã]	[lalãða]	[lãza]	[lãza]
906. largar	[lega]	[lega]	[lega]	[lega]
907. largo	[lalugu]	-	[lagu]	-
908. lata	[lata]	[rata]	-	-
909. lavar	[laba]	[la], [laba]	[lava]	[laba]
910. lavra	[lavla]	-	-	-
911. leão	[liõ]	-	-	-
912. leitão	[letõ]	[lêtõ]	-	-
913. leite	[lete]	[lete]	[lete]	-
914. lembrado	-	-	-	[lêbeladu]
915. lembrar	[lêbla]	[lêbua]	[lêba]	[lãbela]
916. leme	[lemi]	-	[lemi]	-
917. lenço	[lãsolɔ]	[leθu]	[ulêsu]	[lêsu]
918. lenha	[ɲa]	[nia], [ɲia]	[iɲa]	-
919. ler	[le]	[le]	[le]	[le]

920. leste	-	-	-	[ʒame ʃi sɔlɔ ʒa se]
921. letras	-	-	-	[letele]
922. levantado	-	-	-	[fugadu], [lãtadu]
923. levantar	[lãta]	[lãta]	[lãta]	[lãta]
924. levantar	-	-	-	[fuga]
925. levantar-se	[mũdʒa]	-	-	-
926. leve	[lebi-lebi], [leve]	[leveru]	[levi]	-
927. lição	[lisô]	[liθɔ]	-	-
928. licença	[lisêsa]	[diθêθa]	-	-
929. lidar	[lida]	-	-	-
930. lido	-	-	-	[lidu]
931. ligar	[liga]	[liga]	-	-
932. limão	[□imo]	[rimɔ]	[lima]	-
933. limar	[lima]	[lima]		-
934. limpar	[lîpa]	[dipa], [lîpa], [ripa]	[lîpa]	-
935. língua	[lũgua]	[lũga]	[lũgɛ], [lîgɛ]	-
936. linha de costura	-	[ou]		-
937. Lisboa	[liʒ'boa]	-	-	-
938. litro	[litlu]	[litru]	-	-
939. livrar	[livla]	-	-	-
940. livre	[livli]	-	-	-
941. livro	[livlu]	[livu]	[livu]	[lavulu]
942. lixo	-	[lixu]	-	-
943. logo	[lɔgu]	-	-	-
944. loja	-	-	[lɔza]	-
945. lombo	[lôbi]	-	-	-
946. lombrega	-	[lôbiga]	[lôbiga]	-
947. longe	-	[lôdʒi]	[lôʒi]	[lôʒi]
948. longo	-	[logo]	[lũgu]	[logo]
949. louvar	[lova]	-	-	-
950. lua	[nua]	[mbei]	[unua]	[ɔna]
951. lugar	[lugɛ]	[kãga], [ŋga]	[lugɛ]	-
952. lula	[lula]	-	-	-
953. lutar	-	[vuga]	-	-
954. luxo	-	[luθu]	-	-
955. luz	[luzi]	[luði]	[luzi]	[uluzi], [luzu]

956. luzir	[luʒi]	[luzi]	[luʃi], [umzi]	-
M				
957. maca	[maka]	-	-	-
958. macaco	-	[maku]	[makaku]	-
959. macarrão	[makarõ]	-	-	-
960. machado	[maʃi]	-	[masado]	[maʃadu]
961. madeira	[madelã]	-	-	-
962. madre	[madle]	-	-	-
963. madrinha	[mãdzia]	[mãdzia]	[mãdzia]	[mãdzia]
964. madrugada	-	[maɖugaru]	-	-
965. maduro	[bobo]	[melaru]	-	[bobo], [bobidu]
966. mãe	[mẽ]	[me]	[muĩ]	[mai], [me]
967. maestro	-	-	-	[mesti]
968. magro	[mlagu]	[mãgu]	[mãgu]	-
969. mais	[maʒi]	[masi] [mais]	[maʃi]	[maiʃ]
970. mal	[mali]	[mali], [mari]	[mai], [mala]	[feiu], mali]
971. malagueta	[makita]	[maita]	[makita]	-
972. malandro	-	[malãdu]	[malãdu]	-
973. mal-criado	[malikiadu]	-	-	-
974. maldade	-	-	-	[feio]
975. malícia	[malifã]	-	-	-
976. maluco	[maluku]	[maluku]	-	-
977. mama	[mama]	[mama]	[mama]	[mama]
978. mamãe	[meme]	[mamõ]	[mamuĩ]	-
979. mana	-	-	[mana]	-
980. mancebo	[mãse]	[mãsivi]	-	-
981. mandar	[mãda]	[mãda]	[mãda]	[mãda]
982. manco	-	[mãkele]	-	-
983. mandioca	[mãdzioka]	[mãdzoka]	[mõdzoko]	[mãdzioka]
984. manga	[mãga]	[mãda]	-	-
985. mangar	[mãga]	[maga]	-	-
986. manhã	[plama]	[põmõna], [põmja]	-	-
987. manha	[maɲa]	-	-	-
988. manifestar	-	-	-	[msta]
989. manteiga	[mãtega]	[mãtega]	-	-
990. manter	[mate]	[mãtʃina]	-	-
991. Manuel	[male]	-	-	-
992. mão	[mõ]	[mõ]	[omã]	[amã], [omã]
993. máquina	-	[mãkina]	-	-

994. mar	[ɔmali]	-	[ɔmue]	-
995. marca	[mekɑ]	[mekɑ]	-	-
996. marcar	[makɑ]	[mekɑ]	[makɑ]	-
997. março	[masu]	-	[masu]	-
998. marido	-	-	[madu]	-
999. marinheiro	[maɲelu]	[maɲelu], [melu]	-	-
1000. martelo	[matelu]	[matelu]	[matelu]	[matelu]
1001. mas	[maʒi]	[maði]	[maʒi]	[mãdʒi]
1002. mascara	[mlaʃka]	[masikala]	-	-
1003. mastro	[maʃflu]	-	-	-
1004. matar	[mata]	[mata]	[mata]	[mata]
1005. matéria	[mateia]	[matea]	-	-
1006. matinée	[mãtʃine]	-	[matʃina]	-
1007. mato	[matu]	[matu]	[umatu]	[matu]
1008. matrícula	[matʃikula]	[matʃikula]	-	-
1009. medida	[mĩda]	[mẽdʒira], [ndʒira]	[mĩda]	-
1010. medir	[midʒi]	[mẽdʒi]	[mĩdi]	-
1011. medo	[mẽdu]	[mẽdu]	[mẽdu]	-
1012. meiga	[mega]	-	-	-
1013. meia	-	-	-	[meia]
1014. meio	[me]	-	-	-
1015. meio dia	-	[meria]	-	-
1016. mel	[mele]	[mele]	[meli]	-
1017. melhor	[milo]	-	[milio]	[gavi maiʃ]
1018. mencionar	-	-	-	[limia]
1019. menino	-	[nna]	[minu]	-
1020. menina	[mina]	[nne]	-	-
1021. menstruação	[mẽʃtlasõ]	-	-	-
1022. mentira	[mĩtʃila]	[mĩtʃia]	[mĩtʃia]	[mẽtʃia]
1023. merecer	[meleʃe]	[meθe]	-	[mese]
1024. merecido	-	-	-	[mesidu]
1025. mês	[meʒi]	[mezi]	[mese]	-
1026. mesa	[meza]	[mbeða]	[meze]	-
1027. mesinha	[mĩdʒã]	[mizã]	-	-
1028. mesmo	[me]	[eme], [me]	[mesu]	[ʃime]
1029. mestre	[mese]	[meθe]	[metʃi]	-

1030. mexer	-	[misi]	-	-
1031. metade	[metadzɨ]	-	[metɛdi]	-
1032. metal	-	-	-	[metal]
1033. meter	[mete]	-	[mete]	[mete]
1034. metido	-	-	-	[metʃidu]
1035. metro	-	-	-	[metu]
1036. meu	[mu]	-	[mɛ]	[mu]
1037. mijar	[miza]	-	[mize], [miza]	[mĩza]
1038. mijo	[mizu]	[miðu]	[mizu]	[mizʊ]
1039. mil	[mili]	[miri]	[mili]	-
1040. milagre	[milagli]	-	[milagi]	-
1041. milho	[mĩ]	-	[imĩ]	-
1042. mim	[ami]	[ami]	[ami]	-
1043. minhoca	-	[ɲoka]	-	-
1044. miolo	[miɔlɔ]	-	[miolu]	-
1045. miséria	[mizɛlja]	-	-	-
1046. misericórdia	[miʃikɔdʒi]	-	-	-
1047. missa	[misa]	-	[misa]	-
1048. mister, querer	[mese]	[mɛθɛ]	[mese]	-
1049. misturar	[mistula]	-	-	-
1050. miudinha	-	-	-	[kitʃi muito]
1051. moça	[mɔsa]	-	[mɔsa]	-
1052. mocho	[moʃo]	-	-	-
1053. moço	-	[mɔθu]	-	-
1054. modo	-	[mɔra]	[mɔdi], [mɔ]	-
1055. modo	[mɔ]	[mɔru]	-	-
1056. moldar	-	[mɔla]	-	-
1057. mole	[mɔli]	[mɔli], [miɔli]	[mɔli-mɔli]	-
1058. molhado	-	-	-	[madu]
1059. molhar	[mɔɲa]	[miɲa]	[mua]	[mia], [ma]
1060. molho	[mɔiɔ]	[mojo]	-	-
1061. momo	[mɔmɔ]	-	-	-
1062. montar	[mota]	[mɔtʃa]	-	-
1063. monte	[mɔtʃi]	[mɔtʃi]	[mɔtʃi]	-
1064. montear	[mɔtʃa]	-	-	-
1065. morada	-	-	[mɔrada]	-
1066. morador	[mɔlado]	-	-	-
1067. morcego	-	-	[musegu]	-

1068. morder	[mode]	[more], [bɔrɛ]	[mɔdɛ]	-
1069. morrer	[mole]	[mule]	[mue]	[mole]
1070. morro	[molo]	[molo]	-	-
1071. mortal	[mɔtali]	-	-	-
1072. mortalha	[mɔtalia]	[mɔtaia]	-	-
1073. morte	[mɔtʃi]	[mɔtʃi]	[mɔtʃi]	-
1074. morto	-	-	-	[molidu]
1075. mosca	[mɔʃka]	[mɔsika]	[muska]	-
1076. mosquito	[miʃkitu]	[nsikitu]	[miʃkitu]	-
1077. mostrar	[musa]	[uθua]	[musa]	-
1078. motor	[motolo]	[motoro]	-	-
1079. mudar	[muda]	[mura]	[mũda]	[muda]
1080. mudo	[mudu]	[mudu], [bebe]	[mudu]	-
1081. muito	[umĩtu]	-	[umĩtu]	[muito], [umĩtai]
1082. muito aberto	[betu blalala]	-	-	-
1083. muito pequeno	-	-	-	[kitʃi kitʃi]
1084. Muito velho	-	[makɔta]	-	-
1085. mulata	-	[nlata]	-	-
1086. mulher	[muala]	-	[mie]	[na.mi.e.le]
1087. mundo	-	[mũdu]	[umɔdu]	-
1088. murchar	-	[mɔθe]	-	-
1089. muro	[mulu]	[muru], [mulu]	-	-
1090. música	[muʒika]	-	-	-
N				
1091. nação	[nãso]	-	-	-
1092. nada	[Nadaʃi]	-	-	-
1093. nadar	[lada]	[lãda]	[lada]	-
1094. namorar	[namɔla]	-	-	-
1095. não	[na]	-	-	[an], [na]
1096. não dar branco	-	-	-	[tafu]
1097. nariz	[liʃi]	[disi], [risi]	[iriʃi]	[liʃi]
1098. nascente	[nasɛtʃi]	-	-	-
1099. nascer	[nãse]	[naθe]	[nase]	[nese]
1100. nascido	-	-	-	[nisidu]
1101. natal	[nata]	[nata]	[natali]	[nata]
1102. navalha	-	-	[lavaia]	[ʒotɔ]
1103. navegar	[navega]	-	-	-

1104. navegar	[navləga]	-	-	-
1105. navio	[navī]	-	[lavī]	[navi]
1106. necessidade	[miʃidadzɪ]	[nsirari], [nsidadi]	-	-
1107. necessitar	-	-	-	[as ku fomi]
1108. negar	[nɛga]	[nēga]	[nēga]	-
1109. negocio	[nɔgɔʃɔ]	[nōgɔθɔ]	-	-
1110. nem	[nɛ]	-	[ne]	-
1111. nenhuma	[neua]	[neua]	-	-
1112. neto	[netu]	[ɲetu]	[netu]	-
1113. ninguém	[nge]	[kīge], [nge]	-	-
1114. ninho	-	[tōbe]	-	-
1115. nódoa	-	-	[nɔda]	-
1116. noite	[notʃi]	[nɔtʃi]	[nɔtʃi]	[nɔtʃi]
1117. nojado	-	[nɔðaru]	-	-
1118. nojo	[nozu]	-	-	-
1119. nome	[nɔmi]	[nɔmi]	[nɔmi]	-
1120. nomear	[lumja]	-	-	-
1121. nona	[nɔna]	-	-	-
1122. norte	[nɔtʃi]	-	[unɔtʃi]	-
1123. nós	[nō]	[nɔ]	[nɔ]	[nō]
1124. nova	[nɔva]	[nɔva]	[nɔva]	-
1125. nove	[nɔvi]	[uvua]	[nɔvi]	[nɔvi]
1126. novembro	[nɔvɛblu]	[nɔvɛbu]	-	-
1127. novo	[nobo], [nɔvu]	[nɔvu]	[nɔvu]	[nɔvi]
1128. nu	[u'nu]	-	-	-
1129. nudir (içar nu)		[nudi]		
1130. número	-	[numuru]	-	-
1131. nunca	-	-	[nūka]	-
1132. nuvem	[novi]	-	[novi]	-
O				
1133. o, a (CObj)	-	[uere]	-	-
1134. obra	[ɔbla]	-	-	-
1135. obrigar	[ɔbliga]	[ɔbliga]	-	-
1136. oco	[oko]	-	-	-
1137. oco	[uoko]	-	-	-
1138. óculos	[ɔklɔ]	[ūkulu]	-	-
1139. ocultar	-	[tʃutʃuka]	-	-

1140. ódio	[ɔdʒio]	-	-	-
1141. oeste	-	-	-	[ʒame ʃi sɔlo da aua]
1142. ofender	[ɔfẽde]	-	-	-
1143. oferecer	[flese]	-	-	-
1144. oficial	-	[fusanu]	-	-
1145. ofício	[fisu]	[fiθu]	[ufisu]	-
1146. oito	[oto]	[nake]	[uetu]	[ɔtu]
1147. olho	[ue]	[ue]	[uue]	[oio]
1148. olho d'água	[olio]	-	-	-
1149. ombro	[ðblu]	[nsusi ~ nθusi]	[lõbo]	-
1150. onda	[basa]	[ðure]	[zõda]	-
1151. onde	[ãdʒi], [pũde]	[ãdʒi]	-	-
1152. ontem	-	[maðɔ]	[õtʃi]	[õtʃi]
1153. onze	[ðze]		[ðze]	[ã defʃi ku ɥna], [ɔsa ɥna], [ɔsuɥna]
1154. oração	[lasõ]	-	-	-
1155. orangotango	[lãgutãgu]	-	-	-
1156. ordem	[ɔdʒi]	[ɔdʒi]	[ɔdi]	-
1157. orelha	[ɔlia]	[uria], [ɔria]	[uria]	[olea]
1158. órfão	[ɔlufu]	[ɔlufu]	-	-
1159. ortiga	[lotʃiga]	[ntʃiga]	-	-
1160. orvalho	[lõve]	[lõve]	[rɔvuɛ]	-
1161. osga	[ðdlega]	-	[ɔzɔge]	-
1162. osso	[ɔsɔ]	[ɔθɔ]	[ɔsu]	-
1163. ou	[o]	[o]	[o]	-
1164. ouro	[olo]	[olo]	[oru]	[gula]
1165. outra vez	-	-	-	[utulu veʒi]
1166. outro	[otlo]	-	[oto]	[utulu], [ɔtu]
1167. ovelha	-	-	-	[ʒabala]
1168. ovo	[ɔvu]	[ovu]	[ɔvu]	-
P				
1169. pá	-	[ãpa]	-	-
1170. paciência	[paʃẽsa]	-	-	-
1171. paço	[pasu]	-	-	-
1172. padecer	[padize]	[pareθe]	-	[padese], [pase]
1173. padre	[pade]	-	[pade]	-
1174. padrinho	[padʒi]	[pãdʒi]	[padĩ]	-

1175. pagar	[paga]	[paga]	[paga]	[paga]
1176. pai	[pɛ]	-	[puɛ]	[pai]
1177. palácio	[palaʃu]	[palaθu]	[palasu]	-
1178. palanque	-	[palãki]	-	-
1179. palavra	-	-	[palava]	-
1180. palha	[paia]	[paia]	[paia]	[paia]
1181. palma	[pɛma]	[pɛma]	[pama], [puɛma]	[pama]
1182. palmada	[saplamada]	[pamara]	-	-
1183. palmeira	-	-	-	[palma]
1184. palpar	[plapa]	[mizi], [papa]	-	-
1185. panal	[pane]	-	-	-
1186. pancada	-	[pakara]	[pãkada]	-
1187. panela	-	[panela]	-	-
1188. pano	[panu]	[panu]	[panu], [upanu]	-
1189. pão	[mpõ]	[□ê]	[upã]	[ãpã]
1190. papagaio	[papage]	[pãgagɛ]	[page]	-
1191. papai	[pepe]	-	-	-
1192. papel	[papelu]	[papelu]	[papelu]	[zata]
1193. para	[pa]	[pa]	-	[pa]
1194. parar	-	[ndzia]	-	-
1195. parco	-	[palugu]	-	-
1196. pardal	[pade]	-	-	-
1197. parecer	[palise]	-	-	[keke]
1198. parecido	-	-	-	[kekeɛ]
1199. parede	-	[parere], [pere]	[puede]	-
1200. parir	[pali]	[pari]	-	-
1201. parte	[patʃi]	-	[patʃi]	-
1202. partir	[patʃi]	-	[patʃi]	-
1203. passar	[pasa]	[paθa]	[pasa]	-
1204. pássaro	[paʃtlu]	-	[pasu]	[pastu]
1205. passear	[paʃa]	[pasina]	[paʃia]	[pasia]
1206. pastel	-	[paste]	-	-
1207. pata	[pata]	[pata]	[pata]	[pata]
1208. pato	[patu]	[patu]	[patu]	[patu]
1209. patrão		[pãtɔ], [patɔ]	-	-
1210. patrício	[patlisu]	-	-	-
1211. pau	[pɔ]	[pɔ]	[upa]	-
1212. paz	[paʒi]	-	-	-

1213. pé	[ɔpɛ]	[ɔpɛ]	[ɔpɛ]	[opɛ]
1214. pecado	[pɛkadu]	[pɛkaru]	-	-
1215. pedaço	[pedasu]	-	[pedasu]	-
1216. pedir	[pidʒi]	[pĩdʒi]	[pidi]	[pidʒi]
1217. pedra	-	-	[pɛda]	[budu]
1218. pedreiro	[pedlelu]	[pedelu], [pereru]	[pedelu]	[pedelu]
1219. pegar	[pɛga]	[pɛga]	[pɛga]	-
1220. peito	[petu]	-	[upetu]	-
1221. peixe	[piʃi]	[pisi]	[piʃi]	[piʃi]
1222. pele	[peli]	[peri]	[peli]	-
1223. pena	-	[pena]	[penɛ]	-
1224. pendurar	[plũda]	-	[pĩda]	-
1225. pensar	[pɛsa]	[pɛθa]	[pɛsa]	[pesadʒi]
1226. pentear	-	[pɛtʃia]	-	-
1227. pentelho	[pĩtʃĩ]	-	-	-
1228. pequena	[pikina]	-	-	-
1229. pequena ferida	-	[kito]	-	-
1230. pequeno	[nwini'nwini]	[tʃɔrɔrɔ]	-	-
1231. perda	-	-	[peda]	-
1232. perdão	[pedõ]	[perɔ]	-	-
1233. perder	[plede]	[pɛde]	[pede]	[pɛde]
1234. perdido	-	-	-	[pɛdʒidu]
1235. perdoar	[pɔda]	[pɔra]	-	-
1236. perguntar	[pũta]	[puta], [puputa]	[[mputa]	-
1237. perigo	[pligu]	[pigu]	-	-
1238. perigos	-	-	-	[piskuzu]
1239. periquito	[pligitu]	[pigitu]	-	-
1240. permanecer	-	-	-	[mĩdzia]
1241. permanecido	-	-	-	[mĩdzila]
1242. permitir	[plemetɛ]	-	-	-
1243. perna	-	-	[pena]	-
1244. perto	[petu]	[petu]	-	[petu]
1245. peru	[pɛlu]	[mperu]	-	-
1246. pesar	[pɛveja]	[pɛða]	[pɛza]	-
1247. pescador	-	[pistikaro]	[piskado]	-
1248. pescar	[piʃka]	[piskika]	[piʃka]	[piska]
1249. peso	[pɛzu]	[pɛðu]	-	-

1250. pêssego	[peʃku]	-	[pesku]	-
1251. petróleo	-	[pitoli]	-	-
1252. picar	[pika]	-	[pika]	-
1253. pinchar	-	-	[pĩveja]	-
1254. pinha	-	[piɲa]	-	-
1255. pintão	-	-	[pĩto]	-
1256. pior	[pio]	-	-	[feiu maiʃ]
1257. piquete	-	[pekete]	-	-
1258. pisado	-	-	-	[iadu dʒio pe]
1259. pisar	-	[pĩθa]	[□ê]	[ia dʒio pe]
1260. plantar	-	-	[plãta]	[ʃima]
1261. plataforma	-	[nlõde]	-	-
1262. pluma	-	-	-	[opa]
1263. pneumonia	[plumiɲa]	-	-	-
1264. pó	[ɔpɔ]	[õpɔ]	-	-
1265. pobre	[pɔbli]	[pɔbi]	[pɔbi]	[pɔvili]
1266. poço	[pɔsɔ]	[poθu]	-	-
1267. podar	[pɔda]	-	-	-
1268. poder	[pɔde]	[pɔ], [pɔdʒia], [poi]	[pode], [pe]	[pode], [pó]
1269. podre	[pɔdle]	[pɔre]	[pɔdi]	[podeʃidu], [podi]
1270. poeira	[pueɫa]	-	-	-
1271. polpa	-	[pɔpa]	-	-
1272. pólvora	[pɔlivɫa]	[pɔluva]	-	-
1273. pombo	-	[põbo]	[põbo]	-
1274. ponta	-	[pɔta]	[põta]	-
1275. pontada	-	[põtara]	[põtada]	-
1276. ponte	[põtʃi]	[põtʃi]	-	-
1277. por	[plo]	-	[pó]	-
1278. pôr	[pe]	[pe]	[pue]	[pe]
1279. porco	[ploko]	[poko]	[poko]	[pɔzɔ]
1280. porfiado	-	-	-	[pufadu]
1281. porfiar	-	-	-	[pufi.a]
1282. porque	-	-	-	[ʃatu], [puke, [pɔke]
1283. porta	[pɔta]	[pɔta]	[pɔta]	-
1284. portar	-	-	[pota]	[pota]

1285. porto	-	[poto]	[potu]	-
1286. português	[putugezi]	-	[putugezi]	[tʃigesu]
1287. posto	-	-	-	[pidu]
1288. pouco	[poko]	-	[poku]	[ketε]
1289. povo	-	-	[povo]	[palε]
1290. povoação	[pɔsõ]	[pɔθɔ]	[pɔsã]	-
1291. praga	[plaga]	[paga]	-	-
1292. praia	[plε]	[pa], [paia]	[pa]	-
1293. prata	[plata]	[pata]	[pata]	-
1294. prato	[platu]	[patu]	[patu]	-
1295. precioso	-	-	-	[fumɔzu]
1296. precisar	[pliʒiza]	[pisiða]	[piʒiza]	-
1297. preço	[plesu]	[pεθu]	-	-
1298. prega	[plεga]	-	-	[plεga]
1299. prego	[plεgu]	-	[pεgu]	-
1300. preguiça	[pligisa]	-	-	-
1301. premer	[pleme]	-	-	[pleme]
1302. prender	-	-	[prēde]	-
1303. preparado	-	-	-	[vadu]
1304. preparar	[plεpala]	[pεpara]	-	[via], [va]
1305. presente	[plesētʃi]	[pεðēti]	-	-
1306. preso	[plεzu]	[plezu]	[prezu]	[plezu]
1307. pressa	-	[dʒēdʒa]/[ndʒē dʒa]	-	-
1308. pestar	-	-	[pɛsa]	[pesta]
1309. preto	[plɛtu]	[pɛtu]	[pɛtu]	[pe.tu]
1310. prevenir	[plivini]	-	-	-
1311. primeiro	[plumε]	-	[pimio]	[pimelu]
1312. primo	[plimu]	-	-	-
1313. princesa	[pliʒeza]	[piθɛða]	-	-
1314. príncipe	[plĩʒipi]	[pisipi]	[pĩʒipi]	-
1315. proa	[plɔua]	[pɔua]	-	-
1316. procissão	[plisõ]	-	-	-
1317. profissão	-	[fiθu]	-	-
1318. profundo	[fũdu]	-	-	[fũdu]
1319. proibir	[pluvi]	[puvi]	-	-
1320. promessa	[plɔmeveja]	-	[pɔmeveja]	-
1321. prometer	[plɔmete]	[pɔmete]	-	-

1322. próprio	[plɔpi]	[pɔpi]	[pɔpi]	-
1323. prova	[pɔva]	[pɔva]	[pɔva]	[pɔva]
1324. provar	[pɔva]	[pɔva]	[pɔva]	[pɔva]
1325. provocar	-	[pɔvɛga]	-	-
1326. púcaro	[pluku]	-	-	-
1327. pulga	-	[iru]	-	[puga]
1328. pulmão	[plumõ]	-	[pulumã]	-
1329. pulso	-	[puθu]	[pusu]	-
1330. purga	[pluga]	[puga]	-	-
1331. purgatório	[plugatɔɛ]	-	-	-
1332. puro	[pulu]	[pulu], [puluru]	-	-
Q				
1333. qual	[kuali]	-	[kuali]	[kiʃi], [kisi]
1334. qualquer	[kuakali]	-	-	-
1335. quanto	[kãtu]	[kãtu]	-	[ke ɔʃi] [ke ɔla], [ke tẽpu]
1336. quarenta	[kualêta]	-	-	-
1337. quarta	[kuata]	-	-	-
1338. quarto	[kuatu]	-	[ukwatu]	-
1339. quase	[kuaʒi]	-	-	[pokue]
1340. quatro	[kuatlu]	-	[kwatu]	[kuatulu], [zatulu]
1341. que	[ku]	-	-	[ke]
1342. que hora	-	[kuɔla]	-	-
1343. quê	[ke]	[ia]	-	-
1344. quebrado	-	-	-	[ʒokuidu], [kebeladu]
1345. quebrar	[kebla]	[kebjɔ]	[keba]	[kebela] [keba], [ʒɔʒɔ]
1346. queijo	[kezu]	-	-	-
1347. queimar	[kema]	-	-	-
1348. queixa	-	[keveja]	[keza]	-
1349. queixada	[keʃada]	[keθara]	[kasɛda]	-
1350. quem	-	-	-	[ke ŋɛ ʃi]
1351. quente	[kẽtʃi]	[kẽtʃi]	-	[kẽtʃi]
1352. querer	[kia]	[kele]	-	-
1353. questão	[keʃtõ]	-	-	-
1354. quiabo	[ikjabu], [kiabu]	-	[ukiebu]	-

1355. quinhão	[kijnõ]	-	-	-
1356. quintal	[kĩte]	[kĩte]	-	-
1357. quinze	-	-	[kĩzi]	-
R				
1358. rabo, fim	-	[nkila], [ĩkila]	[urabu]	-
1359. raça	[lasa]	-	-	-
1360. rainha	[leɲa]	[leɲa]	[raɲa]	[la.ia]
1361. raiva	[leva]	[leva]	[reva]	-
1362. raiz	[lezi]	[ndatʃi]	-	-
1363. ralar	[lala]	[lala]	-	-
1364. rapariga	-	-	[rapariga]	-
1365. rapaz	[lapa]	-	-	-
1366. raro	-	-	[raru]	-
1367. raso	[laʒi]	-	-	-
1368. rato	[latu]	[latu]	[uratu]	[u.ra.tu]
1369. razão	[lazõ]	[laðõ]	[lazõ]	[lazõ]
1370. realizar	-	-	-	[fufi]
1371. rebocar	[leɓɔka]	[leɓɔka]	[leɓɔka]	[bɔka]
1372. recado	[lekadu]	[lekaru], [rekaru]	[rekadu]	-
1373. receber	[lesebe]	[lebeθe], [leθebe], [reβete]	[resebe]	[lesebe]
1374. recolher	-	-	[rokue]	[totolo]
1375. recolhido	-	-	-	[totodu]
1376. recuperar	kɔpela]	-	-	-
1377. rede	[lede]	[lele]	[rede]	-
1378. redoma	-	[rɔma]	[rɔdɔma]	-
1379. redondo	[lɔdɔdu]	-	-	-
1380. reforma	[lɔdɔma]	-	-	-
1381. regedor	[lezedo]	-	-	-
1382. regular	[legula]	-	-	-
1383. rei	[ale], [aledɔna]	[ale]	[are]	[a.le]
1384. relampejar	-	-	-	[Santa Babla fé]
1385. relógio	-	[lɔlɔðu]	-	-
1386. remar	[lema]	[lema]	[rema]	[uremu]
1387. remo	[remu]	[remu]	[remu]	[uremu]

1388. render	-	-	[rēde]	-
1389. reparar	[lepala]	-	-	-
1390. repartir	[lepatʃi]	[lepatʃi]	-	-
1391. reposta	[lepōsta]	-	-	-
1392. requerer	[lekele]	[leke]	-	-
1393. resolver	[lozove]		-	-
1394. respeitar	-	[risipe], [disipeta]	-	-
1395. respeito	[liʃpeta]	-	-	-
1396. responder	-	[sipōde]	-	[kũzi]
1397. retalho	[late]	-	-	-
1398. retrato	[letlatu]	[letatu]	-	-
1399. reunião	-	-	-	[zũta]
1400. reza	[lazã]	-	-	-
1401. ribeira	-	-	[abia]	-
1402. rico	[liku]	[liku(ru)]	[liku], [riku]	[mezadulo]
1403. rifa	[lifa]	-	-	-
1404. rijo	[lizu]	[diðu], [liðu]	[rizu]	[lizu]
1405. rim	[li]	-	[rĩzi]	-
1406. rio	-	-	[oriu]	-
1407. riqueza	[likeza]	-	-	-
1408. rir	-	[li]	[rĩ]	[li]
1409. roça	[loveja], [luʃã]	[lɔθa]	[rɔveja]	-
1410. roda	[lɔda]	[lɔda], [lɔra]	-	-
1411. rodear	[lɔdʒa]	-	-	-
1412. rodilha	[lɔdʒa]	-	-	-
1413. rogar	[lɔga]	[lɔga]	-	[luga]
1414. rolar	[lɔla]	-	[lɔla]-	[lɔla]
1415. rolha	[lɔia]	-	-	-
1416. ronda	[lɔda]	[lɔda]	-	-
1417. rosário	[lɔze]	-	-	-
1418. roto	-	[lɔtu]	-	-
1419. roupa	[lopa]	[lopa]	-	[dudzi]
1420. rua	[lua]	[lua]	-	-
1421. rumo	[lumu]	-	-	-
S				
1422. sábado	-	[θabaru]	[sabadu]	-
1423. sabão	[sabõ]	[θabɔ]	[sabã]	-

1424. saber	[sebe]	[θebe] [eta]/[ta]	[sebe]	[sebe]
1425. sábio	-	-	-	[sabadolo]
1426. saco	[saku]	[θaku]	[saku]	-
1427. sacudir	[sagudzi]	-	-	-
1428. saia	-	[θaða]	[seia]	-
1429. saído	-	-	-	[sidu], [sebe] [sebidu]
1430. sair	[ʃe]	[sie]	[ʃie]	[se]
1431. sal	[salu]	[θalu]	[usalu]	-
1432. sala	[sala]	[θala]	[sala]	-
1433. salgar	[ʃlaga]	[θaga]	-	[salga]
1434. saltar	[satã]	[θata], [θotua]	-	-
1435. salvador	[slavado]	-	-	-
1436. salvar	[ʃtlava]	[θava]	[sava]	-
1437. sangue	-	[θãgi]	[sãgi], [isẽgi]	-
1438. Santa Bárbara	-	-	[satã bweba]	-
1439. santo	-	[θãtu]	-	-
1440. sapato	-	[θapatu]	[sãtu]	[sapatu]
1441. sapo	[sapu-sapu]	[θapu]	-	-
1442. sardinha	[sãdza]	[θãdzia]	[sedzia]	-
1443. saudação	[mãtʃa]	-	-	-
1444. saúde	[vejaodzi]	[θauri]	[sauidi]	-
1445. se	[si]	[si]	[ʃi]	-
1446. seco	[seku]	[θeku]	[seku]	[seku]
1447. segura	-	-	[sekura]	-
1448. sede	[sedi]	-	-	-
1449. sede	[sedzi]	[θeri]	[sede]	[fomi da aua]
1450. segredo	-	[θekeru]	[segedu]	-
1451. seguinte	-	[ŋko]	-	-
1452. seguir	[sigi]	-	-	-
1453. segundo	-	[θegũdu]	-	-
1454. sei	-	-	-	[msebe]
1455. seis	[seʃ]	-	[sei]	[seʃi]
1456. sem	[se]	[θe]	[ʃi]	[sẽ], [ʃi]
1457. semana	-	[θomana]	-	-
1458. semear	[ʃimia]	-	[ʃimia]	-
1459. semelhante	[ʃimẽtʃi]	[simẽtʃi]	-	-

1460. semente	[ʃimētʃi]	-	[ʃimētʃi]	-
1461. sempre	[sêple]	[θêpe]	-	[tuʒa]
1462. senhor	[sũ], [ʃiɲɔ]	[θũ]	[sũ]	[ʃiolo]
1463. senhora	[sã], [ʃɔla]	[siɔla]	[sã]	-
1464. sentar	-	-	-	[tusa]
1465. sentença	-	[θētēʃa]	-	-
1466. sentir	[ʃitʃi]	[sītʃi]	[ʃitʃi]	[sītʃi]
1467. sentir fedor	-	[ũfua]	-	-
1468. separado (dente)	-	[upa]	-	-
1469. separar	-	[baga]	-	-
1470. ser	[veja], [sala], [se]	[θa], [θela], [θe]	[se], [sē]	[veja]
1471. sereno	[ʃtlenu]	[θenu]	[senu]	-
1472. serra	[sela]	[θela]	[sɛra]	-
1473. serviço	[ʃtluvisu]	[θuviθu]	-	-
1474. servir	[ʃtlivi]	[sivi]	[ʃivi]	-
1475. sessenta	-	-	[sesēta]	-
1476. sete	[setʃi]	-	[setʃi]	[setʃi]
1477. setembro	[setēblu]	[θetēbu]	-	-
1478. setenta	-	-	[setēta]	-
1479. sexo	-	[θɛθu]	-	-
1480. si	[ʃi]	-	-	-
1481. sido	-	-	-	[sadu]
1482. signo	[ʃiganu]	-	-	-
1483. sim	-	[eia]	-	[ae], [aʃa], [ʃi]
1484. simples	[ʃĩpli]	[ʃĩpiri]	-	-
1485. sino	[ʃinu]	[sinu]	-	-
1486. sítio	[ʃitu]	-	-	-
1487. só	[sɔ]	[θɔ]	-	-
1488. soalho	[sɔju]	-	-	-
1489. sobejar	-	[θɔveza]	-	-
1490. sobrado	[sɔbladu]	-	[sɔbadu]	-
1491. sobrinha	[subjã]	-	-	-
1492. soco	[sɔku], [sotʃi]	[θɔku]	-	-
1493. sofrer	[sufli]	[θofe]	-	[duia]
1494. sofrido	-	-	-	[ʒadu], [dadu]

1495. sogra	[sɔga]	[θɔga]	[sɔga]	[sɔgola]
1496. sogro	[sɔglu]	-	-	[sɔgolo]
1497. sol	[sɔlɔ]	[θɔlɔ]	-	[sɔlɔ]
1498. sola	[sɔla]	-	[sɔla] [isɔla]	-
1499. soldado	[sɔdɛ]	[θɔrɛ]	[sɛdadi]	[sɔdazi]
1500. soldar	[sɔda]	-	-	-
1501. solteiro	-	[θole]	-	-
1502. soluço	-	-	[salusu]	-
1503. solver	[ʃtlove]	-	-	-
1504. sombra	[sɔbla]	-	[sɔba]	-
1505. somente	-	-	-	[mɔs], [sɔsɔ]
1506. sonhar	[sɔɲa]	[θɔɲa]	[suɲa]	-
1507. sonho	[soɲu]	-	[suɲu]	-
1508. sono	[sonu]	[θɔnɔ]	[sunu]	-
1509. soprado	-	-	-	[fofidu]
1510. soprar	[sɔpla]	-	[sɔpa]	[fɔfɔ]
1511. sorte	[sɔtʃi]	[θɔtʃi]	[sɔtʃi]	[sɔtʃi]
1512. sossegar	[sɔsɛga]	[θɔθɛga]	[sɔsɛga]	-
1513. sótão	[ʃɔta]	-	-	-
1514. suar	[sua]	[θua]	[sua]	[sua]
1515. subir	[sulbi]	[θubi]	[subi]	-
1516. sujo	[suzu]	[θuðu]	-	-
1517. sul	[sulu]	[θulu]	[sulu]	[sulu]
1518. sumidouro	[ʃimido]	[simiro]	[sumido]	-
1519. sumir	[sumi]	-	[sumi]	[sumi]
1520. suor	[ʃtlovo]	-	-	-
1521. surdo	[sudu]	[θuru]	[sudu]	-
1522. surra	-	[θura]	-	-
1523. suspender	-	[ɲɛga]	-	-
1524. susto	[suʃtu]	-	-	-
T				
1525. tabaco	-	[taku]	-	-
1526. tabua	-	[taba]	-	[taba]
1527. tacho	[tasu]	[taθu]	-	-
1528. tainha	[teɲa]	-	-	-
1529. tal	[tali]	-	[tali]	[tali]
1530. talhar	-	[ta]	-	-
1531. talvez	[taluve]	[talive]	-	-

1532. tamanho	[tame]	[tame]	[tamuĩ]	-
1533. também	[ta], [tê]	[tãbe], [te]	-	[aʃime], [tãbe], [têbe]
1534. tambor	[tãbɔɔ]	[tãbolo]	[tãbo]	-
1535. tampa	[tapa]	-	-	-
1536. tangerina	[taʒilina]	[taʒilina]	-	-
1537. tanque	[tãki]	[tãki]	-	-
1538. tapar	[tapa]	[tapa]	[tapa]	-
1539. tardar	[tada]	-	[tada]	-
1540. tarde	[tadʒi]	[ŋgosi]	-	[tazi]
1541. tarrafa	[talafa]	[tafa]	[tafa]	-
1542. tartaruga	[taltaluga]	[teteuga]	[tetuga]	[tataluga]
1543. tecer	[tese]	[teθe]	[tese]	-
1544. teimar	[tema]	[tema]	[tema]	[tema]
1545. telha	-	-	[teia]	-
1546. temperar	[têpla]	[têpia], [têpla]	[têpa]	-
1547. tempo	[têpu]	[têpu]	[têpu]	[têpu]
1548. tenho	-	-	-	[tê]
1549. tentar	-	-	[têta]	-
1550. ter	[te]	-	[te]	[te], [veja ku]
1551. terça-feira	[teveja-fêla]	-	-	-
1552. terceiro	[teselu]	-	[treseu], [teseru]	-
1553. terminar	-	-	-	[tiama]
1554. terra	[tela]	[tia]	[ite], [te]	[tela]
1555. tesoura	[tʃisola]	-	[tuʒa]	-
1556. testa	[teveja]	-	[teta]	[teta]
1557. teto	[tetu]	-	[tetu]	-
1558. teu	-	-	[te]	-
1559. tia	[tʃa]/[tʃa]	-	-	-
1560. tinta	[tʃita]	[tʃita]	-	-
1561. tipo de árvore	-	[oka]	-	-
1562. ti	-	-	[tʃi]	[tʃiadu], [tadu]
1563. tirado	-	-	-	-
1564. tirar	[tʃila]	[tʃia]	[tʃia]	[ta], [tʃila]
1565. toalha	[toia]	[toia]	[toia]	-
1566. tocar	[tɔka]	[tɔka]	[tɔka]	-
1567. tocha	[tɔʃa]	-	[tɔʃa]	-
1568. todo	[tudu]	-	[tudu]	[tudu]

1569. toma	[tɔma]	[tɔma]	[tama]	[ma]
1570. tomar	[to], [tua]	[to], [tua], [tɔma]	[ta]	-
1571. tonto	-	[tɔtɔ]	[tɔʃi]	[tõu]
1572. tormento	-	[tɔmetu]	-	-
1573. tornar	[tona]	[tu]	-	-
1574. tornar-se, ser	-	[tʃima]	-	-
1575. tonar-se branco	-	[zia]	-	-
1576. tora	[tɔla]	-	-	-
1577. torcer	[tlose]	-	[tose]	[tose]
1578. torrar	-	[tɔla]	-	-
1579. torre	[tɔli]	-	-	[tɔli]
1580. torto	[tɔtɔ]	[tɔrɔ]	-	-
1581. tosse	[tɔʃi]	[tɔsi], [tɔθɛ]	[tɔʃi]	[toʃi]
1582. trabalhador	-	-	-	[tabadolɔ]
1583. trabalhar	[tlaba]	[taba]	[tɔbia]	[taba]
1584. trabalho	[tlabɛ]	-	[tabue]	-
1585. trancar	[tlāka]	[tāka]	-	-
1586. trançar	-	[tāθa]	-	-
1587. trapaça	-	[tapaθa]	-	-
1588. trás	[tlaʃi]	-	[taʃi]	-
1589. tratar	[tlata]	[tata]	-	-
1590. travão	-	[tavɔ]	-	-
1591. trazer	-	[vɛga]	-	[ʃoze]
1592. tremer	[tleme]	[tɛme]	-	-
1593. três	[tɛʃi]	[tesi]	[tɛʃi]	[tɛʃi]
1594. trevas	[ʃtleva]	-	-	-
1595. treze	[tlezi]	-	[treze]	[ã deʃi ku tɛʃi], [ɔveja tɛʃi]
1596. tribunal	-	[tubulanu]	-	-
1597. trigo	[tligu]	[tigu]	-	-
1598. trinta	[tlīta]	-	[trīta]	-
1599. tripa	[tlipa]	-	-	-
1600. tripeça	-	-	[tapeas]	-
1601. trocar	[tlɔka]	-	-	-
1602. trouxa	[tlɔveja]	-	-	-
1603. trouxe	-	-	-	[toʃa]

1604. trovada	[tɒvada]	[tɒvara]	[tuvada]	[tavada]
1605. tu / você	-	-	-	[bɔ]
1606. tubarão	-	-	[tuba]	-
1607. tudo	[tudaʃi]	[turu], [tutu], [turasi]	-	-
U				
1608. uivar	[vuva]	[vuvu]	-	-
1609. ultimamente	-	-	-	[kabamětu]
1610. um(a)	[ua]	[ua]	[veja]	[uã]
1611. um ano	-	-	-	[uã anu]
1612. umbigo	[bīku]	[mbiku], [ululu]	[mbigu],	-
1613. unhas	[iɲe]	[iɲɛ]	[umuɲa], [uɲa]	[uɲa], [uɲi]
1614. unir	[uni]	-	-	-
1615. urina	-	[ðua]	-	-
1616. urinar	-	[zi ðua], [tʃi ðaua]	-	-
V				
1617. vacina	[basina]	[basina]	-	-
1618. vadio	[vadʒi]	[vatʃi]	[vadi]	-
1619. valer	[vale]	[vale]	[vale]	-
1620. valor	-	[varono]	-	-
1621. vamos	-	-	-	[bamu]
1622. vamos embora	-	-	-	[ba]
1623. vantagem	[vãteza]	-	-	-
1624. vapor	[vapo]	[vapo]	[vapo]	[makina]
1625. vara	[vala]	[vala]	-	-
1626. varanda	[valada]	[valada]	-	-
1627. varapau	[varapɔ]	-	-	-
1628. vargem	[vadʒi]	[vazi]	-	-
1629. varrão	[balõ]	-	-	-
1630. varrer	[bali]	[bale]	-	-
1631. vassoura	[basɔla]	[baθua]	[bɔsua]	-
1632. veia	[via]	[vua]	[vea]	-
1633. vela	[bela]	[vela]	[vela]	[bela]
1634. velado	[valudu]	-	-	-
1635. velho	[vɛ]	-	[vɛ]	[veiu]
1636. vencer		[vêθe]	-	-
1637. vender	[bêde], [vêde]	[vêde], [bêde]	[vêde]	[vêde]
1638. vendido	-	-	-	[vĩdʒidu]

1639. veneno	-	[venenu]	[venenu]	-
1640. ventania	-	-	[vẽtɛɲa]	-
1641. vento	-	[vẽtu]	[uvẽtu]	-
1642. ver	[be]	[be], [beta]	[vuɛ]	[be]
1643. verdade	[vedɛ]	[verɛ]	[vedadi]	[vedadzi], [vededzi]
1644. verde	[vede]	[verɛ]	[vede]	-
1645. vergar, dobrar	[vlɛga]	-	-	-
1646. vergonha	-	-	[vɔgiã]	[gova]
1647. vermelho	[vleme]	[veme]	[veme]	[bɔbo]
1648. verruga	-	[vua]	-	-
1649. verruma	-	[veluma]	-	-
1650. verso	[vesu]	-	-	-
1651. vespa	[vɛʃpa]	-	-	-
1652. véspera	[besupla]	[bɛθupa]	-	-
1653. vestido	-	[visinu]	-	-
1654. vestir	[biʃi]	[bisi]	[biʃi]	[biʃi]
1655. vez	[vɛ]	[vei]	[vese]	[vezi]
1656. via	[via]	-	-	-
1657. viagem	[vejazi]	[viazi]	-	-
1658. vício	[viʃtlu]	-	-	-
1659. vida	-	[vira]	[vida]	-
1660. vidro	[vlidu]	-	[vidu]	[vidu]
1661. viga	[viga]	-	-	-
1662. vigiar	[vidzia]	[vizia]	[vizia]	[ludzila], [ludzia]
1663. vila	[vila]	-	-	-
1664. vinagre	-	-	[vinãge]	-
1665. vingar	[vĩga]	[vĩga]	-	-
1666. vinhateiro	-	[viãtelu]	-	-
1667. vinho	[vĩ]	[vi]	[ivĩ]	[viãtelu]
1668. vinho branco de um dia	-	[uθua]	-	-
1669. vinte	[vĩtʃi]	-	[vĩtʃi]	[dei.ʃi.dɔs]
1670. vintém	[vĩtɛ]	-	-	-
1671. vir	[bi]	[bu], [bi]	[vi]	[bi], [fo]
1672. virar	[bila]	[bira]	[vira], [via]	[vla]
1673. virgem	[viʒi]	[vizi]	[viʒi]	-
1674. virilha	[blagia]	-	-	-

1675. virote	[vilotʃi]	-	-	-
1676. viu	-	-	-	[mbe]
1677. vivência	-	[vivêsia]	-	-
1678. viver	-	[veve], [vive]	-	[bibe]
1679. vizinha	-	[viziã]	[viʒi]	-
1680. voador	-	[varo]	-	-
1681. voante	-	[vãtʃi]	-	-
1682. voar	[vua]	[vua]	[vua]	[vua]
1683. você	-	[eθe]	-	-
1684. voltar	[vɔta]	[vɔta]	[vɔta]	-
1685. vomitar	[vumita]	-	-	-
1686. vontade	[võte]	[võte]	-	-
1687. vós	[bɔ]	[bo]	-	[nameseʒi]
1688. voz	[vɔzu]	[vɔðu]	[vɔzu]	-
X				
1689. xale	[ʃeli]	-	[ʃeli]	-
1690. xícara	[ʃikla]	-	-	-

APÊNDICES DAS FRASES DO SÃOTOMENSE

1. [ŋkɔpla] = ‘comprei’
2. [n-te] = ‘tenho’
3. [e as ʒi zõ] = ‘é o João’
4. [a'le 'bila we] = ‘o rei girou seus olhos’
5. [a'le sa 'meza] = ‘o rei está à mesa’
6. [e na bwá fa] = ‘não é bom’
7. [¹futa í¹ né kwa se?] = ‘Ele os furtou?’
8. [¹lɔsa sa lɔgɔ¹] = ‘Rosa é grande’
9. [e sa ku diʒgɔstɔ¹] = ‘ele está triste’
10. [bili mina] = ‘abrir a menina’
11. [bili mon ni] = ‘abrir as mãos’
12. [sun bili mon ni] = ‘o homem começou a quebrar a noz’. Lit (o homem abriu as mãos na noz que está quebrando)’
13. [nẽ ãka se godo godo] = ‘Aqueles caranguejo são muito gordos’
14. [mese kafɛ kɛʦʃi kɛʦʃi] = ‘Quero um café muito quente’
15. [nõ te ũa mina sɔ sɔ] = ‘Só temos um filho’
16. [e pɛga pɛga ãka] = ‘Ele tem costume de pegar caranguejo’
17. [miɔ miɔ sa pa a trãʃfiri e] = ‘A melhor coisa é transferi-lo’
18. [e sa ŋge ha duɛʦʃi duɛʦʃi] = ‘Ele é doentio’
19. [ami ba piɛ muʃavli ~ mba piɛ muʃavli] = ‘Fui à praia Muchave’
20. [ami na te kato fa] = ‘Não tenho cartão’
21. [ami ku bɔ ka pó fé i] = ‘Eu e você podemos fazer isso’
22. [mba'fɛla ɔʦʃi] = ‘Fui à feira ontem’
23. [ãdʒi bɔ ka ta ne] = ‘Aonde você mora’
24. [bɔ na ka pó bi fa] = ‘Você não pode vir’

25. [bɔ ka laba platu] = ‘Você lava a louça’
26. [ʃi bɔ pe nai kese di bɛ kwe fa] = ‘Se você colocar aqui, não pode esquecê-lo’
27. [e na ska sobe maʃi fa] = ‘Não está chovendo mais’
28. [ele mɛ as plume] = ‘ele mesmo é o primeiro’
29. [dotolo proibi kwe na ka bila kumɛ, kɔtʃinua kumɛ kumɛ] ‘O médico o proibi de comer e
continua comendo’
30. [nɔ na bele fa] = ‘Não o vimos’
31. [inɛ na kɔse piʃi godo fa] = ‘Eles nem sabem de tão grande ‘e o peixe’
32. [e na kele nami] = ‘ele não acredita em mim’
33. [inɛ fɛ kwa se plami] = ‘Eles fizeram isso para mim’
34. [ŋgana sa pla inɛ] = ‘A galinha só para eles’
35. e mādine fɛ kwa se] = ‘Ele mandou fazer isso’
36. [mina kɔde di lumɔ de] = ‘A menina se escondeu de seu irmão’
37. [nwa ska lede pitʃi pitʃi] = ‘O sol está brilhando suavemente’
38. [e sa ka blāku fɛnɛnɛ] = ‘Ele é muito branco’
39. [awa ska kole ʃɛlɛlɛ] = ‘A água está correndo suavemente’
40. [e sa kɛtʃi zuzuzu ni ʃtlada] = ‘Está muito quente na estrada’
41. [e zuga budu, budu pasa zanela] = ‘Ele jogou a pedra pela janela’

APÊNDICES DAS FRASES DO ANGOLAR

LETRA DE MÚSICA

[kua ku sa mũdo miɔle]	“Qual é a escolha do mundo?”
[sɛla pa ɔme te kuaɫlu muala]	“Que o homem tenha quatro mulheres”
[uã fê uã glavi]	“Uma feia, outra bonita”
[uã liku uã pɔbli]	“Uma rica, outra pobre”
[ise fé ka bẽde fluta bẽde ʒaka]	“Se a pobre vende fruta e jaca”
[ise pɔbli ka laba ke laba lɔpa]	“A pobre lava a casa e a roupa”
[ise liku tufue d' gelu pe d' gibɛla]	“Se a rica tiver dinheiro com fartura]
[ise glavi e po na sebe fisu fa]	“A bonita pode não fazer nada”
[e pó na sebe fisu fa, ε sɔ pa kurtisõ]	“Mas serve pra namorar e diversão”

PROVÉRBIOS DO ANGOLAR

01. [Zɛgetʃi sape nana nzõge kiwasɔ]

“Izaquente de “chapéu” faz nódoa no cesto”

02. [ɲge ki ka mata oto ki zage ka mue ki katana]

“Quem mata com zagaia morre com machim”

(Quem com ferros mata, com ferros morre)

03). [kũgala бага na sa awa sɔ wa mazi turasi]

“O derrame não é só para o azeite, mas também para a água”

04). [pa aia ma miõga ka buri pe kɔsire sa kataru burɔ. ɔo ɲga: ma ε sae zii-zii sɔ e sa bõgarɔ, ε sa kwe nseke kɔsi].

“A paia em que as ondas são muito turbulentas em pouca profundidade e tem pedras por baixo. Mas onde o mar é calmo e azul é fundo e tem areia por baixo”.

05). [tɛpu kisivɔ tia na ka vɛɲa] “No tempo da gravana não há relâmpago”

06. [idigɔ mia pɔdɛlɔ ka niwã] “O fumo da lenha podre tem mau cheiro”

07). Kwai ma sãdʒa kasi kaθi ŋgɔpa] “O que é uma sardinha no meio da garoupa”

08). [nme ũdarɔ ne cabɔ na ka nme wa] “Comida azedada nem o cão come”.

09). [Kate ŋgai na ka due turɔ dja wa] “A ferida grande não dói todos os dias”

10). [zɛgɛtʃi faa e kaba meu, ãdʒi fa ãga e so ka tasɔ ŋguara meu]

“O Izaquente disse que ia a procura da morte; o andim diz que não, prefere ficar à espera”.

(O Izaquente cai da árvore; o mesmo não acontece com o andim).

11). [panu ziaru pĩdʒi pazi, panɔ booru pĩdʒi ŋgɛla]

“A bandeira branca é o símbolo da paz e a vermelho o da guerra”.

12). [maita pó sare kutaru a te bɔrɔ we wa]

“A malagueta pode estar seca, mas nunca se deve aproximá-la dos olhos”

(Nunca se deve brincar com coisas sérias).

13). [mais ma basɔla na kula fila wa, ɛ ka kole ki mɔsika]

“Embora a vassoura não cure a ferida, ela afugenta as moscas”

(Tudo faz falta na vida)

14). [poko mãdʒiɔka mais a ka tubue disu e ka kɔbɔ mãdʒiɔka ki iɲɛ]

“O porco que tem hábito de roubar mandioca, mesmo que se lhe fure o focinho, ele arranca-a com as unhas”.

(Os maus hábitos prevalecem sempre. – Quem torto nasce torto morre).

15). [nvãga zēdegaru sɔ ka da balɔ ŋgai]

“A pocilga torta é que dá bom porco”

(Os homens ilustres vêm de famílias pobres).

16). [bɛɛga sja letõ mamɔ ũda nvãga]

“Quando o leitão tem a barriga cheia, o mamão permanece na pocilga”

(O filho do rico não tem apetite).

17).[õgɔ kaj na ka mija wa masi kama sakue zia]

“O telhado não chove mas debaixo da cama há um lago”

(Apesar da chuva não entrar pelo telhado, há um lago debaixo da cama. – Ninguém consegue esconder a sua origem).

18). [mbizi pó te kikié ŋgaj a ka pe tʃɔ sãdza fumaru]

“Mbizi pode levar bom peixe mas também leva um bocado de sardinha fumada”.

(Por mais rica seja uma pessoa tem sempre um parente pobre).

19). [uã ãkwɛ basɔla so na ka Bari kaj wa sela uã fesi re]

“Com uma fita de vassoura apenas nunca se consegue varrer a casa, senão com um feixe”

(O trabalho de grupo rende mais).

20). [uã mɔso na ntese]

“Com uma mão só não se faz tranças senão com as duas”

(As pessoas devem ter espírito de entre ajuda).

21). [ŋga pɛ mɔ mãda nɔ diba puna]

“Por não existir onde pôr as mãos, fui obrigado a colocá-las sobre os joelhos”
(Devido à necessidade vivi numa casa pobre)

22). [na sa duẽtʃi so so ki kĩge mãgu diba wa, nte kɔle tãbe]

“Não é só a doença física que mata mas também a psíquica”

23). [doro na ka te kutudʒa wa, masi mam e ku tata re so ka te]

“O doido não se sente envergonhado, mas sim a família”

(Os filhos são espelhos dos pais)

24). [we booru na sa baja wa, nte ziaru na sa kuka wa]

“Todo o olho vermelho não significa ser feiticeiro, nem todo o cabelo branco significa velhice”

(Não se deve julgar o homem pela sua aparência)

25). [kasta nna kasta tata] “Tal é o filho tal é o pai”. – (Os filhos são retratos dos pais).

26). [miõga te salu masi kikje ki sa ne sare simpiri]

“O mar é salgado, mas os peixes que nele vivem são endossos”

(As aparências iludem)

27). [ɔlɔma bɔ ka pɔtɔ ŋkenu ki uã deru, teesi ki fika ka pɔta ðge o]

“Quando apontas alguém com um dedo, os três ficam apontam-te a ti”

(Deves olhar para ti antes de apontar para os outros)

28). [katʃi nsala na sakakata ki pɔta de wa]

“O meio de uma andala nunca se mede com a ponta”

(Gente pobre nunca pode competir com os ricos)

29). [mẽga pestire sare kako kɔbe, kaso ka lele zũba]

“A mulher impostará é semelhante a lagaia; os cães acompanham-na pelo cheiro”

(Os impostores conhecem-se pelo seu comportamento).

30). [ŋgaa awa ki te zia nbaapɔ naka fanɛ wa]

“É no sítio mais profundo do rio onde os charocos se ajudam”

(Onde há mulheres bonitas é que os homens gostam).

APÊNDICE DAS FRASES DO PRINCIPENSE

- | | | |
|---|---|--|
| 1. [pɔtɔ sa betu] | = | ‘a porta está aberta’ |
| 2. [livu sa betu] | = | ‘o livro está aberto’ |
| 3. [ɔmi ũa kɔta miε ũa] | = | ‘um homem para cada mulher’ |
| 4. [miε ũa kɔta ɔmi ũa] | = | ‘uma mulher para cada homem’ |
| 5. [tʃi te livu mɔtʃi (mutu)] | = | ‘Você tem muitos livros’ |
| 6. [e kɔta pia pa povo] | = | ‘ele conta piada para o povo’ |
| 7. [ina mina (sa) fe mutu] | = | ‘A criança é muito feia’ |
| 8. [ine miε (sa) ve sɔ] | = | ‘A mulher é mmuito velha’ |
| 9. [nte livu livu] | = | ‘tenho muitos livros’ |
| 10. [isɔlu sa luzi] | = | ‘o sol brilha’ |
| 11. [ɔmi vika pa nɔ da bana] | = | ‘O homem veio para nos dar banana’ |
| 12. [are ũa sa te ũa] | = | ‘um rei em cada território’ |
| 13. [kaʃi mε (sa) kitʃi ũa] | = | ‘minha casa é limpa’ |
| 14. [ie nɔ se gavi] | = | ‘a ilha não está muito bonita’ |
| 15. [mili diʃipulu tava mali] | = | ‘mil discípulos estavam ruins’ |
| 16. [bana sa ina vede’] | = | ‘a banana está ainda verde’ |
| 17. [vedadzi (sa) maʃi mɔtʃi deke mitʃia] | = | ‘a verdade é melhor do que a mentira’ |
| 18. [ntava dumu] | = | ‘eu estava dormindo’ |
| 19. [ami ka fala iʒeʃi bõ fetu] | = | ‘Falo inglês muito bem’ |
| 20. [a vëde bana karu] | = | ‘Ele vende caro as bananas’ |
| 21. [ami na sebe fa] | = | ‘Não sei falar’ |
| 22. [tetuga te teʃi minu se ki mwĩ minu] | = | ‘A tarturuga tem três filhos e a sua mãe um’ |
| 23. [Zwã kɔpa ũa livu] | = | ‘João comprou um livro’ |
| 24. [kwãtu e sa kuʃta a] | = | ‘Quanto custa’ |
| 25. [fita vede na balãsa] | = | ‘fita verde não balança’ |

26. [nʃkeve kata ũa da migu mɛ] = ‘Escrevi uma carta para meu amigo’
27. [kudadu na vida i na mɔtʃi] = ‘Cuidado na vida e na morte’
28. [kabelu ki nase kōta kabese] = ‘Cabelo que nasce conta uma cabeça’
29. [iriʃi ka kore awa] = ‘escorre água do nariz’
30. [seza feta vōtadzɪ desu] = ‘seja feita a vontade de Deus’
31. [nɔsa siŋɔra kuda ina o] = ‘Nossa Senhora cuida de nós’
32. [nve ɔmi] = ‘vejo um homem’
33. [ɔmi ua vi pe mia se pó mi] = ‘Um homem veio para mim pela manhã’
34. [dosu mie sa ke ki na ki na mina dina] ‘Duas mulheres partirão com os seus filhos’
35. [nve teʃi ɔmi ni fi kumĩ] = ‘Eu vi três homens na estrada’
36. [ta ũpã se wɛ ki ɔvu sela. Si sũ mɛ] ‘Leva este pão e aqueles ovos. Sim, Senhor’
37. [rima mɛ maʃi fɔtʃi pasa ami] ‘O meu irmão é mais forte do que eu’
38. [oze a sa vễde bana] = ‘Hoje ele venderá banana’

APÊNDICE DAS FRASES DO FA D'AMBU

1. lavulu sai ku sa letele kitji muito = ‘Este livro cujas letras são miudinhas’.
2. dzoji bo fala se sa ifi ke m'mamo = ‘O que você diz é o que eu pensava’.
3. Mi mu gōgō ku na mina ji sa gavi = ‘Minha mãe gosta de bons meninos’
4. Bo da mi aua kete = ‘dê-me um pouco de água’
5. Opa tudu sa gavi = ‘Todas as árvores são úteis’
6. ngiji gōgo ku na jiolo ke ba ose = ‘O amante de Deus irá ao céu’
7. Zue kuta opa nēsai ku mafadu = ‘José cortou estas árvores com o machado’
8. Toji mata pastu ku piçada = ‘Antonio matou os pássaros com a espingarda’
9. Zua jima mādjiōdza dzadzi del = ‘João plantou mandioca perto de sua casa’
10. Gatu dza kumi basu meza = ‘Os gatos comem debaixo de mesa’
11. Nō sa dza tusa basu dopa = ‘Nós sentamos debaixo da árvore’
12. dzadzi mu ssa dētji dzi bo] = ‘Minha casa está em frente à sua’
13. bo ia dzo ope liba dzasa = ‘Você pisou no meu pé’
14. dzisukristu mole o da nāpekadolo tudu = ‘Jesus Cristo morreu por todos os homens’
15. MeMene Madzōsa sa dza luga da nāpekadolo tudu / dzātu nāpekadolo tudu = ‘Maria Santíssima rogai pelos homens’
16. Napai sai aza sama Andele = ‘Este homem se chama Andele’
17. B'an sa ia taf = ‘tu não estavas’

EXEMPLOS DE CONJUGAÇÃO

[SA] ‘SER OU ESTAR’

M’sa	sou/estou
Bo sa	tu és/estás
el sa	ele/ela está
Nõ sa	nós somos/estamos
namesedzi sa	vós sois/estais
inepi sa	eles/elas são/estão

[TA/STA] ‘ESTAR’

m’sta	estou
bo sta	estás
el sta	ele/ela está
nõ sta	nós estamos
namesedzi sta	vós estais
inepi sta	eles/elas estão

[sebe] SABER

M’sebe	sei
Bo sebe	sabes
el sebe	ele/ela sabe
Nõ sebe	nós sabemos
namesedzi	vós sabeis
inepi	eles/elas sabem

[bai] ‘IR’

m’bai	vou
bo bai	tu vais
el bai	ele/ela vai
nõ bai	nós vamos
namesedzi bai	vós ides
inepi bai	eles/elas vão

[TE] ‘TER’ ou [SA KU] ‘ESTAR COM’

M’te	tenho
Bo te	tens
el te	tem
Nõ te	temos
namesedzi te	tendes
inepi te	têm

